OBRAS COMPLETAS

DO

CARDEAL SARAIVA

OBRAS COMPLETAS

DO

CARDEAL SARAIVA

(D. FRANCISCO DE S. LUIZ)

PATRIARCHA DE LISBOA

PRECEDIDAS DE

UMA INTRODUCÇÃO PELO MARQUEZ DE REZENDE

PUBLICADAS POR

ANTONIO CORREIA CALDEIRA

TOMO VIII

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1878

TRABALHOS FILOLOGICOS

ESTUDOS PARA A HISTORIA DA LINGUA PORTUGUEZA

ADVERTENCIA DO EDITOR

Cada hum dos *Glossarios* reimpressos neste volume é seguido da *Resposta* dada pelo auctor ás censuras, reflexões e advertencias, que lhe foram feitas por parte da Academia Real das Sciencias.

Crê o editor que esta publicação, que póde ser considerada como hum complemento dos *Glossarios*, deve de ser bem acceita dos leitores.

Abril de 1878.

V. D.

GLOSSARIO

DAS

PALAVRAS E FRASES DA LINGUA FRANCEZA

QUE POR DESCUIDO, IGNORANCIA, OU NECESSIDADE
SE TEM INTRODUZIDO NA LOCUÇÃO PORTUGUEZA MODERNA; COM O JUIZO CRITICO
DAS QUE SÃO ADOPTAVEIS NELLA

Do que se antigamente mais prezaram
Todos os que escreveram, foy honrar
A propria lingua, e nisso trabalharam.

FERREIRA, liv. 1.º, cart. 3.ª

PREFAÇÃO

Tentâmos desempenhar nesta Memoria, se nossas forças o permittirem, o primeiro assumpto proposto pela Academia Real das Sciencias no programma de 1810, na classe de litteratura portugueza, o qual consiste em hum *Glossario, ou catalogo de palavras e frases, em que se mostre com toda a individuação as que são proprias da lingua franceza, e que por descuido ou ignorancia se tem introduzido na locução portugueza moderna, contra o antigo e bom uso, e principalmente as que forem contra o genio da nossa lingua, e como taes inadoptaveis nella.*

Para executarmos este proposito, lemos muitas obras dos nossos modernos escriptores, assim traduzidas do francez, como originaes, que correm impressas; e nos servimos das observações, que já tinhamos feito, ou de novo fizemos sobre a sua linguagem, bem como sobre os vocabulos ou frases mais usadas na conversação familiar, nos escriptos não impressos, e nos sermões e outros discursos das pessoas litteratas, e dadas á lição dos livros francezes; comparando-as com a locução dos nossos classicos, e examinando-as á vista dos diccionarios da nossa lingua.

Não presumimos assim mesmo de haver cumprido pontualmente com o que a Academia deseja, por serem sobremaneira numerosos os termos e expressões francezas, com que se acha desfigurada a natural formosura da nossa linguagem: mas trabalhámos por ajuntar neste catalogo tudo o que nos pareceo mais notavel e digno de reparo, e por dar ácerca de cada cousa o nosso particular juizo e opinião.

Como não he do nosso intento censurar escriptor algum nomeadamente, julgâmos escusado citar as obras, d'onde forão extrahidos os vocabulos e frases, que vão neste Glossario: mas quem tiver tido a curiosidade e o trabalho de ler as traducções, e ainda outros escriptos dos nossos portuguezes modernos, facilmente conhecerá que lhes não impomos erros, ou descuidos, em que não tenhão cahido muitas vezes.

O juizo que fazemos sobre cada palavra ou frase, a respeito de se poder, ou não, adoptar na nossa lingua, não o declarâmos sem algum receio de errar, por quão difficil nos parece conciliar neste ponto os diversos gostos dos leitores, e ainda as varias opiniões dos eruditos. Em geral tivemos sempre diante dos olhos esta regra: «que sendo o vocabulo de boa origem, derivado conforme a analogia, e ao mesmo tempo expressivo e harmonico, se podia adoptar e trazer á nossa lingua, ainda quando nesta houvesse algum synonymo, que exprimisse o mesmo conceito»; porque estamos persuadidos, que convem a qualquer idioma ter não só vocabulos correspondentes a cada idéa, mas ainda variedade delles com o mesmo significado; para que o douto e avisado escriptor possa escolher a seu arbitrio, segundo a natureza e qualidades da sua composição, evitando a fastidiosa repetição dos mesmos termos, e a cançada uniformidade da locução e estilo.

Quando a alguma palavra ou frase, que nos parece

inadoptavel, substituimos duas ou mais de bom cunho, e de igual significação, não queremos indicar que estas sejão sempre exactamente synonymas, ou que indifferentemente se possão empregar, sem escolha e discrição, em todas as circumstancias; mas sim e tamsómente, que cada huma dellas póde em diversos casos traspassar com propriedade e energia a palavra franceza, e supprir o gallicismo refugado.

Em alguns artigos ajuntámos, quando nos pareceo conveniente, exemplos classicos, que auctorisem o nosso juizo, ou verifiquem os modos de falar menos usuaes e pouco conhecidos: o que não será desagradavel aos leitores amantes da nossa lingua, nem parecerá superfluo aos doutos, que a sabem com perfeição, e que não carecem deste soccorro.

Das palavras technicas das sciencias e artes, por acaso mettemos alguma neste catalogo; porque seria obra mui longa fazer menção de todas as que se tem innovado, e cada dia estão innovando; e porque entendemos que em rigor nos não competia julgar do merecimento dellas, e da sua boa ou má derivação; mas sim aos professores dessas artes e sciencias, vistoque cada huma dellas tem particulares preceitos, pelos quaes se deve dirigir na formação de seus proprios vocabulos e linguagem.

Como no programma da Academia sómente se requer o catalogo das palavras e frases francezas, que se tem introduzido na nossa linguagem *moderna*, hesitámos em fixar a época, d'onde havia de começar o nosso exame: e attendendo a que nos principios do seculo XVIII, e com o reinado do Senhor Rei D. João V, começou a restauração da nossa litteratura, e consequentemente o estudo e frequente lição dos livros francezes, que tem sido a principal causa daquella introducção; resolvemos contar desde esse ponto a *idade moderna* da nossa lingua: e por isso mettemos tambem neste catalogo alguns voca-

bulos, que já no tempo de Bluteau se hião usando, e de que elle fez menção ou no seu *Vocabulario*, ou no *Supplemento* a elle.

No fim do Glossario pomos em artigos separados alguns modos de falar, que modernamente se tem tomado do francez, e que não podião entrar na ordem alfabetica; porque constando pela maior parte de palavras todas portuguezas, sómente se constituem gallicismos pela viciosa syntaxe com que são construidos, ou pela repetição indevida de certos vocabulos e particulas, ou emfim pela sua errada disposição e collocação.

Finalmente aproveitâmos esta occasião para advertir aos nossos leitores, que alem dos particulares gallicismos, que vão apontados neste catalogo, se nota em quasi todas as nossas traducções, e ainda em muitas das obras originaes modernamente escriptas, hum certo *pensar francez*, o qual, ainda mais que os vocabulos ou frases individualmente consideradas, altera a fórma original do idioma, e lhe dá hum colorido estrangeiro, e alheio da sua natureza.

Este *pensar francez*, que melhor se entende do que se explica, não resulta de hum ou outro gallicismo, que indevidamente se haja introduzido, e que com facilidade se póde corrigir e evitar; mas consiste em tomarmos do francez hum modo particular de tecer o discurso, e hum certo ar, geito, ou estilo de falar e escrever, que he proprio daquella lingua, e que não conforma com a indole, genio e caracter da lingua portugueza.

Duas são as principaes causas deste grande e mui geral defeito. A primeira: a frequente lição dos livros francezes, quando quem os lê não está sufficientemente premunido com o estudo e conhecimento da sua propria lingua, para evitar o perigo de contrahir na locução habitos, que lhe são contrarios. A segunda: a falta de hum bom diccionario de ambas as linguas, aonde se veja com

clareza e precisão a mutua correspondencia de vocabulos e frases, e o differente caminho, que cada hum segue para explicar os seus conceitos.

Para se atalharem os effeitos, já demasiadamente extensos, destas duas poderosas causas, hum só remedio propomos e recommendâmos aos nossos leitores, o qual consiste na assidua lição dos classicos, que melhor possuírão a nossa lingua, e nella escrevêrão. Nelles acharáõ hum thesouro de vocabulos e frases, com que possão exprimir não só exactamente, mas até com desenfastiada e elegante variedade, as suas idéas e conceitos, sem mendigarem dos estranhos o que tem de superabundancia na sua propria patria. Nelles aprenderáõ a maneira verdadeiramente portugueza de tecer o discurso, de ordenar e arranjar todas as partes delle, e de ornamental-o com aquellas graças, e modos graves e desaffectados, que são proprios do idioma, e que o fazem igual aos melhores da Europa, e superior a alguns dos mais copiosos e polidos. Por elles emfim chegaráõ a formar huma idéa adequada das relevantes qualidades da nossa lingua; a dar-lhe a estima e preferencia, que ella merece; e a restituir-lhe a sua natural belleza e formosura, desacompanhando-a dos ornamentos e modos estrangeiros, que tanto a tem desfigurado.

GLOSSARIO

DAS

PALAVRAS E FRASES DA LINGUA FRANCEZA

A

A — Com esta particula exprimimos em portuguez a connexão e correlações, que o entendimento concebe entre os objectos significados pelos nomes, a que ella se ajunta. Os seus multiplicados e mui varios usos sómente se podem conhecer pela assidua lição dos classicos, reflectindo nas differentes circumstancias, em que elles a empregão. Notaremos comtudo aqui algumas frases, em que ella nos parece usada ao modo francez, para que se faça reflexão nellas, e se possão corrigir, parecendo necessario.

Este desprezo ás *formalidades legaes,* &c., isto he, este desprezo *das* formalidades, &c.

Ameaçado a toda a hora a *perder a vida,* isto he, *de* perder.

Este official foi encarregado a *fazer segunda tentativa,* isto he, encarregado *de* fazer, &c.

Obra conduzida de maneira a *poder excitar sedições,* isto he, de maneira *que* podesse excitar, ou *que* podia, ou *que* possa, &c.

Trabalhava-se a *aformosear a cidade,* isto he, *em* aformosear, ou *por* aformosear, ou *de* aformosear a cidade, &c.

Nada mais resta a *dizer-vos; tinha queixas* a *formar; nada tinha* a *temer; o tempo que tenho* a *viver, &c.*, isto he, nada mais resta *que* dizer-vos; tinha queixas *que* formar; nada tinha *que* temer; o tempo que tenho *para* viver, &c.

Abandonado *(Abandonné)* — Tomado como substantivo por homem *devasso, solto nos vicios, perdido, de costumes estragados, &c.*, he gallicismo escusado.

Abandono *(Abandon)* — Não tem auctoridade classica a seu favor; mas o uso o vai adoptando, e já o achámos no Alvará de 12 de Fevereiro de 1795, e na Carta Regia de 18 de Maio de 1801.

Abbade *(Abbé)*—Todos sabem o uso legitimo deste vocabulo em portuguez. Os Francezes o applicão como *prenome* a todos os clerigos, e ainda aos que trajão como clerigos, e dizem, v. gr., *l'Abbé Condillac, l'Abbé Marie, &c.*, que os nossos escriptores traduzem *o Abbade Condillac, o Abbade Maria.* Não ousâmos reprovar este uso tão geralmente adoptado, maiormente attendendo a que os nossos classicos transportárão para o portuguez, com semelhante razão, os prenomes estrangeiros *Monseor, Mossem, Misser, &c.* Mas em portuguez corrente dizemos *o Padre Pereira, o Padre Vieira, o Padre Almeida, &c.*, e só quando o sujeito tem realmente a dignidade de *Abbade,* he que lhe dâmos em portuguez esse como *prenome,* ou titulo, dizendo, v. gr., *o Abbade Barbosa Machado, &c.*

Abertura *(Ouverture)* — Significa em portuguez a *acção de abrir,* e no figurado a acção de principiar algum acto, v. gr., *a abertura da porta; a abertura do concilio, da universidade, &c.* Tambem se usa com a si-

gnificação de *aberta, fenda, greta,* &c.: mas dizer *aberturas* por *primeiras proposições,* ou *propostas preliminares,* que se fazem em qualquer negociação, parece gallicismo contrario ao uso da lingua, e desnecessario.

Abordo *(Abord)* — Temos visto empregado este vocabulo para significar o *acolhimento,* que huma pessoa faz a outra. Neste sentido se diz, que *alguem he de facil,* ou *difficil abordo,* isto he, *accessivel, conversavel, communicavel,* ou *inaccessivel, intractavel, incommunicavel,* de *facil,* ou *difficil accesso,* &c. He innovação desnecessaria.

Abrutecido *(Abruti)* — Parece outra innovação escusada, visto termos o adjectivo *embrutecido,* que diz o mesmo. Comtudo ha em portuguez alguns vocabulos, que sendo compostos com as duas particulas *a* e *em,* conservão significação identica, como por exemplo, *apossar* e *empossar; acostar* e *encostar; aparamentar* e *emparamentar; asenhorear-se* e *ensenhorear-se,* &c.

Absurdidade *(Absurdité)* — He escusado em portuguez, aonde temos *absurdo, desproposito, disparate,* e talvez *desvario, desatino,* &c.

Abusado *(Abusé)* — Por *enganado, illudido,* parece gallicismo. Os nossos diccionarios não trazem este adjectivo; mas vulgarmente se diz *homem abusado* o que crê em *abusões,* ou em *ridiculas opiniões populares:* e Madureira, na sua *Orthografia,* diz algumas vezes: *este vocabulo anda abusado,* isto he, *erradamente escripto, ou pronunciado.*

Acantonar, Acantonado, Acantonamento *(Cantonner,* &c.) — São vocabulos derivados moderna-

mente do francez *cantonner, cantonné,* &c. Tinhamos em portuguez *acantoar* e *acantoado, encantoar* e *encantoado,* compostos e derivados do simples *canto,* com a significação de *pôr ao canto;* e figuradamente *viver em retiro, fóra da conversação da gente,* &c. Mas *acantonar* e *acantonado,* no sentido que hoje se lhes dá, sómente podem ser derivados do francez *canton,* isto he, *bairro.* Os nossos bons antigos dizião *alojar, aquartelar, alojamento, aquartelado,* &c. Comtudo o *Diccionario* da Academia já traz *acantonado* e *acantonar* com nota de *termos militares usados,* e na Carta Regia de 5 de Janeiro de 1797 vem *acantonamento.*

Activar — He tomado modernissimamente do francez, tambem moderno, *activer,* e significa *diligenciar, zelar, promover com zêlo e actividade, pôr em actividade,* &c. Não o julgâmos necessario, aindaque tenha boa derivação.

Adepto *(Adepte)* — Significa geralmente o que he *iniciado* nos principios ou dogmas de alguma seita. He termo scientifico e originariamente latino, e por isso adoptavel.

Adresse — He vocabulo puramente francez, que não tem lugar na nossa lingua: significa *memoria, memorial, representação, petição,* ás vezes *epistola dedicatoria, sobrescripto,* ou *bilhetinho,* que ensina a dar com huma rua, ou com a morada de alguem, &c.

Affares ou **Affaires** — He tambem palavra franceza, da qual diz Bluteau que alguns, no seu tempo, a querião introduzir como necessaria, *quando se fala em negocios politicos,* mas que outros a julgavão superflua. O uso geral decidio a favor dos ultimos, e com justa razão, ao

nosso parecer. Hoje apenas se acha em alguma pessima traducção. Na provincia de Entre Douro e Minho (e não sabemos se tambem nas outras) he mui vulgar o vocabulo *afazeres* no sentido generico de *negocios, occupações, &c.*, v. gr., *gastei o tempo em varios afazeres, não posso com tantos afazeres, &c.*

Affectado — Por *movido, commovido, tocado* de algum sentimento ou paixão, he gallicismo, que se deve evitar, por ser contra o uso da nossa lingua, e por causa da homonymia. Algumas vezes se exprimirá bem por *abalado,* como neste lugar de Sousa, *Vida do Arcebispo,* liv. 2.º, cap. 19.º: «Neste passo se sentiu subitamente *abalado* de hum desejo de consolar e animar aquella santa innocencia»; e outras vezes por *impressionado* do verbo *impressionar,* elegantemente usado por Vieira no tom. 2.º das *Cartas,* Carta 95.ª, onde diz: «Não fazendo eu caso de nada disto, como tão costumado a padecer falsidades, o que não pude deixar de sentir muito foi chegarem estas a Sua Magestade, e se deixar *impressionar* tanto dellas, que disse a meu sobrinho», &c.

Affixar — He hum vocabulo portuguez, que significa *pregar em lugar publico,* v. gr., hum edital, hum cartel, hum aviso, &c.; mas *affixar a incredulidade, affixar o engenho, &c.*, he gallicismo intoleravel, em lugar do qual diremos *fazer alardo, fazer gala, fazer timbre da incredulidade; ostentar de engenho, pavonear-se de incredulo, basofiar de engenhoso, &c.*

Affixe — Por *cartel, edital, papel que se affixa em publico, aviso,* e ás vezes *pasquim,* he puro francez, mal derivado para a nossa lingua, e desnecessario.

Affroso *(Affreux)* — Por *horrendo, horrivel, espan-*

toso, medonho, &c., he gallicismo grosseiro e intoleravel.

Aguerrido, Aguerrir-se — São vocabulos tomados immediatamente do francez *aguerri, s'aguerrir,* e hoje mui frequente entre nós. D'antes diziamos exercito *guerreiro,* soldados *guerreiros, acostumados ás armas, afeitos á guerra, usados ás armas, á guerra,* ou *usados na guerra; endurecidos, instructos, adestrados, experimentados, amestrados na guerra; acostumar-se, afazer-se á guerra, ás armas,* &c.,

Alambicar, Alambicado — São tomados do francez *alambiquer* e *alambiqué,* que em portuguez dizemos *estillar, estillado,* ou *destillar* e *destillado.* Tem boa origem na palavra *alambique,* e Bernardes, *Nova Floresta,* tom. 1.º, pag. 223, o usou já no sentido figurado, dizendo: «Affectão com as suas Cloris esta pureza de amor alambicado». O *Diccionario* da Academia o traz, aindaque com a nota de *pouco usado,* citando o proprio lugar de Bernardes. Nós não o julgâmos proprio do estilo grave, e muito menos da eloquencia do pulpito, aonde o temos visto empregar muitas vezes com ridicula affectação. Assim em lugar de *razões alambicadas, estilo alambicado,* &c., diriamos *razões subtís, subtilezas, agudezas, pensamentos exquisitos* e *remontados, estilo requintado,* &c.

Alarma, Alarmar, Alarmado *(Alarme, Alarmer, Alarmé)* — O primeiro destes vocabulos parece ser tomado por nós dos Hespanhoes, e já foi empregado por João Franco Barreto, na *Eneida Portugueza,* liv. 9.º, est. 111.ª, e liv. 11.º, est. 102.ª Por este motivo não ousâmos reproval-o, maiormente conservando-se no nosso idioma outros semelhantes vocabulos derivados da mesma lin-

gua, como são *alapar, alfim,* e tambem *a la moda,* que he de Vieira, tom. 1.º dos *Sermões,* pag. 459. Comtudo o uso mais geral tem quasi excluido da lingua portugueza estes vocabulos de composição estrangeira; e nós prefeririamos sempre dizer *a par, emfim, á moda,* e tambem *á arma,* ou *ás armas,* como commummente se lê nos classicos. O verbo *alarmar,* e o adjectivo *alarmado,* parecem-nos compostos contra a analogia da nossa lingua, onde não temos observado vocabulo algum, que seja composto de *preposição* junta com o *artigo,* salvo nos derivados do arabe. Por onde em lugar de *alarmar* diriamos antes *tocar arma,* ou *á arma,* ou *ás armas, dar rebate, repicar,* que he de Barros, &c., e no sentido figurado *atemorisar, assustar,* &c. O adjectivo parece que sómente tem uso neste ultimo sentido por *assustado, atemorisado, espantado,* e não o julgâmos de modo algum adoptavel.

Alterado *(Alteré)* — Por *sequioso, ávido, sedento,* he gallicismo grosseiro, e má traducção da palavra franceza *alteré,* que tem ás vezes aquelle significado.

Ambicionar, Ambicionado — Parecem tomados immediatamente do francez *ambitionner* e *ambitionné;* mas são necessarios para evitar circumloquio, tem boa origem, e são conformes com a analogia. Veja-se Bluteau no *Supplemento* ao *Vocabulario,* e o *Diccionario* da Academia.

Amobilar, Amobilação — Veja-se *Moblado.*

Amparar-se *(S'emparer)* — Por *senhorear-se, apossar-se, apoderar-se, asenhorear-se,* &c., he gallicismo grosseiro e intoleravel.

Anecdota *(Anecdote)*—Este vocabulo, que parece haver sido tomado immediatamente do francez, aindaque de origem grega, está hoje adoptado entre nós pelo uso geral das pessoas doutas. (Veja-se Bluteau, *Supplemento,* palavra *Anecdotos.)*

Animosidade *(Animosité)*—Em francez significa *rancor* (diz Bluteau); e na media latinidade *valor:* em portuguez se usava em lugar de *insolencia.* Pareceo que não devia admittir-se nas primeiras significações, e usar-se pouco na segunda. Tal foi a decisão da sociedade litteraria, que com o nome de *Conferencias eruditas* se ajuntava na bibliotheca do Conde da Ericeira, na sessão de 26 de Fevereiro de 1696, como se vê das *Prosas Portuguezas* de Bluteau, part. 1.ª, pag. 17. O mesmo Bluteau porém o traz no *Vocabulario,* como adoptado na significação de *valor, ousadia,* e tambem *insolencia.* (Veja-se o *Diccionario* de Moraes.) Na significação de *rancor* parece ser empregado no Alvará de 13 de Novembro de 1756, aonde se diz: «Prisões e pleitos, que não terião outros objectos, que não fossem a *animosidade* e *vexação»;* e neste mesmo sentido he usado no fôro. Por *ousadia,* ou *insolencia,* he de Jacinto Freire, *Vida de Castro,* liv. 4.º, § 59.º: «O qual (governador) logoque entendeo que o governo politico se queria adjudicar a direcção da guerra, reprehendeo asperamente sua *animosidade»,* &c.

Annuidade—He palavra modernamente tomada do francez *annuité* para significar em geral qualquer *renda,* ou *consignação annual;* e mais em particular *aquella, que o devedor satisfaz annualmente, e por certo numero de annos ao crédor, na qual se comprehende a renda do capital, e huma parte deste, de sorte que no fim do praso fique o devedor livre, e a divida extincta;* ou tambem

huma *renda annual e vitalicia, sobre certo capital, o qual por morte, fica ao que se obriga a pagal-a.* Acha-se este vocabulo nos Decretos de 29 de Outubro e 7 de Novembro de 1796, e como tem huma significação determinada e restricta, que se não exprime bem por outro algum vocabulo portuguez, o julgâmos adoptavel e necessario.

Apartamento *(Appartement)*—Por *quarto* de cazas, *camara,* ou *retrete,* parece gallicismo, que hoje soaria mal nos ouvidos cultos. Tem comtudo a seu favor a auctoridade de Sá de Miranda, Moraes no *Palmeirim,* Vieira e outros. (Veja-se o *Diccionario* da Academia.)

Apathia, Apathico—Estes vocabulos, que porventura forão tomados immediatamente do francez *apathie* e *apathique,* tem origem grega, e são adoptados na linguagem scientifica e no uso geral dos homens doutos. O primeiro exprime propriamente a *carencia de paixões,* a *incapacidade de sentir affecto algum,* a *estoica insensibilidade* de certas pessoas, que com nenhuma cousa se abalão, &c. O segundo significa o homem que tem aquellas qualidades, que he *insensivel,* que *não tem affectos,* que he *incapaz de paixões,* &c.; e diz-se tambem analogamente do homem *desleixado, inerte, indolente, que de nada cura,* &c.

Aprovisionar, Aprovisionado, Aprovisionamento—São vocabulos trazidos do francez, conformes com a analogia da nossa lingua, e hoje adoptados pelo uso geral. Dizem tanto como *prover, bastecer, fornecer, municionar; provido, bastecido, fornecido, municiado;* e *provisão,* ou *provisões, provimento, fornecimento, munições, bastimentos,* &c.

Arabesco — Diz Bluteau no *Supplemento* que he termo da arte de pintura tomado do francez *arabesque.* He necessario em portuguez, vistoque não temos outro que exprima precisamente a mesma idéa.

Armada *(Armée)* — Na significação de *exercito de terra,* aindaque por acaso se ache em algum dos nossos classicos, hoje todavia he contrario ao uso geral, e soa a gallicismo.

Armisticio — Por *tregoas,* ou *suspensão de armas,* parece ter-nos vindo immediatamente do francez *armistice.* Bluteau no *Supplemento* diz que os militares o havião introduzido de pouco tempo: hoje he adoptado e auctorisado.

Arranjar, Arranjo, Arranjamento, &c. — Parecem tomados do francez *arranger, arrangement,* e significão *pôr em ordem, coordenar, arrumar,* &c. Não o achâmos nem no *Vocabulario* de Bluteau, nem no *Diccionario* da Academia, salvo o verbo *arranjar* com a nota de *termo da arte de tanoeiro:* mas são por certo mui expressivos, e na provincia do Minho tão vulgarmente usados da gente douta e indouta, que nunca os tivemos por de moderna introducção.

Arriçado, Arrissado, Erriçado, Enriçado, Heriçado, Irriçado — De todos estes modos achâmos trasladados nas traducções impressas o francez *hérissé.* Não podemos concordar com os que taxão este vocabulo de gallicismo, vistoque o achâmos usado de muitos escriptores nossos da melhor nota. (Vejão-se os *Diccionarios.)* Mas cumpre que se fixe a sua orthografia, e que nos não esqueçamos dos outros modos de exprimir a mesma idéa, para com elles variarmos a frase e evitar-

mos a fastidiosa repetição dos mesmos termos. Assim em lugar de *cabello*, ou *pello arriçado*, poderemos dizer *arripiado*, e talvez *estacado:* em lugar de não *arriçada de artilheria*, não *crespa* de artilheria, &c.

Ascendente *(Ascendant)* — Por *influxo, influencia, superioridade, predominio, imperio*, &c., que alguem tem sobre outrem, he gallicismo que se deve evitar, por escusado, e por causa da homonymia. Em lugar delle diremos, v. gr., o *poder*, o *predominio* da verdade: ter *imperio, influencia* sobre alguem, &c. Comtudo Bluteau diz que já no seu tempo se hia usando em discursos academicos.

Assembléa *(Assemblée)* — Acha-se adoptado pelo uso geral, que tem a seu favor boas auctoridades modernas, e já foi usado por Vieira na Carta 74.ª do tom. 2.º (Veja-se Bluteau, *Supplemento*, e o *Diccionario* da Academia.) He porém abuso intoleravel e affectação ridicula chamar ao homem *assembléa maravilhosa de duas naturezas differentes*, como achâmos escripto em huma obra impressa.

Atacar, Atacado, Ataque *(Ataquer*, &c.) — Aindaque todos estes vocabulos sejão mui proprios do idioma portuguez, e se possão empregar sem violencia no sentido figurado, para significar, por exemplo, os *ataques da inveja, da enfermidade, da fortuna, da adversidade; atacar o adversario na disputa; ser atacado de razões contrarias*, &c.; julgâmos comtudo que se faz delles uso immoderado, nascido da lição dos livros francezes; e que se não devem desprezar, nem esquecer os vocabulos igualmente expressivos, e em certo modo mais portuguezes, com que os nossos bons escriptores exprimem a mesma idéa. Assim diremos, v. gr., *os insul-*

tos da inveja; os acommettimentos da molestia; os assaltos da adversidade; os accessos da febre, do furor, da colera; combater o adversario; ser salteado de tribulações, &c.

Attitude — Que alguns erradamente escrevem *actitude* e *aptitude* (do francez *attitude*, ou antes do italiano *attitúdine*). He termo das artes de pintura, esculptura e dança, e parece adoptado pelo uso geral dos artistas e homens doutos. Os nossos classicos dizião *postura, geito,* talvez *gesto, apostura,* &c.; v. gr., Camões, na bellissima descripção do gigante Adamastor, cant. 5.º, est. 39.ª:

> O rosto carregado, a barba esqualida,
> Os olhos encovados, e a *postura*
> Medonha e má ...

E nas *Rimas*, ode 10.ª:

> O gesto bem talhado,
> O airoso meneo, e a *postura*

Mausinho, *Affonso Africano*, cant. 8.º

> Os olhos poz no campo, e divisava
> Hum mouro na *apostura* e segurança.

Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 6.º, cap. 7.º: «Mostrava a pintura huma companhia de gente a huma estante, que nos gestos e trajo se divisava serem clerigos, e no *geito* cantarem».

E no mesmo liv., cap. 8.º: «Os religiosos estavão com os olhos nelle, com hum *geito* de gente que pasmava do que via».

Frei Marcos de Lisboa, *Chronica*, part. 1.ª, liv. 1.º, cap. 78.º: «Segundo o affecto da oração, assim tinha o *gesto* e continencia corporal».

Usemos pois embora de *attitude:* mas não desprezemos os nossos bons, e igualmente expressivos vocabulos portuguezes. *Aptidão* porém, em lugar de *attitude*, he hum erro grosseiro, que achâmos em certa traducção impressa, confundindo o traductor, por ignorancia, ou descuido, a palavra *aptitude* com *attitude*, que tem diversa orthografia, e mui differente significação em francez.

Aturdido *(Étourdi)* — Por *estouvado, desattentado,* talvez *aloucado,* he gallicismo desnecessario.

Auctoridades constituidas — He expressão inteiramente franceza, e hoje todavia muito da moda entre nós. Os nossos classicos, quando querião abranger todas as pessoas, que tem jurisdicção e auctoridade, chamavão-lhes *ministros publicos, officiaes da republica, ministros e officiaes civis, militares e ecclesiasticos;* ou *ministros, juizes e officiaes de justiça, fazenda e guerra, e ecclesiasticos*, &c. Hoje querem que se diga *auctoridades civis, militares e ecclesiasticas*, que na verdade he expressão mais simples; mas a palavra *constituidas* he absolutamente superflua, e deve rejeitar-se; porque entre nós quem diz *auctoridade*, já suppõe que he *constituida*, e não o sendo, he *illegitima, usurpada* e *abusiva*.

Audacioso *(Audacieux)* — Não temos achado este vocabulo nos nossos auctores classicos, e comtudo não o reprovâmos, visto ter boa origem e analogia, e ser harmonico e bem soante. Significa tanto como *ousado, audaz, atrevido, denodado, desenvolto em commetter qualquer empreza*, &c.

Avançar *(Avancer)*—Tem suas significações proprias no nosso idioma; mas parece-nos gallicismo dizer, v. gr., não ha absurdo algum, que não tenha sido *avançado* por algum filosofo, isto he, *ousadamente affirmado.* Sem fundamento *avançais* que a terra, &c., isto he, sem fundamento *vos abalançais a affirmar;* ou sem fundamento *ousais affirmar,* &c. *Avançar dinheiros* por *dal-os adiantados,* e *sommas avançadas* por *adiantadas,* &c., tambem são expressões tomadas do francez, mas já naturalisadas entre nós, e empregadas até nos papeis ministeriaes. *Avanço* he de Vieira, que na *Informação ao Conselho Ultramarino sobre as cousas do Maranhão,* pag. 109, diz: «Sobre a introducção da moeda, que tambem se propoz na mesma Carta com o *avanço* de cento por cento, não me atrevo a dar juizo», &c. (Veja-se a respeito deste ultimo vocabulo o *Diccionario* da Academia.)

B

Baixo povo, Baixo clero *(Bas peuple, Bas clergé)*—Estas expressões usadas com frequencia pelos nossos traductores modernos tem resaibo de gallicismo; e a segunda he tão alheia e impropria da nossa lingua, como indigna de ser adoptada em qualquer idioma polido. (Veja-se a respeito da expressão *bas clergé* a judiciosa reflexão de La Harpe no tratado *Du fanatisme dans la langue révolutionnaire,* § 2.º) Em lugar de *baixo povo* diremos mais á portugueza *plebe, gentalha, povo miudo, gente baixa,* &c. E pelo que respeita á expressão *baixo clero,* he de notar: primeiro, que a palavra *clero,* na sua accepção mais generica, comprehende os *Bispos, pastores, sacerdotes e ministros* da Igreja universal, ou de alguma igreja particular, e neste sentido dizemos o *clero da Igreja catholica,* o *clero da Igreja de Portugal,* o

clero da Igreja de França, &c.; segundo, que tomando a mesma palavra em huma accepção mais particular, distinguimos entre o *clero* e o *Bispo*, e dizemos, v. gr., o *Arcebispo de Braga e o seu clero, o Bispo do Porto e o seu clero*, &c. Por onde quando quizermos falar separadamente dos Bispos e do clero, não diremos *o alto clero* e *o baixo clero*, como introduzirão os Francezes, acaso por orgulho e soberba do seu *alto clero*; mas sim diremos com linguagem mais decente e mais theologica *os Bispos e o clero*, ou *a ordem episcopal e a clerezia*, separando deste modo as jerarquias. Falando sómente dos Bispos e pastores subalternos, he tambem da linguagem theologica dizer *os pastores da primeira ordem, os pastores da segunda ordem*, ou como se explicava Gerson: *os prelados maiores e os prelados menores*, &c.

Banca-rota *(Banqueroute)*—He vocabulo adoptado para significar *fallencia de bens, quebra de negociante*, que não tem com que pagar as suas dividas, ou letras. *Fazer banca-rota*, ou, como dizião os nossos antigos, *banco-roto*, quer dizer *fallir, quebrar de bens*, &c. Veja-se Bluteau no *Vocabulario* e *Supplemento*, palavra *banco*. He notavel o uso que faz deste vocabulo em sentido figurado Heitor Pinto, *Imagem da vida christãa, Dialogo da lembrança da morte*, cap. 2.º, aonde diz: «Qualquer que se faz amigo do mundo, *faz banco-roto* com Deos, isto he, quebra com Deos, rompe com elle, ou faz-se seu inimigo».

Bandido *(Bandit)*—Por *banido* he de Paiva, Vieira e outros: hoje se usa tambem com a significação franceza de *salteador, assassino, ladrão, malfeitor*, &c., e como a primeira significação he auctorisada, não ha motivo de reprovarmos a segunda, que tem

analogia com ella. Veja-se adiante a palavra *Brigante*.

Barricar — Tomado modernamente do francez *barricader*, diz tanto como *entrincheirar*, ou atalhar com *tranqueira* e *entrincheiramento* o passo de algum logar. He gallicismo desnecessario e vocabulo pouco expressivo na nossa lingua. O mesmo dizemos do substantivo *barricada*, por *trincheira*, *entrincheiramento*, *tranqueira*, &c.

Bastonada — Por *pancada dada com bastão*, he vocabulo tomado do francez *bâtonné*; mas não desdiz da analogia da nossa lingua.

Bello espirito *(Bel esprit)* — Entre os Francezes he expressão com que se significa o homem *de bom juizo*, que tem *engenho vivo*, *boa fantasia*, que he *discreto*, *avisado*, &c. Em portuguez soa a gallicismo e indica affectação.

Bello sexo *(Beau sexe)* — Não reprovâmos absolutamente esta expressão, empregada para significar o *sexo formoso*, o *sexo feminino*, ou *as mulheres*; mas somos de parecer que se deve usar com moderação, a fim de evitar affectação e resaibo de gallicismo.

Bem amado *(Bien-aimé)* — *Meu bem amado*, *meu filho bem amado*, *minha esposa bem amada*, &c., parece linguagem franceza e affectada. Em portuguez mais corrente dizemos: *meu querido*, *meu filho mui amado*, *mui querido*, *minha esposa dilecta*, meu *dilectissimo*, meu *muito caro amigo*, &c. Comtudo, alem de vir auctorisado em Moraes com o *Documento* das *Provas da Historia Genealogica*, tom. 5.º, pag. 441, tem analogia nas

palavras *bem aventurado, bem afortunado, bem acondicionado, bem ditoso,* &c.; e na modernissima traducção de *Horacio* por Elpino Duriense, cuja auctoridade he para nós de grande pezo, achâmos, liv. 1.°, ode 19.ª:

E mais Latona do summo Jove
A *bem querida.*

Bem mais, Bem menos *(Bien plus, Bien moins)*— Por *muito mais, muito menos,* soa a gallicismo, e não se deve usar, ao menos com frequencia. E comtudo não negâmos que o adverbio *bem* se acha algumas vezes nos classicos junto a outros adverbios, ou adjectivos, significando *quantidade,* v. gr., em Paiva, *Casamento perfeito,* cap. 6.°, «*bem mais quieto*»; em Diogo Bernardes, *Rimas sagradas,* «*bem melhor dia*»; em Barreiros, *Tratado da significação das plantas,* pag. 335, «*bem d'antes lhe tinha prognosticado*»; em Fernão Alvares, *Lusitania transformada,* liv. 2.°, pros. 9.ª, «*bem junto de hum penedo*», &c. Porém a affectada frequencia póde fazer reprehensivel huma expressão, que aliás he boa e classica.

Bem ser *(Bien-être)*—He gallicismo e má traducção, porque o verbo *être,* nesta expressão, refere-se ao *estado,* e não á *essencia* ou *existencia;* e quando se julgasse necessario traspassal-o tão litteralmente, devêra dizer-se *bem estar* (como dizem hoje os Castelhanos) e não *bem ser.* Em portuguez corrente podemos traduzil-o por *prosperidade, felicidade, boa fortuna,* talvez *commodidade,* &c. Temos comtudo analogamente *bem fazer, bem querer, bem viver,* &c.

Bizarro, Bizarramente *(Bizarre, Bizarrement)*— Com a significação de *extravagante, extravagantemente,* isto he, *que se aparta do uso e termo commum de proce-*

der, são puros gallicismos, de que não temos necessidade. *Bizarro, bizarria, bizarramente*, em bom portuguez significão *loução, louçania, galhardo, galhardia, galhardamente*, e tambem *brioso, generoso, franco, liberal, primoroso*, &c.

Boa manhã (De)—He má traducção do francez *de bon matin*, que diz tanto como o portuguez corrente *de madrugada, muito de madrugada, de manhã cedo, na primeira luz, ao romper do dia*, &c. Com igual razão, ou sem razão, se traduziria a outra expressão *de grand matin* por *de grande manhã*, devendo dizer-se *alta madrugada, ao romper da aurora*, &c.

Boas graças—*Estar nas boas graças* do Soberano; *decahir das boas graças*, &c., são outros tantos gallicismos inadmissiveis, em logar dos quaes dizemos em portuguez: *estar na graça do Soberano, lograr a sua benevolencia, decahir da graça, crescer na graça do Principe, arriscal-a, merecel-a, subir a ella*, &c.

Boletim *(Bulletin)*—Significa primeiramente *bilhete em que se dá recado para o exercito*, d'onde tomâmos a significação de *bilhete militar para apozentadoria dos soldados*, a que vulgarmente chamamos *boleto*. Hoje se diz tambem *boletim* por *diario, em que se participão ao exercito, ou ao publico, diariamente, as operações dos differentes corpos de tropas*, e finalmente se tem ampliado a mesma significação a qualquer *diario*, em que se communicão ao publico quotidianamente algumas noticias. He vocabulo propriamente francez, que se deve empregar com discrição. (Veja-se o *Diccionario* de Moraes.)

Bom Deos—Temos achado muitas vezes esta expressão *o bom Deos*, traduzida palavra por palavra do

francez *le bon Dieu;* e o mesmo Moraes na traducção das *Recreações do homem sensivel*, diz, não me lembra em que lugar: «*Esperemos no bom Deos, que elle se compadecerá de nós*». Porém a nossa lingua não admitte esta expressão *com o artigo*, e nem costuma commummente, no estilo familiar, ajuntar epitheto algum á palavra *Deos*, que he por si só a expressão de toda a bondade e de todas as perfeições.

Bom tom — Chamam hoje os afrancezados *homem de bom tom* o que *traja á moda*, que se *attribue o bom gosto das modas*, e *cujas maneiras* e *modos de pensar e obrar são da moda*. Parece-nos expressão affectada de que podemos carecer.

Bonomia *(Bonhomie)* — Usa-se tambem hoje muito nas conversações, e talvez em obras impressas. Os Francezes o derivárão modernamente, segundo parece, da expressão *bon-homme*. Nós poderemos traduzil-o por *simpleza, sinceridade, ingenuidade, singeleza, bondade, simplicidade de animo*, &c.

Brigante — Os nossos escriptores modernos tem usado deste vocabulo, acaso por não acharem outro com que exprimir a idéa completa do francez *brigand*. Nos diccionarios francezes-portuguezes *brigand* significa *ladrão, salteador, assassino, concussionario*, &c. Poderemos tambem algumas vezes traspassal-o em hum sentido mais generico por *malfeitor, malvado, facinoroso, desalmado*, &c., e com muita propriedade por *bandido*.

Brochado, Brochura *(Broché, Brochure)* — São termos da arte de *encadernador de livros*, que o uso geral e a necessidade parece terem adoptado. D'antes dizia-

mos por *brochado* livro *encadernado em papel*, e por *brochura*, *folheto* ou *caderno*.

Bruscamente *(Brusquement)*—He gallicismo escusado. Em lugar de *sahir bruscamente* diremos *precipitadamente; respondeo bruscamente*, isto he, *asperamente, seccamente, sacudidamente;* tractar alguem *bruscamente*, isto he, *desabridamente, com esquivança*, &c. Temos comtudo em portuguez o adjectivo *brusco*, isto he, *escuro, annuviado*, d'onde dizemos *dia brusco, tempo brusco, atmosfera brusca*, &c. Daqui derivâmos para o sentido figurado *homem brusco, semblante brusco*, isto he, *triste, carregado;* e neste sentido, formando o adverbio *bruscamente*, diriamos, v. gr., *respondeo bruscamente*, isto he, *tristemente, carregadamente, com carregume*, &c. Mas esta parece não ser a propria significação do adverbio francez *brusquement*.

C

Cabotagem, Cabotar—São gallicismos, que hoje se vão introduzindo, e que, ao nosso parecer, se devem corrigir. Por *cabotar*, temos o portuguez *costear*, que he classico, e significa *navegar costa a costa;* e por *cabotagem* dizemos *navegação de costa a costa;* mas se quizermos exprimil-o por hum só vocabulo, porque não diremos *costeagem*, ou *costeação*, assim como, de *marear* dizemos *mareagem*, ou *mareação?*

Cadastro—He tomado do francez *cadastre*, que significa *registro publico, lista*, ou *encabeçamento*, em que se contém o genero e valor das terras de cada comarca, e o nome de quem as possue. Poderia exprimir-se muito melhor por *censo*, que não he desconhecido na nossa lingua neste mesmo sentido, e que vem do latim *census*, isto he, *descripção e estado exacto dos nomes, bens, idade*

e condição das cabeças de familia, feita perante os magistrados, &c. Tambem se poderia exprimir por *alistamento geral,* ou *recenseamento,* &c. Comtudo *cadastro* já vem usado nos papeis do governo.

Calculado — Temos em portuguez *calcular,* e *calculado,* com a sua primeira significação de *contar, contado;* mas no sentido figurado, quando se diz, v. gr., *este papel foi* calculado *para produzir irritação* e *não inclinação; deo huma resposta* bem calculada *para agradar,* &c., parece novo em portuguez o uso deste vocabulo, que todávia he expressivo e energico, e se não póde supprir por outro algum com igual força de significar, maiormente quando de proposito queremos dizer, que tal discurso ou acção foi de tal maneira concebido, *ponderado* e executado, que houvesse de produzir provavelmente o effeito que se pretendia.

Campanha *(Campagne)* — Este vocabulo he usado em sentido militar pelos nossos classicos, que a cada passo dizem: *pelejar em campanha* aberta, *correr a campanha, acabar a campanha, campanha da primavera, peça de campanha,* &c. Tambem dizem a *campanha de Roma,* entendendo *territorio de Roma* (Bluteau). Mas tomado genericamente por *campo, campina,* pareceria hoje affectação de francezismo, comtudo acha-se em Vieira, *Sermões,* tom. 6.º, pag. 390: «Morto está o Brazil, e ainda mal, porque tão morto e sepultado: fumeando estão ainda, e cobertas de suas cinzas essas *campanhas*». Em Jacinto Freire, *Vida de Castro,* liv. 1.º, § 62: «Tinhão ao norte huma pequena serra, d'onde descião alguns rios sem nome, que assim servião ao deleite, como á fertilidade da *campanha*». E modernamente no *Feliz Independente,* liv. 19.º: «Quantas vezes se tem visto por esta só causa correrem tintos de sangue os rios, *as cam-*

panhas inundadas de cadaveres, os incendios da guerra ateados?» &c. E em hum poeta de mui distincto merecimento, que não duvidou dizer:

> .... e outras hervas
> Á luz colhidas da nascente lua
> Nas *campanhas* do Ponto e da Thessalia

E em outro lugar:

> E á mal distincta luz da froxa lua
> Sobre a raza *campanha* Abracadabro
> Com huma curta vara quatro linhas
> De circulos pequenos logo traça.

Carnagem *(Carnage)* — Ha muito tempo se advertio que o portuguez *carnagem* não tem a mesma significação, que o francez *carnage*. *Fazer carnagem e aguada* dizem frequentemente Barros e Castanheda para significarem *fazer provimento de carnes e agoa.* O francez *carnage* deve traduzir-se por *mortandade*, *matança*, *carniceria*, &c.

Chefe d'obra *(Chef-d'œuvre)* — Por *obra prima*, *obra perfeita*, *primor*, *perfeição*, &c., he hoje mui usado, e Moraes no *Diccionario* cita em abono delle hum Edital da Real Meza Censoria. O mesmo Moraes o usa algumas vezes na traducção das *Recreações do homem sensivel.* Comtudo hum filologo moderno de conhecido merecimento não duvidou reprovar este vocabulo, expressando-se da seguinte maneira a respeito delle: «Sempre se disse no nosso idioma *obra prima* por cousa bem acabada ou excellentemente bem executada, a que os ignorantes da lingua chamão *chefe d'obra*, clausula absolutamente franceza, que em nossa linguagem de nenhum modo póde ser admittida, por lhe não ser analoga, nem em sentença, nem em soido; por ser de rude e dissonante pronuncia-

ção, e porque no meio tem desagradavel cacafonia». *Obras poeticas* de Francisco Dias Gomes, not. 7.ª á ode 5.ª Nós acrescentâmos, que da mesma palavra *chefe* tomada só por só, se faz hoje hum uso immoderado e digno de correcção. Pelo que em lugar de *chefe de familia, chefe do estado, chefe do exercito,* &c., deveremos, ao menos algumas vezes, variar a expressão, dizendo com os nossos antigos *tronco, cabeça de familia, cabeça do estado, cabo do exercito, da armada, cabeça da provincia, da comarca, cabeças do povo,* &c.

Chicana *(Chicane)* — He palavra puramente franceza, de que não temos necessidade alguma. Em portuguez de bom cunho dizemos *trapaça, cavillação, enredo, tergiversação, dolo forense, rabulice,* &c. Sousa, na *Vida do Arcebispo,* liv. 4.º, cap. 30.º, descreve os que usão da *trapaça forense,* dizendo: «Trampões erão huns advogados, que com *manhas e astucias* dilatavão as demandas e entretinhão a justiça».

Chocar, Chocado, Choque *(Choquer,* &c.*)* — Dizemos em portuguez *chocar* por *dar huma bola na outra* no jogo da *choca;* daqui *chocarem os navios* por *encontrarem-se, embaterem huns nos outros, abalroarem;* e tambem *choque na guerra,* por *encontro de corpos inimigos,* briga entre elles, &c. Porém no sentido figurado *chocar as opiniões; este procedimento choca os bons costumes; as paixões se chocão entre si; o choque dos interesses; sofrer os choques da fortuna,* &c., parecem gallicismos escusados e que se devem evitar, maiormente no estilo culto, attendendo á idéa baixa e torpe, que talvez excita o verbo *chocar.* Diremos pois em melhor portuguez: *combater, contrastar* as opiniões; este procedimento *offende, affronta* os bons costumes; as paixões *se combatem, se encontrão, contendem, pugnão* entre si; o *combate* dos in-

teresses; *a pugna e opposição* entre elles; sofrer os *encontros*, os *impetos*, os *contrastes*, os *revezes*, os *vaivens* da fortuna, &c.

Coalição, Coalizado (*Coalition*, &c.) — São vocabulos trazidos modernamente do francez e ao nosso parecer desnecessarios. Em bom portuguez dizemos *liga, colligação, confederação, colligar-se, confederar-se*, e *colligado, confederado*, &c.

Cocar ou **Cocarda** — Bluteau o traz no *Supplemento*, e diz que significa *humas plumas levantadas no chapeo*. Modernamente se tem usado para significar o *tópe* ou *divisa*, que tambem se traz no chapeo. He derivado do francez *cocard*, e como temos com que o supprir em portuguez, parece-nos que não he para se adoptar.

Comité — Do inglez *committee*, que significa *junta de deputados para examinar qualquer negocio*, tomárão os Francezes o seu *comité* com a mesma significação. Os nossos portuguezes modernos o tem igualmente usado, conservando a propria pronunciação e orthografia franceza. Mas nós não o temos achado em proposição, ou discurso algum, em que se não podesse traduzir commodamente e com propriedade pela palavra *junta*, ou *commissão*, e por isso o julgâmos escusado.

Commandar, Commandante, Commando — São termos militares tomados do francez *commander*, &c., e hoje adoptados no nosso idioma. Em lugar delles diziamos d'antes *mandar* o exercito: *mandar* huma armada; *capitanear* a gente de guerra; *ter mando* della; *ter cargo* de huma batalha; pelejar debaixo do *mando e capitania* de alguem, &c. *Cabo* por *commandante* tambem he vulgar nos nossos classicos. *Commandamento*

por *commando* parece-nos não ser approvado pelo uso, e muito menos na significação generica de *preceito, ordem, mandado*, &c.

Commissionado *(Commissionné)* — Parece que não diz precisamente o mesmo que *commissario*, e que estes dous vocabulos nem sempre se podem reciprocamente permutar. Por isso o julgâmos conveniente, muito mais tendo boa derivação e analogia. Significa *o que tem commissão para fazer alguma cousa; o que he encarregado de tractar algum negocio*, &c.

Complacente *(Complaisant)* — Temos lido em algumas traducções *caracter complacente, homem complacente, marido complacente*, &c. He gallicismo, em cujo logar diriamos com melhor analogia *comprazenteiro*, e talvez com igual significação *condescendente, indulgente, cortez, benevolo*, &c. Comtudo não ousâmos reproval-o, visto ter origem latina, ser de algum modo necessario e ter analogia com a palavra classica *complacencia*. No *Espelho de perfeição*, impresso em 1533, achâmos já esta frase: «Conhecer e cumprir a *placentissima* vontade de Deos».

Comportar-se, Comportamento *(Se comporter, Comportement)* — São hoje mui usados na significação de *proceder, procedimento*, &c., mas não tem auctoridade classica, nem os julgâmos necessarios no nosso idioma. Em lugar de *homem de bom*, ou *mau comportamento*, diremos *de bom*, ou *mau procedimento, de bons*, ou *maus costumes; de boa*, ou *má vida; bem*, ou *mal morigerado*, &c. *Comportar-se com moderação e juizo*, isto he, *portarse, haver-se, proceder*, &c. *Comportar-se* segundo as leis *da honra*, isto he, *dirigir-se, governar-se, regular-se por ellas*, &c.

Comprimentar — Por *fazer comprimentos*, diz Bluteau no *Supplemento* que he tomado do francez *complimenter*, e cita, para o auctorisar, uma *Gazeta de Lisboa* do anno de 1722. Hoje está adoptado e he sem duvida muito melhor que o circumloquio.

Comprometter, Comprometter-se (*Compromettre, Se compromettre*)—Tem estes vocabulos significação portugueza, com que são usados, e que póde ver-se em Moraes palavra *comprometter;* mas quando se diz, v. gr., *comprometter a auctoridade, o credito, a dignidade, o nome, a palavra de alguem*, ou *comprometter-se em algum negocio*, &c., commette-se gallicismo desnecessario e alheio da nossa lingua. As frases portuguezas que correspondem são *arriscar, aventurar, pôr a risco, expor a algum desar o credito, a honra, o nome*, &c., *aventurar-se em algum negocio*, &c.

Comptabilidade (*Comptabilité*) — Tem significação mais restricta que *responsabilidade*, e diz tanto como *obrigação de dar contas*. Vai-se usando na linguagem mercantil, e já vem na Lei de 26 de Outubro de 1797, tit. 5.º Melhor se escreverá *contabilidade*.

Conducta (*Conduite*) — He hoje mui vulgarmente usado entre nós com a significação de *procedimento*, á imitação dos Francezes, Inglezes, Italianos e Castelhanos. Moraes já o metteo no *Diccionario*, aonde diz, que este vocabulo *abrange ao procedimento moral e prudencial*, e que *procedimento se refere mais ordinariamente ao moral*. O padre Pereira tambem o usou no *Compendio da vida, escriptos e doutrina de Gerson*, impresso em 1769. E igualmente o achâmos empregado nos *Estatutos novos da Universidade*, liv. 2.º, tit. 1.º, cap. 4.º, e no *Feliz Independente*, liv. 23.º, &c. Apezar porém destas aucto-

ridades e uso frequente, a opinião mais geral dos homens doutos e intelligentes da lingua portugueza he contra este vocabulo, e por isso o reprovâmos e julgâmos inadoptavel na referida significação. Os nossos classicos dizião em lugar delle *procedimento, proceder, modo de proceder, genero de proceder, vida e costumes;* e em lugar de *conduzir-se, governar-se, haver-se, proceder, portar-se,* &c.

Confinar, Confinado, Confinar-se *(Confiner, Confiné,* &c.)—Em bom portuguez dizemos *confinar,* de hum lugar, ou povo que *está nos confins* de outro, que *comarca* ou *visinha* com elle, v. gr., Galliza *confina* com Leão, &c.; mas he gallicismo reprovado dizer, v. gr., *confinou-se no seu retiro, foi confinado em hum convento, os habitantes confinados a hum angulo do reino,* &c., em lugar de *encantoou-se* no seu retiro, foi *recluso* em hum convento, os habitantes *estreitados* n'hum canto do reino, &c.

Conjunctura—He vocabulo trazido do francez para a nossa lingua, e significa o *estado dos negocios,* a boa ou má disposição delles, a *conjuncção, ensejo, sazão,* talvez *opportunidade,* &c. Veja-se Bluteau no *Supplemento* e Moraes no *Diccionario.* Hoje está naturalizado entre nós; e em Mausinho, *Affonso Africano,* cant. 5.°, já o achâmos com a significação de *opportunidade* nestes versos:

> Para que abrindo o tempo *conjunctura,*
> Se entenda na conquista aspera e dura.

Conscripção *(Conscription)*—He palavra, com que nos presenteou a revolução franceza, e que julgâmos não se dever usar, senão só e precisamente, quando se tracta do objecto que motivou a introducção. Nem he decente que com ellas se exprima (como já temos visto), principalmente em papeis publicos e authenticos, o methodo

de *recrutamento* praticado entre nós, e tão alheio do rigor e barbaridade da *conscripção franceza.*

Consolante *(Consolant)*—Não temos achado este vocabulo nos nossos classicos; e postoque reconhecemos a sua natural derivação do verbo *consolar*, e a frequencia com que o nosso idioma usa de semelhantes derivações; comtudo não o julgâmos necessario, visto haver em portuguez os adjectivos *consolador* e *consolatorio*, que podem supprir o francez *consolant.*

Contar *(Compter)*—Abusa-se por varios modos deste verbo, traduzindo ao pé da letra (como dizem) algumas frases em que os Francezes o empregão. Eis-aqui as mais usuaes, que agora nos occorrem, com as suas correspondentes em portuguez:

Ne compter pour rien quelque chose:—*Desprezar, não ter em conta, estimar em nada,* &c. (latim *aliquid pro nihilo ducere).*

On ne peut compter sur l'amitié de ces gens-là: — Nada se *póde confiar* na amizade destes homens, ou desta gente, ou desta casta de gente *(in hominibus hujusmodi stabilis benevolentiæ fiducia nulla esse potest).*

Compter plus sur le général, que sur l'armée: — *Confiar* mais no general que no exercito *(plus reponere in duce, quam in exercitu).*

Compter sur quelqu'un: — *Confiar* de alguem, *estar certo* delle, *ter toda a segurança* a seu respeito, &c. *(ponere certum in aliquo).*

Il ne compte que sur vous pour toutes choses: — Em vós sómente *confia:* — em vós põe toda a sua confiança: — de vós espera tudo, &c. *(ejus spes opesque sunt in te uno omnes sitæ).*

On ne peut encore compter sur rien: — Ainda o caso está muito duvidoso: — ainda o negocio não está segu-

ro: — ainda o negocio se não póde dar por feito *(res tota etiamnum fluctuat)*, &c.

Continencia *(Contenance)* — Por *aspecto, parecer, presença, semblante, gesto,* &c., foi taxado de gallicismo por hum critico moderno; mas nós o achâmos usado pelos nossos classicos a cada passo. V. gr., Pina, *Chronica de D. Duarte*, cap. 10.º: «e porém com graciosa *continencia* lhe disse», e cap. 31.º: «como nas *continencias* de todos bem parecia»; e na *Chronica de D. Affonso V*, cap. 2.º: «o Infante volveo a *continencia* ao povo». Barros, Dec. 1.ª, liv. 4.º, cap. 9.º: «mui attento esteve o Çamori a todas estas palavras de Vasco da Gama, olhando muito a *continencia* com que as dizia», e na Dec. 2.ª, liv. 1.º, cap. 1.º: «Tristão da Cunha, ouvindo estas palavras, e a *continencia*, e efficacia, com que as este Mouro dizia». Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 2.º, cap. 7.º: «levou após sy os olhos de quantos se achavão na festa a grave *continencia* e magestade, com que o Arcebispo fez o officio». E no liv. 6.º, cap. 20.º: «moveo do lugar com muito repouzo e grave *continencia*». No *Mazagão defendido*, poema manuscripto, cant. 2.º, est. 52.ª:

> Com hum airoso e grave *continente*
> Parece confundir todo outro brio.

E no cant. 5.º, est. 15.ª:

> Estava o claro Sousa acompanhado
> Esperando-os com grave *continencia*.

Contractar — Por *contrahir*, he hum erro em que tem cahido alguns traductores, acaso por não advertirem que o verbo francez *contracter* tem ambas as significações em differentes circumstancias. Em portuguez corrente di-

zemos *contrahir dividas*, e não *contractal-as; contrahir* amizades; *contrahir* hum gosto; *contrahir* huma doença; *contrahir* defeitos; *contrahir* matrimonio, &c. E pelo contrario dizemos *contractar* huma compra, huma venda, huma troca, &c., e não *contrahir*. Na linguagem diplomatica póde dizer-se indifferentemente *contrahir* ou *contractar* alliança; mas falando das pessoas que figurão no tractado, dizemos *partes contractantes*, e não *contrahentes*. A observação ensinará estes differentes usos, que o bom escriptor não deve alterar a seu arbitrio.

Coquétte, Coquetterie — São vocabulos puramente francezes, que mui vulgarmente se empregão na conversação familiar, e que algumas vezes temos visto em traducções impressas, acaso por se julgar difficil traspassal-as com propriedade para o portuguez. Nós entendemos que *mulher coquétte* se expressará bem no nosso idioma por *mulher garrida, namorada, namoradiça;* algumas vezes *lasciva, desenvolta;* outras vezes *leviana, presumida* e *adamada*, dada *á galanteria*, &c. Ao substantivo *coquetterie* corresponde propriamente *garridice, galanice*, talvez *galanteio* e tambem *damaria*, &c. (Veja-se o *Diccionario* de Moraes, palavra *Loureiro.)*

Córte *(Cour)* — Por *conselho, tribunal, relação, camara*, he gallicismo que se não deve admittir em portuguez. Em lugar de *córte de justiça* diremos *tribunal de justiça*, ou *conselho*, ou *camara de justiça*, por *córte marcial, tribunal marcial* ou *de guerra, conselho de guerra*, &c. Se em algum caso porém não podérmos explicar a força da expressão franceza por outra portugueza bem correspondente, como succede algumas vezes quando se tracta de algum particular tribunal francez; em tal caso será melhor descrevel-o exactamente, ou usar do proprio nome francez, explicando-o em nota, porque as

palavras afrancezadas, v. gr., *côrte de cassação* não se entendem melhor do que o puro francez *cour de cassation.*

Costume *(Costume)* — Em huma traducção impressa lemos *costume ecclesiastico, costume leigo,* por *habito,* ou *trage ecclesiastico, habito* ou *trage laical,* ou *leigal,* tomando-se o vocabulo francez *costume,* pelo que materialmente soa, e não o distinguindo de *coutume,* a que corresponde o portuguez *costume.*

Costumes *(Mœurs)*— Sempre dissemos em portuguez homem de *bons costumes,* de *maus costumes,* de *costumes depravados,* de *costumes honestos,* &c., e tambem: os *bons costumes* são essenciaes ao estado ecclesiastico; não ha verdadeira nobreza *sem bons costumes,* &c. Hoje porém he mui frequente, para significar *bons costumes,* tomar á maneira dos Francezes o vocabulo *costumes* absolutamente, e desacompanhado do adjectivo que o qualifica, dizendo, v. gr., o homem *sem costumes* he a peste da sociedade; *sem costumes* não póde prosperar o estado, &c. Este uso tem ar de francezia, e não he para se imitar em portuguez sem reflexão, maiormente quando faz ambigua, e até absurda a frase, como succede, por exemplo, nesta proposição que achâmos impressa: «Deve o pai *conservar os costumes* do filho», que no nosso idioma vale tanto como dizer, que os deve *conservar,* quer sejão *bons,* quer *maus.*

Crachá — Dão hoje este nome ao *habito, divisa, insignia* ou *venéra* de qualquer ordem militar, quando se traz *pregada* ou *bordada sobre o vestido.* He vocabulo francez escusado, e, ao que parece, de má origem. Na lei de 19 de Junho de 1796 se lhe dá o nome de *chapa* ou *sobreposto bordado,* e he só permittido aos gran-cruzes e commendadores.

D

Dados *(Données)*—Entre os Francezes he termo mathematico, e significa propriamente as quantidades, ou termos que nos são conhecidos, ou *dados*, e de que nos servimos para achar as *incognitas*, e resolver qualquer problema. Daqui o tomárão em sentido mais amplo para significar os *fundamentos, razões, circumstancias*, ou *noções* previamente conhecidas, ou suppostas, sobre as quaes podemos fundar o nosso juizo a respeito de qualquer questão, ou facto; e neste sentido dizem: *Não tenho dados para decidir; não tenho dados sobre que possa fundar o meu juizo; não posso ajuizar desta acção por falta de dados*, &c. Os Portuguezes tem adoptado a mesma palavra com ambas as ditas significações: e se a primeira parece necessaria na linguagem mathematica, não ha razão de reprovar a segunda, huma vez que se empregue sem affectação e sem demasia.

De—Tem esta particula em portuguez tantos e tão varios usos, que só a lição assidua dos classicos os póde bem ensinar. Segundo o nosso parecer, he gallicismo empregal-a nas frases seguintes:

A primeira cousa que fiz, foi de vir *a Madrid*, isto he, *foi vir*, &c.

O congresso consistirá dos deputados *das provincias*, isto he, constará *dos deputados*, ou formar-se-ha *dos deputados*, ou consistirá *nos*, &c.

Rogou á sua mestra de a deixar *contar*, isto he, *que a deixasse* contar, ou que *lhe deixasse* contar, &c.

Estou tentado de dizer, &c., isto he, *a dizer*.

Deve-se evitar com cuidado de inflammar *a imagina-*

ção das mulheres, isto he, deve-se evitar *inflammar*, ou, *o inflammar*, ou deve-se *de evitar* inflammar, &c.

Ver-se obrigado muitas vezes até de implorar *a desgraça*, isto he, *até a implorar*.

A barbaridade não lhes permitte de saber *fazer melhor uso dos braços*, isto he, não lhes *permitte saber*, &c.

O menor abuso, que fazem da vida dos vencidos, he de reduzil-os *á escravidão*, isto he, *he reduzil-os*, &c.

Exercito forte de vinte *mil homens*, isto he, *exercito de vinte mil homens*.

Muro alto de vinte palmos, isto he, muro *de altura de vinte palmos*: ou muro *de vinte palmos de alto*: ou *muro vinte palmos alto*, &c.

Para que os nossos leitores possão comparar os usos francezes com os portuguezes, apontaremos aqui algumas frases dos nossos classicos, em que se emprega a particula *de* de hum modo não mui vulgar, e são as seguintes:

Espero de te ser este meu desejo aceito. (Ferreira.)

Huma camilha, que não *se iguala de outra* alguma. (Barros, Dec. 4.ª, liv. 9.º, cap. 3.º)

Quão *grato* era *da mercê*, que tinha recebido. (Barros, Dec. 1.ª, liv. 9.º, cap. 3.º)

Depois que huma mulher deste sangue dos Naires he de idade de dez annos, em que se ha por *apta de ter* maridos. (Ibidem, Dec. 1.ª, liv. 9.º, cap. 3.º)

Que el-Rei e seus successores fossem *obrigados de amparar* e defender a elle Rei. (Barros, Dec. 3.ª, liv. 2.º, cap. 2.º)

Chamárão-lhe de hereje luterano. (Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 4.º, cap. 6.º)

O vulgo melhor *conhecido do muito*, que devia ao Arcebispo. (Ibidem, liv. 4.º, cap. 13.º)

O qual (Jesu-Christo) só *por obediencia do Padre Eterno* acceitou emquanto homem o pontificado. (Ibidem, liv. 1.º, cap. 8.º)

Levárão as santas reliquias para onde não havia esperança *de as tornarem a ver dos olhos.* (Ibidem, liv. 6.º, cap. 20.º)

Levão os olhos para a terra da promissão tão *suspirada, e soluçada delles.* (Heitor Pinto, *Imagem da vida christãa, Dialogo da tribulação,* cap. 2.º)

Coge Çofar, que como monstro da terra, em que nascêra, os pais e a patria *o negavão de filho.* (Jacinto Freire, *Vida de Castro,* liv. 2.º, § 151.º)

Desconhece-se de homem o que não sabe perdoar. (Arraes, Dial. 5.º, cap. 1.º)

Nem *desconhece de parentes* seus primos. (Ibidem, Dial. 10.º, cap. 67.º)

Cousa *antedenunciada de Isaias.* (Ibidem, Dial. 10.º, cap. 68.º)

Achou os lugarinhos tão miudos, e tudo o mais tão pobre, *e de ultima miseria,* que, &c. (Sousa, *Vida do Arcebispo,* liv. 5.º, cap. 17.º)

Os nossos pelejavão abrazados, *soccorrendo-se,* por unico remedio, *das tinas* de agoa para refrigerar-se. (Jacinto Freire, *Vida de Castro,* liv. 2.º, § 148.º)

Forão nesta conserva alguns navios de particulares, que por *benevolencia do governador* (isto he, *benevolencia para com o governador),* servírão graciosamente o Estado. (Ibidem, liv. 4.º, § 43.º)

Porém D. Manoel de Lima, ou por *complacencia do governador* (isto he, *ao* governador, ou *para com o* governador), ou por confiança de si mesmo, se offereceo para ficar na praça. (Ibidem, liv. 3.º, § 34.º)

Mulher já de trinta annos... e muito *inclinada de fazer* bem aos pobres. (Fernão Mendes Pinto, *Peregrinações,* cap. 124.º)

Não querendo ser *ingratos daquelle* beneficio. (Moraes, *Palmeirim*, part. 1.ª, cap. 91.º)

O pé direito, com que *começava de entrar*. (Fernão Alvares, *Lusitania transformada*, liv. 2.º, pros. 2.ª)

A quem elle *desejava de comprazer*. (Barros, Dec. 1.ª, liv. 8.º, cap. 10.º)

Ordenou de fazer a fortaleza de madeira. (Ibidem, Dec. 1.ª, liv. 10.º, cap. 2.º)

Promettei a Christo *de jámais* o deixardes. (Arraes, Dial. 10.º, cap. 83.º)

Eu *desejo* ha muito *de andar* terras estranhas. (Camões, *Lusiadas*, cant. 6.º, est. 54.ª)

Ordena de se tornar ao Rei. (Ibidem, cant. 8.º, est. 91.ª)

Determina de ter-lhe aparelhado lá no meio das agoas, &c. (Ibidem, cant. 9.º, est. 21.ª) &c.

Devemos porém advertir, que o uso actual da nossa lingua, e a regularidade de syntaxe, que aconselhão os principios da grammatica filosofica, nos não permittirião hoje empregar indiscretamente a mesma particula em frases semelhantes a algumas das que deixâmos referidas, só porque assim foi empregada por algum, ou alguns dos nossos auctores classicos; vistoque estes, por falta do estudo filosofico da lingua, cahírão em muitos defeitos, no que respeita á organisação da frase e discurso, que hoje serião erros graves, e talvez indesculpaveis.

Deboche, Debochado *(Débauche, Débauché)*— São puros gallicismos, trazidos para o portuguez sem necessidade alguma, e alem disso mal soantes aos nossos ouvidos. Temos em lugar delles *devassidão, soltura, despejo, licenciosidade, dissolução, demasias, estragamento de costumes,* &c., *devasso, licencioso, dissoluto, despejado, estragado, perdido, solto nos vicios,* &c.

Decrepidez — Parece tomado do francez *décrépitude,* que significa o estado de *velhice extrema, mui avançada, caduca.* Como não temos vocabulo algum com este significado, não reprovâmos a sua introducção; mas prefeririamos *decrepitude,* que nos parece de melhor soido, e teriamos por melhor que ambos *caducidade* do adjectivo *caduco,* que diz o mesmo.

Deferencia *(Déférence)* — Não temos achado este substantivo em nenhum dos nossos classicos, e nos parece trazido immediatamente do francez com a significação de *respeito, attenção* para com pessoa superior. Mas temos o verbo *deferir* no mesmo sentido, e derivado do latim *deferre,* d'onde analogamente se póde formar *deferencia,* que aliás he auctorisado por hum uso mui geral.

Degelar — He tomado do francez *dégeler,* que vale o mesmo, que *desfazer-se o gelo.* Bluteau o traz no *Supplemento,* e cita a *Gazeta de Lisboa.* He necessario, expressivo e conforme com a analogia.

Degradar, Degradar-se, Degradação, &c. *(Dégrader, &c.)* — Temos em portuguez *degredo* e *degradar,* ou *degredar* por *desterrar,* do latim *decretum* (do verbo *decerno):* e tambem *degradar* (da particula latina *de* e do substantivo *gradus),* isto he, *privar do grão,* ou *graduação* civil, ou ecclesiastica, ou militar; e neste sentido dizemos *degradar da nobreza, das ordens, da milicia,* &c. Mas quando no sentido figurado dizemos, v. gr., *as paixões sensuaes nos degradão,* isto he, *nos aviltão, nos envilecem, nos deshonrão, nos deslustrão: a indifferença e desprezo, que em Portugal se mostra ás letras* degrada *o caracter da nação,* isto he, *deprime, abate, envilece, desauctorisa,* ou *desdoura,* o caracter, &c., parece ser frase franceza, que todavia não ousâmos reprovar, por

quão conforme he com a segunda significação do verbo *degradar*. Entendemos porém que se deve empregar com moderação e desaffectadamente, e sem nos esquecermos dos outros vocabulos do nosso idioma, que não são menos expressivos. Notem-se os seguintes lugares dos classicos portuguezes, e veja-se como elles exprimião com energia e variedade o mesmo conceito. Arraes, Dial. 1.º, cap. 15.º: «Muitas casas, que forão nobres e illustres, agora estão *descahidas e mascabadas,* por causa da liga e degeneração de seus descendentes». Ibidem, cap. 20.º: «Em nenhuma cousa *se apouca* mais a natureza humana, que em se inclinar aos costumes da bestial». Sousa, *Vida do Arcebispo,* liv. 5.º, cap. 14.º: «Homens comparaveis aos antigos Curios e Cincinnatos, que não se abatião a vilezas». Lobo, *Côrte na aldeia,* edição de 1649, pag. 133: «Se o amor faz cego o amante, todavia não o faz vil». E logo ahi: «O cubiçoso he cego para não ver razão nem honra, e para *se abaixar* a todas as infamias». Vieira, Carta 75.ª do tom. 1.º: «Amo muito a nossa patria, e não tenho paciencia para a ver *desluzida,* quando Deos e os homens a tem illustrado tanto», &c.

Departamento (do francez *Département*) — No principio da revolução franceza, deixada a antiga divisão por *provincias,* foi a França dividida em *departamentos,* que erão porções de territorio, a que se extendião certas auctoridades estabelecidas para governo da republica, e que nós poderiamos sem erro chamar *comarcas,* ou *districtos.* Daqui ficámos adoptando este vocabulo, que sómente se deve empregar, quando se tracta da referida divisão, ou partes della. Mas tomando-se em geral por *repartição,* v. gr., *ministro do* departamento *da guerra tem a seu cargo o* departamento *das munições,* &c., he gallicismo que se não sofre em bom portuguez.

Depois—Por este vocabulo traduzem alguns erradamente o francez *d'après* nas seguintes frases: *A infiel imagem que formámos* depois *das nossas conjecturas*, isto he, que formámos *segundo*, ou *conforme* as nossas conjecturas, ou que formámos *levados* de nossas, &c.; *hum retrato* depois *de Rafael*, isto he, *copiado* de Rafael; *grande deve ser a emulação dos lavradores* depois *de exemplos desta natureza*, isto he, *á vista de exemplos* taes; *mas eu posso assegurar* depois *da minha experiencia*, isto he, *segundo* a minha experiencia, ou posso assegurar *pela minha propria* experiencia, &c.

Descoberta—Por *descobrimento*, v. gr., de novas terras, ou *achado novo* nas sciencias e artes, &c., parecenos vocabulo alheio da nossa lingua, e tomado do francez *découverte*. Moraes, no *Diccionario* o auctorisa com as *Ordenações do Reino*, na Collecç. ao liv. 4.°, tit. 43.°, n.° 1.°, § 4.°, no que ha erro typografico, devendo ser Collecç. 1.ª ao liv. 2.°, tit. 34.°, n.° 1.°, § 4.° Porém este lugar não auctorisa de modo algum o substantivo *descoberta*, no sentido que aqui reprovâmos. As palavras da lei são estas: «Hei por bem que o Provedor das minas reparta as *descobertas*, e que se descobrirem», &c., aonde claramente se vê que *descobertas* he hum adjectivo referido a *minas*, e não o substantivo de que aqui tractâmos, e pelo qual se disse sempre em bom portuguez *descobrimento*. Não occultaremos porém que na Lei de 26 de Outubro de 1796, tit. 6.°, já vem com a mesma significação *novas descobertas*. Por occasião deste artigo advertimos, que a expressão adverbial *ao descoberto*, que parece gallicismo, vem comtudo algumas vezes em Heitor Pinto, *Imagem da vida christãa*, v. gr., no *Dialogo da tranquillidade da vida*, cap. 15.°: «Esses vos tirão muitas vezes *ao descoberto*». E no *Dialogo dos verdadeiros e falsos bens*, cap. 16.°: «Então lhes dá o mundo de rosto,

e lhe tira *ao descoberto*, isto he, sem dissimulação e sem disfarce». Igualmente he classico o substantivo *encoberta* por *asilo, valhacouto, escondrijo, lugar em que alguem póde estar sem ser descoberto pelo inimigo*, &c.

Desconfiar-se (*Se méfier*)—Pareceo-nos ao principio gallicismo usar do verbo *desconfiar* com significação reciproca, ou reflexa; mas depois notámos este uso em D. Francisco Manoel, *Carta de guia*, fol. 94 verso: «A mulher *se desconfia*, vendo o pouco que fião della». Em Vieira, Carta 26.ª do tom. 1.º: «He certo que se não tivera tanta confiança nas promessas de Deos, não sei se *me desconfiárão* os nossos merecimentos». E nos *Sermões*, tom. 6.º, pag. 451: «Os que se guardão para aquella hora, só tractão da saude do corpo, e quando esta *se desconfia* totalmente», &c. Sousa, na *Vida do Arcebispo*, liv. 1.º, cap. 2.º: «Da imbecilidade de sua natureza não *desconfiava*, porque conhecia suas forças... *desconfiava-o*, e fazia-o temer huma profunda humildade, em que avaliava tudo quanto fazia, &c.

Descozido (*Décousu*)—No sentido figurado, v. gr., *estilo descozido, ditos descozidos* por estilo *desligado, solto, desatado*, ditos sem *nexo*, talvez *sem concerto*, &c., parece-nos gallicismo escusado, aindaque a metafora seja igual. A expressão *palavras derramadas*, que achâmos em alguns classicos, parece-nos que diz propriamente *palavras diffusas, não concisas*, e ás vezes *palavras alheias do intento*, ou *proposito* sobre que se tracta, v. gr., em Barros, Dec. 2.ª, liv. 6.º, cap. 3.º: «Vendo Affonso de Albuquerque palavras tão *derramadas*, e fóra do seu intento, aonde se refere á pratica de Tuam Bandam, que vindo de mandado de el-Rei de Malaca ver o grande Albuquerque, começou *a praticar com elle na disposição de sua pessoa, e se trouxera boa viagem, sem tocar na*

causa della, nem perguntar a que era sua vinda», &c. A este mesmo lugar de João de Barros allude, e no mesmo sentido se deve entender a frase que vem na *Malaca conquistada*, liv. 6.º, est. 50.ª

Albuquerque, ás *palavras derramadas*
Do cauteloso mouro respondendo,
Assi disse... &c.

E na *Lusitania transformada*, liv. 3.º, pros. 10.ª, aonde se diz: «Hia por diante com os seus encarecimentos Urbano, por ser costume do amor fazer os amantes prodigos de *palavras derramadas*, em favor de quem amão», &c.; he facil entender, que *palavras derramadas*, significa aquelles *encarecimentos*, e expressões *largas* e *francas*, que são proprias de quem ama, &c.

Desér *(dessert)*—Os nossos bons antigos dizião *sobremeza*, *póspasto*, e tambem *postres*, que he de Sousa, na *Vida do Arcebispo*, liv. 1.º, cap. 22.º Hoje até ás palavras se estende o luxo e francezia das mezas.

Desgostante—Com a significação de *nojoso*, *hediondo*, &c., he puro gallicismo, e muito má traducção do francez *dégouttant*. Dous vocabulos tem a lingua franceza, que soão do mesmo modo, e significão mui diversas cousas, a saber: o verbo *dé-goûter*, cujas raizes são *de* e *goût (gosto)* e significa *desgostar*: e o verbo *dé-goutter*, formado de *de* e *goutte (gôta)*, que significa *gotejar*, *pingar*, *estilar gota a gota*, &c. Deste ultimo derivárão os Francezes o adjectivo verbal *dégouttant*, com o qual se formão as expressões *dégouttant de sang; dégouttant de sueur*, &c., isto he, *gotejando sangue*, *gotejando suor*, &c.; e daqui finalmente passárão ao uso absoluto do mesmo adjectivo verbal *dégouttant* tomado em mau sen-

tido, para significarem com elle hum objecto *nojento, asqueroso, esqualido, ascoso, hediondo,* e talvez *horrido, torpe,* &c., quasi como nós dizemos em frase pleblea de hum homem *immundo* e *torpe,* que he hum *pingante,* que *está pingando immundicie,* &c.

Deshabilhado *(Deshabillé)*—Estar *deshabilhado,* ou *em deshabilhé* dizem hoje os nossos afrancezados de quem está *desataviado, desalinhado, sem adorno,* nem *alinho,* nem *enfeite, mal composto, vestido a descuido, sem concerto,* &c. He gallicismo reprovado, sem embargo de termos tido o vocabulo, hoje antiquado, *habilhar,* ou *abilhar,* isto he, *ataviar,* do qual fala Duarte Nunes, *Origem da lingua portugueza,* cap. 17.°

Desinfectar—Por *desinficionar* parece tomado do francez; mas Bluteau já o traz no *Supplemento,* citando huma *Gazeta de Lisboa* de 1722. *Desinfectador* he hoje adoptado na linguagem chimica, e necessario.

Desnaturar, Desnaturado *(Dénaturé)*—Temos ouvido taxar de gallicismos estes vocabulos, mas sem razão: Duarte Nunes, nas *Chronicas,* usa frequentemente de hum e outro, tanto para significar o que hoje mais vulgarmente dizemos *desnaturalização,* isto he, *privação dos direitos de nacional,* como para exprimir o estado moral do homem, quando *despido dos affectos naturaes e dos sentimentos de humanidade.* Outros classicos os empregão no mesmo sentido. (Veja-se Moraes no *Diccionario.)* Mas *desnaturalizar factos* por *alteral-os, transformal-os,* &c., he gallicismo escusado.

Desolado *(Désolé)*—Em bom portuguez dizemos, v. gr., *cidade desolada, paiz desolado,* isto he, *posto por terra,* de *todo arrazado, arruinado,* &c.; e talvez no fi-

gurado *religião desolada*, por *arruinada, destruida*, &c. Porém *mãi desolada, esposa, amante desolada* por *angustiada, magoada, afflicta, amargurada*, &c., he gallicismo, e metafora ao nosso parecer, pouco expressiva, por faltar-lhe o fundamento da analogia, ou semelhança.

Destacar, Destacamento, &c.—São termos militares trazidos do francez *détacher, détachement*, &c., e adoptados. (Veja-se Bluteau, *Prosas Portuguezas*, part. 1.ª, pag. 16.)

Detalhar, Detalhe, Detalhado *(Détail, Détailler*, &c.)—São vocabulos hoje mui usados não só na locução vulgar, mas tambem nas correspondencias publicas, principalmente militares, e até nos papeis do governo. (Veja-se o Alvará de Regimento de 7 de Janeiro de 1797.) Significão *particularizar* os factos e suas circumstancias, *relatar miudamente, referir com miudeza, expor circumstanciadamente: relação por menor, particularidade*, ou *individuação* no referir os factos, &c. Não parecem alheios da analogia do nosso idioma, aonde temos *talhe, talho, retalhar, retalhado, entalhar, entalhado, entalho*, &c. Comtudo o uso das pessoas doutas e judiciosas ainda repugna á introducção destas vozes, e nós prefeririamos dizer, v. gr., com Vieira, Carta 25.ª do tom. 1.º: «Não posso encarecer a Vossa Senhoria quanto estimei a relação *por menor* do exercito», em lugar de *relação detalhada*. E na Carta 113.ª, dando noticia de huma batalha entre Francezes e Hollandezes: «Esperão-se as *particularidades* no correio seguinte», que hoje se diria *os detalhes*. E na Carta 32.ª do mesmo tom. 1.º: «Com as cartas de Vossa Senhoria soubemos as *circumstancias* (os detalhes), e auctoridade das capitulações, que com alvoroço se esperavão», &c. Na *Vida de Castro*, liv. 4.º, § 30.º, tambem se diz: «Referio os casos da ba-

talha com tão *particulares accidentes*, como quem sabia o successo», &c. Moraes, na traducção do *Compendio da historia portugueza*, usa do verbo *miudear*, em lugar de *detalhar*, ou *referir pelo miudo*. Finalmente he erro grosseiro dizer: Não podemos ainda dar o *detalhe circumstanciado* deste negocio, que vale tanto como *detalhe detalhado*, ou *circumstancias circumstanciadas*.

Dethronar *(Detrôner)*—Não o temos achado nos nossos classicos, mas sim em lugar delle *desthronizar*, ou *desenthronizar*.

Dia—Lemos em obra portugueza original estas frases: *Apresentar as auctoridades em o* dia *mais favoravel á causa; apresentar em hum* dia *favoravel os feitos que devem ser discutidos*, &c. São gallicismos, em lugar dos quaes devemos dizer: Expor os factos *pela face* mais favoravel; apresentar as auctoridades *na melhor luz*, ou *á melhor luz*, &c.

Differença—Com a significação de *desavença* entre duas ou mais pessoas, e *differente* por *desavindo*, diz Bluteau no *Supplemento*, que são tomados do francez; e como sómente cita a favor delles huma *Gazeta de Lisboa* de 1726, parece que os teve por modernos. Mas o primeiro he frequentissimo em Barros, v. gr., na Dec. 2.ª, liv. 1.º, cap. 2.º: «Temendo esta visitação por parte de el-Rei de Melinde, pelas *differenças*, que entre elles havia». Dec. 3.ª, liv. 1.º, cap. 10.º: «As quaes *differenças*, não sómente lhe custaram honra, fazenda, e muito trabalho», &c. E na mesma Dec., liv. 1.º, cap. 6.º: «Porque entre mortos de fome, sede, doenças, naufragios, *differenças de alguns mal avindos*, e outros desastres», &c.

Diligencia—Com o nome *diligence* nomeão os Fran-

cezes certas *carruagens em que se viaja com muita brevidade.* He adoptado entre nós, e auctorisado pelos papeis do governo.

Disponivel — Parece-nos que a significação do francez *disponible* nem sempre se póde traspassar ao portuguez com toda a sua propriedade sem circumloquio: nestes casos usaremos de *disponivel,* assim como Vieira já usou analogamente de *supponivel.* Em outros casos poderemos supprir este adjectivo por *prompto, prestes, cousa que está a ponto,* &c.

Domestico *(Domestique)* — Tomado como substantivo na significação restricta de *criado, servidor, moço,* parece não ser auctorisado pelo uso da nossa lingua, nem termos delle necessidade. Não he porém erro usal-o com a significação mais generica, para significar *collectivamente* todas as pessoas, que compõe a familia de alguem, como *filhos, moços, criados, acostados, apaniguados,* &c.

E

Eclusa — Por *dique,* ou *reparo,* he vocabulo francez, que hoje está em uso, e que já Bluteau metteo no *Supplemento* ao *Vocabulario.* Acha-se repetido no Regulamento publicado com o Alvará de 20 de Fevereiro de 1795, art. 31.º e seguintes.

Edificante *(Édifiant)* — He termo modernamente trazido do francez para significar o mesmo que *edificativo, exemplar.* Tem boa derivação, e já vem nas *Provas* da *Deducção Chronologica,* pag. 298.

Effeitos *(Effets)* — Com a significação de *moveis, mer-*

cadorias, generos, fazendas, &c., he tomado do francez; mas está mui adoptado na linguagem mercantil, e já foi usado por Vieira na Carta 15.ª do tom. 1.º, aonde diz: «Os empenhos das guerras presentes, a que os *effeitos* da Fazenda Real estão divertidos», &c. Tambem se acha na proposição do Bispo Capellão mór ás côrtes de 1653, aonde falando dos dous milhões e meio offerecidos para a guerra, diz: «Consignastes estes na decima parte do rendimento que tivesseis, e em outros *effeitos* differentes». *(Investigador Portuguez,* em Inglaterra, n.º 12.)

Effervescencia — A respeito deste vocabulo tomado no sentido moral figurado diz Francisco Dias Gomes, *Obras poeticas,* not. 16.ª á eleg. 10.ª: «Nunca vi exemplo deste vocabulo nos nossos classicos; mas sendo muito usado pelos auctores francezes, cuja lingua he assás conhecida na nossa terra, não deve causar estranheza fazer-se delle uso: alem de que esta palavra he de significado facil, e he sonora; e posto que não exista na lingua latina, existem as suas origens, cujos significados são notorios, ainda aos que a não sabem». No sentido proprio e fysico já o traz Madureira, e he adoptado na linguagem chimica.

Effusão *(Éffusion)* — Temos este vocabulo na significação formal por *derramamento.* Pelo que julgâmos que sem inconveniente se póde adoptar no sentido figurado para significar a *effusão do coração,* a *effusão da ternura,* &c.

Egoismo *(Égoïsme)* — Esta palavra, que hoje se acha adoptada pelo uso geral, parece accommodada, até necessaria, para com ella exprimirmos aquella especie de *amor proprio vicioso,* com que o homem, attendendo

sómente a si, dá huma absoluta, injusta, e mal entendida preferencia aos seus interesses, postergado o bem geral da sociedade, e os interesses legitimos dos seus concidadãos, ou ainda de todos os outros homens. He verdade que a expressão *amor proprio* se toma muito frequentemente pelo *amor excessivo e vicioso de nós mesmos:* mas nem esta he a natural significação dos termos, nem ainda nos parece, que esse *amor proprio excessivo* exprima tanto como o vocabulo *egoismo,* o qual se entende de hum *amor proprio* em tal maneira *vicioso, desordenado e exclusivo,* que rompe todos os vinculos sociaes, e faz do *egoista* hum verdadeiro monstro tão abominavel, como perigoso.

Elançar-se *(S'élancer)*—He palavra puramente franceza, e trazida sem razão para a nossa lingua. Temos em lugar della *arremeçar-se, abalançar-se, arrojar-se,* talvez *arremetter,* &c. Nesta frase, v. gr., que achâmos impressa: Templos, cujas torres sobem, e se *elanção* para Deos: devemos dizer em bom portuguez: *Cujas torres sobem ás nuvens,* ou *tocão o ceo,* ou *vão ás nuvens, e tocão o ceo,* &c.

Electrizar—E os seus derivados (de origem grega) são modernos, mas indispensaveis na linguagem scientifica, e adoptados pelo uso geral dos doutos.

Eléve *(Élève)*—Por *discipulo, alumno, escolar,* he puro gallicismo, que erradamente tem alguns querido introduzir na nossa lingua.

Em, No, Na *(En)*—He notavel o abuso que se faz destas particulas, passando ao portuguez muitas frases francezas, em que ellas entrão, e empregando-as sem discrição contra o uso do idioma. Daremos alguns exemplos

dos muitos que temos notado, para servirem de aviso aos menos doutos, ou menos advertidos.

Falar em *filosofo*, em *historiador*, isto he, *como* filosofo, *como* historiador.

Ser mandado em *parlamentario*, isto he, ser mandado *como* parlamentar, ou ser mandado parlamentar, &c.

Em *homem religioso, e mesmo* em *homem de letras estou persuadido*, &c., isto he, *como* homem religioso, e ainda *como* homem de letras, &c.

O texto e objecto em *questão*, isto he, *de que se tracta, sobre que versa a questão*, &c. Esta frase *o objecto em questão, o negocio em questão*, &c., he mais concisa, e a ellypse facil de entender-se, e por isso a não reprovâmos.

Pôr em *facto*, isto he, *como* facto, *suppor, suppor como certo, dar por certo*, &c.

Eis-aqui pois, disse eu em *mim mesmo*, &c., isto he, *disse eu comigo mesmo*.

Ser mandado *em qualidade* de embaixador; obrar *em qualidade* de pai, &c. Estas frases, que não temos achado nos classicos portuguezes, são hoje mui usadas, e tem a seu favor algumas auctoridades modernas, taes como a do padre Pereira, na *Prefação ao Livro do Exodo*, aonde diz, mais de huma vez, falando do divino Legislador dos hebreos: *em qualidade de Deos, em qualidade de Rei, em qualidade de Principe*, &c.; e a do *Feliz Independente*, liv. 18.°: «Hum varão maduro e politico, que possa *em qualidade de pai*, e supremo conselheiro assistir a seu lado», &c. A mesma expressão se acha tambem algumas vezes nos *Estatutos novos da Universidade*, por exemplo, no liv. 3.°, part. 2.ª, tit. 2.°, cap. 1.°, n.° 9.°: «Os ouvintes obrigados a alguma parte do curso mathematico, poderáõ ouvir o resto *em qualidade* de voluntarios»; e logo no cap. 4.°, n.° 1.°: «Nenhum estudante poderá ser admittido á matricula de mathematica *em*

qualidade de ordinario», &c. Sem embargo porém destas auctoridades e uso, julgâmos que a mesma expressão se póde supprir bem no nosso idioma pela particula *como*, ficando a frase mais concisa e mais analoga ao uso latino.

Obrar na qualidade *de chefe de familia*, isto he, *como cabeça de familia*. Esta frase parece-nos mais reprehensivel que a antecedente. O artigo não só he escusado, mas altera e talvez faz ambiguo o sentido do discurso, como se vê, por exemplo, neste periodo: *Deos permitte e tolera* na qualidade *de Principe e de Rei dos hebreus aquillo mesmo, que elle condemna* na qualidade *de Deos e de Juiz.*

Este direito parece odioso nos *actuaes costumes*, isto he, *segundo os actuaes costumes*. Esta e outras semelhantes expressões não duvidâmos que possão adoptar-se em alguns casos, mas devem usar-se com discrição, e de maneira que não fação ambiguo o sentido de quem fala, ou escreve. Se, por exemplo, em lugar de *direito* substituirmos outro vocabulo, e dissermos *este defeito, este crime parece odioso* nos *actuaes costumes*, ficará o leitor ignorando se *este crime existe nos actuaes costumes, e parece odioso*, ou se *existe* em geral, e *parece odioso*, porque os actuaes costumes o repugnão, &c. O mesmo se deve advestir respectivamente ácerca das expressões seguintes:

Parece que do *espirito da legislação de Moisés não devião as artes ser exercitadas*, isto he, *segundo o espirito*.

He neste *projecto que elle nos prohibe*, isto he, *com este projecto*, ou *intuito* he que elle nos prohibe, &c.

Na *mesma intenção obrigavão as leis*, &c., isto he, *com a mesma intenção*, ou *a mesma intenção tinhão as leis, quando obrigavão*, &c.

Ultimamente para que o leitor possa fazer mais seguramente o seu juizo, e avaliar o merecimento das differentes frases, em que se empregão estas particulas, darlhe-hemos aqui algumas das muitas e mui varias, que a

cada passo encontrâmos nos classicos portuguezes, e que se devem estudar e entender com a limitação que já apontámos, falando da particula *De*.

Todas as cousas de novo e na primeira *vista contentão mais*. (Lobo, *Côrte na aldeia*, Dial. 14.º)

Os idolos são as cousas a que em despeito *de Deos nos afeiçoâmos*. (Heitor Pinto, *Imagem da vida christãa, Dialogo da verdadeira amizade*, cap. 1.º)

Depois que sahimos em terra. (Ibidem, cap. 16.º)

Passou em *Africa*, em *Asia*, em *França*, &c. (Lucena, Barros e os mais a cada passo.)

O qual aportou na cidade — *sahir* na cidade. (Barros, Dec. 1.ª, liv. 1.º, cap. 9.º, e liv. 8.º, cap. 9.º, &c.)

Enchia todolos lugares... que estavão em vista *da ribeira*. (Barros, Dec. 2.ª, liv. 6.º, cap. 2.º)

Eu que vim em o mundo, *vestido* em sua *pompa (Chronica dos Menores*, cap. 2.º do liv. 1.º)

A passada de el-Rei D. Sebastião em Africa. *(Miscellanea* de Miguel Leitão, pag. 188.)

Mancebo bem posto, com as abas na cinta *á guiza de caminhante*. (Arraes, Dial. 10.º, cap. 36.º)

Quem duvida nisso? (Heitor Pinto, *Imagem da vida christãa, Dialago da lembrança da morte*, cap. 5.º, e em outros lugares.)

E porque o dito Rei o não quiz fazer, nem conceder nisso. (Duarte Nunes, *Chronica de D. Affonso V*, cap. 51.º)

Os mais dos nossos erão em parecer *que não convinha pelejar com elles*. (Barros, Dec. 3.ª, liv. 7.º, cap. 10.º)

Homem usado na guerra. (Ibidem, liv. 8.º, cap. 9.º)

Se resolverão em deixar *o mundo. (Miscellanea* de Miguel Leitão, pag. 123, e nos classicos a cada passo.)

Affirmando que em razão *de homem, e letrado, e virtuoso, e de valor, não achava quem melhor merecesse o cargo*. (Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 1.º, cap. 6.º)

Propoz dous pontos muito essenciaes... se bem hum

pouco azedos, e que ferião nos olhos *a muitos*. (Ibidem, liv. 2.º, cap. 13.º)

Assi começou em chegando *a Braga a alargar a mão.* (Ibidem, liv. 1.º, cap. 13.º)

E como trazia em prompto, *e como contadas pelos dedos, todas as despezas.* (Ibidem, liv. 1.º, cap. 24.º)

Neste lugar vierão os fundadores em tamanha *desavença.* (Ibidem, cap. 26.º)

Cuidando no modo que teria para se restituir na graça *do Soldão.* (Barros, Dec. 3.ª, liv. 1.º, cap. 3.º)

Acudindo ora n'huma parte, *ora* n'outra. (Barros, Dec. 1.ª, liv. 1.º, cap. 8.º)

Huma serra tão alta e ingreme, que sobe em altura *de sete leguas.* (Ibidem, Dec. 3.ª, liv. 2.º, cap. 1.º)

Quando a mesma avareza se sobe em alto. (Barreiros, *Tratado da significação das plantas*, pag. 321.)

Mandar em presente, isto he, *de presente.* (*Parallelo de Principes*, cap. 63.º)

Aquelle que quizer vir em poz mim. (*Espelho de perfeição*, liv. 3.º, cap. 29.º)

Aparelhado em o negamento *de si mesmo.* (Ibidem, liv. 1.º, cap. 11.º)

O amante trasportado na imaginação *do que ama,* &c. (Lobo, *Côrte na aldeia.*)

Este he o meu filho muito amado, no qual *muito me agradei.* (Vieira, *Sermões*, tom. 7.º, n.º 221.)

E elle se ouve em fórma *que sempre sahio vencido,* &c. (*Parallelo de Principes*, cap. 70.º)

Intento mais em seus *ganhos, que* em inquirir *verdades.* (*Miscellanea* de Miguel Leitão, pag. 225) &c.

Em bom ponto — Esta expressão tomada palavra por palavra do francez *en bon point*, foi usada pelo auctor do *Palmeirim*, cap. 139.º: «Tomou a redea ao cavallo que achou *em bom ponto*». E tambem se acha na *Chro-*

nica do Condestavel, cap. 57.º: «Atá que foi são e *em bom ponto*». E no cap. 68.º; «Eu sou *em bom ponto* de minha saude». Hoje he expressão antiquada.

Embecil. Veja-se *Imbecil.*

Embellecer, Embellecido, Embellecimento — Temos achado muitas vezes estes vocabulos, assim como tambem o adjectivo *embellezado*, empregados nas traducções modernas, como respondentes ao francez *embellir, embelli, embellissement*, Porém o adjectivo *embellezado* de *embellezar* tem significação mui diversa na nossa lingua, e os outros vocabulos, bem que não encontrem a analogia, parecem desnecessarios, visto termos com a mesma significação os verbos *ornar, adornar, ornamentar, enfeitar, aformosear, aformosentar*, &c., os adjectivos *ornado, enfeitado, aformoseado*, &c., e por *embellissements, ornatos, adornos, enfeites*, &c. Temos tambem lembrança de achar em hum poeta moderno o adjectivo *alindado* e o verbo *alindar*, derivado do substantivo *lindo.*

Embellezante *(Éblouissant)* — Não ousâmos reprovar esta innovação, porque não desdiz da analogia, e porque os dous vocabulos conformão em significação. *Éblouissant*, cousa que *céga*, que *deslumbra com o seu esplendor: embellezante* cousa que *embebeda com a sua belleza e formosura*, &c. Assim podemos dizer *o embellezante disco do sol*, que em portuguez mais usual se diria *o rutilante, o refulgente, coruscante*, &c., aindaque não com a mesma força de exprimir. Em hum poeta moderno achâmos *deslumbrante* no mesmo sentido:

.... coberta a altura
Do soberbo palacio
Com *deslumbrante* alvissimo regelo.

Emigrar, Emigrado, Emigração—São vocabulos que modernamente tomámos dos francezes *émigrer, émigration,* &c., e significão *sahir da patria,* ou, em geral, *sahir de hum lugar* para *passar a outro,* isto he, de *hum reino para outro, de huma cidade para outra,* &c. São de origem latina, e conformão com a analogia do idioma portuguez, aonde temos *transmigração,* que significa propriamente *o passar alem,* e *remigração,* que he de Vieira na Carta 39.ª do tom. 1.º, e significa *o voltar para a patria,* ou para o lugar d'onde se emigrou. Tambem se póde dizer *migração* tirado do latim *migratio.*

Emissario *(Émissaire)*—He gallicismo de que não temos necessidade, mas que o uso vai adoptando, e que não encontra a analogia, alem de ser de origem latina. Diz tanto como *mensageiro,* e ás vezes *espia.*

Emittir—He tomado do francez *émettre,* e usa-se na linguagem *fiscal,* v. gr., *emittir apolices do erario, emittir bilhetes do banco,* por *crear apolices, bilhetes,* &c. Não o reprovâmos nesta significação, porque he expressivo, tem boa origem e he derivado conforme a analogia. Mas *emittir hum voto,* isto he, *dal-o, expressal-o,* &c., he frase escusada em portuguez.

Emoção *(Émotion)*—He tambem trazido do francez sem necessidade. Em lugar delle dizemos *commoção, agitação,* talvez *turbação,* ou *perturbação do animo,* e propriissimamente *abalo.* Sá de Menezes, na *Malaca conquistada,* liv. 2.º, est. 113.ª, parece usar de *alterações* no mesmo sentido quando diz:

> Áquella parte inclina o rostro brando,
> Novas *alterações* na alma sentindo.

Empallecer *(Pâlir* ou *Devenir pâle)*—He innovação

contraria á analogia do nosso idioma, e alem disso escusada. Em bom portuguez dizemos com muita propriedade *empallidecer*, que he de João Franco Barreto, e tambem *amarelecer*, que he de Ferreira, egloga 19.ª: «A mão te treme, o rosto *amarelece*», ou *emmarelecer*, que he de Arraes, Dial. 8.º, cap. 12.º: «A face *emmarelece* e todo o corpo se resfria». Tambem se póde ás vezes traduzir por *desmaiar descorar*, *enfiar*, *perder a côr do rosto*, ou *fugir-lhe a côr do rosto*, &c.

Encorajar, Encorajado *(Encourager)* — Não temos necessidade alguma destes vocabulos, cuja significação se póde trasladar em portuguez por muitos outros de boa nota, e igualmente expressivos. Taes são, por exemplo, *esforçar*, *alentar*, *animar*, *incitar*, *affoutar*, *espertar*, *dar animo*, *dar ousadia*, *accender o animo*, *metter brios*, &c. Todavia temos auctorizadas com exemplos dos nossos melhores classicos as palavras *coragem* e *corajoso*, d'onde facil e naturalmente se podem derivar *encorajar* e *encorajado*.

Endossar, Endossador, &c. — São usados na linguagem mercantil e auctorizados pelas leis modernas. Veja-se o Alvará de 16 de Janeiro de 1793 e o Decreto de 29 de Outubro de 1796, &c.

Engajar *(Engager)* — Temos achado este vocabulo em alguns impressos modernos com a significação de *assalariar*, *assoldadar*, &c., v. gr., *musico* engajado *para o regimento*, o que he gallicismo grosseiro e intoleravel. Mas ainda nos parece mais torpemente empregado em huma traducção tambem impressa, onde lemos: «Trouxe vinte homens escolhidos para pagar-lhes o seu *enganche*», tomando, como parece, a palavra *enganche* do francez *engagement*.

Entamado *(Entamé)*—Duvidâmos da legitimidade e pureza deste vocabulo, porque o não temos encontrado em auctor classico, nem em algum dos nossos diccionarios. Mas muitas vezes o temos ouvido na provincia do Minho da bôca de pessoas indoutas e até rusticas, que de nenhum modo o podião haver tomado do francez, e querião dizer, v. gr., *está o negocio bem entamado*, isto he, bem, *começado*, bem *entabolado*, bem *encetado*, ou bem *estreado*, &c.

Entestar-se, Entestado—He mui portuguez o verbo *entestar*, cujas significações se podem ver em Moraes. Mas quando se usa no sentido do francez *s'entêter, entêté*, he puro gallicismo, em lugar do qual dizemos *obstinar-se, porfiar, preoccupar-se*, ou *prevenir-se fortemente; obstinado, teimoso, porfioso, capitoso, opiniatico, contumaz*, e em frase plebea *cabeçudo*. Bernardes usa tambem do adjectivo *ateimado* na *Nova Floresta*, tom. 5.º, pag. 251, aonde diz: «Quem, se não estiver cego da paixão, ou *ateimado* no que huma vez tomou a peitos, póde negar», &c. Veja-se em Moraes a palavra *ateimado*.

Entrave—Por *estorvo, obstaculo, embaraço, impedimento*, he gallicismo grosseiro e escusado.

Entrechocar-se *(S'entrechoquer)*—Diz-se de dous corpos que embatem hum no outro, *estando ambos em movimento* e *reciprocando o seu encontro*, ou choque. A sua significação não he identica com a do verbo *chocar*, e por isso nos parece necessario, alem de não desdizer da analogia.

Entrecortado *(Entre-coupé)*—Tambem não julgâmos alheia do nosso idioma a composição deste vocabulo,

visto termos *entrecosido, entresachado, entretecido, entrevisto*, &c.

Entrepreza, Entreprendre, &c. Veja-se *Interprender*.

Equipagem — Temos em portuguez a palavra *esquipar*, derivada da raiz *schiff (navio)*, que se conserva no allemão (d'onde o latim *scapha*, o portuguez *esquife*, isto he, *pequeno batel*, o belgico *schipper*, isto he, marinheiro, &c.), e com ella dizemos *esquipar a galé, a náo*, &c., por *metter-lhe a gente necessaria para a mareação*, e tambem *esquipar huma armada*, por *aprestal-a, apparelhal-a*, &c. Daqui derivâmos o substantivo *esquipação* para significarmos com elle *a gente e aprestos necessarios para marear o navio*. Hoje em lugar do vocabulo *esquipação* usâmos de *equipage* ou *equipagem*, tomado do francez *équipage*, e não só o empregâmos no mesmo sentido de *esquipação*, senão tambem o ampliâmos para significar, á maneira do francez, *todos os aprestos e preparos de hum exercito de terra*; e além disso, *todo o apparato de criados, carruagens, alfaias*, &c., que compõem o trem e comitiva de alguma pessoa, ou familia. Parece-nos adoptavel em todos estes sentidos, e hoje muito preferivel a *esquipação*, visto se ter feito tão vulgar o uso desta palavra no sentido de *extravagancia, singularidade* talvez *ridicula, modo de obrar, ou discorrer alheio do commum*, &c.

Erigir-se em juiz, em critico, &c. — He frase franceza. Em portuguez não temos achado o verbo *erigir* com significação reflexa, no sentido de *arrogar hum homem a si huma qualidade que lhe não compete*. Diremos antes *fazer-se juiz, constituir-se tal, arrogar essa auctoridade*, &c.

Escravizado — He vocabulo que vai sendo da moda até nos pulpitos, e que parece tomado do francez, tambem moderno, *esclavisé*. Em portuguez limpo dizemos, v. gr., homem *subjugado, captivado, avassallado, tyrannizado* das paixões, e não *escravizado*.

Espectador *(Spectateur)* — He conforme com a analogia e adoptado pelo longo uso. O mesmo dizemos de *espectavel* por cousa *digna de se ver,* cousa *muito para ver, illustre, notavel,* &c. Ambos tem origem na lingua latina.

Espião, Espionagem *(Espion, Espionnage)* — Nos auctores portuguezes de boa nota sómente achâmos *espia, explorador, espiar, explorar,* que dizem tanto como o francez *espion* e *espionner*. E se he necessario tambem hum nome para a arte, ou officio do *espia,* porque não diremos *espiagem,* seguindo a analogia da nossa lingua?

Espiritos fortes *(Esprits forts)* — Expressão ironica, adoptada na linguagem scientifica para significar os *incredulos,* os quaes em realidade blasonão de *espiritos fortes,* isto he, de serem superiores ao que elles chamão preoccupações vulgares, e de desprezarem a prudente temperança de huma razão verdadeiramente illustrada, que conhece e respeita os seus limites.

Espirituoso — He adoptado na linguagem chimica, mas applicado para significar o homem *vivo, esperto, engenhoso, agudo, perspicaz,* que *tem boa fantasia*, que he *discreto*, &c.; parece trazido immediatamente do francez, e tomado pelos Francezes do inglez *spirituous*. Têm boa origem e derivação, e he muito expressivo. O mesmo dizemos da palavra *espirito* por *viveza, vivacidade, engenho, penetração*, &c.

Esquecer alguem, ou alguma cousa—Esta significação *activa* do verbo *esquecer* he reprovada como gallicismo por hum critico moderno, o qual suppõe que em bom portuguez sómente se póde dizer *esqueci-me da lição*, ou *esqueceo-me a lição*, e não *esqueci a lição*. Mas o uso constante e frequentissimo dos classicos mostra o contrario. Ferreira, *Castro*, act. 4.º:

Aquelles matas tu sómente, ó morte,
Cujo nome *se esquece*...

Camões, 1.ª parte das *Rimas*, son. 22.º:

Antes *os esqueçaes*, que *vos esqueção*.

E na eclog. 3.ª:

Que já de mim *me esqueço* co'a a lembrança
Desta mudança, que *esquecer não sei*.

Fernão Alvares, *Lusitania transformada*, liv. 2.º, pag. 89, edição de 1607:

Os animaes nos montes,
Os passaros nos ramos, que florecem,
Os peixinhos nas fontes
Já pelo somno *esquecem*
O pasto, e repousados adormecem.

Gabriel Pereira, *Ulyssea*, cant. 3.º, est. 99.ª:

Que ainda *ha de esquecer* por Lusitania
Os abrazados muros de Dardania.

Arraes, Dial. 1.º, cap. 14.º: «Outros lugares curiosos de Galeno, minha fraca memoria *os tem esquecido*».

Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 6.º, cap. 1.º: «A gente de Vianna não podia *esquecer as obrigações*, em que estava ao Santo».

Lobo, *Côrte na aldeia,* pag. 101, edição de 1649: «Não tendes razão, quando vitupereis o seu officio, *esquecer a grandeza* das partes d'elle», &c.

Por occasião deste artigo não será inutil advertir aos nossos leitores, que muitos verbos ha na lingua portugueza, que sendo quasi sempre neutros, apparecem todavia com significação activa, e até reciproca, ou reflexa, nos bons escriptores nacionaes, e ao contrario verbos, que sendo activos, se encontrão tambem com significação neutra e intransitiva. De huma e outra classe apontaremos aqui alguns exemplos.

Conversar. Diz-se *conversar com alguem* e *conversar alguem.*

Entrar em algum lugar. — *Entrar huma cidade.* — *A peste os tinha entrado.* — Os Portuguezes *lhe entrárão o navio*, &c.

Acabar, isto he, *fazer fim.* — *Acabar alguma cousa,* isto he, *concluil-a, pôr-lhe termo* ou *remate.* — *Acabar alguma cousa com alguem,* isto he, fazer que *venha nisso,* que *a conceda,* &c.

Forrar despezas. — *Forrar-se alguem de palavras.* — *Acertar o alvo.* — *Acertar o encontro.* — *Acertar no alvo.* — *Acertar com a verdade.* — *Acertar com a morada de alguem.* — *Acertar de se encontrar com alguem.* — *Acertar-se de pelejar* duas vezes no dia, isto he, *acontecer assim,* &c.

Haver. Ha hum homem virtuoso. — *Ha dias* que succedeo o caso. — *Ha que merece tudo,* isto he, *julga, tem para si.* — *Houverão grande victoria* dos inimigos, isto he, *alcançarão-na.* — *Houve-se bem* no negocio, isto he, *portou-se. Ha de havel-o comigo.* — *Havia-o com homem executivo,* &c.

Repugnar a alguma cousa. — *Repugnar o officio.*

Assistir a huma funcção publica. — *Assistir o estado,* isto he, *auxilial-o, patrocinal-o.*

Desobedecer a Deus, e *desobedecel-o.*

Desmaiar, isto he, *desalentar.* — *Perder o animo.* — A carta de Vossa Senhoria *me desmaiou,* isto he, *me fez perder o animo.*

Duvidar. Os homens confessão o poder de Deos, e *duvidão-lhe da vontade...* e não falta *quem até o poder lhe duvide.* (Vieira.)

Resistir a alguem, ou *resistil-o,* &c.

Estar ao facto, Pôr-se ao facto *(Être au fait,* ou *Se mettre au fait)* — São puros gallicismos e querem dizer *estar no caso, estar sciente, entender, inteirar-se, informar-se, instruir-se,* &c.

Estar sobre as suas guardas, ou **Andar sobre,** &c. — Frase franceza contraria ao uso do nosso idioma. Quer dizer: *estar,* ou *andar de sobre aviso, com o olho sobre o hombro, álerta, andar sobre si, attentar por si, olhar por si,* &c.

Estudado — Por *affectado, contrafeito,* v. gr., *modos estudados, aceio estudado, estilo estudado,* parece-nos trazido do françez para a nossa lingua. Comtudo a metafora he boa e expressiva, e o termo tomado na sua significação natural he mui portuguez e classico. Temos de auctoridade mui respeitavel, que o adjectivo *estudado* se acha com a significação de *affectado* na *Doutrina do Infante D. Luiz,* por Lourenço de Caceres, onde se lê neste sentido, *estudada diligencia,* e que da mesma sorte se encontra em varios classicos. Nós não temos lição alguma daquella obra, e nos mais classicos sómente temos achado *estudado* por cousa *dita,* ou *feita com estudo, reflexão,*

com cuidado, e tambem *discurso estudado,* isto he, *ornado,* &c.

Etiqueta *(Étiquete)*—He vocabulo adoptado pelo uso geral. Veja-se Bluteau, no *Vocabulario,* Moraes, &c.

Evaporado—Tomado figuradamente para significar *homem evaporado, mancebo evaporado,* isto he, *homem leve, leviano, vão;* mancebo *inconsiderado, desattentado, de juizo leve e voluvel,* talvez *inconstante,* &c., parece gallicismo escusado na nossa linguagem.

Exactidão (do francez *Exactitude)*—D'antes diziamos *exacção,* que he mais classico e mais conforme com a analogia. Comtudo *exactidão* parece não desmerecer a preferencia, que hoje tem alcançado no uso vulgar, se quizermos evitar o encontro das differentes idéas, que offerece o vocabulo *exacção,* com o qual exprimimos a *cobrança,* ou *arrecadação de tributos,* e talvez o rigor das *cobranças fiscaes,* assim como aos encarregados destas chamâmos exactores.

Execução—He usual entre os Francezes dizerem, v. gr., *ces ouvrages étaient d'or, et il y avait des piéces d'une* exécution *et d'un travail fort recherché,* aonde a palavra *exécution* se não póde traduzir ao pé da letra, sem gallicismo. Em portuguez corrente dizemos peças *de hum lavor primoroso, delicado, exquisito; de rico e primoroso artificio;* peças *excellentemente obradas; mui bem obradas; trabalhadas com admiravel artificio; fabricadas com grande e primorosa arte; peças de raro lavor; de polido lavor; de obra rara e exquisita,* &c. No *Affonso Africano,* de

Mausinho, cant. 12.º, achâmos exprimida assim a mesma idéa:

> Vio pendurada uma lustrosa espada
> *Feitura, e obra de mão perfeita, e prima,*
> Segundo he rara aos olhos, e acabada.

E na *Malaca conquistada,* liv. 4.º, est. 16.ª:

> Em fim nesse que vês fatal escudo,
> *Obra de extrema mão,* sabio Vulcano,
> Está prognosticando o lavor mudo, &c.

Em est'outras frases francezas, v. gr., *homme de conseil et d'exécution; homme de peu d'exécution,* &c., deve entender-se *homem de conselho e efficacia; de conselho e valor; homem pouco efficaz, pouco activo,* &c.

Exigir *(Exiger)*—Por *demandar, pedir como divida, pedir com auctoridade,* &c.; diz Moraes no *Diccionario* que he termo moderno adoptado. Tem origem latina no verbo *exigere.*

Exportar, Exportação, &c.—São vocabulos adoptados na linguagem mercantil; tem boa origem, e são expressivos.

Extracção *(Extraction)*—Os que falão á franceza dizem hoje muito frequentemente *homem de baixa extracção,* por homem *de baixa origem, de humilde nascimento,* &c. He puro gallicismo, que se não deve tolerar. Os nossos classicos disserão sempre homem *de baixo sangue, de baixa sorte, de humilde, de obscuro nascimento, de baixa condição, de humilde geração, de escura linhagem,* &c.; e pelo contrario *homem bem nascido, de nobre sangue, de claro sangue, de clara estirpe, de boa*

linhagem, de bom nascimento, de muito sangue e qualidade, &c.

Extraviar, Extraviado Extravio *(Extravier,* &c.)— São vocabulos modernamente tomados do francez, mas tem boa origem e analogia, e em alguns casos parecem necessarios.

F

Faccionario, Faccioso *(Factionnaire, Factieux)*— Achâmos muitas vezes em Jacinto Freire, *Vida de D. João de Castro,* a palavra *facção* no sentido de *empreza militar, feito de armas notavel;* e huma unica vez a palavra *faccionario,* significando o mesmo que *parcial,* que he *de hum partido, de huma parcialidade, bandeado por alguem,* no liv. 2.°, § 19.°, aonde diz: «Assi ficarão acordados, que dentro de tres dias virião os Castelhanos metter-se dentro da nossa fortaleza de Ternarte, onde lhes darião embarcação para a India... e que el-Rei de Tidore, *seu faccionario,* ficaria em nossa graça». Neste mesmo sentido traz Moraes a palavra *faccionario* auctorizada com o *Tacito portuguez.* Porém não temos até agora achado em classico algum o adjectivo *faccionario,* nem o outro *faccioso,* no sentido que hoje commummente se lhes dá de *turbulento, sedicioso, dado a facções civis,* ou a *parcialidades que perturbão o Estado;* e com esta significação os julgâmos modernamente derivados do francez, ou inglez. Comtudo são de boa origem e bem derivados, e, ao nosso parecer, adoptaveis.

Fanatismo, Fanatico—Parecem tomados immediatamente do francez, mas tem origem grega; são adoptados nas linguas sabias, e são expressivos e necessarios.

Farpante ou **Frapante** *(Frappant)* — He gallicismo intoleravel, e todavia muito usado nas traducções modernas e na pratica familiar. *Hum facto, huma acção farpante,* quer dizer em bom portuguez *hum facto, huma acção notavel, admiravel, insigne, illustre, conspicua, abalizada, estremada,* &c. O adjectivo verbal *farpante* derivado não do francez *frapper,* mas do portuguez *farpar,* sómente o temos achado na *Arte de furtar,* cap. 17.°, aonde tem mui diversa significação do francez *frappant.*

Fatigante *(Fatigant)* — He muito menos reprehensivel que *farpante,* por haver em portuguez o verbo *fatigar,* d'onde naturalmente se póde derivar *fatigante.* Comtudo os nossos bons auctores nunca usarão deste adjectivo verbal, em lugar do qual dizem *molesto, incommodo, trabalhoso, afanoso,* ás vezes *importuno; fastidioso,* &c. He tambem frequente entre elles significarem o mesmo conceito pelo adjectivo *cansado,* dizendo, por exemplo, *cuidados cansados, lagrimas cansadas, jornada cansada,* em lugar de *cuidados fatigantes,* &c., seguindo nisto a analogia e uso elegante da nossa lingua, que frequentemente diz *enfermidades perseveradas, queixas sentidas, prantos magoados, entrada triunfada, homem lido, requerimentos longos e trabalhados,* &c.

Favorito *(Favori)* — Este vocabulo he hoje mui mimoso dos que se tem por polidos e discretos, e vistoque tem por si a auctoridade de Jorge Ferreira, na *Comedia Ulissipo* (Moraes no *Diccionario),* não o notaremos de gallicismo innovado: mas não he bem que nos esqueçamos absolutamente dos nossos bons vocabulos *privado, valido, favorecido, mimoso, aceito,* &c.

Fazer — Tem este verbo huma significação mui ampla

e generica, que se determina e limita pelo nomes, que se lhe ajuntão, e daqui vem as muitas e diversas applicações que tem na nossa lingua, as quaes sómente pela lição dos auctores classicos podem ser bem conhecidas. Entre as que não são muito vulgares, temos notado as seguintes:

Fazer amizades, isto he, *adquiril-as, grangeal-as*. (Feo, *Tratado das festas e vida dos santos*, 2.ª parte, pag. 254.)

Fazer amizades a alguem, isto he, *mercês e favores*. (Arraes, Dial. 4.º, cap. 29.º)

Fazer abalo, v. gr., hum edificio, isto he, ameaçar *ruina, estar para cahir*. (Heitor Pinto, *Imagem da vida christãa, Dialogo da vida solitaria*, cap. 3.º)

Fazer ausencia de algum lugar, isto he, *ausentar-se delle*. (Sá de Menezes, *Malaca conquistada*, liv. 3.º, est. 85.ª)

Fazer caminho, isto he, *andar*. (Bernardes, *Praticas e sermões*, pag. 395.)

Fazer o caminho, isto he, *concluil-o, acabar a jornada*. (Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 1.º, cap. 10.º)

Fazer o caminho por alguma parte, isto he, *dirigil-o por ahi, passar por esse sitio*. (Sousa, *Vida de Suso*, cap. 38.º)

Fazer caminho a alguma parte, isto he, *hir a essa parte, a esse sitio*. (Lobo, *Côrte na aldeia*, Dial. 16.º)

Fazer a causa de alguem, isto he, *advogal-a*. (Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 1.º, cap. 19.)

Fazer cobardia, isto he, *obrar cobardemente*. (Arraes, Dial. 10.º, cap. 72.º)

Fazer desprezos a alguem, isto he, *vilipendial-o, menoscabar essa pessoa*. (Vieira, Carta 84.ª do tom. 1.º)

Fazer erros, isto he, *commettel-os, cahir nelles*. (Arraes, Dial. 1.º, cap. 13.º; Jacinto Freire, *Vida de Castro*, liv. 2.º, § 5.º)

Fazer emenda, isto he, *resarcir o damno*. (Barros.)

Fazer espectaculo de alguma cousa a alguem, isto he, *dar-lhe esse espectaculo*. (Arraes, Dial. 6.º, cap. 14.º)

Fazer invejas a alguem com alguma cousa, isto he, *excitar-lhas, causar-lhas*. (Vieira, Carta 11.ª do tom. 3.º; D. Francisco Manuel, *Carta de guia*, pag. 111.)

Fazer informações de alguem, ou *de alguma cousa*, isto he, *tomal-as, informar-se* dessa cousa, ou pessoa. (Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 1.º, cap. 11.º)

Fazer justiça, isto he, *administral-a*. (Jacinto Freire, *Vida de Castro*, liv. 2.º, § 5.º)

Fazer razão e justiça a todos igualmente, isto he, *governar bem*. Optima divisa de hum bom Principe! (Trancoso.)

Fazer lembrança de alguma cousa, isto he, *assental-a em memoria*. (Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 4.º, cap. 21.º)

Fazer lembranças a alguem de alguma cousa, isto he, *excitar-lhas, recommendar-lhe* essa pessoa, ou cousa. (Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 1.º, cap. 3.º, e liv. 2.º, cap. 23.º; Jacinto Freire, *Vida de Castro*, liv. 4.º, § 56.º)

Fazer jogo de alguma cousa, isto he, *fazer dessa cousa motivo de brinco, de zombaria*. (Vieira, Carta 78.ª do tom. 3.º)

Fazer mantimentos, isto he, *preparal-os, têl-os promptos*. (Vieira, Carta 11.ª do tom. 1.º)

Fazer noite em alguma parte, isto he, *pernoitar ahi*. (Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 2.º, cap. 3.º)

Fazer obediencia a alguem, isto he, *render-lha, significar-lha*. (Barros, Dec. 3.ª, liv. 6.º, cap. 1.º)

Fazer as partes de alguem, isto he, *advogar por elle*. (Vieira, *Sermões*, tom. 15.º, pag. 211.)

Fazer satisfação por alguma cousa, isto he, *pagar a pena*, que por ella se devia. (Arraes, Dial. 8.º, cap. 21.º)

Fazer saudades por alguem, isto he, *mostral-as.* (Sousa, *Vida do Arcebispo,* liv. 2.º, cap. 1.º)

Fazer obra, ou *começar a fazer obra,* isto he, começar a *trabalhar.* (Sousa, *Vida do Arcebispo,* liv. 2.º, cap. 9.º)

Fazer sentimento por alguem, isto he, *mostral-o.* (Côrte Real, *Segundo cerco de Diu.)*

Fazer serviço de alguma cousa a alguem, isto he, *offerecel-a de presente.* (Arraes, Dial. 4.º, cap. 14.º)

Fazer significação de alguma cousa, isto he, *dar mostras della.* (Arraes, Dial. 1.º, cap. 16.º)

Fazer provas de alguma virtude ou vicio, isto he, *mostrar que tem essa virtude ou vicio, dar provas disso.* (Gabriel de Castro, *Ulissea,* cant. 8.º, est. 111.ª)

Fazer rosto ao inimigo, isto he, *resistil-o.* (Jacinto Freire, *Vida de Castro,* liv. 4.º, § 18.º)

Fazer toque de alguem, isto he, *avaliar os quilates do seu merecimento.* Optima expressão de Heitor Pinto, na *Imagem da vida christãa, Dialogo da religião,* cap. 5.º, aonde diz: «Se os Principes *fizessem toque* dos homens, e quantos quilates cada hum tivesse de merecimentos, tantos lhe dessem de galardão», &c.

Fazer vingança, isto he, *tomal-a.* (Ferreira, Egloga 10.ª)

Fazer vituperios, e torpezas contra alguem, ou *contra alguma cousa,* isto he, *vituperal-a, tratal-a com vituperio.* (Arraes, Dial. 3.º, cap. 3.º)

Usão tambem os nossos classicos do verbo *fazer* em hum sentido absoluto, e não pouco elegante e expressivo, que talvez pareceria gallicismo aos menos advertidos. V. gr., Barros, Dec. 3.ª, liv. 5.º, cap. 9.º: «Aos quaes elle respondia, que o *deixassem fazer,* que elle o entendia mui bem». Vieira, Carta 13.ª do tom. 3.º: «Torno a pedir a Vossa Excellencia que *deixemos fazer a Deos;* porque importa muito para a satisfação do animo

conhecer a sua vontade pelas suas disposições», &c. O mesmo podemos dizer do uso duplicado do verbo *fazer* nesta frase de Heitor Pinto, *Imagem da vida christãa, Dialogo da verdadeira amizade*, cap. 19.º: «Fogos, que *fez fazer* na cidade», &c. Não obstante porém ser o uso deste verbo tão vario, que se não póde sem grande circumspecção ajuizar da pureza das frases, ou expressões, em que elle entra, temos comtudo por gallicismos algumas dellas, que com muita frequencia se encontrão nos nossos livros modernos, das quaes apontaremos para exemplo as que nos forem lembrando.

Fazer o importante, isto he, *fazer-se homem de importancia, de conta, de supposição; affectar de homem de porte, de valia; vender-se por homem de grande tomo*, &c.

Fazer o impertinente. Obrar, portar-se como tal, ser importuno, &c.

Este palacio fazia as minhas delicias, isto he, era *as minhas delicias, nelle punha todo o meu prazer, nelle me deliciava*.

Fazeis-me hum crime da minha prudencia, isto he, *attribuis a crime*, ou *culpais de criminosa*, ou *criminais a minha prudencia*, &c.

Mancebos libertinos, que se fazem huma honra de infringir as leis, isto he, que *se honrão de transgredil-as*, que *se prezão disso*, que põem nisso *a sua honra*, &c.

A religião nos faz hum dever de amar a patria, isto he, *nos impõe o dever, nos obriga*, &c.

Os vicios são os que fazem a lei neste seculo desgraçado, isto he, os *que dão a lei*, os que *regem este seculo*, &c.

Em verdade elle se tinha feito huma lei de preferir, &c., isto he, *se havia imposto a lei*, &c.

Tu te fazias hum dever, hum prazer de obedecer a to-

dos os teus caprichos, isto he, *tu te impunhas o dever, te comprazias, punhas o teu prazer em obedecer,* &c., *o teu prazer era obedecer,* &c.

O toucador não fará a vossa principal obrigação, isto he, *não será... não fareis consistir nisso a vossa... não o olhareis como vossa principal obrigação;* &c.

Esta verdade faz a base do meu systema, isto he, *he a base, o fundamento,* ou *sobre esta verdade assenta o meu systema,* &c.

Esta acção faz a vossa gloria, isto he, *vos dá grande gloria, vos he gloriosa, della depende a vossa gloria, nella consiste a vossa gloria.*

Isto fará o assumpto, o objecto do meu discurso, isto he, *este será o assumpto,* &c.

Fazemo-nos hum dever de publicar, isto he, *julgâmos do nosso dever, havemo-nos por obrigados,* &c.

Fazer o personagem de hum pai, &c., isto he, *fazer o papel de... representar de...* ou *como pai,* &c.

Felicitar, Felicitação—O verbo *felicitar* com a significação de *dar parabens,* diz Bluteau que he tomado do francez *féliciter,* e que *começava de ser usado no seu tempo em Portugal,* e cita em abono delle huma *Gazeta de Lisboa* de 1722. O substantivo *felicitações* começou a introduzir-se depois em lugar de *parabens, emboras, congratulações,* &c. Este segundo não o julgâmos necessario, nem melhor que as palavras portuguezas correspondentes, aindaque tenha derivação regular.

Fereza—Por *ferocidade, crueza,* he muito usado dos nossos classicos; mas por *altiveza* e *orgulho,* duvidâmos que tenha igual auctoridade.

Filanthropo, Filanthropia, Filanthropico, ou

Filanthropo, &c.—São vocabulos de origem grega, que provavelmente nos vierão pela lição dos livros francezes, e tem seu lugar na linguagem dos doutos. Significão *filanthropo* o *amigo dos homens,* ou *do genero humano; filanthropia,* o *amor do genero humano,* ou *a qualidade* que nos faz *amigos do genero humano;* e *filanthropico,* o que pertence a esta qualidade, ou della resulta; v. gr., *affectos filanthropicos, acções filanthropicas,* &c.

Filha *(Fille)*—Em lugar de *moça, rapariga, donzella,* &c., he erro de traducção; porque a palavra *filha* não tem em portuguez significação tão extensa como em francez.

Finanças—Diz-se hoje mui vulgarmente por *fazenda real, rendas publicas, rendas do estado, erario, thesouro do Principe, fisco,* &c., e *sciencia das finanças* por *sciencia fiscal,* isto he, a que estabelece e ensina os principios deste ramo do governo do Estado. (Veja-se Bluteau no *Supplemento* ao *Vocabulario,* aonde sómente julga licito usar deste vocabulo, quando se fala da *fazenda real* de França.) Nós não o temos por necessario.

Formalisar-se *(Se formaliser)*—Por *offender-se, escandalisar-se, picar-se, mostrar-se picado* de algum dito, ou facto, parece gallicismo desnecessario. Comtudo não duvidâmos que seja conveniente o seu uso, quando quizermos determinadamente expressar a *demonstração externa da pessoa offendida,* que por escandalisada e picada, deixa as *fórmas familiares,* com que nos tractava, para tomar outras mais serias, sizudas e graves. Da mesma sorte será expressivo e conveniente este vocabulo, quando falarmos do *homem publico,*

que nos actos do seu officio *toma as fórmas,* e o ar serio da sua auctoridade, deixado o tom e modos familiares, que em outras circumstancias lhe não são estranhados.

Formato *(Format)*—Não sabemos a razão por que tão vulgarmente se tem adoptado este vocabulo para significar a *fórma,* ou a *grandeza do papel,* em que está escripta, ou impressa qualquer obra. Em portuguez legitimo dizemos livro manuscripto, ou impresso *em folha, em quarto, em fórma de quarto, de oitavo,* &c. Vieira, Carta 64.ª do tom. 1.º: «Nem se póde fazer o preço, sem se saber a qualidade da letra, e o numero dos volumes, e se hão de ter margem, ou não, e se hão de ser em quarto, ou *n'outra fórma.*

Formigar—He tomado do francez *fourmiller,* e nos parece desnecessario, maiormente por causa da *homonymia,* vistoque *formigar* tem sua significação propria em portuguez. Esta frase, por exemplo, *dormitações, que* formigão *em Homero,* póde corrigir-se dizendo *que abundão,* ou *em que Homero abunda,* ou melhor, *descuidos frequentissimos em Homero,* &c.

Frapante—Veja-se *Farpante.*

Frivolidade *(Frivolité)*—Diz o mesmo que o termo plebeo *frioleira,* e em linguagem mais polida *futilidade, ninharia, ridicularia, cousa vãa e frivola,* &c. Alguns modernos dizem *frivoleza,* e porventura com melhor derivação e analogia: porque quando estes nomes abstractos não são derivados de outros latinos, que tenhão o nominativo em *itas,* e o genitivo em *itatis,* como *castitas, humanitas,* &c., parece que o portuguez prefere terminal-os antes em *eza,* do que em *ade;* e ainda mui-

tos dos que tem aquella derivação latina, tomão em portuguez a terminação em *eza*.

Assim, v. gr., derivâmos:

Do latim *austeritas*	*austeridade*, ou	*austereza*
simplicitas	*simplicidade*	*simpleza*
rusticitas	*rusticidade*	*rustiqueza*
raritas	*raridade*	*rareza*
nobilitas	*nobreza*	
firmitas	*firmeza*	
levitas	*leveza*, &c.	

E nos abstractos, que não são trazidos do latim, preferimos commummente a terminação em *eza*, dizendo, v. gr.:

De *curto*	*curteza*	De *rico*	*riqueza*
altivo	*altiveza*	*bruto*	*bruteza*
barato	*barateza*	*ligeiro*	*ligeireza*
estranho	*estranheza*	*escaço*	*escaceza*, &c.

Fugitivo — Diz-se hoje á maneira dos Francezes *poesias fugitivas*, *obras fugitivas*, &c. Na *Observação do Conde da Ericeira sobre o n.º 64 da Bibliotheca Sousa*, que vem na *Collecção dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza*, do anno de 1735, diz aquelle douto fidalgo: «Com o titulo de *Bibliotheca volante*, procurou huma Collecção de Italia conservar as *obras miudas*, a que os Francezes chamão *fugitivas*», &c.

Funccionario — He vocabulo modernamente tomado do francez para significar em geral qualquer pessoa que tem *officio*, *emprego*, ou *ministerio publico*, a que os nossos chamão tambem em geral *ministros*, *officiaes da republica*, &c. Tem boa origem e derivação, e não desdiz da analogia.

Fundo—Em sentido figurado tomâmos esta palavra pelo mais *difficil, obscuro,* ou *occulto* de alguma questão, ou negocio, e dizemos em bom portuguez, v. gr., *sondar* o fundo *da questão, achar* o fundo *a alguma materia, ver* o fundo *ás mentiras do mundo, entrar no fundo do negocio,* &c. Mas parece-nos gallicismo dizer *esta proposição* no fundo *he verdadeira,* isto he, *na substancia, no essencial, no principal. Estes dous historiadores concordão* no fundo *da historia,* isto he, *no essencial, no substancial,* &c. Est'outra frase franceza, v. gr., *son mari dans le fond ne pouvait se persuader qu'elle lui fut infidelle,* quer dizer, seu marido não podia *em realidade* persuadir-se, &c.

Fuzil—Por *espingarda,* e *fuzilar* por *espingardear* são tomados do francez sem necessidade alguma. E como *fuzil* e *fuzilar* tem na nossa linguagem suas significações proprias, parece que se deve evitar a *homonymia,* e o equivoco que della resulta.

G

Galimatiás—He palavras puramente franceza, que sem razão querem alguns trazer á nossa lingua. Em portuguez corresponde-lhe exactamente o vocabulo *palavrorio,* ou *palanfrorio,* que em latim se exprime por *inanis verborum sonitus; canorae nugae; voces inopes rerum,* &c. Tem differença do francez *jargon,* que exprimimos por *algaravia, inglesia,* &c.

Garantir, Garante, Garantido, Garantia *(Garantir, garant,* &c.)—O verbo *garantir* vem auctorisado no *Diccionario* de Moraes com o *Tratado* impresso em 1713, e tanto elle, como os seus derivados, parece esta-

rem hoje adoptados na linguagem diplomatica. Mas temos por abuso ampliar a sua applicação a outros quaesquer assumptos, e muito mais dizer, como achâmos impresso, que só esta sciencia (a mathematica) he capaz de *garantir-nos* de illusões e escuridades. (Veja-se Bluteau no *Supplemento.)*

Genio — Ha muito tempo que em bom portuguez dizemos *ter bom, ou mau genio, ter genio manso, docil, ardente, impetuoso,* &c., significando assim *o caracter moral* de alguem. Dizemos tambem *ter genio para a poesia, para a pintura, para a eloquencia,* &c., isto he, *ter aptidão, capacidade, talento, disposição natural, propensão* para essas artes, &c. E dizemos finalmente *genio* por *espirito,* ou *quasi deidade* (segundo a frase gentilica) *que influe nos homens, e lhes assiste,* e neste sentido disse Ferreira, na *Castro,* act. 1.º:

> Ou quando minha estrella, e cruel *genio*
> Te poder arrancar desta alma minha.

He porém novo no nosso idioma, e derivado dos modernos livros francezes, tomar a palavra *genio* n'hum sentido absoluto e indeterminado, como quando dizemos: *he homem de genio; as obras deste grande genio; foi hum genio em poesia,* &c. O eruditissimo La Harpe diz que as palavras *genio* e *gosto,* tomadas neste sentido absoluto, são peculiares da lingua franceza, e nella mesma *de uso moderno.* Entre nós se achão adoptadas na linguagem da litteratura, e parecem de indispensavel necessidade: mas cumpre que se lhes dê huma significação fixa e determinada, e tal que remova de huma vez todo o equivoco, e ponha termo ás questões que tem havido entre os doutos, por não conformarem na verdadeira noção deste vocabulo. Não julgâmos da nossa competencia prevenir a

este respeito o juizo dos sabios; mas seguindo as judiciosas reflexões do mesmo La Harpe *(Cours de littérature, Introduction)*, entendemos que *genio*, na accepção de que aqui se tracta, quer dizer *huma grande superioridade de talento* para qualquer arte, ou sciencia, ou *homem que gozou essa superioridade;* e neste ultimo sentido se diz, v. gr., *Newton foi hum genio em mathematica; Camões foi hum genio em poesia*, &c.

Gentes—Acha-se a cada passo nas traducções modernas: *as gentes de bem, as gentes frivolas, as gentes honestas, as gentes sensatas, a gente de letras*, &c. São outros tantos gallicismos, que em bom portuguez valem o mesmo que *os homens honrados, os homens sensatos, os homens frivolos, os homens de letras*, &c. Hum folheto, ha pouco impresso, dizia ainda mais ridiculamente: nove milhões *de gentes* lhe sahirião ao encontro; nem vinte e cinco milhões *de gentes* se aniquilão, &c. Parece que o auctor tinha receio de chamar *homens* aos homens! Não devemos porém occultar aqui que algumas raras vezes se acha nos nossos bons escriptores a palavra *gente* e *gentes*, em sentido analogo ao de que aqui tractâmos, v. gr., na *Vida do Arcebispo*, liv. 2.°, cap. 1.°: «Os mais companheiros erão hum capellão, e *gente de serviço*, seculares cinco ou seis». E no liv. 2.°, cap. 26.°: «E aindaque se assombrava com se ver buscado e estimado *das gentes*, que já lhe parecia genero de vaidade e tentação», &c. Na *Carta de guia de casados*, fol. 90 verso: «Arrebatão sem alguma prudencia os animos singelos e piedosos das senhoras, *e gentes principaes*», &c.

Golpe de vista, Golpe de olho—São as expressões, com que frequentemente achâmos traduzido o francez *coup d'œil*, e com que os desdenhosos da linguagem patria enfeitão seus discursos e composições. Mas

errão contra o genio da nossa lingua, e contra o seu uso. Vejamos de que maneira se explicavão os nossos bons portuguezes. Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 4.º, cap. 30.º:

«As cousas do mundo não são dignas nem de hum *emprego de olhos*, quanto mais da affeição da alma.»

Bernardes, *Sermões e praticas*, pag. 178:

«Servirá de espelho, que *de huma só vista* diga mudamente as faltas de todos.»

E a pag. 338:

«Diz Deos, que a alma santa o rendeo com huma *vista de olhos*... com hum só *voltar de olhos*.

Miscellanea de Miguel Leitão, pag. 358:

«Vêde como está minha vida no *volver desses olhos*.»

Camões, *Lusiadas*, cant. 3.º, est. 143.ª:

> Quem vio hum *olhar* seguro, hum gesto brando.

E nas *Rimas*, part. 1.ª, son. 35.º:

> Hum *mover de olhos* brando e piedoso

E eglog. 8.ª:

> Huma só *volta de olhos* descuidada.

Mousinho, *Affonso Africano*, cant. 6.º:

> Quem póde resistir a hum *doce e brando*
> *Quebrar de olhos*, que as almas vai roubando?

E entre os modernos Filinto Elysio, tom. 2.º de seus *Versos*:

> Mas que he o ouro, e a vida,
> A quem perde hum *mimoso olhar* de Marcia?

Bocage, *Cantata 1.ª á Immaculada Conceição de Nossa Senhora:*

> Ah! de teus olhos hum *volver piedoso*
> Desarme, ó Virgem bella, o justiçoso
> Ente immortal, que os improbos fulmina, &c.

Quando os Francezes dizem, v. gr., *este lugar offerece ao observador o mais bello* (coup-d'œil) *golpe de vista;* deve traduzir-se *a mais bella perspectiva,* ou *o mais bello painel,* como se explica Vieira, *Relação da missão de Ibiapaba,* § 8.º: «Mas depois que se chega ao alto das serras, pagão bem o trabalho da subida, mostrando aos olhos hum dos mais *formosos paineis,* que porventura ajuntou a natureza». E quando finalmente no titulo de algumas obras dizem, por exemplo, *coup-d'œil sur l'état actuel d'Europe,* devemos traduzir *vista do estado actual,* &c., bem como traduzem os Inglezes: *a view of the state,* &c., ou se quizermos mais á letra: *lanço de vista,* ou tambem *revista sobre o estado,* &c.

Gosto — O termo *gosto* (diz Dias Gomes, *Obras poeticas,* nota 20.ª á elegia): «No mesmo significado, em que o tomão os Francezes, já o vemos tão introduzido ha mais de trinta annos em Portugal, que se deve reputar proprio do idioma, no sentido de *bom gosto:* de modo que quer se diga *gosto,* quer *bom gosto* em artes, tudo he o mesmo; nem se duvida da identidade dos significados, que neste sentido não requerem modificação. (Veja-se o que dissemos da palavra *Genio.)*

Governante *(Gouvernante)*—Por *aia, ama,* ou *mestra,* he francezismo escusado.

Grande caminho — Assim traduzem alguns erra-

damente o francez *grand chemin,* ou *grande route,* que quer dizer *estrada real,* ou *caminho real.*

Grande mundo — He hoje expressão da moda tomada do francez *le grand monde,* para significar *a gente mais abalizada, a gente principal do reino, a côrte,* e tambem *toda a sorte de gente,* ou *gente de todos os estados e caracteres.* V. gr., he *hum homem que tem conversado o grande mundo,* isto he, que *tem tractado com muita gente abalizada, com a gente principal, com gente de todas as classes e condições,* &c.

Grimaças — He puro francez, pelo qual dizemos *tregeitos, momos, gestos ridiculos e affectados,* e em frase da plebe *gatimanhos.*

Grupo *(Groupe)* — He vocabulo das artes de *pintura* e *esculptura,* e significa *numero de figuras juntas e apinhoadas com arte.* Parece necessario, e he auctorisado pelo uso dos artistas. Em outros casos dizemos *magote,* e talvez *turma.*

Guardar o leito *(Garder le lit)* — He expressão franceza, que em bom portuguez quer dizer *estar de cama,* ou *em cama,* por molestia.

H

Homenagem — A expressão *render homenagem* tem no idioma portuguez seu proprio significado, e quer dizer: *fazer preito,* ou *dar juramento de fidelidade ao Soberano,* quando delle se recebe alguma praça, governo, terras, ou feudo. Os Francezes estendêrão esta significação primaria, dizendo figuradamente *rendre ses homma-*

gês à quelqu'un, isto he, *acatar, reverenciar, respeitar, venerar alguem*, ou *render culto, obsequio, dar veneração, fazer acatamento*, &c. Daqui o tem tomado os nossos modernos traductores com a mesma significação, que não reprovâmos, com tanto que se empregue moderadamente e sem affectação. Garção diz no mesmo sentido em huma de suas odes:

Mil garridas, mil candidas Licoris
Vencedor me jurárão, me *renderão*
Do riso, do prazer no Capitolio
Humilde *vassallagem*.

E já Fernão Alvares, na *Lusitania transformada*, liv. 2.°, pag. 153 verso, da edição de 1607, disse:

Troca nesta tristissima viagem
Com morte a vida, que em tormentos passa,
O triste que lhe *deo d'alma homenagem*.

Horda *(Horde)* — Já vem em Bluteau, no *Supplemento*, aonde o auctorisa com huma *Gazeta de Lisboa* do anno de 1726. Diz-se propriamente das *catervas*, ou *bandos de povos errantes, que não tem domicilio certo*.

Hum — Este vocabulo, alem da significação que tem como *numeral*, póde em alguns casos haver-se como huma especie de *artigo*, ou *adjectivo articular*, que determina a significação dos nomes a que se ajunta, restringindo a indefinida extensão das idéas, que elles exprimem. Assim quando dizemos, por exemplo, *Julio Cesar foi* hum *Principe tão insigne nas letras, como nas armas*, aquelle *hum* não he, nem póde ser *numeral*, mas sim *artigo* que limita a extensão da idéa significada pela palavra *Principe*. Os Francezes tem, como nós, este

uso, e dizem tambem, v. gr., *Pierre est* un *homme de probité*, &c.; mas amplião-no muito mais, e empregão a mesma palavra com frequencia, e em certas circumstancias, em que a nossa linguagem a recusa. Devemos pois reflectir na pratica dos bons classicos, e não nos desviarmos sem necessidade do caminho que elles seguírão. Observando esta regra geral, veremos que ha de algum modo gallicismo nas seguintes frases:

Passa o auctor a falar de huma outra *profecia*, isto he, *de outra profecia.*

Qualquer que seja a vossa natureza, vós deveis viver huma outra *vida, falar* huma outra *linguagem, e ter outras idéas;* quer dizer *viver outra vida, falar outra linguagem*, &c.

Nem nos demove do nosso parecer o exemplo de Rui de Pina no prologo da *Chronica de el-Rei D. Duarte*, aonde diz: «Nos acharmos logo outros, e sentirmos em nós *hum outro* singular melhoramento». E pouco depois: «Ainda por *huma outra* especialidade de obrigatorios exemplos». Porque alem de estarmos persuadidos, que nem tudo quanto vem nos classicos he para se imitar, maiormente no que respeita á syntaxe, e organisação da frase e discurso; he tambem certo que aquellas palavras *hum outro, huma outra* envolvem huma especie de redundancia, que o uso presente da lingua portugueza tem rejeitado, por onde indicarião hoje affectação, e darião ao discurso aquelle ar francez, que sobre tudo se deve evitar. Não menos julgâmos reprehensivel a viciosa e tambem affectada repetição do vocabulo articular *hum* no seguinte periodo, e em outros semelhantes, que a cada passo se encontrão traduzidos muito á letra do francez.

Póde qualquer chegar a ser hum *grande homem, sem ser dotado de* hum *espirito, e de* hum *genio superior, com*

tanto que tenha valor, hum *juizo são, e* huma *cabeça bem organisada.*

Que em melhor portuguez quer dizer:

Póde qualquer chegar a ser grande homem, sem ser dotado de hum *espirito e genio superior, com tanto que tenha valor, juizo são e boa cabeça, &c.*

Tambem nos parece que se deve evitar, quanto possivel for, o ajuntamento do articular *hum* com as palavras *muito, mais, maior, &c.*, v. gr., *hum muito mau coração, hum maior abuso, huma mais certa esperança, &c.*, e isto por causa do mau soido que fazem semelhantes expressões, &c. Ultimamente advertimos que os nossos classicos usárão não raras vezes do articular *hum* acompanhado do artigo simples e definido, v. gr., Heitor Pinto, *Imagem da vida christãa, Dialogo da verdadeira amizade,* cap. 19.º: «Claro está quam mais utiles e excellentes são *os huns* que *os outros*». Duarte de Rezende, *Dialogo, Lelio* ou *Amicitia,* de M. T. Cicero, edição de 1531: «Haverá *o hum* do outro vergonha», &c. Mas este uso acha-se com mui justa razão antiquado, porque a propria natureza dos dous vocabulos o repugna.

Humiliante, ou **Humilhante** *(Humiliant)*—Tem boa derivação e analogia, e parece necessario ao nosso idioma.

Humor—Significa no sentido figurado *boa ou má disposição do animo causada dos humores, que constituem o temperamento, e influem nos costumes do homem, e no seu modo de obrar.* (Bluteau.) Entre nós he indifferente para significar *bom* ou *mau humor,* e sempre se lhe ajunta algum adjectivo, que determine a sua significação, v. gr., *bom, mau, alegre, festivo, jovial, aspero, sombrio, &c.* Pelo que nos parece gallicismo reprehensivel empregal-o em sentido absoluto, como nas seguintes

frases: *obrar por capricho e por humor; não são supposições dictadas pelo humor; obra da singularidade e do humor*. Muito menos se póde tolerar no sentido de *enfadamento, agastamento*, como, v. gr., nesta frase *il témoignait beaucoup d'humeur de l'absence de son fils*, que em portuguez corrente se deve traduzir: *elle se mostrava muito* enfadado, *ou* agastado, *ou mostrava grande* enfadamento *pela ausencia*, &c.

I

Imbecil, Imbecille, Embecil — De todos estes modos temos achado trasladado o francez *imbécile* entendido como substantivo, ao qual em portuguez corrente, e de bom cunho correspondem as palavras portuguezas *fatuo, nescio, sandeu, péco, insensato, parvo, tonto, desasizado*, &c. Devemos porém advertir, que achâmos este adjectivo usado na sua natural significação derivado do latim, em Arraes, Dial. 10.º, cap. 2.º: «Porque me deixastes em minhas fracas forças humanas, que são *imbecilles* e fracas?» E na traducção do livro *De Senectute de Cicero*, por Damião de Goes, ms. fol. mihi 24: «Cyro, segundo escreve Xenophonte, dixe morrendo já muim velho, que nunca sentira a velhice mais fraqua nem *imbecil* que a mocidade».

Imbecilidade — Temos em portuguez *imbecilidade* por *falta de forças, fraqueza de corpo*, ou *animo;* mas em lugar de *tolices, sandices, parvoices*, &c., parece-nos gallicismo desnecessario.

Immediações — He vocabulo novo em portuguez e derivado do francez tambem novo *immédiations*. Significa o mesmo que *visinhanças, arredores*, ou *orredores*,

contornos, circumvisinhanças de algum lugar. Não vemos razão por que seja necessario adoptar-se.

Immoral, Immoralidade — Aindaque nos hajão vindo immediatamente do francez *immoral* e *immoralité*, comtudo são necessarios, não encontrão a analogia, e são derivados de *moral* e *moralidade*, que sem duvida nos pertencem e nos vierão do latim.

Imperissivel *(Impérissable)* — He gallicissimo grosseiro e inadoptavel. Em portuguez dizemos cousa *não perecedeira, immortal, perpetua, perduravel, interminavel, sempiterna, que sempre dura, indestructivel,* &c.

Impetuosidade — He tomado do francez *impétuosité*, e parece necessario para exprimir a *qualidade de impetuoso*, que se não exprime por *impeto*.

Impôr *(Imposer)* — Este vocabulo tem na lingua portugueza suas significações bem sabidas; mas no sentido de *enganar, illudir, seduzir* com impostura, parece gallicismo de que não carecemos. As frases francezes em que elle figura podem traspassar-se de differentes maneiras, conforme o pedirem as circumstancias. V. gr., *o aspecto deste homem* impõe, isto he, *engana, illude. Os exteriores apparatosos* impõe *á multidão*, isto he, *mettem respeito, infundem respeito á multidão. As tropas já não* impunhão *ao povo*, isto he, *já o não continhão*, já lhe *não mettião respeito*, ou *medo. Pretendeis com paralogismos* impôr *á multidão*, isto he, *seduzil-a embail-a. Soube* impôr ao povo *com falsos milagres*, isto he, *embair o povo*, &c. Parece-nos que o termo mais proprio correspondente ao francez *imposer* neste sentido he o verbo *embair*, cuja significação he *enganar com imposturas, embellecar, induzir em erro com boas apparencias*, &c. Arraes, Dial. 3.°,

cap. 34: «Os Judeus ousão dizer de Christo que foi blasfemo e *embaidor*». E no Dial. 7.º, cap. 20.º: «Até chamarem ao Senhor Jesus *embaidor*». A palavra grega *planos* não significa enganador de qualquer maneira, se não de hum certo genero, que professa enganar e *embair*, &c.

Importação, Importado — São adoptados na linguagem mercantil, e tem bom fundamento na primaria significação do verbo *importar*, isto he, *trazer para dentro.*

Impotente — He vocabulo portuguez com que significâmos *o que não póde gerar*, que *he incapaz para a geração*. Paixões *impotentes* por *desordenadas* he gallicismo, ou talvez inglezismo, de que não necessitâmos, e que não condiz com a primaria significação de *impotente. Esforços impotentes, meios impotentes* para alcançar qualquer fim, he bom e póde adoptar-se, com tanto que se evite o perigo de excitar huma idéa accessoria torpe e indecente.

Impraticavel — Hum critico moderno reprova como franceza a expressão *mar impraticavel*, mas Bluteau traz, no seu *Vobabulario, caminhos impraticaveis*, e Rui de Pina já disse na *Chronica de D. João II*, cap. 82.º: «Não houve Provincia de Christãos e infieis, amigos, e imigos de nós sabida e *praticada*, em que», &c. Tambem dizemos *mar intractavel, caminhos intractaveis, mar innavegavel*, &c.

Inabalavel — Parece-nos tomado pelos nossos modernos escriptores do francez *inébranlable*, e somos de parecer que he innovação escusada no nosso idioma, aonde temos *immovel, firme, estavel*, talvez *constante, im*-

mudavel, invariavel, &c. Camões usa de *immoto* no mesmo sentido nas *Rimas:*

Aquelle gesto *immoto* e repousado.

E nos *Lusiadas,* cant. 2.º, est. 28.ª:

Mas por não darem no penedo *immoto*
Onde percão a vida doce e cara.

No sentido figurado podemos variar a expressão, dizendo com os classicos: animo *inteiro e inflexivel,* constancia e fortaleza *invencivel,* leis *immudaveis,* virtude *firme e inexpugnavel,* verdade *inconcussa,* constancia *incontrastavel,* &c. Confessâmos todavia que Bluteau já traz o adjectivo *inabalavel* no *Supplemento,* auctorisando-o com a *Gazeta de Lisboa* de 24 de Janeiro de 1726.

Inacção — «He palavra (diz Bluteau no *Vocabulario)* tomada do francez *inaction.* Tenho ouvido alguns Portuguezes cultos usar della. Vale o mesmo que *cessação de obrar,* e ás vezes *ocio, negligencia* ». Hoje he adoptada, e auctorisada.

Incalculavel — He tomado do francez, mas tem boa origem e derivação, e parece conveniente adoptar-se. Significa *cousa que se não póde reduzir a calculo;* que *se não póde contar nem avaliar, innumeravel, sem conto,* &c., e no figurado cousa *imponderavel, inestimavel,* &c.

Incessantemente — Significa o mesmo que *continuadamente, sem descontinuar, sem cessar, sem se interromper,* &c. Mas quando se toma por *logo, sem demora, daqui a pouco, dentro de pouco tempo,* &c., he galli-

cismo, e seria erro dizer *marcharei incessantemente a Lisboa; verei o meu amigo incessantemente*, &c.

Inconcebivel *(Inconcevable)* — Temos visto muitas vezes empregado este vocabulo em papeis impressos, e por pessoas aliás doutas. Em melhor portuguez diremos *incomprehensivel, inintelligivel* e ás vezes *imponderavel*. Mas se se julgar necessaria a innovação deste vocabulo, deverá então dizer-se *inconceptivel* e não *inconcebivel;* porque este ultimo, alem de ter má pronunciação, he derivado contra a analogia da lingua portugueza, que forma, á maneira da latina, *imperceptivel, susceptivel, admissivel*, &c., e não *impercebivel, suscepivel* ou *suscebivel, admittivel*, &c.

Incontestavel, Incontestavelmente — «He tomado (diz Bluteau no *Supplemento)* do francez *incontestable*, que vale o mesmo que cousa indubitavel, sobre a qual he inutil contender». E ahi mesmo auctorisa o adverbio *incontestavelmente* com o *Tratado de paz* de 1713. Hum e outro tem boa origem e analogia.

Indemnizar, Indemnização, Indemnidade — Parecem trazidos immediatamente do francez e de novo introduzidos na nossa lingua, aonde temos os correspondentes *compensar, resarcir, reparar o damno*, &c., mas tem origem no latim; são adoptados pelo uso geral, e já forão usados nas Leis do Senhor D. José I.

Indolencia — «Até agora (diz Bluteau no *Supplemento)* não achei esta palavra em auctor Portuguez. *Indolencia* porém, como derivada do latim, parece necessaria para evitar circumloquio». Os Francezes tambem dizem *indolence*, e tanto elles como nós á sua imitação, o usâmos não só para significar a *insensibilidade á dor* (que

é a força do termo latino) mas tambem a *negligencia*, *incuria*, *deleixamento*, *descuido*, &c.

Inesgotavel — He innovação, imitada por ventura do francez *inépuisable*. Em lugar della temos *inexhausto*, *perenne*, *perennal*, *manancial*, &c. Comtudo se parecer necessario, não he contra a analogia. Nós preferiremos sempre *inexhaurivel*.

Inexhaurivel — Os nossos classicos disserão sempre *inexhausto*; mas *inexhaurivel* conforma com a analogia, he adoptado pelo uso geral e já vem nos *Estatutos novos da Universidade de Coimbra*, tom. 3.º, cap. 1.º, n.º 1.º, onde diz: «Aindaque as Sciencias Mathematicas são tantas, e cada huma dellas de tão grande vastidão e *inexhaurivel* fecundidade», &c.

Infectado — Por *inficionado*. *contaminado*, *infecto*, *tocado do contagio*, *corrompido*, *viciado*, parece-nos gallicismo, não o temos até agora achado em auctor classico nem o julgâmos necessario.

Infortunado (*Infortuné*) — Por *desafortunado*, *desaventurado*, *desgraçado*, tambem ao principio nos pareceo gallicismo. Mas vem mais de huma vez em Côrte Real, *Naufragio de Sepulveda*, v. gr., no cant. 7.º:

> .... e a formosa
> Irmãa de Phebo passa detrimento,
> Mostrando-se ali sempre *infortunada*.

E no cant. 8.º:

> .... o discurso
> Da peregrinação mortal, e o triste
> *Infortunado* fim de tanta gente, &c.

Infractor, Infracção *(Infracteur, &c.)* — O primeiro já vem em Bluteau no *Vocabulario* em sentido de *quebrantador, violador, transgressor, &c.* O segundo tambem se usa vulgarmente, e Madureira o traz na sua *Orthografia.* Hum e outro tem origem latina, e tem por si a pratica auctorisada.

Inscrever, Inscripto — Estes dous vocabulos que achâmos usados pelos nossos escriptores modernos, aindaque pareção tomados immediatamente do francez *inscrire* e *inscript,* tem comtudo boa origem no latim *inscribere* e *inscriptus,* e por isso não ousâmos reproval-os, muito menos quando são termos technicos da *Geometria;* mas a sua significação póde algumas vezes exprimir-se em portuguez por differente modo, e com igual propriedade e energia, v. gr., *o seu nome está* inscripto *na lista,* isto he, *escripto, assentado, registado, matriculado, &c.* Em lugar de *inscrever em bronze, em marmore, &c.,* diremos muito melhor *esculpir* ou *insculpir, entalhar, abrir, talhar, cortar,* e tambem *gravar,* que he classico. (Veja-se Bluteau na palavra *Gravar.)* Finalmente o adjectivo *inscripto* acha-se huma vez em Arraes, no Dial. 4.º, cap. 10.º, aonde diz: «Que se fez da Igedita Cidade Cathedral, que chamâmos Idanha? Onde fica com seus marmores e letreiros *inscriptos?*» (Veja-se Bluteau no *Supplemento,* palavra *Inscripto.)*

Insignificante *(Insignifiant)* — He vocabulo tomado do francez, mas adoptado pelo uso geral. Quer dizer: *cousa que nada significa, de pouca monta, de nenhuma importancia, que pouco ou nada vale, &c.*

Insinuante — Tambem he novo na nossa lingua, e trazido para ella do francez, mas tem boa origem e derivação, e parece necessario. Já foi usado por Elpino Du-

riense na *Noticia sobre Almeno, e a sua traducção da Metamorfose de Ovidio,* aonde diz: «A sua voz *insinuante* e vigorosa, como a dos mais eloquentes oradores de Grecia e Roma», &c., e esta auctoridade, bem que moderna, he para nós de grande respeito em tal materia.

Inspectar — Do francez *inspecter,* parece desnecessario, principalmente adoptando-se o outro verbo *inspeccionar,* que temos por melhor e mais conforme com a analogia. Significa *fazer inspecção* e talvez *superintender,* &c.

Installar, Installado, &c. (*Installer,* &c.) — São vocabulos desnecessarimente tomados do francez, ou inglez. Em boa linguagem portugueza dizemos *constituir* alguem n'hum cargo, ou dignidade, *instruir, investir, metter de posse,* talvez *estabelecer,* &c.

Insultante (*Insultant*) — Tem a seu favor hum uso assás geral, e comtudo temos por melhores os adjectivos *injurioso, afrontoso, vituperoso,* &c. Jacinto Freire, *Vida de Castro,* liv. 2.º, § 7.º, usa de *insultuoso,* e hum poeta moderno, que se não póde citar sem louvor, diz, falando da pessoa que insulta:

> Mil graças, e risadas entre a bulha
> Do vulgo *iusultador* soar se escutão.

E em outro lugar:

> Tu me vale em meus males: tu castiga
> D'hum genio *insultador* a petulancia.

Insurmontavel — Por *insuperavel, invencivel,* he gallicismo grosseiro e escusado.

Insurreição, Insurgente — São vocabulos trazidos modernamente do francez *insurrection, insurgent*, e dizem tanto como *sublevação, levantamento, sublevado, levantado*, &c. Tem boa origem, e não desdizem da analogia.

Interdicto *(Interdict)*—Por *atalhado, embargado, enleiado, suspenso, turbado, attonito*, he gallicismo desnecessario.

Interprender, Interprendido—Usão alguns ignorantemente destas palavras no sentido de *emprender* ou *tomar por empreza, determinar-se a fazer alguma acção difficil e laboriosa*, &c., enganando-se com o francez *entreprendre*, que traduzem conforme o som material. Em bom portuguez dizemos *interprender* por *acommetter de improviso*, v. gr., *huma praça*, &c., e *interpreza* por *ataque improviso. Emprender* tem differente significação, e com elle he que dizemos *emprender huma conquista, huma jornada, huma guerra, huma obra*, &c. (Veja-se o *Diccionario* de Moraes nestas palavras.)

Intriga, Intrigante, &c.—São tomados do francez, mas adoptados pelo uso geral. Dizem tanto como *enredo, enredar, enredador*, &c. As palavras *mexerico, mexericar* e *mexeriqueiro*, que algumas vezes se podem usar em lugar de *intriga*, &c., parece-nos que tem uma significação mais restricta, como especie subordinada ao seu genero. *Mexericar* significa propriamente *descobrir e referir cousas occultas, que outrem tem dito ou feito*, e isto *com o fim de metter dissensões e semear zizanias. Enredar,* porém, e *intrigar* he mais generico e significa *manejar com astucia toda a casta de artificios e maquinações occultas*, para conseguir al-

gum intento, em frase popular *fazer maçadas*, ou *embrulhadas*, &c., que em latim se exprime bem por *occulto artificio res miscere;* assim como *intrigante* por *dolis et artibus instructus; ad negotia implicanda et explicanda callidus;* e *intriga* por *occultæ artes; occultarum artium doli*, &c. Por onde, neste lugar, v. gr., do *Feliz Independente*, liv. 18.º: *mais que tudo temo as intrigas dos Principes Latinos*, não poderiamos com toda a propriedade substituir *mexericos* a *intrigas*, e muito menos no outro lugar do liv. 19.º: «e na presença de todos declarou toda a *intriga* do Conde, e de Neucasis», &c.

Inusitado *(Inusité)* — Pareceo-nos ao principio gallicismo pouco digno de adoptar-se, por não offerecer melhoria alguma a respeito do adjectivo *desusado*, que diz o mesmo. Todavia Camões o empregou, aindaque huma só vez, nos *Lusiadas*, cant. 2.º, est. 107.ª:

Ouvindo o instrumento *inusitado*.

E póde conseguintemente ter lugar em algum caso para variar a linguagem poetica.

Irreprovavel — Na significação do francez *irréprochable* parece-nos gallicismo e má traducção. Em lugar delle diremos *irreprehensivel, inteiro, incorrupto, de costumes sãos e puros*, &c.

Isolado *(Isolé)* — Que outros escrevem *insulado*, está hoje muito introduzido nos escriptos e conversações, mas nem por isso o julgâmos adoptavel. Os nossos bons auctores por *homem isolado*, dizem *homem solitario, só, só de amigos e parentes, desacompanhado, só de toda a companhia, só por só*, &c., e por *lugar isolado* dizem

lugar ermo, solitario, despovoado, apartado, desamparado, &c. Ferreira, liv. 1.º, ode 7.ª:

> Sampaio tu lá só *de mim* estás.

Camões, *Rimas*, parte 1.ª:

> Derribai-os, fiquem *sós*
> *De forças*, fracos, imbelles.

Resende, *Chronica de D. João II*, cap. ultimo: «El-rey era *só* de parentes».

Lobo, *Côrte na aldeia*, edição de 1649, pag. 127: «Me roubarão as joias e dinheiro, que trazia, deixando-me nestes desvios *desamparada*».

Miguel Leitão, *Miscellanea*, fol. 14 v.: «Lugar muito *ermo, só, e apartado.*»

Sousa, *Vida de Suso*, cap. 40.º: «Foi-se esconder n'hum lugar *apartado*, onde ninguem o podia ver nem ouvir», &c.

Em alguns casos se exprimirá bem por *estreme*, v. gr., nesta proposição: *O opio dado ao enfermo* isoladamente, &c., isto he, *estreme sem mistura; deve o medico ser mui circumspecto em applicar o opio* isoladamente, isto he, *estreme, só por só*, &c.

J

Jaluzia *(Jalousie)* — Achâmos este vocabulo em huma obra portugueza original, aonde o auctor, falando dos *affectos oratorios*, diz: *Os movimentos de amor, de odio, de medo,* de jaluzia *e de raiva*, &c., tomando *jaluzia* por *ciume* ou *inveja*, que são os vocabulos portuguezes que correspondem ao francez *jalousie*. Não ignorâmos que Vieira usou mais de huma vez da palavra *gelozia* nas suas Cartas, entendendo-a no sentido do italiano *gelozia* por *sollicitu-*

de, cuidado ancioso, &c.; mas esta auctoridade, bem que respeitavel em tal materia, não a julgâmos só por si bastante a fazer adoptavel aquelle vocabulo, já porque o uso anterior e posterior a Vieira recusou esta innovação, e já porque o estilo epistolar sofre algumas vezes semelhantes liberdades, sem que por isso nos auctorise para usarmos dellas em differentes circumstancias. E por certo que ninguem adoptará de Vieira a palavra *nombramento* usada por elle na Carta 96.ª do tom. 1.º, nem a palavra *raconto (relação)* da Carta 99.ª do mesmo tomo, nem finalmente a palavra *aquistar*, que vem no mesmo tomo, Carta 118.ª

Jámais *(Jamais)*—Este adverbio (como advertio Dias Gomes, *Obras poeticas*, nota 4.ª á elegia 2.ª) não se deve reputar por gallicismo, pois só a indiscreta frequencia o constitue tal, sendo, como he, usado dos nossos auctores, como Gomes Eannes, Camões, Gabriel Pereira de Castro, e Ferreira. Nós, em graça dos leitores menos versados nos classicos portuguezes, poremos aqui alguns dos varios modos com que usão deste vocabulo, ou exprimem a sua significação:

Eneida Portugueza, liv. 3.º, est. 44.ª:

> Porém a quem *jámais* pelos sentidos
> Passára, que algum tempo ainda os Troyanos
> A Hesperia havião de ir?

Segundo cerco de Diu, cap. 2.º:

> Quando perdida verás a Fortaleza
> E a esperança de cobral-a *jámais*?

Arraes, Dial. 10.º, cap. 83.º:

> Promettei a Christo de *jámais* o deixardes.

Mausinho, *Affonso Africano*, cant. 1.º:

> Lugar de penas e tormento esquivo
> Onde *jámais* se vio contentamento.

Eneida Portugueza, liv. 2.º, est. 26.ª:

> Não descançou *jámais* da furia brava.

Camões, *Rimas*:

> *Jámais* vos não ouviráõ
> Os tigres que se amansavão.

Vieira, Carta 33.ª do tom. 3.º: «O Turco fica fazendo em Constantinopla e Candia os maiores apparatos de guerra, que *nunca jámais* se virão».

Fr. Gregorio Baptista, 1.ª parte das *Domingas*, fol. 26, verso:

> *Já nunca mais* este Senhor castigou sem piedade.

Camões, *Rimas*:

> Lembro-vos minha tristeza,
> Que *jámais nunca* me deixa.

Mausinho, *Affonso Africano*, cant. 6.º:

> Esta fermosa e linda praderia
> A quem *jámais nenhuma* se igualava.

Ferreira, *Castro*, act. 4.º:

> Nem haverá *já nunca* no mundo olhos
> Que não chorem da magoa.

Mausinho, *Affonso Africano*, cant. 3.º:

> Gemeram d'improviso c'hum estrondo
> *Nunca já* visto as taboas abaladas.

Camões, Ecloga 2.ª:

> Ó immatura morte, que a *ninguem*
> De quantos vida tem *nunca* perdoas.

Paiva, 1.ª parte de *Sermões*, fol. 147 verso: «S. Gregorio conta em Moisés pelo maior serviço que fez *nunca* a Deos», &c.

Á vista do constante uso que fazem os nossos classicos deste adverbio com a significação de *nunca*, não podemos deixar de notar aqui como gallicismo o emprego que delle fez o doutissimo padre Pereira, traduzindo aquellas palavras do *Genesis*, cap. 9.º, § 12, *Hoc signum fœderis, quod inter me et vos, in generationes sempiternas*, deste modo: «*Eis-aqui o signal do concerto que eu faço* para sempre jámais *entre mim e vós*», aonde parece haver tido presente o francez *pour jamais*, que a cada passo se acha nas traducções francezas da Sagrada Biblia, correspondendo ao latim *in sempiternum, in omne ævum, in generationes sempiternas*, e que nós traduziriamos melhor *para todo o sempre*.

Jogos de espirito *(Jeux d'esprit)* — He gallicismo a que em bom portuguez corresponde *chistes, ditos engenhosos* e *conceituosos, agudezas*, &c. Comtudo temos *jogar de vocabulo*, e *jogo de vocabulo* por *equivoco discreto* em Vieira, *Sermões*, tom. 6.º, pag. 472, aonde diz: «Aqui *jogou de vocabulo* o Evangelista, e usou o equivoco que eu dizia». E logo na pag. 473: «Aqui está o *jogo do vocabulo*, e o equivoco discretissimo», &c. Tambem dize-

mos *fazer jogo* por *fazer zombaria*. Vieira, carta 78.ª do tom. 3.º: «Os que *fazem jogo* dos achaques alheios dizem que me veio este a bom tempo para não ver o que se vê, nem ouvir o que se ouve». E em D. Francisco Manoel, *Carta de guia*, fol. 119, diz: «Vá mais por *jogo*, que por conselho». Usando de *jogo* por *galanteria, brinco*, &c. (Veja-se em Moraes a palavra *Jogo.)*

Jornal — Por *diario* he palavra franceza que nos não era necessaria, e sem embargo de ser hoje mui usada, até de pessoas doutas, não a julgâmos adoptavel, maiormente attendendo á homonymia, que se deve evitar, quanto possivel for, por ser hum sinal infallivel da pobreza da linguagem.

Justeza *(Justesse)* — Temos no nosso idioma o adjectivo *justo* com a significação de *observador da justiça*, v. gr., *homem justo, Rei justo*, e daqui derivâmos o abstracto *justiça*. E temos tambem o mesmo adjectivo *justo* com a significação de *exacto, adequado, pontual*, &c., v. gr., *preço justo, medida justa, porta justa*, &c., d'onde podemos sem erro derivar *justeza*, como de *limpo, limpeza*; de *claro, clareza*; de *agudo, agudeza*, &c. Julgâmos, pois, que este gallicismo não he para reprovar-se. No *Exame de artilheria* já vem; *a justeza da pontaria*. (Veja-se Moraes no *Diccionario.)* Comtudo por *escrever, falar, pensar com justeza*, podemos bem dizer *escrever, falar, pensar* com *exactidão*, com *regularidade*, com *precisão, adequadamente*, &c.

L

Languir — He hum verbo francez que até agora não temos achado em algum dos nossos classicos. Significa

em portuguez *desfalecer*, ou *hir desfalecendo*, *estar lasso e quebrado de forças*, *hir-se extenuando*, *hir cahindo em fraqueza*, *hir-se consumindo*, &c., e estas expressões, bem que pareção menos concisas que o francez *languir*, não deixão por isso de ser mui expressivas e energicas, por indicarem mais expressamente o *progressivo* desfalecimento e descahimento de forças, que a propria significação daquelle verbo. Comtudo na moderna traducção da *Lyrica de Horacio*, por Elpino Duriense, liv. 3.º, ode 12.ª, achâmos:

Nem *langue* Baccho em Lestrygonia talha.

Traspassando as palavras do poeta latino:

Nec Lestrygonia Bacchus in amphora *languescit* mihi...

E já semelhantemente parece que quiz D. Francisco Manoel derivar o verbo *latir* do latino *latere*, quando disse na *Carta de guia*, fol. 106: «Tomado daquelle adagio latino, que entre as hervas mimosas *latia* o aspide peçonhento»; bem como temos o verbo *delir* do latino *delere* e a voz *dile* de *delet*, que foi usada por Arraes no Dial. 1.º, cap. 15.º

Laxo, Laxidão, Laxamente *(Lâche)* — São vocabulos portuguezes de bom cunho, cuja significação he bem sabida; mas quando se diz, v. gr., *ceder* laxamente *aos movimentos da inveja*, he gallicismo, e deve-se emendar a frase, dizendo *ceder vilmente*, *indignamente*, *infamemente*, &c. *Ser accusado de* laxidão *para com a patria*, isto he, *de cobardia*; *o amor da patria triunfará dos* laxos *conselhos de Venus*, isto he, *dos torpes*, *baixos*, *indignos* conselhos, &c. *O* laxo *que perde a razão no perigo*, *he hum ser degradado e corrompido*,

isto he, *o cobarde, o poltrão, o infame,* que perde o animo no meio dos perigos, he hum homem baixo e corrompido, &c.

Libertino, Libertinagem — São vocabulos trazidos do francez. O uso geral porém os tem adoptado e não sem causa, se com elles significarmos a idéa complexa de *licenciosidade com irreligião;* homem *devasso em costumes,* com *erradas opiniões religiosas,* a qual idéa se não poderia exprimir por outro modo em portuguez sem circumloquio.

Limitrofe — Parece ter-nos vindo immediatamente do francez *limitrofe* com a significação de *comarcão, confinante,* e diz-se dos povos ou paizes que *visinhão, comarcão,* ou *confinão* entre si. A sua origem he o vocabulo latino *limitrophus,* que significa o *que está nas fronteiras.* Parece adoptado pelo uso.

M

Mais grande — Temos lido em traducções modernas estas clausulas: *São cousas que determinão* o mais grande *numero de homens; Scipião, hum* dos mais grandes *generaes da antiga Roma; Eis-aqui* a mais grande *impolitica,* &c.; as quaes são mais francezas que portuguezas, devendo dizer-se: o *maior numero, hum dos maiores generaes, a maior impolitica,* &c. He verdade que lemos tambem em Arraes, Dial. 5.º, cap. 2.º: «Excellente filosofo he o Rei, que os insultos e atrevimentos dos delinquentes castiga com *o mais pouco* sangue que póde»; e em outros classicos póde ser que se achem outros alguns semelhantes modos de falar; a sua frequencia porém, na nossa actual linguagem, indicaria affectação de francezis-

mo, e daria ao discurso aquelle aspecto estrangeiro que a desfigura e que se deve evitar.

Mal a proposito — Expressão adverbial franceza *(mal-à-propos)* impropriamente tomada para o portuguez. Significa *fóra de proposito, sem proposito, desapropositadamente, intempestivamente, &c.*

Mancado *(Manqué)* — Em hum *Compendio de Rhetorica Portugueza,* querendo o auctor tractar daquelle *vicio da oração,* a que chamão *neologismo,* ou (como elle interpreta) *extravagancia de crear palavras novas,* diz assim: «Este vicio, que póde ser reprehensivel pelo seu excesso, tem por fim enriquecer a lingua, e limitar o muito frequente uso das circumlocuções: he racionavel este fim, mas tem muitas vezes *mancado*». Nas quaes palavras, deixada a incoherencia de hum *vicio,* que *tem por fim enriquecer a lingua,* notámos sómente a palavra *mancado,* que, segundo o nosso parecer, se não póde hoje usar no estilo culto sem censura. Comtudo Fernão Alvares do Oriente a empregou na *Lusitania transformada,* pag. 98, edição de 1607: «Por supprirmos com a diligencia da jornada a falta de tempo que *nos mancava*». E Moraes cita no *Diccionario* outro lugar de Alarte, em abono da mesma palavra.

Manobra *(Manœuvre)* — O vocabulo francez parece significar primariamente *todo o trabalho que se faz para dar movimento a hum navio,* que em bom portuguez dizemos *mareação.* D'aqui o empregárão para significar *os diversos movimentos e operações de hum exercito, ou corpo de tropas;* e ultimamente o ampliárão ao sentido moral e figurado, exprimindo por elle todos *os meios, recursos e maneios;* que se empregão para obter e concluir qualquer negocio, ou empreza. Os Portuguezes mo-

dernos o tem usado, á imitação dos Francezes, em todos estes sentidos, que não reprovâmos, tanto pela propriedade da expressão, como por ser já de uso frequente e auctorisado. No primeiro significado de *mareação*, já vem nos *Estatutos novos da Universidade*, liv. 3.°, part. 2.ª, n.° 5.°: «Pelas mathematicas se regulão *as manobras* e derrotas da pilotagem», &c.

Manufactureiro—Parece ser tomado por nós do francez *manufacturier*, e pelos Francezes do inglez *manufacturer*, e significa *fabricante*, *official que trabalha em manufacturas*, talvez *obreiro*. Não o julgâmos bem derivado, e se carecessemos delle, deveriamos antes dizer *manufacturador*.

Massacro, Massacrar, Massacrado (*Massacre*, &c.)—Andão estes vocabulos tanto em moda, que até já se ouvem com frequencia da bôca de pessoas indoutas, e ignorantes do francez: mas são puros gallicismos, que de nenhum modo podem ter lugar no nosso idioma. Em portuguez legitimo e intelligivel dizemos *assassinio*, *matança*, *assassinado*, *assassinar*, *matar cruelmente*, &c., e no sentido figurado, v. gr., *este homem tem-me* massacrado *com as suas impertinencias*, quer dizer: *tem-me mortificado*, *importunado*, *tem-me matado*, e em linguagem familiar, *tem-me causticado com as suas impertinencias*, &c.

Mesmo—Este vocabulo he, falando propriamente, hum adjectivo que exprime a *identidade* das cousas ou pessoas, e he opposto em significação aos adjectivos *outro*, ou *diverso*. Assim quando dizemos *o mesmo homem*, *ao mesmo tempo*, *no mesmo lugar*, *os mesmos factos*, &c., queremos significar que esse *homem*, *tempo*, *lugar*, e *factos*, são identicos a si mesmos considerados em ou-

tras circumstancias, de que já temos falado. Alem desta primeira significação, e por virtude della, usâmos tambem o adjectivo *mesmo* junto ao nome, para expressarmos *com enfase* o proprio sujeito que o nome designa, e para fazermos que o leitor, ou ouvinte, fixe nelle a sua attenção. Neste sentido dizemos: *Os* mesmos *Reis não são felizes, se não são virtuosos; a virtude he recompensa de* si mesma; *o* mesmo *Deos se humilhou para nos ensinar a ser humildes,* &c.; aonde o adjectivo *mesmo,* não podêndo em rigor significar a *relação de identidade,* que sempre suppõe comparação, serve tão sómente para exprimir com enfase a pessoa, ou cousa de que se fala, imitando a particula latina *met,* que tambem se emprega do mesmo modo, v. gr., *ego* met *vidi: hisce* met *oculis vidi,* &c. Estes são os significados, com que entre nós se usa do adjectivo *mesmo,* e quem ler com attenção os classicos, verá que regularmente o costumão antepor ao nome, salvo quando he algum dos pronomes *eu, tu, elle, nós, vós, elles,* em qualquer das suas differentes fórmas. Achão-se comtudo exemplos em que o adjectivo *mesmo* vem posposto ao sujeito a que se ajunta: v. gr., em Duarte Nunes, *Chronica de D. Affonso III,* edição de 1677, pag. 83: «O mestre no dia *mesmo* seguinte».

João Franco, *Eneida Portugueza,* liv. 6.º, est. 175.ª:

E como seu pai *mesmo* a si o iguala.

Miguel Leitão, *Miscellanea,* pag. 500: «E no lugar *mesmo,* onde o encontrou». Bernardes, *Sermões e praticas,* part. 1.ª, pag. 306: «Maior prodigio parece que a luz *mesma* se não conheça a si».

Mausinho, *Affonso Africano,* cant. 8.º:

O monte *mesmo* teme o peso forte
Fica o visinho bosque estremecido, &c.

A lição porém dos livros francezes parece haver introduzido outro uso deste adjectivo, que he pouco conhecido, ou pelo menos mui pouco frequente no idioma portuguez, do qual daremos alguns exemplos nas seguintes frases:

Ellas são mesmo *preciosas*, isto he, ellas *até são* preciosas.

Poderia mesmo *presumir-se*, isto he, *até poderia presumir-se*.

Dir-vos-hei mesmo, &c., isto he, *dir-vos-hei tambem, ainda mais vos direi*, ou *até vos direi*.

Mas estes exemplos são raros mesmo *em França*, isto he, *até em França, ou ainda em França*, &c.

Não occultaremos porém aqui, que deste mesmo uso se achão exemplos, postoque raros, nos nossos escriptores, como, v. gr., em Camões, part. 1.ª das *Rimas*, son. 93.º:

> Que se contra mim estaes alevantados,
> Eu vos ajudarei *mesmo* a matar-me.

E em D. Francisco Manoel, *Carta de guia*, fol. 153 verso: «Digo eu, que o casado por alegrar sua mulher e familia, *mesmo* de seu movimento, mande fazer em sua casa duas e tres comedias cada anno», &c.

Metter — Tambem deste verbo se usa muitas vezes, empregando-o em frases, em que o não sofre a nossa linguagem. Daremos alguns exemplos dos muitos que temos observado:

Sentimentos elevados, que vos mettão *em estado de conhecer o preço das cousas*, isto he, que *vos ponhão* em estado, &c.

Hum sermão em o qual se não mettesse em obra *nem a escriptura, nem a tradição*, isto he, em o qual *se não empregasse, se não allegasse, se não fizesse uso*, &c.

Metteo á contribuição *os fructos das arvores*, isto he, *fez contribuir*, &c.

Terras tão dilatadas para cuja acquisição se tinha mettido *tanto interesse*, isto he, em cuja acquisição *se havião empregado* tantos cuidados, ou cuja acquisição *se tinha procurado* com tanta diligencia, &c.

Tudo metteo em obra *para conseguir*, &c., isto he, *tudo tentou, tudo moveo, tudo empregou* para conseguir, &c.

Ministros do culto — He frase trazida do francez com reprehensivel affectação, e já póde ser que com menos religioso intento. No nosso bom e antigo portuguez dizemos *ministros do altar, da Igreja, da Religião, ministros ecclesiasticos, clero, clerezia*, &c.

Moblado, Mobilado, Mobiliado, Mobilhado, Mobelado, Amobilar, Amobilação *(Meublé*, &c.*)* — De qualquer modo que se escrevão, são gallicismos escusados. Em portuguez dizemos *adereçado, ornado, adornado, alfaiado*, e *adereçar, alfaiar, adornar, aparamentar*, &c.

Moção *(Motion)* — Significa primariamente *movimento, toque, impulso* no corpo, e figurado, *no animo*. Os Francezes o usárão modernamente para significar, como em inglez, huma *proposta*, ou *proposição* de algum assumpto, que ha de tractar-se e discutir-se em ajuntamento publico, ou particular. Neste sentido he escusado em portuguez.

Montar em colera — He gallicismo grosseiro, que achâmos em huma traducção, impressa na seguinte frase: *a leitura deste papel o fez* montar em colera, isto he, *o poz em grande colera, o encolerisou muito*, &c.

Morder a terra *(Mordre la poussière)*—Pareceonos ao principio expressão franceza, e impropria da nossa lingua; mas achámol-a depois em auctores de boa idade, taes como Arraes, Dial. 4.°, cap. 14.°: «He natural generoso, mui proprio dos Lusitanos, pugnar pela liberdade, até *morder a terra* com sua bôca, e a regar com seu sangue».

Côrte Real, *Naufragio de Sepulveda*, cant. 9.°:

> Com bramido espantoso se debruça
> O gentio na terra, onde c'a raiva
> Mortal *as ervas morde*, que do sangue
> Da ferida cruel já estavão tintas.

E no *Mazagão defendido*, poema ms., cant. 6.°:

> .... o furioso
> Pelouro dá n'um Turco, que estirado
> *A terra* com a dor mortal *mordia*.

Imitação de Virgilio, *Aeneida*, liv. 11.°:

> Procubuit moriens, et humum semel ore momordit.

N

Negligé—He vocabulo puramente francez, e mui usado das pessoas mimosas e adamadas, quando dizem, v. gr., que alguem *está vestido ao negligé*, isto he, *ao desdem, a descuido, em* ou *com desalinho, desalinhadamente*, &c. Arraes, Dial. 10.°, cap. 47.°, diz no mesmo sentido: «Apertar os cabellos... com desordem e descomposição». Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 6.°, cap. 2.°: «O cabello ondado e louro pelos hombros *sem arte es-*

tendido»; e logo: «o cabello tomado em tranças sobre a cabeça *com mostras de pouco cuidado*».

Mausinho, *Affonso Africano*, cant. 12.º:

> As donzellas ao vento derramados
> Os cabellos *sem ordem, sem concerto*, &c.

Nuanças — He vocabulo puramente francez, e hum daquelles que mais difficultosamente se póde traspassar ao portuguez sem circumloquio. Parece que significa principalmente *os varios toques de huma mesma côr;* as *differenças insensiveis, que se vão dando a huma côr, quando se quer passar a outra suavemente, e com harmonia; a mistura e união de côres diversas com tão suave proporção, que não offende, antes agrada á vista.* Aos artistas pertence achar, ou inventar o proprio vocabulo, que deve corresponder ao francez *nuances;* mas póde ser que tenhão aqui algum lugar *sombras, assombrar,* &c. Tambem se usa em francez para significar em geral *as pequenas differenças,* que tem entre si objectos do mesmo genero, ou as *modificações insensiveis,* que os fazem na realidade differentes, sendo aliás identicos nas suas qualidades substanciaes, &c.

Nullo, Nullidade — Tem significação portugueza, que todos sabem: mas não costumâmos dizer *homem nullo,* por *homem inepto, de pouco conta, que de nada vale, que para nada presta,* &c., nem tambem *nullidade* por *ineptidão, incapacidade,* &c.

O

Obrigante *(Obligeant)* — Por *obsequioso, officioso, cortez, civil, urbano,* &c., parece-nos innovação escu-

sada. Em outro sentido usâmos do adjectivo *obrigatorio*. (Veja-se Moraes no *Diccionario.)*

Ostensivel, Ostensivelmente — Começão a usar-se em papeis impressos, á maneira dos Francezes, *ostensible* e *ostensiblement*. Nós dizemos em portuguez, v. gr., *carta ostensiva*, isto he, que *se póde mostrar*, que he *para se mostrar*, e podemos daqui derivar analogamente o adverbio *ostensivamente*, quando quizermos dizer que huma cousa se faz *por mostra, em apparencia, apparentemente, só para se ver*, &c., como por exemplo na seguinte frase franceza: *cet'homme faisait ostensiblement les fonctions de secrétaire*, &c., isto he, este homem fazia *ostensivamente, na apparencia, quanto ao que se via*, &c., as funcções de secretario, &c.

P

Pamphleto — Não comprehendemos a razão por que se pretende trazer á nossa lingua este vocabulo tomado do francez *pamflet*, ou do inglez *pamphlet*. Em melhor linguagem diremos *livrinho, folheto, papeleta, livrete*, &c.

Para — Veja-se adiante *Por*.

Paralysar, Paralysado — São vocabulos de origem grega, e tomados por nós immediatamente, ao que parece, do francez *paralyser*, e *paralysé* no sentido moral e figurado, v. gr., *paralysar a auctoridade*, isto he, *tirar-lhe a sua força e energia, suspender ou enfraquecer a sua acção*. Os nossos escriptores havião prevenido a falta desta expressão, usando de *paraliticar* e *paraliticado*, ou *aparaliticado*, como lemos em Paiva, *Sermões*, part. 1.ª, pag. 259 verso, onde diz: «A alma *apa-*

raliticada, que não sente esta repugnancia interior da fé». E pag. 262 verso: «A alma assi chega a se empedernecer, e *paraliticar,* que», &c. Comtudo não reprovâmos o uso moderno, visto ser já mui commum, e não encontrar a analogia.

Parque (do francez *Parc,* ou do inglez *Parck)* — Por *tapada, coutada, bosque cercado* para caça, he de Barros, Lucena, e outros classicos. No sentido militar *parque de artilheria* parece ser moderno, e trazido do francez, mas adoptado. (Veja-se Bluteau, *Supplemento.)*

Patriota, Patriotismo — Significando *amante da patria,* são vocabulos modernos em portuguez, e derivados dos francezes *patriote* e *patriotisme,* que tambem parecem trazidos do inglez *patriot* e *patriotism.* O uso geral os tem adoptado, e não se podem supprir por outro modo sem circumloquio.

Peça de eloquencia, Peça de poesia, &c. — Assim nomeão os Francezes *pièces de éloquence, pièces de poésie;* alguns *discursos oratorios, poemas* não *extensos,* &c. Não reprovâmos a expressão, visto que a palavra *peça* tambem se usa em portuguez, aindaque a diversos respeitos, falando não de *parte* ou *pedaço* de alguma obra, mas de obras inteiras. V. gr., em Barros, Dec. 2.ª, liv. 2.º, cap. 2.º: «Promettendo de lhe dar livremente a ilha Baharem e a villa Catifa, a ella fronteira, por serem *peças* mui visinhas a Lasab». E em Sousa, *Vida do Arcebispo,* liv. 2.º, cap. 31.º: «Por ordem do Senado d'aquella Republica, lhe foi mostrado o prato, em que Christo Senhor nosso comeo o Cordeiro Pascoal na ultima Ceia. He *peça* de preço inestimavel», &c.

Penivel, Penivelmente — São gallicismos desne-

cessarios, em lugar dos quaes diremos *penoso, molesto, incommodo, trabalhoso, afanoso, que causa pena,* &c., e *penosamente, trabalhosamente,* &c.

Pensar — Por *julgar, entender, ser de parecer, ter para si,* &c., foi sempre usado em portuguez; mas no sentido mais generico, comprehendendo em sua significação *todas as operações do nosso entendimento,* he palavra moderna, tomada, segundo parece, do francez *penser,* e com justa razão adoptada; pelo que dizemos hoje em boa linguagem: *homem que pensa bem,* isto he, *que tem idéas exactas; que as combina com acerto; que discorre com regularidade,* &c.

Pensar as feridas (do francez *Panser)* — Por *curar, tractar as feridas,* parece expressão nova em portuguez; mas temos as frases *pensar a criança,* isto he, *alimpal-a, enfaixal-a, amamental-a, e ter cuidado della; pensar o cavallo,* isto he, *dar-lhe de comer, tractar delle,* &c., nas quaes o verbo *pensar* se usa com a mesma significação.

Pequeno — Aindaque este vocabulo seja perfeitamente igual em significação ao francez *petit,* nem sempre nos he permittido traduzir hum pelo outro; mas cumpre que examinemos o uso de ambas as linguas para não cahirmos indiscretamente em torpes gallicismos. Os Francezes, por exemplo, se servem com frequencia do adjectivo *petit* para formarem os seus diminutivos, o que nos não convem imitar em todos os casos, maiormente sendo o nosso idioma tão rico e variado nestas fórmas dos adjectivos. Assim, v. gr., em lugar desta frase: *Adéla se diverte com hum lindo* pequeno *navio,* diremos muito melhor: *com hum lindo naviozinho.* Em lugar de *abraçai por mim a agradavel* pequena *Adéla,* deve dizer-se

abraçai por mim a linda Adelinha; a minha amavel pequena Constança, isto he, *a minha amavel Constancinha,* &c. Outras expressões ha, em que convem traduzir o francez *petit* de differente maneira, v. gr., nesta frase: *o papel de desdenhosa he o de hum* pequeno *genio,* deve dizer-se *he de hum animo cativo, apoucado, acanhado, baixo,* &c., *a altivez he o defeito dos* pequenos *genios,* isto he, *das almas baixas, apoucadas, vis,* &c. E se nestas, ou outras semelhantes frases se julgar alguma vez expressivo o adjectivo *pequeno,* deverá em tal caso pospôr-se ao substantivo, v. gr., *a altivez he o defeito de huma alma* pequena; porque não he indifferente, em muitas frases portuguezas e francezas, o lugar do adjectivo. Finalmente he erro mui grosseiro traduzir *petit-fils* por *pequeno filho,* em lugar de *neto,* como temos encontrado, não poucas vezes, em traducções impressas.

Perder a cabeça *(Perdre la tête)*—Por *enlouquecer, tresvariar, desatinar, ficar alienado,* ou tambem *perder os sentidos, desmaiar, desfalecer,* &c., he gallicismo escusado.

Pericivel *(Périssable)*—He erro grosseiro: deve dizer-se, v. gr., *bens perecedeiros,* ou *perecedouros, caducos, transitorios,* &c. Veja-se *Imperissivel.*

Personalidade, Personalizar *(Personnalité,* &c.)—Tem já a seu favor hum uso mui geral e auctorisado, e são derivados com boa analogia. Tambem se podia dizer *pessoalidade* e *pessoalizar;* e este ultimo já o achâmos empregado em huma traducção moderna.

Petit-metre ou **Petimetre**—He a palavra franceza *petit-maitre,* que temos visto usada até em traducções e papeis impressos. Podemos exprimil-a por *peral-*

ta, peralvilho, casquilho, mancebo presumido, garrido, rapaz adamado, que affecta mil modos, e geitos no falar e trajar, talvez *pedante,* &c. O celebre Abbade de Jazente já o empregou em hum dos seus *Sonetos* que andão impressos, dizendo:

Basta-me só que ás vezes nas visitas
As vejão *petimetres* namorados,
As oução sem desprezo as senhoritas.

E em outro:

Se a moda o quer assim, calle a censura,
Em quanto o *petimetre* e a dama bella
Dança com gala, e canta com doçura.

Picante — Dizemos em portuguez *palavras picantes, sabor picante, remorsos picantes, cuidados picantes,* isto he, *pungentes, penetrantes,* &c., mas *contraste picante* por *notavel, estremado, assignalado,* &c., parece gallicismo escusado, bem como *maximas escriptas com huma precisão picante,* isto he, *fina, delicada, viva, aguda, estremada,* &c.

Picar a curiosidade — Por *movel-a, excital-a,* tambem parece gallicismo; mas não o julgâmos improprio, visto que tambem dizemos *estimulado da curiosidade,* e *estimular a curiosidade,* que he metafora igual.

Picar-se de honra, de nobreza, de sabedoria, &c. *(Se piquer,* &c.) — He gallicismo que havemos por inadoptavel no nosso idioma: nem nos demove deste sentimento a auctoridade de Bluteau, que traz estas expressões no seu *Vocabulario,* sem todavia as auctorisar. A nossa linguagem tem muitos modos de exprimir a

mesma idéa, com igual energia, v. gr., *presumir de honrado, vangloriar-se de nobre, ostentar de sabio, jactar-se de erudito, gabar-se, gloriar-se de bom engenho, blasonar de valente, caprichar de polido, inculcar-se por fidalgo, vender-se por esperto, abonar-se de judicioso,* &c. He digno de notar-se aqui o uso que faz Vieira deste verbo no tom. 15.º dos *Sermões,* pag. 204, aonde diz: «Taes extremos, como todos estes, faz o Senhor dos exercitos, quando *se pica de ciumes* da sua gloria», &c.

Placard *(Placard)*—Não sabemos com que fundamento Moraes metteo este vocabulo no *Diccionario da lingua portugueza,* sendo puro francez, e tendo nós *edital* e *cartel,* que dizem o mesmo. Hoje se usa tambem *placard* para significar a *insignia,* ou *divisa* das Ordens Militares, pregada ou bordada sobre o vestido: mas ainda que o fundamento do sentido figurado não seja aqui tão vil e torpe, como em *crachá,* comtudo não achámos bem clara e expressiva a analogia, que ha entre o *edital,* que se préga na parede, e o *habito* ou *divisa,* que se borda sobre o vestido. E todos sabem que esta analogia deve ser a base do sentido figurado. (Veja-se *Crachá.)*

Ponto de vista *(Point de vûe)*—He termo da arte de pintura, e significa o ponto que o artista escolhe para pôr os objectos em perspectiva. Tambem se diz do lugar d'onde se póde bem ver o objecto, ou do lugar onde o objecto se deve collocar para melhor ser visto. He adoptado na linguagem das artes, e parece necessario. Bernardes, *Sermões e praticas,* pag. 125, diz: «Huma imagem primorosa, para ver se tem defeito por alguma parte, a virâmos de muitos modos, e a contemplâmos *a varias luzes,* isto he, *em varios pontos de vista*». Em outro sentido dizemos ver hum objecto *debaixo de diversos aspectos,* ou por *mais de huma face,* &c.

Populaça *(Populace)*—He palavra franceza innovada sem necessidade, e diz tanto como o portuguez *gentalha, infima plebe,* ou ainda mais propriamente *a escuma do povo, as fezes do povo, a escoria do povo, a gente da infima relé, o mais vil do povo,* &c.

População *(Population)*—Os nossos bons escriptores dizião com melhor analogia *povoação;* comtudo não reprovâmos *população,* que tem a seu favor o uso frequente, e algumas boas auctoridades modernas.

Por, Per, Pelo, Para, &c.—São preposições portuguezas, cujas varios usos e differenças se devem aprender pela assidua lição dos classicos. Parece-nos porém gallicismo reprehensivel empregal-as nas seguintes frases, que trazemos para exemplo de muitas outras que os nossos modernos escriptores tem tomado indevidamente do francez:

Todo o ente subordinado a outro, e que não tem por elle o respeito que deve ter, &c., isto he, que *lhe não tem* o respeito.

O gosto que hum tem pelo outro, isto he, que hum tem *do outro,* que hum *faz do outro,* &c.

Inspirar desgosto pela leitura, isto he, *da leitura,* ou *para a leitura.*

Inspirava-lhe hum profundo desprezo por *toda a pessoa que não tivesse valor,* isto he, *de toda a pessoa,* ou *para toda a pessoa.*

Juramento de fidelidade e amor pelo *principe,* isto he, *ao principe.*

Eis-aqui os grandes fructos da vossa protecção para *Ulysses,* isto he, *a favor de Ulysses, da protecção que dais a Ulysses.*

Tudo vos assusta por vosso filho, isto he, *ácerca delle, a respeito delle.*

Felizmente para *nós,* isto he, *por felicidade nossa.*

A paixão de Zopiro para *Zenobia,* dir-se-ha *melhor por Zenobia.*

Ter inclinação pelas *letras,* isto he, *ás letras,* ou *para as letras.* Sousa, *Vida do Arcebispo,* liv. 1.º, cap. 2.º, tambem diz: «Parecia que a natureza o criára isento da inclinação *delles* (scil. *dos passatempos pueris)».*

Havia tudo que receiar para elle *e sua mãi,* isto he, *ácerca delle, a respeito delle e de sua mãi.*

Mortaes, prezareis tão pouco a virtude para *suppordes austero hum semelhante assumpto?* isto he, prezareis tão pouco a virtude, que *vos pareça austero, que tenhais por austero, que supponhais austero,* &c.

Pôr alguem ao facto de alguma cousa—He gallicismo que diz tanto como *instruir a alguem dessa cousa, fazer-lha saber, inteiral-o della, informal-o,* &c.

Porta-espada *(Porte-épée)*—He innovação escusada, visto termos *talim, talabarte, boldrié,* que dizem o mesmo.

Porta-manto *(Porte-manteau)*—He outro gallicismo desnecessario, em lugar do qual dizemos *mala,* ou *maleta.* Mas se se quizer hum vocabulo proprio, e de significação mais restricta, porque não diremos antes *porta-capa,* ou *porta-capote,* assim como os Italianos dizem *porta-cappe, porta-mantello,* e os Hespanhoes *porta-capa,* e nós mesmos *porta-bandeira,* e não *porta-insignia* do francez *porte-enseigne?*

Praticado e **Praticavel**—Veja-se *Impraticavel.*

Pré ou **Pret,** e no plural **Prets**—São palavras trazidas do francez *prêt,* empregadas nas *Condições* adjun-

tas ao Decreto de 27 de Junho de 1762, no Alvará de 9 de Julho de 1763, na Carta de Lei da mesma data, §§ 6.º, 9.º e 13.º, e no Alvará de 14 de Abril de 1764, e hoje mui geralmente usadas na linguagem e leis militares. A origem e propria significação deste vocabulo militar acha-se na obra intitulada *État actuel de la Législation sur l'Administration des Troupes*, impressa em 1808, nos seguintes termos: «La solde se payait par mois sur revues, comme il se pratique encore aujourd'hui pour les Officiers, et se nommait montre. Le mauvais usage, qu'en faisaient les soldats, qui dissipaient en peu de jours tout ce qui leur revenait pour le mois, força à leur faire une *avance* tous les dix jours par forme de *prêt*, terme en usage, et dans le même sens, dès Charles VII», &c.

Prejuizo — Sempre este vocabulo significou em portuguez *damno, defraudamento, detrimento, perda,* &c.; hoje he mui vulgar dizer-se *prejuizo* em lugar de *preoccupação, prevenção, opinião antecipada,* &c., do francez *préjugé*. Não o approvâmos, por não ser necessario, e por causa da homonymia: comtudo não ignorâmos que o latim *praejudicium* tambem significa *juizo antecipado*, e que d'aqui se poderia deduzir a segunda significação da palavra *prejuizo*.

Prematuro — Parece ser trazido á nossa lingua do francez *prématuré*. He já muito geralmente usado, tem boa origem, e não desdiz da analogia. Significa *maduro antes de tempo,* e no sentido figurado corresponde a *antecipado, feito antes de tempo,* &c.; mas nem sempre estas duas palavras se podem empregar arbitrariamente huma pela outra, por quanto, v. gr., *providencias antecipadas* póde dizer-se, e entender-se *em bom sentido,* das que se dão, ou tomão *muito a tempo* a respeito de

qualquer negocio: mas *providencias prematuras* parece entender-se sómente *em máo sentido* das que forão *inuteis*, ou ainda *nocivas* por *immaturas*, tomadas *fóra de tempo*, e antes que o negocio tivesse chegado ao ponto em que ellas poderião ser proveitosas, &c.

Pressante *(Pressant)*—He gallicismo escusado, e vocabulo improprio da nossa lingua. Em bom portuguez dizemos negocio *urgente, forçoso;* circumstancias *apertadas;* razões *forçosas, apertadas, urgentes;* ordens *apertadas;* motivos *urgentes;* perigo *imminente, instante*, &c.

Prevalecer-se de alguma cousa—He frase franceza. Em portuguez temos *prevalecer*, isto he, *poder mais, levar vantagem, levar a melhor*, &c.; mas *se prévaloir de quelque chose* quer dizer *valer-se de alguma cousa, lançar mão della, servir-se, ajudar-se della*, &c.

Primeiro nascido *(Premier-né)*—Por *primogenito, filho maior, filho mais velho*, he abuso intoleravel, que mais de huma vez temos notado em traducções impressas.

Prodigar *(Prodiguer)*—Por *prodigalizar, despender prodigamente, desperdiçar*, he francezismo escusado.

Progredir—He vocabulo trazido de novo á nossa lingua, á imitação dos Francezes, que tambem o tomárão do latim *progredi*. Significa *continuar, hir por diante, fazer progressos, hir ávante*, &c. Não o julgâmos de absoluta necessidade. Comtudo na Carta Regia de 7 de Março de 1810 já vem o termo *progredindo*.

Projecto e **Projectar**—Do francez *projet* e *projet-*

ter são adoptados. Veja-se Bluteau no *Vocabulario* e no *Supplemento*.

Propriedade — He erro grosseiro traduzir por este vocabulo a palavra franceza *propreté (limpeza, aceio)*, como temos observado em algumas traducções, confundindo-o com *propriété, propriedade*.

Q

Que — He hum vocabulo que se usa de varias maneiras no idioma portuguez e tambem no francez; mas he erro e abuso traspassal-o para a nossa lingua nos seguintes casos:

1.° No principio das proposições *optativas, imprecativas*, &c., v. gr.: Que *saiba todo o mundo os nossos amores!* Que *eu morra se isto assim não he!* Que *elle sirva de pasto aos monstros!* &c. Neste genero de frases costumâmos dizer em portuguez: *Permitta o Ceo* que *todo o mundo saiba*..., &c., ou *oxalá* que..., ou *praza a Deos* que..., &c., e se quizermos fazer a frase mais elliptica e mais concisa, diremos: *Saiba o mundo os nossos amores. Morra eu se isto assim não he. Sirva elle de pasto aos monstros*, &c.

2.° Nas frases compostas de dous ou mais membros, ou incisos, em cada hum dos quaes costumão os Francezes repetir o *que*, como succede nas que começão pelas formulas *tandis-que, lors-que, après-que*, &c., v. gr., *quando elles se arrastarem pelo lodo do peccado, e* que *o castigo vier*, &c. *Quando a força circula, e* que *a alegria parece pular nas veias. Depois de ter restituido Helena a Menelau, e* que *Neoptolemo fez sacrificar*, &c. *Em quanto o ardente calor murchava o esmalte dos lirios, e* que *as Driades*

procuravão as claras fontes. Não tereis mais que *hum semblante, e* que *huma palavra,* &c.. Nas quaes palavras o segundo *que* he hum pleonasmo vicioso em portuguez, por ser empregado contra o uso e boa syntaxe do lingua.

3.º Nas frases onde o *que* francez tem a força da particula restrictiva *senão,* v. gr., *como esta prova não póde fazer impressão* que *sobre hum ouvido attento. Os lugares oratorios exteriores são aquelles, que sem serem absolutamente estranhos á materia, não tem* que *huma relação indirecta com ella,* &c. As quaes frases em portuguez corrente querem dizer: *como esta prova* sómente *póde fazer impressão,* ou *como esta prova não póde fazer impressão* senão *sobre,* &c.

Muito mais se deve evitar esta especie de gallicismo, quando da traducção litteral se segue escuridade, ou má intelligencia da frase, como, por exemplo, neste lugar tirado de huma traducção impressa: *Se os lavradores não alcanção pelo trabalho mais rude e mais constante,* que *huma existencia desgraçada, não entrarião já na classe dos associados, mas dos escravos,* aonde o *que* separado do verbo *alcanção* pelas expressões intermedias, faz escuro e quasi inintelligivel o sentido do auctor, devendo dizer-se: *Se os lavradores, por meio do mais rude e constante trabalho, não alcançassem* mais que *huma existencia desgraçada,* ou *sómente alcançassem,* ou *nada mais alcançassem que* huma existencia, &c., *não deverião ser contados na classe dos cidadãos, mas sim na dos escravos,* &c.

Cumpre porém notar aqui: 1.º, que achâmos hum exemplo deste gallicismo em Lobo, *Côrte na aldeia,* edição de 1649, pag. 135, onde diz: «Não se ama a cousa *que* pelo que he».

2.º Que igualmente nos parece reprehensivel o *que* em

lugar de *como*, ou *quanto*, usado nos versos de Filinto Elysio na seguinte frase:

.... e até das damas,
Que a natureza fez tão engenhosas,
Tam validas das Musas, *que* de Venus.

3.º Que muito portuguezmente usâmos do *que* em lugar de *senão*, quando no primeiro membro da frase vem o adjectivo *outro*, *outra cousa*, &c., v. gr., em Arraes, Dial. 5.º, cap. 21.º: «Não sendo a virtude outra cousa, *que* huma medianeira», &c. No *Espelho de religião*, pag. 79.º: «Nenhuma outra cousa lhe havião lançado *que* sal e agoa», &c.

Queimar a cabeça *(Bruler la tête)*—He expressão franceza, que vale tanto como em portuguez *matar*, ou mais á letra *matar a tiro dado na cabeça*.

R

Rango—He tomado indevidamente pelos nossos traductores modernos do francez *rang*, por ignorarem que temos em portuguez o mesmissimo vocabulo, postoque já com outra orthografia e pronunciação. Duarte Nunes, no *Orthografia da lingua portugueza*, cap. 11.º, diz: «Que dos Francezes Limosiis tomárão os Portuguezes o vocabulo *rench* por *teia para justa* (fileira de taboas, com que se fechava o campo), e que d'aqui dizemos *as cousas postas em ordem ou ala* estarem em *rench*». Damião de Goes escreve: *duas renques de homens armados*, isto he, *duas fileiras*. Hoje finalmente se diz com frequencia *pôr em renque*, ou *em renga*; *huma renga de arvores*, &c.; e nesta provincia do Minho se tecem certos

panos de linho mui raros, a que chamão *rengues*, ou *rengos*, aos quaes, póde ser, alludia D. Francisco Manuel nas suas *Obras metricas*, tom. 2.º, pag. 60, col. 1.ª, quando dizia:

> Não me cazo co' avoengo,
> De pai de mãi Deos nos livre,
> Sogra astuta sogro sengo
> Pede ora a capa, ora *o rengo*,
> Se he cativa, eu não sou livre.

(Veja-se Bluteau nas palavras *Rengue* e *Rengo*, e o *Diccionario* de Moraes nas mesmas palavras.)

Reclamar — Tem este verbo suas significações proprias em portuguez, que se achão nos diccionarios, e devem ser sabidas, mas com a significação de *invocar*, *implorar*, e tambem *demandar*, *exigir*, &c., parece-nos gallicismo reprehensivel. Assim em lugar de *reclamar a auctoridade das leis; reclamar a justiça do principe; reclamar os direitos da razão; reclamar o testemunho de alguem em nosso favor*, &c.; devemos dizer: *invocar a auctoridade* das leis; *implorar a justiça* do principe; *invocar os direitos* da razão; *chamar, invocar em seu favor o testemunho* de alguem, &c. E em est'outras frases: *as ordens do soberano reclamão a nossa obediencia; a necessidade de nos salvarmos reclama a nossa união;* diremos: as ordens do principe *exigem* a nossa obediencia; a necessidade de nos salvarmos *demanda, exige* a nossa união, &c.

Recruta, Recrutar, &c. — Nestas palavras (diz Madureira na *Orthografia)*, vertêrão alguns nossos portuguezes militares a palavra franceza *recrue*, que significa *a leva que se faz dos soldados para encher as companhias*, &c. (Veja-se Bluteau, *Prosas portuguezas*, part. 1.ª, pag. 16.) Hoje são palavras adoptadas e auctorisadas.

Redactor *(Rédacteur)* — Quer dizer *compilador, recopilador,* &c. Usa-se hoje, principalmente para significar os *compiladores de noticias publicas;* os *diaristas,* tanto *politicos* como *litterarios,* &c.

Regressar — Dizem alguns, seguindo o francez moderno *regresser,* em lugar de *retroceder, voltar sobre os proprios passos;* mas este vocabulo parece não ser derivado conforme a analogia da lingua, e poder-se escusar em portuguez.

Reinstallar — Veja-se *Installar.*

Remarcavel *(Remarquable)* — He puro gallicismo, e todavia muito da moda. Em portuguez corrente dizemos *notavel, digno de reflexão, de reparo, insigne, conspicuo, estremado, assignalado, abalisado, que he para ver-se, que he muito de ver,* &c.

Rendez-vous — He francez estreme, que nós traduzimos por *parada, paragem, estancia,* &c., v. gr., *sa maison était le* rendez-vous *des personnes de la plus grande qualité;* a sua casa era a *estancia, a parada* dos homens da mais distincta qualidade, isto he, o *lugar de ajuntamento,* o *ponto,* ou *lugar de união,* &c.

Renomado — Por *afamado, celebre, famoso,* &c., he gallicismo intoleravel e escusado.

Reprimenda *(Réprimande)* — He outro gallicismo de que não temos necessidade alguma, e que significa o mesmo que *reprehensão* e *correcção.*

Reprochar *(Reprocher)* — Quer dizer *exprobrar, improperar, lançar em rosto* algum vicio, ou defeito. He

usado por Gomes Eannes, *Chronica do Conde D. Pedro*, cap. 15.º; e já o traz Duarte Nunes, *Origem da lingua portugueza*, cap. 11.º, entre os vocabulos, que tomâmos dos Francezes, postoque Bluteau o suppõe derivado da lingua castelhana. Pelo que não o podemos tachar de gallicismo moderno, como alguns pretendem.

Ressorte *(Ressort)*—He vocabulo puramente francez, que significa propriamente o *elasterio* ou *mola* do relogio, ou de outra maquina, e no sentido figurado qualquer *meio, agente, impulso*, ou *expediente activo*, que se emprega para a execução de alguma empreza. Podemos expressal-o em bom portuguez por *mola*, usando da mesma metafora, que os Francezes adoptárão; ou traduzil-o por *agente, causa activa, movel, motor principal*, &c., ou emfim usar de outras expressões de igual força e apropriadas ás circumstancias; v. gr., nesta frase *cela est du ressort de la grammaire*, diremos *isto pertence á grammatica, he da sua competencia. Estas cousas não são* do ressorte *dos systemas filosoficos*, isto he, não são *da sua alçada;* não estão *no alcance* da filosofia; não *o alcanção* os systemas filosoficos; *excede as balizas* da filosofia, &c.

Ressurças *(Ressources)*—He puro gallicismo, que tão inadvertidamente usão até pessoas doutas e discretas. Em lugar delle temos *recursos, expedientes, arbitrios, meios, traças, ardís, modos, artes, invenções, manhas, industrias*, &c.

Resto —Não reprovâmos este vocabulo, que he muito portuguez; mas o uso immoderado, que delle se faz, dá ás vezes ao discurso hum resaibo de francezismo, que se deve evitar variando a expressão. Assim poderemos traduzir, v. gr., *o resto dos homens*, isto he, *os demais ho-*

mens; todo o resto se queimou, isto he, *tudo o mais; o resto do dinheiro,* isto he, *o restante, o remanecente; os restos da meza,* isto he, *os sobejos, os residuos; o portador vos dirá o resto,* isto he, vos dirá *o mais;* e assim nas frases, que a cada passo se offerecem. Quando se notão, v. gr., os defeitos de alguma pessoa, e se conclue com esta clausula *du reste excellent homme,* seria má traducção dizermos, como hoje mui vulgarmente se diz: *de resto he hum excellente homem.* Em frase portugueza diremos: *no mais he hum homem excellente,* ou *aliàs he hum homem excellente,* ou *homem aliàs excellente, &c.* Quanto porém á expressão conjunctiva *au reste,* que hoje se traduz *de resto,* e a cada passo se repete na conversação familiar, confessâmos não ter achado huma palavra portugueza, que exactamente lhe corresponda, devendo por isso supprir-se pelas clausulas *no mais; emquanto ao mais; no que toca ao mais* (em latim *caeterum,* ou *quoad caetera);* e algumas vezes, *de mais do que; sobre isto; com tudo isso; porém, e de mais; todavia, &c.*

Retreta — *Tocar á retreta,* parece que dizem hoje os nossos militares, tomando o vocabulo ou do hespanhol *retreta,* ou do francez *retraite.* Segundo o nosso parecer he escusada esta novidade. *Sonner la retraite* quer dizer em portuguez limpo *tocar a recolher; battre en retraite, tocar a retirada; faire une honorable retraite, fazer huma honrosa retirada, &c.*

Retrogradar — He tomado do francez *rétrograder,* aindaque a sua origem he latina. Significa o mesmo que *retroceder, voltar para traz.* Já vem em Bluteau, no *Supplemento,* com a significação de *retroceder, cessar, desistir de alguma cousa,* e no *Thesouro de Prudencia* achâmos *retrogradando por ordem do aureo numero.*

Revanche — He puro gallicismo intoleravel. Em portuguez corresponde-lhe *desforra, despique, satisfação*, e tambem genericamente *compensação*, ou seja em *recompensa* de acção boa, ou em *vingança* de acção má.

Reveria *(Rêverie)* — He outro gallicismo igualmente grosseiro e intoleravel. Este vocabulo significa em bom portuguez ora *fantasias*, ora *pensamentos*, ora *imaginações loucas, delirios*, e talvez *meditações*. Refere-se mui particularmente ao estado de huma pessoa, que inteiramente se acha occupada de hum pensamento qualquer, de sorte que a nada mais attende; e neste sentido se lhe póde substituir em portuguez *meditação profunda*, e talvez *alienação*.

Revoltar, Revoltante — São palavras, que os afrancezados hoje usão com muita frequencia: *isto revolta a razão; esta acção revolta a humanidade; revolta o bom senso*, &c. Mas são puros gallicismos. Os nossos bons Portuguezes dirião: *isto escandaliza a razão; indigna a humanidade;* esta acção *faz exasperar, provoca, irrita, incita, causa raiva*, &c.

Ridiculo — Em portuguez he hum adjectivo, que significa *cousa digna de riso, que move a riso*. Mas não o tomâmos como substantivo para dizer, v. gr., *conheço os ridiculos do mundo*, isto he, *o que o mundo tem de ridiculo*, ou conheço *quão ridiculo he o mundo*, &c. *Este homem se cobrio de ridiculos*, isto he, *se fez ridiculo, se ridiculisou*, ou *se portou ridiculamente*, &c.

Rival, Rivalidade — Até agora (diz Bluteau) não a achei em auctores portuguezes; mas pela mesma razão

que os Italianos, Castelhanos e Francezes, a podemos admittir, porque não temos outra com significado equivalente; os Latinos a usárão em *competencias amorosas*, &c. Porém antes de Bluteau já esta voz havia sido empregada por João Franco Barreto, *Eneida Portugueza*, liv. 4.º, est. 122.ª, aonde a desditosa Dido exclama:

Que farei? porventura hei de tornar-me
Aos primeiros *rivaes* escarnecida?

E antes de João Franco Barreto a usára Mausinho no *Affonso Africano*, cant. 5.º:

Mas elles, qual o touro impaciente,
Terror da Silva, dos *rivaes* espanto.

Veja-se tambem Moraes no *Diccionario*, na palavra *dislate*, aonde traz *rival* auctorisado com o *Viriato Tragico*. Depois se tem usado com muita frequencia, de maneira que hoje se deve reputar não só naturalisado, mas classico. Comtudo não devemos esquecer-nos dos vocabulos portuguezes *competidor* e *competencia*, e *emulo* e *emulação*, *pretensor*, &c.; que assim como *rival* e *rivalidade* significão não só *competencias amorosas*, mas quaesquer outras, e além d'isso em alguma occasião serão de melhor effeito na harmonia da locução.

Rolar — He entre nós verbo neutro, que não admitte significação activa, e (como dizem os grammaticos) *transeunte*. Pelo que os nossos modernos traductores commettem solecismo quando dizem, segundo o uso francez, *pequenos grãos de ouro correm com a areia, que rola este rio em seu magestoso curso*, devendo dizer:

com a areia, que este rio volve *em seu magestoso curso,* &c. Assim Camões nos *Lusiadas,* cant. 7.º, est. 11.ª:

> Não vêdes que Pactóla e Hermo rios
> Ambos *volvem* auriferas areias?

E a moderna traducção das *Metamorphoses de Ovidio,* por Almeno, liv. 2.º:

> .... donde corria murmurando
> Hum rio, que *as areias* quebra e *volve.*

Romance — Sempre significou entre nós a *lingua vulgar,* ou propria de cada nação. Camões, nos *Lusiadas,* cant. 10.º, est. 96.ª

> O Rapto rio nota que *o romance*
> *Da terra* chama Obi...........

D'aqui vem *romance* e *romancear,* isto he, *traducção* e *traduzir em vulgar:* v. gr., em Bernardes, *Praticas e sermões,* part. 1.ª, pag. 416: «Este he *o romance* das seguintes palavras de Santo Agostinho». E em Frei Gregorio Baptista, part. 1.ª das *Domingas,* n.º 241: «Não *romanceio* as palavras, porque são expressamente tudo o que tenho dito», &c. E tambem *romances* por certa composição poetica, que semelha muito a prosa. (Veja-se Madureira, *Orthografia.)* Mas *romance* por *novella* he novo e trazido do francez: hoje porém está adoptado pelo uso geral.

Rutina ou **Rotina** *(Routine)* — He gallicismo desnecessario, e porém mui vulgarmente usado. Significa *trilha, usança, caminho trilhado, cousa usual, trivial,*

vulgar, sabida de todos, &c. Assim em lugar de *seguir a rutina,* diremos *seguir a trilha,* ou *o trilho, a usança,* &c. *Politica de rutina,* isto he, *trivial, usual, vulgar,* &c.

S

Sabre — He tomado do francez, ou do inglez *sabre,* e presentemente mui usado dos militares: mas parece desnecessario, visto exprimir o mesmo que o portuguez *terçado, alfange* e *cimitarra,* ou *semitarra.*

Saltar aos olhos — He expressão franceza, que não convem ao nosso idioma. A frase *cela saute aux yeux,* deve traduzir-se *isto he mais claro que a luz,* ou *que a luz do meio dia,* ou *isto he tão claro como o sol* (latim *hoc patet meridiana luce clarius;* ou *id nemo non videt),* ou tambem *isto está-se mettendo pelos olhos. Ne voir pas ce qui saute aux yeux,* isto he, *fechar os olhos á luz* (latim *caligare in sole),* &c.

Salva-guarda *(Sauve-garde)* — He tambem novo em portuguez, e escusado. Diz o mesmo que *salvo-conducto, seguro, resalva,* e algumas vezes *sagrado, asilo, amparo, protecção, patrocinio,* &c.

Sanccionar *(Sanctionner)* — Por dar *sancção, confirmar, ratificar,* &c., tem origem latina, he derivado conforme a analogia, e parece necessario para evitar circumloquio, visto ter significação mais restricta que os verbos *confirmar* e *ratificar.*

Sapador *(Sapeur)* — Significa em geral o *cavador de enxada,* e no sentido militar o que em portuguez cha-

mâmos *gastador*, isto he, aquelle que no exército e nos assedios *trabalha com enxada em alhanar caminhos, abrir trincheiras, fazer fossos*, &c. (Veja-se Bluteau, *Vocabulario*, palavra *sapa)*, Moraes no *Diccionario*, palavra *sapa* e *sapador*, diz que *sapador* he o soldado, que trabalha com *sapa*, e que pertence á companhia dos *mineiros*. Parece vocabulo de origem italiana.

Satellite — Tomado do latim *satelles*, isto he, *guarda que acompanha sempre o principe*, he usado entre nós no sentido astronomico, por *planeta menor*, que gira em torno de outro maior, como a lua em roda da terra. Hoje se diz tambem, como em francez, por *esbirro, beleguim, official inferior de justiça*, e ainda por *qualquer homem assalariado*, que acompanha quasi sempre a outrem para feitos maus e acções criminosas, &c. He metafora expressiva, e em muitos casos aceitavel.

Secundar, Secundado — He gallicismo desnecessario, pelo qual dizemos em bom portuguez *coadjuvar, auxiliar, apoiar, ajudar, assistir, apadrinhar, patrocinar*, &c.

Sensato — Em lugar de *avisado, sisudo, prudente, considerado*, talvez *judicioso, discreto*, &c., parece innovação, que nos não era necessaria: mas tem boa origem no latim, acha-se auctorisado pelo uso geral, e não desdiz da analogia.

Senso — He vocabulo novo em portuguez, e derivado immediatamente do francez *sens*, aindaque de origem latina, e trazido com sufficiente razão á nossa lingua. Deve todavia usar-se sem affectada frequencia, e sem nos esquecermos das expressões propriamente nossas, com que declarâmos os seus diversos sentidos. Assim poderemos

variar da maneira seguinte as frases, em que elle póde ter lugar:

Homem de senso, isto he, homem *de juizo*, *homem prudente*, *de razão*, *de capacidade*, *de tino*, &c.

Homem de grande senso, isto he, *de grande juizo*, *de bom juizo*, *de bom entendimento*, *de muita intelligencia*, *mui avisado*, &c.

Homem que não tem senso, isto he, *mentecapto*, *insensato*, *louco*, *desarrazoado*, &c.

Perder o senso, isto he, *enlouquecer*, *perder o juizo*, *desatinar*.

Obrar como homem de senso, isto he, *como homem de juizo*, *de conselho*, *como homem prudente*, *obrar com cordura*, *com sisudeza*, *avisadamente*, &c.

Não ter o senso commum, isto he, *não ter discrição*, *não ter sizo*, &c.

Sentimental — He palavra innovada em francez, e do francez trazida para a nossa lingua; mas havemos que he conveniente adoptar-se, visto ter boa origem e derivação, e não poder-se supprir em todos os casos por outra de igual expressão e valor: porque a palavra *sensitivo*, que parece corresponder-lhe, nem he de significação tão determinada, nem o póde traspassar bem em todas as circumstancias.

Sentimento — Significa em portuguez a *sensação de prazer*, *pena*, &c.; a *dor*, *pena*, ou *paixão* que se toma por alguma cousa; a *opinião* ou *parecer*, que se tem nesta ou naquella materia, &c. (Veja-se Bluteau e Moraes.) Hoje o usâmos tambem á imitação dos Francezes, para significarmos com elle o mesmo que com a palavra portugueza *affecto* no seu sentido generico, e dizemos, v. gr., *ter sentimentos* de humanidade, de compaixão, de benevolencia, &c., para com alguem, isto he,

ter affectos de humanidade, &c., *ter bons, ou máos sentimentos* para com alguem, isto he, *ser-lhe affecto, affeiçoado,* ou *desaffecto, desaffeiçoado,* ter *bons* ou *máos sentimentos,* isto he, *bom* ou *máo coração;* ter *sentimentos nobres, baixos,* &c., isto he, ter *coração nobre,* ter *alma vil,* &c.; homem *que não tem sentimentos,* isto he, *impudente, desfaçado, desavergonhado,* &c. He vocabulo justamente adoptado e muito expressivo.

Serpentear ou **Serpentar** — São tomados do francez *serpenter,* tem boa derivação do substantivo *serpente,* e são formados conforme a analogia. Mas temos exemplo classico de *serpejar* com a mesma significação no *Viriato Tragico,* imitado na moderna traducção das *Metamorphoses de Ovidio,* liv. 4.º:

> E em corpo unido, até entrar nas grutas
> *Serpejárão* da proxima floresta.

Tambem se póde dizer *serpear* com boa analogia, bem como dizemos *gotejar* e *gotear, rastejar* e *rastear, carrejar* e *carrear,* &c., e desta fórma o vemos empregado a miudo nos *Versos* de Filinto Elysio, por exemplo no tom. 2.º:

> Qual *serpeia* o regato
> Em socegada veia.

E em outro lugar:

> Em seu fluido estilo vai Bernardes
> *Serpeando* manso e manso, &c.

Sexo — No idioma portuguez he vocabulo indifferente para significar o *sexo masculino,* ou *feminino:* pelo que parece abuso empregal-o absolutamente, e sem modifica-

ção, como fazem os Francezes, para significar, quasi por excellencia, *as mulheres,* ou o *sexo feminino.* V. gr., nestas proposições: *no que respeita particularmente ao sexo,* deve dizer-se *ao sexo feminino,* ou *ás mulheres; taes mulheres não devem ser contadas entre o sexo,* isto he, taes mulheres *não merecem este nome;* ou *não devem ser contadas entre as pessoas do seu sexo; os caprichos do sexo,* isto he, *das mulheres,* &c.

Sim — «Esta particula (diz Dias Gomes, *Obras poeticas,* nota 13.ª á ode 5.ª) he mui portugueza; mas o uso immoderado, que neste tempo tem feito della poetas e oradores, quando servilmente imitão os auctores francezes, e principalmente em clausulas tão proprias da lingua franceza, como estranhas da nossa, a constituírão gallicismo». Parece que este critico filologo allude particularmente a certas transições affectadas, que se notão com frequencia nos nossos modernos oradores sagrados, e algumas vezes nos poetas, quando intempestivamente e fóra de proposito usão das clausulas *sim; sim, senhores; sim, meus ouvintes,* &c.; as quaes em melhor portuguez se traspassarião por estas: *na verdade, em realidade,* e *por certo que,* &c.

Sobre — He preposição portugueza, cuja significação e usos devem ser conhecidos. A lição porém dos livros francezes tem introduzido varios modos de falar, em que ella se emprega contra o bom uso portuguez, e com huma frequencia tal, que faz o discurso affectado. Daremos alguns exemplos com as suas correcções.

Nomes inscriptos *sobre a lista,* isto he, assentados *na lista.* (Veja-se *Inscrever.)*

Concordâmos *sobre o fundo* da questão, isto he, *no substancial, no essencial.* (Veja-se *Fundo.)*

Usurpação *sobre o clero,* isto he, *feita ao clero.*

O throno, que hum perfido usurpou *sobre mim*, isto he, que hum perfido *me usurpou*.

Ajuntou-se o Concilio *sobre a petição* do clero e povo, isto he, *a pedido*, *a requerimento* do clero, &c.

Tribunal fundado *sobre o modelo* dos tribunaes do Egypto, isto he, estabelecido, ou fundado *conforme o modelo*, *segundo a fórma*, ou *á maneira* dos do Egypto, ou *amoldado aos do Egypto*, &c.

Domou os paizes, que achou *sobre a sua passagem*, isto he, que encontrou *em sua passagem*, &c.

Ganhar terreno *sobre o inimigo*, isto he, *ao inimigo*.

Conquistar a Palestina *sobre os Arabes e Turcos*, isto he, *aos Arabes*, &c.

O objecto dessas disposições era fazer temer ao inimigo *sobre o centro* da sua linha, isto he, inspirar-lhe temor *ácerca*, ou *a respeito do centro*, &c.

Acreditar alguem *sobre a sua palavra*. Duvidâmos que seja expressão classica; mas já vem no Alvará de 14 de Abril de 1764.

Dirigir as suas acções *sobre o plano* combinado da sua futura elevação, isto he, *conforme*, ou *segundo o plano*, &c.

Contar *sobre alguem*, ou *sobre alguma cousa*. (Veja-se *Contar*.)

Sobre o campo *(Sur-le-champ)* — Expressão adverbial, que com summa ignorancia tomárão do francez alguns traductores nossos. Em lugar della diremos *logo*, *em continente*, *sem demora*, *no mesmo ponto*, *logo no mesmo ponto*, *logo logo*, *sem detença*, *immediatamente*, *promptamente*, *de repente*, *no mesmo instante*, &c.

Sortida *(Sortie)* — Por *invectiva*, *reprehensão aspera*, *vehemente*, &c., he puro gallicismo, e abuso intoleravel. Tambem nos parece erro tomal-o por qualquer *esca-*

remuça, ou *correria militar* contra o inimigo: mas no sentido mais restricto de *tentativa que fazem os sitiados contra os sitiadores de huma praça*, he adoptado. (Veja-se Moraes na palavra *Sortida.)*

Subir *(Subir)* — Por *sofrer, supportar*, v. gr., *subir a pena, subir o jugo*, &c., sem embargo de ter fundamento no latim, he abuso contrario á significação que tem em portuguez a palavra *subir*.

Subsistencia — Significando *o necessario para a vida, o alimento*, ou *os meios precisos para subsistir*, diz Bluteau no *Supplemento*, que he tomado do francez *subsistence*. Hoje he adoptado.

Successo — Significa em portuguez qualquer *acontecimento*, o *exito de qualquer empreza*, ou negocio, &c., e he indifferente para exprimir o successo *bom* ou *máo, feliz* ou *infeliz, prospero* ou *adverso*, &c., em tal maneira que só o adjectivo o tira da sua indeterminação, restringindo-lhe a extensão do significado. Pelo que he gallicismo tomal-o *absolutamente*, dizendo, v. gr., *prégou com successo*, isto he, *com bom successo; para cultivar com successo he necessario conhecer o terreno*, isto he, para cultivar com *feliz successo*, &c.

Succumbir *(Succomber)* — Parece-nos derivado immediatamente do francez para o portuguez. Em lugar delle diziamos, v. gr., *succumbir á dor, á corrupção, ao peso*, isto he, *render-se á dor*, &c. Comtudo *succumbir* tem origem no latim, he conforme com a analogia, he expressivo, e tem significação mais restricta, e por isso menos equivoca que o verbo *render-se*.

Supercheria — Traz Bluteau esta palavra no seu *Vo-*

cabulario, sem a auctorisar, e diz que significa *engano, fraude, dolo*, e que alguns a querem derivar de *super* e *tricherie*, que em francez vale o mesmo, que *engano no jogo*. Nós não a temos até ao presente achado em auctor algum nosso de boa nota, nem a julgâmos necessaria, nem digna de adoptar-se: e entendemos que a sua significação se exprimirá bem por *velhacaria, trapaça, astucia fraudulenta*, &c.

Supplantar *(Supplanter)*—Significa propriamente *armar cambapé*, ou *dar traça, com que alguem caia, e se arruine, para lhe precedermos; usar de sancadilhas, lançal-as a alguem para derribal-o; furtar-lhe o arrimo, e fazel-o cahir para passarmos adiante; fazer perder a alguem o credito, favor, ou auctoridade; arruinal-o para nos pormos em seu lugar*, &c. Tem origem no latim *supplantare;* não encontra a analogia; he mui expressivo e energico; e não póde supprir-se em portuguez senão por circumloquio.

Supportar ou **Soportar**—Do latim *supportare*, quer dizer, *levar algum peso sobre si, poder com elle, sustental-o estando debaixo*, &c.; e com esta mesma significação o usâmos no sentido figurado, quando dizemos em bom portuguez: *supportou o primeiro choque, e a primeira furia da peleja; supportar a violencia da artilheria; supportar o impeto do inimigo*, &c. (Veja-se Bluteau no *Vocabulario*, palavra *Supportar.)* D'aqui vem a outra significação tambem figurada de *sofrer, tolerar, sobrelevar* algum mal, ou dor, isto he, leval-a com paciencia. Mas nunca em portuguez se disse, como dizem os francezes modernos, *supportar a artilheria com a infanteria; supportar o governo com subsidios; supportar a esquerda com alguns batalhões*, &c., em lugar de *apoiar, auxiliar, sustentar, assistir, ajudar*, &c.

Surmontar *(Surmonter)*—He gallicismo, que diz tanto como o portuguez *superar, vencer,* &c., e se for necessario no seu primario e formal sentido, diremos com boa analogia *sobremontar.*

Surpreza, Surprender, &c.—Os nossos classicos dizião *soprezar* por *tomar improvisamente,* v. gr., *soprezar huma praça, fortaleza, castello,* &c., e *soprezado* por *tomado de improviso,* v. gr., *navio soprezado,* &c. Hoje se diz tambem *surprender* e *surpreza* do francez *surprendre* e *surprise,* por *tomar alguem desapercebido, de subito, de improviso, achado inesperadamente no facto,* &c. (Veja-se Moraes no *Diccionario,* palavra *Surprender,* aonde diz que he *termo moderno adoptado.*) Nós somos de parecer, que se deve corrigir a orthografia, vistoque não he regular compor hum verbo ou nome com huma palavra portugueza, e outra estrangeira. A analogia pediria, no nosso caso, *sobre-prender,* ao qual preferiremos sempre as boas expressões portuguezas *sobresaltear,* ou *sobresaltar* e *sobresalto,* isto he, *acommetter,* ou *tomar de improviso* com alguma novidade, ou cousa inesperada; e *acommettimento imprevisto,* ou o *susto* e *enleio,* que elle causa. Quando os Francezes dizem, v. gr., *Surprendeo a minha credulidade, a minha boa fé,* entende-se *enganou, induzio em erro, abusou* da minha credulidade, &c.

T

Tapeçar, Tapizar, Tapeçado, Tapizado e Tapessar—São tomados do francez *tapisé,* ou *tapissé* e *tapisser,* mas não são modernos, como ao principio nos parecêrão. Em Vieira, *Sermões,* tom. 1.º, pag. 307, achâmos: «Paredes ricamente entapizadas». Nos *Estatutos*

antigos da Universidade, pag. 7: «Entapiçar a capella». Mausinho, *Affonso Africano*, cant. 4.º:

> Era de verde esmalte *entapizada*
> A bella margem, &c.

E no cant. 6.º:

> Logo saltamos dentro, e no regaço
> Da floresta de verde *tapizada*.

E finalmente o mesmo Vieira, *Sermões*, tom. 15.º, pag. 266: «O aposento de sua alteza... pelo inverno tinha de mais *os tapizes*», &c. Conservemos pois os vocabulos, e sejamos conformes na orthografia.

Tardivo e **Tardiva**—São vocabulos que lemos em huma traducção impressa, e que tomariamos por erros typograficos, se os não vissemos repetidos mais de huma vez em ambos os generos, á maneira do francez *tardif* e *tardive*, v. gr., *a experiencia filha* tardiva *do tempo, o outono* tardivo *da idade, a marcha* tardiva *do homem*, &c. O portuguez *tardio* e *tardia* não he nem menos expressivo, nem menos harmonico, e por isso tal innovação he destituida de todo o fundamento razoavel.

Tartufo—He vocabulo novo, que parece ter sido introduzido na nossa linguagem pelo capitão Manuel de Sousa, na traducção do *Tartufe* de Molière. Significa o mesmo que o portuguez *hypocrita*, ou *beato falso;* e seria para desejar, que nem huma só palavra nos fosse necessaria para exprimir semelhante casta de maldade e depravação.

Taxa—Este vocabulo tomado na significação de *im-*

posto, tributo, direito, foi modernamente censurado de gallicismo, ou inglezismo, como derivado do francez *taxe,* ou do inglez *tax.* Nós o achâmos no *Diccionario* de Moraes auctorisado, no mesmo sentido, com Goes, *Chronica de D. Manuel,* part. 1.ª, cap. 18.º, mas não tivemos occasião de verificar este lugar.

Temivel — He palavra já hoje mui vulgarmente usada, e que tem a seu favor algumas boas auctoridades modernas, razão por que o não reprovâmos, maiormente não encontrando elle a analogia do idioma. Os nossos bons Portuguezes dizião em lugar delle cousa *temerosa, temida, para temer,* e tambem elegantemente *cousa para temida.*

Tirada — He vocabulo tomado do francez *tirade,* ou do italiano *tirata,* que significa *passagem hum pouco extensa de alguma obra,* ou *lugares seguidos sem interpolação sobre o mesmo assumpto.* Não o julgâmos adoptavel, e em lugar delle usariamos de *rasgo,* ou *lanço,* que respondem aos termos latinos *tractus, jactus,* assim como estes ao francez *tirade,* e ao italiano *tirata;* e em portuguez corrente dizemos *rasgo de eloquencia,* isto he, *passagem eloquente seguida, e não mui extensa,* e tambem *lanço de casas, de cubiculos,* &c., para significar huma *serie* delles *seguidos huns a outros,* &c.

Tocante *(Touchant)* — Por *affectuoso, terno, mavioso, pathetico, amoroso, amavioso, meigo, carinhoso,* &c., parece ser gallicismo, diz Moraes no *Diccionario.* Comtudo o mesmo Moraes o usou na traducção das *Recreações do homem sensivel,* e o padre Pereira na *Dedicatoria ao Principe nosso Senhor,* impressa á frente da sua traducção da *Sagrada Biblia,* em 4.º, diz «que a Senhora D. Maria I costumava recitar todos os dias as *Horas ca-*

nonicas, e nellas a parte mais devota e *tocante* da *Sagrada Escriptura*, quaes são os *Salmos*», &c. Á vista destas auctoridades, não ousâmos reprovar de todo o vocabulo *tocante;* mas preferiremos sempre algum dos muitos que em portuguez lhe correspondem, até porque sendo elle derivado do verbo *tocar*, cuja significação he mui generica, nos parece pouco expressivo.

Todo, Tudo—São palavras bem conhecidas em portuguez; mas he erro empregal-as em certas frases, em que os Francezes tomão o seu vocabulo *tout*, com a significação de *inteiramente, absolutamente*, &c. Assim nesta frase: *esta descoberta vos pertence* toda inteira, diremos em bom portuguez: *este descobrimento vos pertence inteiramente*, ou *he inteiramente vosso. Usais de adornos de hum gosto* todo novo, isto he, *totalmente novo. Fazeis* tudo *o contrario do que se deve fazer*, isto he, *fazeis totalmente*, ou *absolutamente*, ou *inteiramente* o contrario, &c.

Tomar a palavra—Assim dizem hoje alguns, traduzindo á letra o francez *prendre la parole*, para significarem o que *se adianta a falar primeiro que os outros* em algum ajuntamento, e sobre algum negocio, que ahi se tracta. Em melhor portuguez dizemos *tomar a mão*. V. gr., na *Vida do Arcebispo*, liv. 1.°, cap. 22.°: «Aqui *tomou a mão* o provincial, e foi proseguindo no mesmo argumento». E no liv. 2.°, cap. 10.°: «*Tomou* o arcebispo *a mão*, vendo consumida a tarde», &c. Pelo contrario *tomar a palavra* he expressão que nos nossos classicos significa *receber de alguem a promessa, fazel-o prometter:* como, v. gr., em Fernão Alvares, *Lusitania transformada*, liv. 2.°, pros. 10.ª: «Mas quero, primeiro que peça esta mercê, *tomar-vos a palavra*, que não haveis em nenhum caso de negar-ma», &c.

Traotamento *(Traitement)* — Tem no portuguez sua propria significação; mas tomado por *salario, ordenado, estipendio,* v. gr., *o tractamento dos ministros, dos officiaes,* &c , he gallicismo escusado.

Traotar de resto, Traotar de bagatella, &c. — São modos de falar á franceza. Em portuguez dizemos *ter em pouco, tractar com desprezo, desprezar, menoscabar, vilipendiar, ter em pouca conta, ter em menoscabo,* &c.

Travezes — Lemos em traducções impressas as seguintes frases: *todos estes* travezes *não são naturaes ao sexo; todos* os travezes, *que reinão no mundo, não tem tanta força para corromper huma rapariga, como huma mãi dissipada; os homens se achão confundidos com as mulheres debaixo dos mesmos* travezes, &c., são outros tantos gallicismos. *Travez* e *travezes* tem em portuguez sua significação propria, e são termos de fortificação: mas ao francez *travers* corresponde em portuguez *irregularidades, desregramentos, extravagancias, desconcertos, desmanchos, desordens, erros, avessos,* &c.

Trem de vida — Por *modo de vida, genero de vida, modo de proceder,* &c., he frase franceza, alheia do nosso idioma, e escusada.

Trenó *(Traîneau)* — Significa, segundo Moraes, no *Diccionario, carro de rojo, sem rodas,* em que se viaja sobre as neves do norte. Bluteau o traz no *Supplemento,* e o auctorisa com huma *Gazeta de Lisboa* do anno de 1723. Poderia talvez exprimir-se por *trilho,* especie de *carro sem rodas,* puxado por bois, e sobre elle huma pessoa em pé, ou assentada, o qual serve para debulhar o trigo. Tambem se traspassaria sem erro pela palavra

zorra, isto he, carrinho com rodas, para levar e arrastar pedras grossas e outros pesos. (Veja-se o mesmo Bluteau nas palavras *Trilho* e *Zorra.)* O elegantissimo Sousa na *Vida do Arcebispo,* liv. 2.º, cap. 4.º, descreve o *traineau* do seguinte modo: «O meio (diz elle) que achou o engenho humano para vadiar este passo (fala da descida dos mais altos picos dos Alpes para o Piemonte) foi inventar huma maneira de andores, ou carretes sem rodas, que vão descendo, ou cahindo pelas serras abaixo, arrastado cada hum por dous homens, que não sabeis se os chameis pilotos, se cocheiros, se cavallos; porque tudo he preciso que sejão nesta perigosa distancia, e tudo são», &c.

Turba *(Tourbe)* — Achâmos este vocabulo nos *Versos* de Filinto Elysio, onde diz:

> Mal haja a *turba,* e enxofre negro e duro
> Que os engenhos lhe tolda...

Parece derivado do francez, e significa certa *terra bituminosa,* de que os Hollandezes usão em lugar de lenha e carvão, e que se acha em grande quantidade junto a Setubal, na Comporta. (Veja-se as *Memorias economicas* da Academia Real das Sciencias de Lisboa, tom. 1.º, pag. 182 e 232, aonde se lhe dá o nome de *turba,* ou *turfa.)*

U

Ulterior — Era entre nós termo geografico, e significava o contrario de *citerior,* v. gr., *Hespanha ulterior, Hespanha citerior,* &c. Hoje dizemos tambem, como os Francezes, *consequencias ulteriores, pretenções ulteriores, successos ulteriores,* &c.; mas esta significação não

desdiz da primeira, tem fundamento no latim, he expressiva, e em alguns casos parece necessaria.

Ultrajante *(Outrageant)*—Os vocabulos *ultrage* e *ultrajar* ainda não erão muito usados no tempo de Bluteau, que todavia os metteo no seu *Vocabulario*. Depois tem-se introduzido tambem o adjectivo verbal *ultrajante*, que não desdiz da analogia, e significa o mesmo que *injurioso, afrontoso, contumelioso*. Alguns escriptores modernos preferem *ultrajoso* a *ultrajante*.

Unido *(Uni)*—Na significação de *igual, lizo, plano*, &c., parece gallicismo. Em portuguez dizemos *mar igual, bonançoso, terreno plano, estilo igual, corrente, ligado*, &c., e não *mar unido, terreno unido, estilo unido*, &c.

V

Viajante, Viajeiro, Viajor, Viajador—Com todas estas fórmas exprimem os Portuguezes modernos a mesma idéa. Os antigos tinhão o termo *viagem*, que parece significava mais commummente *navegação*, ou *jornada por mar*, e exprimião as *jornadas por terra* pelo vocabulo *jornada*, ou *caminho*, e sendo longas, e em paiz estrangeiro, pela palavra *peregrinação*. Hoje he geralmente adoptado o vocabulo *viagem* para significar humas e outras jornadas, e delle derivâmos com boa analogia o verbo *viajar*, pelo qual diziamos d'antes *peregrinar, ver mundo, andar por terras estranhas*, ou *fazer jornada, fazer caminho*, &c. De *viajar* se forma naturalmente o adjectivo *viajante*, que diz tanto como os antigos *viandante* e *caminhante*. Porém *viajor* do francez *voyageur*, e *viajador* do italiano *viaggiatore* são escusados, como tambem *viajante*, que Madureira pretende de-

rivar do latim *viam agens*. *Viageiro*, que achâmos usado pelo padre Pereira e por outros escriptores, tambem não he necessario; mas tem melhor analogia, e póde bem derivar-se de *viagem*, assim como de *portagem portageiro*, de *mensagem mensageiro*, &c.

Virulento — He termo medico, ou cirurgico, e significa cousa que tem *virus*. No sentido figurado parece ser novo no nosso idioma, e derivado do francez *virulent*, cousa *maligna*, v. gr., *satyra virulenta:* mas não ha razão de o reprovar.

Vistas — He notavel o abuso que se tem feito deste vocabulo, depois que nos familiarizámos com os livros francezes. Indicaremos aqui algumas das frases, em que os nossos modernos escriptores o empregão indevidamente, e lhes substituiremos as convenientes correcções.

Taes tem sido *as vossas vistas*, isto he, *os vossos intentos*.

Obravão com *differentes vistas*, isto he, com differentes *intenções*, ou *intuitos*.

Os designios e *vistas* do legislador, isto he, os *designios* e *intuitos*.

Lancemos *as nossas vistas*, isto he, *os nossos olhos*. *As vistas* da Europa estão fixadas sobre vós, isto he, a Europa tem *os olhos postos* em vós, ou *fitos* em vós, &c.

Fazer alguma cousa *com vistas* de alcançar recompensa, isto he, com *intuito*, com *desenho de alcançar*, &c., ou com *o fito*, com *a mira* na recompensa.

Lancei *as minhas ultimas vistas* sobre o Paraizo, isto he, *lancei a ultima vez os olhos*, &c.

Este he o assumpto que vou pôr *nas vossas vistas*, isto he, *aos vossos olhos*, que vou propor *á vossa consideração*, *á vossa reflexão*, &c.

A sabedoria das suas *vistas* politicas, isto he, dos seus

desenhos, ou *designios*, e ás vezes dos seus *pensamentos* politicos, &c.

Obra admiravel pela profundeza *de vistas moraes e politicas*, isto he, pela profundeza de *conceitos*, de *idéas*, de *reflexões*, &c.

Conforme *ás vistas* de Deos, isto he, aos *conselhos* de Deos, aos seus *designios*.

Lançou sobre nós *vistas* de piedade, isto he, *olhos de piedade*, olhos *compassivos*, &c.

Os nossos classicos tambem usavão do vocabulo *presupposto* com a significação de *designio, intuito, conselho, intento*, &c. V. gr., Fernão Alvares, *Lusitania transformada*, liv. 1.º, pag. 58 verso, edição de 1607, pros. 9.ª: «Tirámos do encerrado valle os nossos rebanhos, a pacer ao prado, encaminhando-os pela estrada ao conhecido pasto, *com presupposto* de tornarmos logo áquelle *lugar* sombrio», &c. E no liv. 3.º, pros. 4.ª: «Com este *presupposto* se ausentou Lizarte», &c.

Voltejar *(Voltiger)* — He gallicismo desnecessario no nosso idioma, onde temos *voltear*, e ás vezes *revoar*, que dizem o mesmo. Em relações de acontecimentos militares tambem se diz hoje *voltejadores*, devendo ser com melhor analogia *volteadores*. São soldados de certas companhias dos regimentos francezes de infanteria ligeira, ou de linha, os quaes se escolhem entre os homens mais vigorosos, ageis e lestos, mas de pequeno talhe, e são destinados a serem rapidamente levados de hum para outro lugar, pelas tropas a cavallo; pelo que se exercitão particularmente em montar ligeiramente, e de hum salto á garupa do cavalleiro, em descer com promptidão, em se formar rapidamente, e em seguir a pé hum cavalleiro, que marcha a passo, ou de trote, &c.

Voluptuosidade — Desejava Bluteau que se ado-

ptasse em portuguez o vocabulo *voluptade*, como necessario para significar com toda a propriedade o que os Latinos exprimem por *voluptas*. *(Prosas Portuguezas*, part. 1.ª, pag. 25, e *Supplemento* ao *Vocabulario.)* O uso recusou aquelle novo vocabulo, e preferio *voluptuosidade*, do francez *voluptuosité*, o qual, segundo o nosso parecer, seria conveniente adoptar-se, aindaque tivessemos *voluptade*, por ser diversa a significação de hum e outro. *Voluptade* significaria então o *deleite; voluptuoso* o homem *dado a deleites;* e *voluptuosidade* a *qualidade habitual*, que o constitue voluptuoso.

ARTIGOS

Que não podérão entrar commodamente na ordem alfabetica

I

Abuso dos pronomes

Abusa-se dos pronomes *eu, elle, nós, vós, elles, isto, aquelle*, &c., quando se empregão no discurso contra o uso da lingua, e com mais frequencia do que ella tolera, transportando para o portuguez hum defeito mui notavel que os auctores francezes quererião poder evitar no seu proprio idioma. Não nos permitte o nosso assumpto entrar a este respeito em discussões grammaticaes. Mas daremos aqui alguns exemplos deste abuso, para que os nossos leitores reflectindo nelles, e observando a diversa indole de ambas as linguas, possão evitar semelhantes gallicismos, e explicar-se com a devida correcção.

1.º Exemplo. *Se* eu *conseguir o que* eu *desejo*, eu *ficarei contente*. Nesta frase não podem os Francezes deixar

de repetir tres vezes o pronome *je*, e he este hum dos grandes defeitos do seu idioma. Em portuguez porém he viciosa essa mesma repetição, por ser contra o uso e genio da lingua, e porque faz o discurso embaraçado e frouxo, sem necessidade alguma. Deveremos pois dizer: *Se eu conseguir o que desejo, morrerei contente*; ou tambem omittindo o primeiro *eu*, se pelo teor antecedente da frase ficar removida toda a ambiguidade, como se se dissesse, v. gr.: *Trabalho por levar ao fim a minha pretenção; e se conseguir o que desejo, morrerei contente;* aonde nem huma só vez entra o pronome *eu*, que segundo o genio e uso da lingua franceza se empregaria não menos que quatro vezes.

2.º Exemplo. *Então* nós *sentimos pela primeira vez a frescura da noite... da mesma sorte que* nós *tinhamos sentido, &c....* nós *nos embrulhámos nas pelles, antes que* nós *sahissemos do Paraizo...* nós *nos deitámos na gruta, &c.* Eis-aqui em poucas linhas repetido cinco vezes o pronome *nós*, que em portuguez corrente, e em estilo desempeçado se poderia totalmente omittir, traduzindo assim: *Então* sentimos *pela primeira vez a frescura da noite, bem como já* haviamos sentido, &c.... *antes que* sahissemos *do Paraizo,* nos envolvemos *nas pelles*... deitámo-nos *na gruta, &c.*

3.º Exemplo. *Para suffocar até os remorsos da consciencia,* elles *tem inventado mil absurdos. A palavra liberdade tem sido* aquella *de que* elles *tem feito hum maior abuso, para impor á multidão, e enganar todos* aquelles, *dos quaes* elles *se querem servir para os seus fins.* Parece, na verdade, incrivel que hum ouvido portuguez se accommode com este modo de falar; mas tal he o poder do habito, que á força de lermos e imitarmos os livros estrangeiros, quasi nos familiarisâmos com as suas maneiras, e talvez as reputâmos melhores que as nossas! Este periodo, que he tirado de huma obra portugueza

original, está cheio de gallicismos: aqui porém sómente nos pertence notar a viciosa repetição dos pronomes *elles, aquelles*, que fazem a oração por extremo embaraçada e desagradavel. Poderia dizer-se mais correntemente: *Para suffocarem até os remorsos da consciencia, inventárão mil absurdos. A palavra liberdade foi a de que mais abusárão para embair o vulgo, e para enganar a todos aquelles, de quem se querião servir para os seus fins.*

4.º Exemplo. Elles *pedírão a dilação de huma hora: ella lhes foi concedida.* Nesta frase diremos melhor: *Elles pedírão a dilação de huma hora, que lhes foi concedida,* ou *a qual lhes foi concedida,* ou *pedírão a dilação... que...* &c., ou querendo conservar toda a concisão do original: *pedírão a dilação de huma hora: foi-lhes concedida,* ou *pedírão,* &c., *concedeo-se-lhes.* Semelhantemente nesta frase: *a sua côrte tinha-lhe preparado hum festejo: não se dignou* elle *de assistir a elle.* Traduziremos muito melhor, dizendo: *a sua côrte lhe havia preparado hum festejo, a que elle se não dignou de assistir,* ou *havia-lhe a sua côrte preparado hum festejo, a que elle se não dignou de assistir,* &c.

5.º Exemplo. *A nossa maior perda não he* aquella *das riquezas terrestres — a nossa perda foi grande, mas aquella dos inimigos foi muito maior.* Nesta e outras semelhantes frases parece que o pronome *aquella* he gallicismo, e redunda na oração portugueza, devendo dizer-se: *a nossa maior perda não he das riquezas terrestres — a nossa perda foi grande, mas* a *dos inimigos foi muito maior,* &c. Não devemos dissimular comtudo, que nos nossos bons escriptores se achão algumas vezes frases semelhantes ás que reprovâmos aqui. V. gr., em Diogo do Couto, Dec. 4.ª, liv. 5.º, cap. 2.º: «Parece que forão mortos pelos da terra, porque *aquelles* do sertão são barbarissimos». Em Barros, Dec. 3.ª, liv. 6.º, cap. 1.º:

«Finalmente com a differença destas cartas, e más informações das segundas, foi assentado entre *aquelles* do Conselho de el-Rei, que aquella embaixada era falsa». Na *Carta de guia de casados*, fol. 181 verso: «Falta-me aqui por advertir alguma coiza a humas certas mãys, e não sei se a alguns pays, que dão seus geitos ás filhas, para que se cazem, particularmente *áquellas* de bom frontespicio», &c. Porém, sem embargo destes exemplos, julgâmos que se deve evitar semelhante modo de falar, todas as vezes que o proneme *aquelle* se não refere a algum objecto já commemorado no discurso, ou não envolve alguma particular enfase, como parece em Vieira, tom. 1.º de *Sermões*, pag. 451, aonde diz: «O mais desventurado homem de que Christo nos quiz dar hum temeroso exemplo, foi *aquelle* da parabola das Vodas», &c.

6.º Exemplo. Isto *he blasfemia o dizer, que a natureza accende em nós o mais ardente dos nossos desejos para nos enganar*. A palavra *isto* redunda no discurso portuguez, e he hum gallicismo nascido de se traduzir muito ao pé da letra o francez *c'est un blasfême; c'est un erreur*, &c. Em bom portuguez dizemos *he blasfemia*, ou *he huma blasphemia, he hum erro*, &c.

7.º Exemplo. Eu *tenho visto muitos meninos, que se divertem a comparar as cousas novas, que os admirão, com* aquellas, *que* elles *já conhecem*. Neste exemplo os pronomes *eu, aquelles, elles,* podem supprimir-se, falando todavia portuguez corrente. V. gr.: *tenho visto muitos meninos, que se divertem a comparar as cousas novas, que os admirão, com as que já conhecem:* ou *com as outras que já conhecem*: ou tambem *com aquellas que já conhecem*, &c.

Ultimamente não será inutil advertir aqui, que quando reprovâmos o abuso dos pronomes, não pretendemos excluil-os totalmente do discurso: porquanto além de poderem empregar-se muitas vezes sem erro, nem re-

saibo de gallicismo, ha tambem occasiões, em que he absolutamente indispensavel o seu uso claro e expresso, como, por exemplo, 1.º, quando ha opposição entre dous ou mais membros do periodo, e dizemos, v. gr., *eu como, e tu dormes, eu estudo, e tu te divertes, nós trabalhâmos, e elles passeião*, &c.; 2.º, quando o pede a enfase, ou o ornato do discurso, como, v. gr., nesta frase: *Deos he digno do nosso amor*, elle *manda que o amemos*, elle *o pede*, elle *até o solicita*, &c.; 3.º, quando sem a expressa declaração do pronome ficaria escura ou ambigua a frase, ou ainda suspensa por algum tempo a sua verdadeira intelligencia, como succede, por exemplo, na traducção de huma excellente obra, cujo primeiro paragrafo diz assim: «Aindaque *tivesse* toda a subtileza de espirito, que se póde desejar nas mais agradaveis sociedades, bem que *tivesse* composto obras, em que brilhasse todo o fogo da imaginação e do engenho, quando *tivesse* inventado systemas capazes de emmudecer e admirar o universo; aindaque *tivesse* formado projectos dignos de sustentar ou realçar os imperios... Se não *tenho* por objecto a religião, a minha alma perde os seus trabalhos», &c. Aonde o verbo *tivesse* repetido quatro vezes nos quatro membros do periodo, devia ser determinado desde o principio pelo pronome *eu*, sem o que fica por muito tempo suspenso o verdadeiro sentido do discurso, e o leitor ignorando a que pessoa se refere aquelle verbo, &c.

II

Abuso de alguns relativos

1.º O relativo francez *dont* tem, regularmente falando, a significação dos relativos portuguezes *cujo, cuja, cujos, cujas, do qual, dos quaes, da qual, das quaes*, &c. São pois mal traduzidas as seguintes frases:

Entre os contos das fadas não ha hum só, de que o objecto *seja verdadeiramente moral,* isto he, *cujo objecto,* ou tambem *do qual o objecto,* &c.

Outro meio, que vos parecerá talvez frivolo, mas de que *o effeito he certo,* isto he, mas *cujo effeito,* &c.

Todos os objectos de quem *as dimensões* são *extraordinarias,* isto he, *cujas dimensões,* ou *as dimensões dos quaes,* &c. O portuguez *quem,* e *de quem,* quasi sempre se refere ás *pessoas,* e não ás *cousas,* &c.

Notaremos neste lugar que o vulgo faz muitas vezes errado uso dos relativos *cujo, cuja,* &c., dizendo, v. gr., *hum homem,* o cujo *he meu amigo; huma casa,* cuja *eu edifiquei,* &c., devendo ser *hum homem, o qual, huma casa, a qual,* &c. E deste erro não forão totalmente isentos os nossos melhores classicos, entre os quaes o mesmo Barros no prologo da Dec. 1.ª diz (se não ha nestas suas palavras erro typografico): «Apresentam estes delineamentos de sua imaginação ao senhor, *de cujo* ha de ser o edificio», isto he, *ao senhor,* cujo ha de ser, ou de quem ha de ser, &c. E Duarte Nunes, na *Descripção de Portugal,* cap. 75.º: «Sant-Iago Interciso *de cuja* nação fosse, não nos consta», isto he, de que nação fosse.

2.º Tem a lingua franceza os relativos *qui* e *que,* dos quaes o primeiro serve de agente ou sujeito do verbo seguinte, e o segundo he regido delle, v. gr., nestas frases: *voilà* qui *vous en dira de nouvelles,* eis-aqui *quem* vos dirá novidades; *celui,* que *vous avez vu,* aquelle *que* vistes, ou *a quem* vistes; o primeiro *qui* rege como agente o verbo *dirá,* e o segundo *que* he regido do verbo *vistes,* como objecto, em que se emprega a sua acção. Por não haver em portuguez a mesma differença nas fórmas destes relativos, e explicarmos huma e outra relação pela unica fórma *que,* acontece não poucas vezes traduzir-se o francez com ambiguidade, e ficar a frase pouco intelligivel, como nesta, por exemplo:

Feliz o homem que *visita as sepulchraes abobadas*, que *alumia a tocha da morte*, aonde parece á primeira vista, que ambos os *que* se referem a *homem*, quando em francez o primeiro delles he *qui*, que por si mesmo mostra ser o agente do verbo *visita*, e o segundo he *que*, o qual logo tambem indica ser regido do verbo *alumia*. Convem portanto que estas e outras semelhantes frases se traduzão com reflexão, a fim de se evitar, quanto possivel for, a ambiguidade. Assim diremos, v. gr., *feliz o homem*, que *visita as sepulchraes abobadas*, alumiadas *pela tocha da morte*, ou *as quaes alumia*, &c.

III

Abuso dos verbos tomados impessoalmente

Abusa-se dos verbos tomados impessoalmente.

1.° Quando se põe huns após outros no mesmo periodo, fazendo a frase embaraçada, ás vezes escura, e quasi sempre de máo soido. V. gr., neste exemplo: Deixa-se *de ser homem de boas intenções, todas as vezes que* se esconde *com expressões equivocas: não* se he *obrigado a dizer toda a verdade, mas sempre* se está obrigado *a falar verdade:* que em bom portuguez poderia traduzir-se assim: *Deixa hum homem de ter boas intenções, todas as vezes que occulta os seus sentimentos debaixo de expressões equivocas: ninguem he obrigado a dizer a verdade toda, mas todos temos obrigação de falar verdade*, &c.

E tambem neste: *Quando* se he *educado no seio da grandeza*, tem-se *toda a difficuldade em* persuadir-se *que* se he *semelhante ao resto dos homens, e que o esplendor*, de que *se está cercado, se dissipa como hum vapor*, quer dizer: Quando *alguem*, ou quando *hum homem*, ou quando *huma pessoa* he educada no seio da grandeza,

tem toda a difficuldade em persuadir-se, que *he semelhante* ao resto dos homens, e que o esplendor, de que *está cercada*, &c.

2.º Quando se ajunta o verbo tomado impessoalmente no numero singular com nomes do plural, como nas seguintes expressões, e outras, que a cada passo encontrâmos nas traducções francezas: *Nomeou-se novos commissarios. Fez-se duas proposições. Fabricou-se palacios e jardins. Desejou-se e abraçou-se religiões commodas. Via-se grupos numerosos*, &c. Nas quaes se conhece claramente o cunho do francez *on nomma des nouveaux commissaires, on voyait des groupes nombreux, on fit deux motions, on fabrica*, &c., devendo dizer-se segundo o genio da lingua portugueza: *nomeárão-se novos commissarios, virão-se magotes numerosos, fizerão-se duas proposições, fabricárão-se palacios*, &c.

Por onde parece defeituosa na syntaxe esta frase de Barros, Dec. 3.ª, liv. 2.º, cap. 1.º: «E como nas terras novamente descobertas primeiro *se nota* pelos mareantes, que as descobrem, *os perigos* do mar», devendo dizer: *primeiro se notão os perigos*. O mesmo defeito achâmos em João Franco, *Eneida Portugueza*, liv. 5.º, est. 15.ª, aonde diz:

> *Ver-se-ha* primeiro *as náos* mais excellentes
> Correr nas salsas ondas á porfia.

em lugar de *ver-se-hão as náos*, &c.

3.º Nesta e outras semelhantes frases: *Deve-se confessal-o: este facto não he provavel*, aonde os nossos traductores enganados pela expressão franceza *on doit le confesser*, commettem gallicismo, que a nossa linguagem reprova. Em bom portuguez diriamos: *Deve-se confessar que este facto não he provavel*, ou *devemos confessar que este facto*, &c. Da mesma sorte no seguinte periodo:

Esta historia he allegorica: não se deve tomal-a *ao pé da letra: mas vós affirmais que* se deve entendel-a *em todo o rigor litteral:* pede a syntaxe, e o modo de falar portuguez, que se diga: *esta historia he allegorica, e não se deve tomar ao pé da letra* (ou *não devemos tomal-a,* ou *não convem tomal-a,* ou *não deve ser tomada), mas vós affirmais que ella se deve entender* (ou *deve ser entendida,* &c.) *em todo o rigor litteral,* &c.

Ultimamente para darmos huma idéa geral dos varios modos de traspassar estas frases impessoaes, a qual sirva de norma aos menos advertidos, convem notar, que a particula franceza *on,* que nellas commummente se emprega, he huma contracção, ou corrupção do antigo *hom (homem),* que serve de sujeito da proposição; e que as frases *on dit, on voyait, on fit,* &c., equivalem, palavra por palavra, ao portuguez *homem diz, homem via, homem fez,* &c.[1].

Pelo que parece necessario que este sujeito, ou outro seu equivalente, appareça claro ou subentendido na traducção portugueza de semelhantes frases, ou que estas se possão reduzir ao mesmo sentido por meio de sua analyse grammatical. Eis-aqui os differentes modos com que em bom portuguez podemos satisfazer a este fundamental preceito.

1.º Os nossos classicos imitárão frequentemente á letra o uso francez dizendo, v. gr., na *Ordenação do Senhor D. Duarte:* «Cá sem razom seria ao afflicto acrescentar *hom* afflicção.» Na traducção do livro *de Senectute de Cicero,* por Damião de Goes, ms. fol. mihi 21: «Tambem isto reputo ser muim misero na velhice, cuidar *ho-*

[1] Veja-se Condillac, *Grammaire,* part. 2.ª, cap. 7.º, e *Grammaire générale & raisonnée,* part. 2.ª, cap. 19.º, e se conhecerá melhor quão errada idéa tinha deste vocabulo hum diccionario nosso, aonde vem definido assim: «*On* he hum pronome que faz os verbos passivos».

mem, que naquella idade he odioso, e fastioso a toda pessoa». Nos *Sermões,* de Paiva, part. 1.ª, fol. 254 verso: «Porque á verdade, de ninguem *homem* corre tanto risco, como de si». Em Sousa, *Vida do Arcebispo,* liv. 3.º, cap. 3.º: «Grão trabalho, e custosa cousa he fazer *homem* o que deve», &c.

2.º Ainda hoje nos exprimimos a cada passo do mesmo modo, principalmente no estilo familiar, acrescentando a *homem* o adjectivo articular *hum.* V. gr., *não póde* hum homem *ser justo, sem se expor á perseguição dos máos; não sabe* hum homem *quando lhe vem as infelicidades pela porta; convem que o amigo seja muito experimentado para que* hum homem *lhe confie seguramente os seus maiores segredos.* E deste modo se podem traduzir algumas frases francezas, v. gr.: *On peut être solitaire dans sa maison, póde* hum homem *viver solitario no meio da sua familia. Ce qu'on fait contre son gré, réussit toujours mal, sempre* hum homem *se sahe mal no que faz contra sua vontade,* &c.

3.º Tambem substituimos ao termo generico e indefinido *homem* o outro igualmente indefinido e generico *pessoa* com o mesmo adjectivo articular *huma,* e communmente só no estilo familiar. V. gr. nestas frases: *Le monde ne mérite point* qu'on *s'en occupe,* o mundo não merece que *huma pessoa* empregue nelle os seus cuidados. On ne *peut encore compter sur rien,* ainda *huma pessoa* não póde dar o negocio por seguro, &c.

4.º No estilo culto será talvez melhor usar do mesmo nome generico *homem* porém com o artigo simples *o:* v. gr., *il faut* qu'on *forme son caractère dans la solitude;* convem que *o homem* forme na solidão o seu caracter; *dans la solitude* on *soulage son cœur;* na solidão allivia *o homem* o seu coração. On *croit volontiers ce qu'*on *souhaite;* facilmente crê *o homem* o que deseja, &c.

5.º Tambem se usa do articular *hum,* supprimindo o

substantivo *homem*, que facilmente se subentende. V. gr.: *Plus* on *s'éloigne de soi-même, plus on s'écarte du bonheur; quanto mais* hum *foge de si mesmo*, tanto mais se aparta da felicidade; *dans la solitude* on *peut tout ce qu'*on *veut;* na solidão póde *hum* tudo o que quer. *Là* on *jouit de mille plaisirs innocents*, ali gosa *hum* (ou *hum homem*, ou *huma pessoa*, ou *o homem*, &c.) de mil prazeres innocentes, &c.

6.° Algumas vezes, principalmente no estilo familiar, empregâmos, em lugar do substantivo *homem*, o outro substantivo igualmente generico *gente* com o artigo. V. gr.: *ce que* l'on *prodigue*, on l'*ôte à son héritier: ce que* l'on *épargne sordidement*, on *se l'ôte à soi-même*. O que *a gente* desperdiça, tira-o aos seus herdeiros: o que poupa sordidamente, tira-o a si mesmo. L'on *ne saurait s'empêcher de voir dans certaines familles ce* qu'on *appelle les caprices du hasard, ou les jeux de la fortune;* não póde *a gente* deixar de notar em certas familias o que chamão caprichos do acaso, ou jogos de fortuna, &c.

7.° Outras vezes usâmos dos adjectivos articulares *alguem, cada hum, quem quer, qualquer*, sem substantivo expresso, ou ajuntando a *qualquer* o substantivo *pessoa*. V. gr.: *Si l'*on *m'oppose que c'est la pratique de tout l'occident;* se *alguem* me oppozer, que esta he a pratica, &c. On *en croira tout ce* qu'on *voudra; mais je pense*, &c.; *cada hum* fará a este respeito o juizo que quizer; mas eu penso, &c.; ou: creia *cada hum* o que quizer; mas eu, &c. *Quoi* qu'on *en dise: il est une sympathie secrète, qui unit les cœurs;* diga *cada hum* o que quizer: ha uma sympathia occulta, que une os corações. *À son air marcial*, on *le reconnait aisément;* ao seu gesto guerreiro *quem quer* (ou *qualquer pessoa)* o reconhecia facilmente, &c.

8.° Outras vezes, em lugar do substantivo *homem*,

usâmos do adjectivo collectivo *todos* (sc. *todos os homens),* e sendo a proposição negativa, do adjectivo *ninguem* (sc. *nenhum homem).* V. gr., nestas frases: *il l'a dit, et on s'en souvient:* elle o disse, e *todos* se lembrão d'isso—*il voudrait briller, et* on *se moque de lui:* elle quer brilhar, e *todos* zombão delle. On *ne sera jamais grand, que par sa grandeur personnelle, ninguem* jámais será grande, senão pela sua grandeza pessoal. L'on *n'écrit, que pour être entendu, ninguem* escreve, se não para ser entendido, &c.

9.° Tambem se usa, em muitos casos, pôr o verbo absolutamente no plural, e na terceira pessoa, concordando com o substantivo occulto *homens* tomado em geral, ou em particular com aquelles *homens,* ou *pessoas,* de quem se fala; ou finalmente na primeira pessoa, referindo-se a *nós os homens,* ou a nós que *falâmos,* ou *escrevemos,* ou *lemos,* ou *ouvimos.* V. gr., nestas frases: On *dit que, dizem* que, &c. On *dira que, dirão* que, &c. *Je ne crois, que cette étude soit aussi illusoire, aussi dangereuse qu'*on *le dit:* não creio que este estudo seja tão illusorio, tão perigoso, *como dizem.* On *ne s'en tent pas là:* on *m'interdit toute société:* não se *limitárão* a isto, ou não se *contentárão* com isto; ou não *parárão* aqui (sc. *as pessoas,* que me perseguião, e de que já se tem falado, ou que se entendem pelo contexto): *prohibirão-me* toda a sociedade, &c. *La fête des tabernacles était, comme* on *a déjà vu, une mémoire,* &c.; a festa dos tabernaculos era; *como já vimos* (sc. nós, o que escreve ou fala, e os que ouvem, ou lêem) *huma memoria,* &c. On *a raconté quelle fut la funeste suite de son entreprise: temos referido* qual foi a funesta consequencia da sua empreza; ou *já deixámos dito* (sc. *nós o escriptor),* &c.

10.° Ás vezes apassiva-se o verbo, ou usando dos auxiliares *ser* e *estar,* com os participios passivos; ou ajuntando o caso *se* aos sujeitos da terceira pessoa, que não

podem empregar a acção em si mesmos. V. gr.: On le *confirma trois fois de suite dans cette dignité:* tres vezes a fio *foi confirmado* nesta dignidade. On *assembla les états: forão celebradas,* ou *celebrárão-se* as côrtes. On connait *les suites déplorables: são conhecidas,* ou *são bem sabidas as consequencias,* &c. *Tout prospère dans une monarchie, où* l'on confond *les intérêts de l'état avec ceux du prince:* tudo prospera n'huma monarchia, em que os interesses do estado *se confundem* com os do principe, &c.

11.° Finalmente outras vezes se dá differente construcção á frase; mas tal, que analysada vem a coincidir no mesmo sentido: v. gr., *il nagea si loin,* qu'on eut *de la peine à le sauver;* nadou tanto ao largo, que *custou muito* (sc. *á gente)* a salval-o. On *touchait l'époque de cette solemnité:* on en *profita: era chegada* a epocha desta solemnidade: *aproveitárão-se* della. *Les uns prêtèrent le serment exigé: les autres le refusèrent*: on devait *s'attendre à cette division,* huns derão o juramento que se exigia; outros o recusárão: esta divisão *era de esperar,* ou *devia esperar-se* esta divisão. On sent *que nous voulons parler ici de,* &c.: *já se vê,* que queremos falar aqui de, &c.; ou *já o leitor conhece,* que he nossa intenção falar aqui de, &c.

IV

Abuso dos verbos auxiliares

Tem os Francezes, bem como nós os Portuguezes, verbos auxiliares, com cujo soccorro formão algumas vozes dos verbos activos, e todas as dos passivos, v. gr.: *j'ai aimé, je suis aimé, être aimé, eu tenho amado, eu sou amado, ser amado,* &c., as quaes são formadas do adjectivo *amado, aimé,* e dos auxiliares *être, avoir; ser,*

ter, &c. Porém como o *systema dos tempos dos verbos* he differente em huma e outra lingua, tambem a correspondencia dos auxiliares não he exactamente igual em ambas; e daqui resultão muitos gallicismos, que se tem introduzido em portuguez, os quaes sómente se podem evitar (emquanto não temos huma boa grammatica portugueza) lendo assiduamente e com muita reflexão os auctores classicos, e observando nelles os usos dos auxiliares, e as circumstancias em que os costumão empregar. Destes gallicismos daremos alguns exemplos para servirem de advertencia aos menos doutos.

Nesta frase: *eu lhe* tenho pedido *a sua palavra de ficar aqui até o fim de maio, o que ella me* tem promettido; as vozes *tenho pedido* e *tem promettido*, constituem gallicismo, o qual se corrigiria se dissessemos: *pedi-lhe* a sua palavra de ficar aqui, &c., o que ella me *prometteo*, ou *pedi-lhe* que me désse palavra... e ella m'o prometteo. Por quanto se reflectirmos attentamente no uso portuguez, veremos que as vozes formadas pelo preterito *tem*, e pelo *supino* dos verbos, v. gr.: *eu tenho amado, eu tenho visto*, &c., não são em portuguez hum simples preterito, mas sim hum *preterito com successão de tempo, e de actos muitas vezes repetidos*. Pelo que de huma pessoa, v. gr., que não está em casa, não dizemos *tem sahido*, mas simplesmente *sahio*. Da mesma sorte a esta pergunta: *a que hora ceaste hontem?* respondemos: *ceei ás dez horas*, e não: *tenho ceado*. Pelo contrario a est'outra pergunta: *quantas terras tens andado?* respondemos com acerto: *tenho andado muitas*, e em todas *tenho visto* cousas novas, &c.

Outro exemplo: *eu vos certifico, minha querida amiga, que em oito mezes, que* tenho deixado *Paris, não se* tem passado *hum só dia, sem felicitar-me do partido que* tenho tomado. Quer dizer em bom portuguez: *certifico-vos, minha querida amiga, que ha oito mezes, que* deixei

Paris, não se tem passado *hum só dia, em que me não dê o parabem da resolução que* tomei, &c.

Devemos advertir neste lugar, que quando acabâmos de fazer huma acção, v. gr., de *ler hum livro, de cear, de ver hum espectaculo,* &c., e dizemos *tenho lido, tenho ceado, tenho visto,* &c., estas expressões não são formadas do verbo *ter,* como *auxiliar,* e dos *supinos,* para supprir tempos compostos dos verbos *ler, cear, ver,* &c., mas sim do verbo *ter,* tomado na sua ordinaria significação, e dos adjectivos *lido, ceado, visto,* &c., da mesma sorte que diriamos em latim, v. gr., a esta pergunta: *leste o livro, que hontem vos dei? — lectum habeo — tenho lido. Averiguaste o negocio, que vos recommendei? — exploratum habeo — tenho averiguado,* &c.

Á vista do que deixâmos dito, não podemos julgar corrente este lugar de Vieira, no tom. 3.º das *Cartas,* Carta 56.ª: «Aqui não ha novidade mais que a do governo em que succedeo Antonio de Sousa de Menezes a Roque da Costa Barreto, que no mesmo dia *se tem embarcado* mais pobre de fazenda, e mais rico de opinião, que muitos de seus antecessores»; aonde parece que deveria dizer: *que no mesmo dia se embarcou,* &c.

Tambem se erra, ao nosso parecer, quando se diz, v. gr., *hum dos mais vastos designios, que* teve *homem algum jamais* concebido. *Logo que elle* teve percebido, &c.; porque em bom portuguez não usâmos de semelhantes fórmas auxiliares, e dizemos: *hum dos mais vastos designios que homem algum jamais concebeo,* ou *tem concebido.* Logo que elle *percebeo,* &c. Salvo quando o verbo *ter* não he meramente *auxiliar,* e se toma na sua natural significação, como já acima dissemos, e parece entender-se no lugar de Barros, Dec. 1.ª, liv. 10.º, cap. 2.º, aonde diz: «Pero da Nhaya, sem saber o que entre elles passava, como *teve elegido* o lugar para a fortaleza», &c.

Ha tambem em francez alguns verbos, que podemos

chamar *auxiliares*, os quaes não são usados como taes no idioma portuguez, e por isso se devem traduzir por outros de significação equivalente. V. gr., nestas frases: *a virtude* não saberia *ser timida ao pé do throno dos reis: este sacrificio* não saberia *ser custoso aos corações, que amão a paz:* o verbo *saberia* constitue hum verdadeiro gallicismo, por ser contra o uso da nossa lingua. Diremos pois em portuguez corrente: a virtude *não deve* ser timida, ou *não póde* ser timida, &c.; este sacrificio *não deve* ser custoso, &c.

Da mesma sorte nestas frases: *nous aimons à croire, nous sommes heureux de pouvoir annoncer*, &c., não se devem traduzir litteralmente os verbos *amâmos, somos felizes*, &c.; mas diremos em estilo portuguez: *folgâmos, comprazemo-nos, fazemos gosto*, ou *temos prazer em persuadir-nos*, &c.; *temos a dita, temos o gosto, a satisfação de poder annunciar*, ou *estimâmos muito*, ou *folgâmos de poder annunciar*, &c.

Ha finalmente em portuguez huma particular elegancia, que muitas vezes se despreza na traducção, e que não parece alheia deste lugar; e consiste em exprimirmos por huma voz auxiliar o *estado actual*, ou o *effeito progressivo e contínuo* da acção significada pelo verbo, v. gr.: *eu estava lendo, estou escrevendo, andei passeando, hia-se definhando, vae escurecendo, vae-se arruinando*, &c. A qual elegancia não só dá graça á frase, mas tambem as mais das vezes exprime o pensamento com particular força e energia. Por onde deveremos empregal-a nas seguintes frases e outras semelhantes:

Dans tout pays, qui se dépeuple, *l'état tend à sa ruine*, em todo o paiz, que *se vae despovoando*, tende o estado á sua ruina.

Les batiments tombaient *en ruine:* os edificios *hião-se arruinando.*

Elle vit paraître un homme, qui se promenait *autour*

de la maison: ella vio apparecer hum homem, que *andava passeando* á roda da casa.

Il languissait *dans la misère,* elle *hia-se definhando, hia desfalecendo* na miseria, *hia-se extenuando* de miseria.

La conversation languit; *vae esfriando* a conversação, &c.

V

Abuso de outras frases, e modos de fallar

1.º He mui frequente em francez exprimir-se por huma proposição positiva a consequencia negativa, que se quer deduzir, como effeito de alguma causa. O portuguez não póde *regularmente* imitar esta syntaxe, sem commetter gallicismo, e sem fazer muitas vezes ambiguo o sentido, e até contrario ao que se quer enunciar. Convem pois não traduzir semelhantes frases ao pé da letra; mas exprimir o pensamento em portuguez corrente e intelligivel. V. gr. nestas frases:

O poder e a sabedoria de Deos brilhão de huma maneira mui evidente para poderem *ser desconhecidos;* deve traduzir-se: *brilhão com tanta evidencia, que não podem ser desconhecidos.*

As nossas leis são bem conhecidas, para que *se faça necessario entrar em novas explicações,* isto he, *são tão conhecidas, que não he necessario entrar,* &c., ou *são tão conhecidas, que não precisão de novas explicações:* ou *são tão conhecidas, que não julgâmos necessario,* &c.

O seu crime parece-lhe demasiadamente grande para merecer *perdão,* isto he, *parece-lhe tamanho,* ou *tão excessivamente grande, que não merece perdão,* &c.

2.º Ha na lingua franceza certas proposições, que tem apparencia de *universaes negativas,* mas que em realidade sómente significão, que o attributo não convem a

todos os individuos da classe, aindaque convenha, ou possa convir a alguns delles. Estas proposições exprimem-se de differente modo em francez e em portuguez, e cumpre que se tenha presente a sua particular construcção em ambas as linguas, para não cahirmos em erros grosseiros, nem darmos á frase hum sentido falso ou obscuro. Assim, v. gr., traduziremos as seguintes frases:

Tous les étrangers ne sont pas barbares: et tous nos compatriotes ne son pas civilisés. Nem todos os estrangeiros são *barbaros: nem todos os nossos compatriotas* são civilisados.

Toute terre ne porte pas toutes choses. Nem todas as terras dão tudo, ou são para tudo. (Em latim: *nom omnis fert omnia tellus.)*

Il est vrai que tous ne donnaient point dans ces excès affreux. He verdade que *nem todos* cahião nestes horriveis excessos.

Les annales d'aucun peuple ne présentent l'exemple d'une telle suite de prodiges. Não ha povo algum, cujos annaes apresentem huma tal serie de prodigios, &c.

3.º He tambem frequente em francez usar-se da particula *plus* com a significação de *quanto mais,* no principio de certas frases, que constão de dous membros, e exprimem a proporção de dous objectos entre si. Por se não attender a esta significação, he errada a construcção das seguintes frases:

Mais *eu examinava,* mais *minha admiração crescia.*

Mais *o orgulho cuida avisinhar-se ao seu fim,* mais *elle com effeito se afasta.*

Mais *Vossa Alteza se acostumará a seguir as grandes cousas,* mais *admiração lhe causarão estes conselhos da Providencia.* As quaes se devião traduzir assim:

Quanto mais eu examinava, *tanto mais* crescia a minha admiração.

Quanto mais cuida o orgulho avisinhar-se ao seu fim, *tanto mais* se afasta delle.

Quanto mais Vossa Alteza se acostumar a seguir as cousas grandes, *tanto maior admiração* lhe causarão estes conselhos da Providencia, &c.

4.° Ha tambem em francez certas proposições, que podemos chamar *exclusivas*, nas quaes se affirma que huma cousa existiria, se se verificasse a exclusão de outra. Esta exclusão exprime-se em francez pela proposição *sans*, que nesses casos vale tanto como o portuguez *se não fosse, menos que*, ou *a menos que*, &c. V. gr.: «*J'aurais gagné mon procès* sans vous; *se vós não fosseis*, teria eu ganhado o meu processo, ou teria eu vencido a minha demanda». He pois necessario que em portuguez se dê a estas frases o conveniente sentido, para se evitar o gallicismo, que notâmos nas seguintes:

Sem o auxilio de Minerva, Ulysses pereceria, isto he, *se não fosse* o auxilio de Minerva, *pereceria* Ulysses; ou Ulysses pereceria, *menos que* Minerva o não soccorresse: ou, *se Minerva não soccorresse* a Ulysses, por certo que elle pereceria, &c.

Sem vós eu andaria exposto á inconstancia deste monstro, isto he, *se vós não fosseis*, andaria eu exposto, &c.

5.° As expressões francezas, em que entra o verbo *falloir*, v. gr., *il faut, il fallait, il fallut, il faudra, il ne faut, il ne faut que*, &c., nem sempre se devem traspassar da mesma maneira, e a ignorancia dos differentes significados, que lhe correspondem em portuguez, he origem de frequentes erros. Daremos alguns exemplos do modo com que em differentes circumstancias se devem traduzir, para servirem de advertencia aos menos doutos.

Dans tout état il faut *une religion: il en* faut *une à*

tout homme; em todo o estado *he necessaria* huma religião: cada homem *deve tambem ter* a sua.

C'est aujourd'hui qu'il faut *signaler notre valeur;* hoje *cumpre* ostentarmos o nosso valor; hoje he que *devemos* distinguir-nos pelo nosso valor.

Nous sacrifierons pour eux notre repos, notre liberté, notre sang même et notre vie, s'il le faut; por elles sacrificaremos o nosso repouso, a nossa liberdade, e até, *se necessario for,* o nosso sangue e a nossa vida.

Les mystères, s'il en faut *croire les anciens, étaient,* &c. Os mysterios, *se havemos* de dar credito aos antigos, erão, &c.

Néanmoins, il n'en faut *douter, il y aura toujours une intime union,* &c. Comtudo, *não o duvidemos,* haverá sempre huma intima união, &c.

C'était plus qu'il en fallait *pour flatter l'orgueil du père, et de la mère d'Emilie;* era *mais que bastante* para lisongear, &c.

Il ne faut *juger des hommes comme d'un tableau:* não *se deve* julgar dos homens, como de hum painel; *cumpre* não ajuizar dos homens, &c.

Il ne fallait *pour cela qu'aider les progrès des connaissances; bastava* para isto auxiliar o progresso, &c. Para isto nada mais *se requeria,* ou nada mais *era necessario,* se não auxiliar, &c.

Il ne faut *point supposer les hommes gratuitement criminels;* não *se devem* suppor os homens gratuitamente criminosos. *Cumpre,* que não supponhamos os homens, &c.

6.° Repetem-se na oração franceza alguns vocabulos, cuja repetição em portuguez seria hum erro. Taes são, por exemplo: 1.°, as *terminações dos adverbios.* V. gr., obra em tudo *prudentemente e honradamente,* que em melhor portuguez diremos: obra em tudo *prudente e honradamente;* 2.°, em alguns casos os *artigos,* ou os

adjectivos articulares: v. gr., *o homem levado pelo interesse e a curiosidade,* isto he, *pelo interesse e curiosidade. Por seus discursos e* suas *acções, se concebião delle mui altas esperanças,* isto he, *por seus discursos e acções,* ou *por seus discursos, e por suas acções.* A este respeito não será inutil advertir, que achâmos nos classicos portuguezes algumas frases, que nos parecem incorrectas, v. gr., na *Vida do Arcebispo,* liv. 4.º, cap. 1.º: «Esta alçada foi occasião de muito desgosto ao Arcebispo, *e muita despeza»;* aonde parece que se deveria dizer: *foi occasião de muito desgosto, e despeza ao Arcebispo:* ou *foi occasião de muito desgosto, e de muita despeza.* Em Jacinto Freire, *Vida de Castro,* liv. 2.º, § 6.º: «Começou a gosar a melhor parte da graça de Badur, ou já por sua fortuna, ou sua industria», isto he, ou por sua fortuna, ou por sua industria, &c.; 3.º, o *que* depois de *mais:* v. gr., *não tereis mais que hum semblante, e que huma palavra,* isto he, *mais que hum semblante e huma palavra,* &c.

7.º Finalmente ha em francez muitos outros modos de falar, em cuja traducção se commettem frequentes erros por ignorancia ou inadvertencia. Como não escrevemos a arte de traduzir o francez, apontaremos sómente alguns exemplos, que sirvão de pôr em cautela os menos doutos.

Je crois bien, je crois assez. Creio de boa mente, facilmente creio; ou, como ás vezes diz Vieira, *eu bem creio que,* &c.

Fasse le Ciel que. Permitta o Ceo que; Deos permitta que, &c.

Quelle est la disposition du moment *des esprits.* Qual he *ao presente* a disposição dos espiritos; qual he *a actual* disposição; qual he a disposição *em que ao presente se achão* os espiritos, &c.

J'eus beau prendre à témoin celui-là même... il fut

surd, &c. Em vão o tomei por testemunha a elle mesmo. elle se fez surdo; ou, *por mais que o tomei a elle mesmo por testemunha, fez-se surdo ás minhas vozes, &c.*

As frases francezas em que entrão os vocabulos *trait* e *coup*, admittem differentes modos de traducção, que se devem ter presentes, v. gr.:

Le sceau de sa réconciliation fut un trait *de libéralité.* O sêllo da sua reconciliação foi hum *lanço* de liberalidade; ou *huma acção* de liberalidade.

Des volumes nombreux suffiraient à peine pour narrer ce qui a trait *à cette partie de notre histoire.* Apenas bastarião numerosos volumes para narrar *o que diz respeito* a esta parte da nossa historia.

Toutes les découvertes, qu'elle fit... furent des nouveaux traits, *qui déciderent son goût, &c.* Todos os descobrimentos que ella fez... forão *novos motivos,* que determinárão o seu gosto, &c.

Faire un trait *d'ami.* Fazer *huma acção* de amigo.

Faire un beau coup, un grand coup, un coup d'éclat. Fazer *huma acção insigne, hum insigne feito, huma acção estremada, &c.*

Tenir coup à l'étude. Perseverar no estudo, &c.

VI

Abuso na collocação dos vocabulos

Seria necessario hum longo discurso para mostrarmos todas as differenças que ha entre as duas linguas portugueza e franceza, na collocação e ordem dos vocabulos, e frases entre si: mas este assumpto, que aliás mereceria ser tractado com alguma extensão, não cabe nos limites de hum simples *Glossario*. Bastará reflectirmos aqui em summa, que sem embargo de seguirem ambas estas linguas a ordem directa e analytica das idéas, tem comtudo

a portugueza muito maior liberdade para usar de transposições, sem fazer o discurso embaraçado ou obscuro. Assim, v. gr. (como já notou hum critico illustrado) o que Jacinto Freire escreve com elegancia: *não sepultárão comsigo aquelles valerosos Portuguezes toda a gloria das armas;* verte o francez com muito menos graça: *ces vaillants Portugais n'ont pas enseveli avec eux toute la gloire des armes.* E o que os Francezes exprimem por esta frase: *ceux qui étaient convaincus d'avoir employé d'indignes voies pour parvenir au commandement, en étaient exclus pour toujours;* póde em muito bom portuguez traduzir-se por differentes modos, v. gr.: *Os que erão convencidos de haverem empregado meios indignos para alcançar o commando, ficavão excluidos delle para sempre;* ou talvez melhor: *ficavão para sempre excluidos do commando;* ou *ficavão para sempre reputados inhabeis para o commando os que erão convencidos de o haverem pretendido por meios indignos.* Semelhantemente este verso:

> Je chante les combats, et cet'homme pieux,

que he a traducção do primeiro hemistichio da *Eneida* de Virgilio, e que em francez não admitte outra ordem de vocabulos, póde traspassar-se ao portuguez dizendo:

> Eu canto as armas, e o Varão piedoso;

ou transpondo, como fez João Franco Barreto, na *Eneida Portugueza:*

> As armas, e o Varão canto piedoso.

Por onde se vê que o escriptor portuguez, tendo mais liberdade que o francez, para inverter a ordem dos voca-

bulos, póde muitas vezes escolher a seu arbitrio o lugar que cada hum delles deve occupar no discurso, a fim de que a expressão fique mais harmonica, e a imagem mais viva e animada.

Segundo este principio, que he verdadeiro e generico, cumpre que os traductores portuguezes, adoptando a prudente liberdade que lhes offerece a sua lingua, procurem evitar a fastidiosa monotonia, que resultaria de huma traducção demasiadamente litteral, e o ar e geito afrancezado de que aliás se reveste o discurso.

Estas expressões, por exemplo, que a cada passo encontrâmos nas nossas modernas traducções: *eu me lembro, eu vos certifico, eu lhe tenho pedido muitas vezes*, &c.; podem, e muitas vezes devem inverter-se, dizendo, segundo o genio da lingua portugueza: *Lembro-me, certifico-vos, muitas vezes lhe tenho pedido;* ou *tenho-lhe pedido muitas vezes;* ou *tenho-lhe muitas vezes pedido;* ou *pedido lhe tenho muitas vezes*, &c.

Ha outras frases, em que não só he permittida mas até (segundo o nosso parecer) muitas vezes necessaria a inversão. V. gr., nesta: «*Filippe, tendo mandado pedir aos Lacedemonios huma cousa injusta, lhe respondêrão: não*»; aonde o nome de *Filippe* posto no principio da frase, como que requer hum verbo, que em realidade não apparece, ficando o sentido quasi suspenso, e o espirito do leitor embaraçado. Este defeito porém se desvanecerá se dissermos ao modo portuguez: *Tendo Filippe mandado pedir*, &c. Da mesma sorte acontece em est'outra frase: *Os armazens das tormentas abrindo-se sahirãõ delles como em ondas os coriscos e raios*, que em melhor portuguez pede esta construcção: *abrindo-se os armazens . . . sahirãõ delles*, &c.

Os nossos melhores classicos não evitárão de todo este defeito. Barros, na Dec. 4.ª, liv. 10.º, cap. 7.º, principia assim: «As cousas de Diu estando no estado que contâ-

mos, o Capitão Antonio da Silveira suspeitando a vinda dos Rumes... mandou huma fusta», &c., devendo, ao nosso parecer, usar de transposição deste modo: *Estando as cousas de Diu no estado que contâmos, o Capitão Antonio da Silveira, como suspeitasse a vinda dos Rumes, mandou,* &c.

Na Dec. 2.ª, liv. 1.º, cap. 5.º, diz tambem: «Havida esta victoria, e os Mouros postos debaixo do palmar, em modo de cerco, assombrava-se Lourenço de Brito ainda tanto com elles», &c., que melhor se diria deste modo: *havida esta victoria, e postos os Mouros debaixo do palmar,* &c.

Lobo, *Côrte na aldeia,* Dial. 11.º, traz tambem este periodo: «Outro estudante do meu tempo, passando parte de huma noite de inverno em casa de hum amigo... choveo tanta agoa, e cresceo com tanta furia o Mondego», &c.; aonde o leitor, esperando pelo verbo do sujeito *outro estudante,* acha-se por fim embaraçado na intelligencia da frase, e com esta especie de equivocação, quasi que se desgosta da leitura.

Nem se nos attribua a temeridade, ou presumpção tacharmos assim de defeituosos os nossos bons auctores. A ignorancia geral que então havia dos principios filosoficos da linguagem, os fazia cahir em muitos erros contrarios á *boa ligação das idéas,* que he a base fundamental de todos os preceitos relativos ao arranjamento dos vocabulos, e á organisação interna do discurso: concorrendo tambem para isto a demasiada, e ás vezes servil, imitação da construcção latina, procedida da errada opinião naquelle tempo, e ainda hoje mui vulgar, de que a nossa lingua he filha della, e tem como tal o mesmo genio e indole.

Mas voltando ao nosso objecto: tem tambem as linguas seus particulares caprichos (por assim nos explicarmos) que o escriptor polido e exacto deve respeitar: e por isso

aindaque da diversa posição dos vocabulos não résulte ambiguidade, nem má intelligencia da frase, convem todavia não alterar a fórma, que constantemente se tem adoptado para a exprimir. Por exemplo nas seguintes frases: *He desta sorte que o sabio se vinga. He por isso que eu me resolvi. He neste projecto que dais á luz a vossa obra. Foi neste intuito que o legislador ordenou*, &c., não se encontra ambiguidade ou escuridade alguma, e comtudo o estilo portuguez demanda differente collocação de vocabulos, e exprime-se desta maneira:

Desta sorte he que o sabio se vinga; ou *assim he que se vinga o sabio;* ou ainda mais simplesmente: *desta sorte se vinga o sabio. Por isso he que me resolvi. Com este projecto he que dais á luz*, &c.

Da mesma sorte nesta frase: *Os principaes artigos de seu commercio são trigo, legumes*, &c., *e cem embarcações se carregão todos os annoś deste porto para Marselha;* aindaque não haja ambiguidade, seria comtudo muito melhor traduzir assim: *Os principaes artigos do seu commercio são trigo, legumes*, &c. *e todos os annos se carregão cem embarcações*, &c.

E em est'outras: *Carteis affixados em todas as ruas erão dirigidos contra esta auctoridade.* Dir-se-hia em melhor portuguez *em todas as ruas se vião pasquins dirigidos contra*, &c.

Mais necessaria he ainda a inversão nesta frase: *Marco Aurelio, em huma necessidade urgente, antes do que carregar os povos de novos impostos, vendeo os moveis do palacio imperial;* cujo sentido he: *Marco Aurelio, em huma necessidade urgente, antes quiz vender os moveis do palacio, do que carregar os povos*, &c.; ou *mais quiz vender*, ou *preferio vender*, &c.

Outras vezes, aindaque a collocação franceza não seja contraria ao estilo portuguez, podemos todavia varial-a na traducção, aproveitando-nos da liberdade da nossa

lingua para fazermos o discurso ou mais corrente, ou mais elegante. Este periodo, v. gr.:

«Todos aquelles bens, que se não adquirem senão por caminhos obliquos, são raramente de longa duração: o Ceo para punir, sem duvida, os que os possuem, os faz desapparecer como hum fumo»; se traduziria melhor dizendo:

«Raras vezes tem longa duração... ou raras vezes se logrão por muito tempo... ou he raro serem de longa duração... ou raramente são duraveis os bens que se adquirem por tortuosos caminhos: o Ceo os faz desapparecer como fumo, sem duvida para punir os que os possuem»; ou: «raras vezes tem longa duração os bens que sómente se adquirem por caminhos tortuosos: o Ceo», &c.

Com mais razão se deve variar a collocação dos vocabulos, quando do contrario se segue alguma ambiguidade, obscuridade ou embaraço na frase, como succede por exemplo, no seguinte periodo, que achâmos traduzido do francez: «Se vós fosseis lavrador, que esperarieis da bondade do principe?—Que elle me segurasse o fructo do meu trabalho, e que me deixasse gosal-o, dando-lhe eu o seu tributo, com meus filhos e minha mulher»; aonde a frase *pagando-lhe eu o seu tributo, com meus filhos e minha mulher*, faz hum sentido não só ambiguo, senão tambem falso e absurdo, o que se evitaria arranjando assim o periodo: «Que elle me assegurasse o fructo do meu trabalho, e m'o deixasse gosar com meus filhos e mulher, pagando-lhe eu o seu tributo»; ou assim: «e que m'o deixasse gosar a mim, a meus filhos e a minha mulher, pagando-lhe eu», &c.

Não adiantaremos mais as nossas reflexões a este respeito; porque seria impossivel estabelecer regras fixas e invariaveis sobre hum assumpto que depende quasi inteiramente das particulares circumstancias do discurso;

e porque o pouco, que temos dito, basta para despertar a advertencia e reflexão dos traductores, e para os mover a corrigir os multiplicados gallicismos, de que estão cheias as nossas traducções modernas. Huma só cousa porém tornâmos a repetir, e não cessaremos de inculcar, e he que só a assidua lição dos classicos nacionaes, e o aturado estudo das suas obras, junto com o conhecimento dos principios filosoficos da Grammatica Universal, podem vir a libertar a lingua portugueza das fórmas estrangeiras, que nella se tem introduzido, e restituil-a á sua nativa pureza e elegancia. Seja pois este o principal cuidado dos eruditos portuguezes, que amão a sua linguagem, e não se dirá mais por ella o que já com galanteria disse hum escriptor douto: «Que pelo pouco que lhe querem seus naturaes, a trazem mais remendada, que capa de pedinte». Lobo, *Côrte na aldeia,* Dial. 1.º

RESPOSTA A VARIAS CENSURAS

FEITAS AO

GLOSSARIO DAS PALAVRAS E FRASES DA LINGUA FRANCEZA
INTRODUZIDAS NA LOCUÇÃO PORTUGUEZA

Multaque praeterea manifesti signa favoris
Pectoribus teneo non abitura meis.

OVID., *Trist.*, liv. 3.º, eleg. 5.ª

RESPOSTA A VARIAS CENSURAS

FEITAS AO

GLOSSARIO DAS PALAVRAS E FRASES DA LINGUA FRANCEZA INTRODUZIDAS NA LOCUÇÃO PORTUGUEZA

Conhecendo eu bem o caracter franco e generoso do meu censor, não hesitei em responder ás suas judiciosas reflexões e advertencias.

Espero que isto mesmo sirva de prova do respeito e gratidão com que recebi e apreciei hum obsequio tão singular e tão distincto.

A discussão sincera, livre e pacifica, he o meio mais proprio para se apurar a verdade, e se derramar a luz sobre objectos, as mais das vezes, pouco averiguados e pouco attendidos.

Como este he o meu fim, não duvido da grande utilidade, que d'aqui resultará ao meu trabalho, continuando-me o meu illustre e douto censor a honra de ler-me e illustrar-me.

Sobre o prologo

A doutrina, que aqui se estabelece, sobre o principio constitutivo da riqueza das linguas, e sobre o modo de promovel-a e augmental-a, he exactamente verdadeira e judiciosa.

Os eruditos que attribuem aos papeis ministeriaes o direito de innovar palavras, rendem o devido acatamento á auctoridade e sabedoria do governo.

Os que concedem o mesmo direito aos sabios e escriptores de conhecido merecimento, ou ás associações academicas, respeitão as suas luzes e saber, e a justa influencia que tem sobre o publico em materias litterarias.

Póde tambem em certo modo dizer-se, que qualquer escriptor tem a liberdade de formar, compor ou derivar novos termos: mas como entre os escriptores mediocres são poucos os que sabem fazer conveniente uso desta liberdade, por isso a vemos de ordinario concedida sómente aos homens de distincto saber e de litteratura consummada.

Em geral todo o vocabulo *necessario, expressivo, harmonico, e formado conforme a analogia da lingua,* póde adoptar-se, seja quem for o seu primeiro inventor. E esta será talvez a mais segura regra que em semelhante materia se póde estabelecer.

He sem duvida que quando na lingua portugueza temos necessidade de algum vocabulo, se deve primeiramente buscar nas raizes da mesma lingua, formando dellas termos derivados, ou compostos, que supprão aquella falta.

Quando nella não acharmos este soccorro, o poderemos pedir aos outros idiomas, entre os quaes preferiria eu: 1.º, o latino; 2.º, o castelhano; 3.º, o italiano; 4.º, o francez, &c., attendendo sempre á maior ou menor proximidade e analogia que elles tem com a nossa lingua; á sua maior ou menor copia de termos; e tambem ao maior ou menor conhecimento que nós tivermos desses idiomas.

Esta ordem porém de preferencias sómente se entende em igualdade de circumstancias, e em geral; porque na

pratica he muitas vezes necessario alteral-a. Assim para novos termos scientificos recorrem ainda hoje os sabios á lingua grega; para os termos musicos preferiremos a italiana a qualquer outra lingua, &c.

Postos estes principios, que são coherentes com os do prologo, farei por satisfazer nos artigos seguintes ás notas e reflexões sobre o objecto do *Glossario*, e espero desculpa dos inevitaveis defeitos que o tempo me não permitte corrigir.

Sobre os vocabulos do Glossario que vem censurados

Abordo — Entendo que ha gallicismo nos vocabulos: 1.º, quando não temos hum vocabulo, e o vamos buscar ao francez, como *alarmar*, *ressurças*, *massacro*, &c.; 2.º, quando tomâmos do francez hum *derivado* ou *composto*, que não ha na nossa lingua, aindaque nella tenhamos a *raiz* da derivação, ou os *elementos* de que se formou o composto: como *elançar-se*, *encorajar*, *funccionario*, *infortunado*, &c.; 3.º, quando a hum vocabulo que já temos, damos huma significação franceza, que não tinha na nossa lingua: como *felicitar* por *dar parabens*, *picar-se* por *vangloriar-se*, *extracção* por *origem*, *linhagem*, &c.

O vocabulo *abordo* pertence na minha opinião á segunda classe: porque tendo nós o verbo *abordar*, donde póde derivar-se *abordo*, não temos comtudo este nome, que os nossos modernos forão buscar ao francez.

He verdade que Moraes traz *abordo* no seu *Diccionario portuguez*; mas noto, que o não auctorisa, costumando fazel-o a quasi todos os vocabulos, que não são de hum uso mui trivial.

O *Diccionario inglez-portuguez*, aliás *portuguez-inglez*, de Vieira, que he copioso, e de cujo auctor eu faço grande conceito no que toca ao conhecimento das linguas, e

em particular da portugueza, tambem não traz este vocabulo.

Joaquim José da Costa e Sá, que no seu *Diccionario francez-portuguez* a cada passo usa de vocabulos *afrancezados* para exprimir a significação dos termos francezes, não se atreveo comtudo a traduzir por *abordo* o francez *abord,* quando era occasião de o empregar, se com effeito fosse usado na nossa lingua.

O outro diccionario francez-portuguez, em 4.°, tambem não traz *abordo:* e eu finalmente não o encontrei jámais senão em más traducções modernas.

Logo, aindaque este termo se possa derivar do verbo *abordar,* comtudo o seu uso he trazido do francez, e como tal vem a ser em realidade hum gallicismo, assim como o são os vocabulos *detalhe, edificante, encorajar, infortunado,* &c., sem embargo de se poderem derivar de *talhe, edificar, coragem, fortuna,* ou *afortunado,* &c.

Pelo que respeita á sua significação: Temos em portuguez certos vocabulos, que por huma especie de capricho da lingua se usão ao mesmo tempo, e polidamente, em duas significações, que parecem oppostas. Por exemplo:

Lido *(Activamente)* — O que lê; homem lido.

Lido *(Passivamente)* — O que he ou foi lido; livro lido; obra lida, &c.

Delicioso *(Activ.)* — O que causa delicias; sabor delicioso; bens deliciosos.

Delicioso *(Passiv.)* — O que he dado a delicias; o que as recebe, e gosta dellas; homem delicioso.

Entrada *(Activ.)* — Acção de entrar; fiz a minha entrada solemne.

Entrada *(Passiv.)* — O que he entravel, possibilidade ou facilidade de ser entrado; este lugar tem boa entrada.

Accesso *(Activ.)*—Acção de chegar, acção de entrar a alguem; accesso do sol para o equador, accesso com alguma mulher, &c.

Accesso *(Passiv.)*—Qualidade de ser accessivel; este monte he de facil accesso.

Semelhantemente:

Abordo *(Activ.)*—Acção de abordar; fallei a N..., e no primeiro abordo, &c.

Abordo *(Passiv.)*—Qualidade de ser abordavel, accessivel; esta praia he de facil *abordo;* este homem he de bom *abordo*, &c.

Neste ultimo sentido he que eu dizia que *abordo* he hum gallicismo que se póde bem supprir pelo vocabulo *acolhimento,* porque na verdade neste sentido he que mais vezes o tenho ouvido usar.

Vejo comtudo que este artigo do *Glossario* necessita de correcção e explicação: e a farei logo que o ms. me venha á mão, como espero.

Emquanto ao mais, que aqui se acrescenta, estou persuadido que *abordo* no sentido figurado he exactamente synonymo de *accesso,* que tambem significa activamente a *entrada a alguem,* e passivamente a *qualidade de ser accessivel.*

Porém *accesso,* pelas varias accepções em que se toma, póde excitar huma idéa torpe, e convem evitar-se em alguns casos.

Apathia—Cuido que este vocabulo não vem no *Glossario:* mas vem outros, que estão em iguaes circumstancias, como *anecdota, paralysar, filanthropo,* &c.

Estes termos são de origem grega, e todavia não duvidei mettel-os no *Glossario,* por estar persuadido que os nossos modernos escriptores os tomárão immediatamente do francez, depois de naturalisados nesta lingua: muito mais satisfazendo eu a qualquer reparo, com de-

clarar a origem primitiva delles, e mostrar que me não era desconhecida.

Ascendente — He termo portuguez no sentido astronomico, de que fala Moraes. Na significação porém que aponto no *Glossario*, nunca foi usado no nosso idioma, mas sim no francez, donde os nossos Portuguezes o derivárão. E por isso, aindaque essa significação possa em certo modo deduzir-se da primeira, nem por isso deixa de ser o uso della hum verdadeiro gallicismo, segundo os principios que acima ficão estabelecidos.

Bom Deos — Estamos perfeitamente concordes a respeito desta expressão. Ella he (principalmente com o artigo *o bom Deos)*, hum puro gallicismo, inadoptavel em portuguez. Mas não me conformo em tudo o que aqui se diz a respeito da theoria dos epithetos: nem julgo que seja erro em portuguez dizer *o nosso Deos misericordioso perdôa facilmente ao peccador arrependido*, sem embargo de não haver aqui mais que hum epitheto, e esse sem fórma superlativa.

Bruscamente — Convenho em que este adverbio se possa formar do adjectivo portuguez *brusco:* mas como sómente o acho em traducções, e sempre usado com a significação do francez *brusquement*, supponho-o trazido do francez, e não derivado e formado por nós, segundo a necessidade (que aliás não temos) da nossa lingua.

O portuguez *brusco* significa *escuro, annuviado; dia brusco; tempo brusco, athmosfera brusca*, ou *annuviada*, &c. D'aqui se formou a significação figurada, mas não muito usada (excepto no estilo familiar) de *triste, carregado*, &c., *homem brusco, semblante brusco*, &c. O adverbio *bruscamente* significaria pois *tristemente, carregadamente, com carregume*, &c., mas nunca signi-

ficaria *precipitadamente, incivilmente, descortezmente,* como em francez, só se buscassemos hum novo requinte da segunda significação já figurada.

O francez porém *brusquement* he derivado do verbo *brusquer, insultar com palavras, tractar com descortezia, tractar algum negocio com precipitação e arrebatamento,* &c. Neste sentido o acho usado, neste sentido o noto de gallicismo, e neste sentido digo que he escusado.

Acaso pois (se me pergunta) será permittido só aos Francezes falar em sentido figurado? Respondo que não: e que hum absurdo tal se não segue do que digo no artigo, nem em artigo algum do *Glossario.*

Cadastro—Censo entre os Romanos dizia o mesmo que *cadastro* entre os Francezes. A homonymia porém he attendivel: e se eu me lembrasse della nas notas a Peixoto, teria insistido mais na adopção do gallicismo.

Calcular—O sentido, que vem notado no *Glossario,* nunca foi portuguez. Entre os mesmos Francezes he novo tomar o verbo *calcular* e o adjectivo *calculado* nesse sentido. Delles o tomarão sem duvida os nossos traductores; e a maior prova que disso se póde dar he que difficultosamente se encontrará, salvo em traducções portuguezas, ordinariamente, ou quasi sempre mal feitas. Isto me parece bastante para o constituir gallicismo, porque (como já adverti) huma *significação nova* tomada do uso francez, aindaque aliás se possa derivar da propria lingua, não deixa por isso de ser hum gallicismo. Ninguem por certo negará este nome ao vocabulo *affixe,* que ha pouco lembrei; e comtudo elle póde derivar-se do verbo *affixar,* que he portuguez, &c.

Será porém adoptavel, ou não, o adjectivo *calculado* no sentido do *Glossario?* Não duvido que todas as vezes que se quizer exprimir a idéa de calculo e combinação

de causas, com respeito a algum determinado effeito, se possa usar com propriedade o dito adjectivo. Duvido porém que isto se verifique na maior parte das occasiões em que os Francezes o empregão.

Acho nimiamente subtil e exquisita a interpretação que se dá á frase do *Glossario*, para mostrar que nella vem a proposito o adjectivo *calculado*. E estou certo que no logar em que a li, ella não tinha sido empregada com tanta reflexão e tanto calculo.

Como quer que seja, com duas palavras mais acrescentadas ao artigo do *Glossario* se fará hum artigo *calculado* para satisfazer a tudo.

Crachá—Sempre tive este vocabulo por derivado do francez *crachat*, e por isso digo que he de *má origem:* nem sei outra donde nos viesse esta palavra com semelhante terminação. Se me engano, estou prompto a desdizer-me. *Placar* he menos máo, mas não he bom, sendo (como he) derivado do francez *placard;* porque aindaque o fundamento do sentido figurado não seja tão vil e torpe como o primeiro, comtudo não he bem clara nem expressiva a analogia que ha entre o *edital*, que se prega na parede, e o *habito* ou *divisa*, que se borda ou prega no vestido. E todos sabem que esta analogia he a base do sentido figurado. Mas, emfim, se o uso assim o quer, adopte-se *placar*.

Em portuguez de gazetas temos *placard* (gallicismo) por *edital*. (Veja-se Moraes.) Assim como em portuguez da moda temos *affixe*, que já se vai usando. E d'aqui a pouco teremos o mais que quizerem, e faremos huma lingua nova e estrangeirada, que não haverá dinheiro que a pague!

Degradante—Aindaque se adopte em portuguez o verbo *degradar* na significação figurada de *aviltar*, *en-*

vilecer, deprimir, &c., póde comtudo duvidar-se se he tambem adoptavel o adjectivo verbal *degradante*. A nossa lingua parece não ser muito apaixonada destes adjectivos verbaes. Ella diz:

Instructivo, e não *instruente*.
Edificativo, e não *edificante*, que he moderno.
Provocativo, e não *provocante*.
Productivo, e menos vezes *producente*.
Persuasivo, e não *persuadente*.
Consolador, consolatorio, e não *consolante*.
Causador, e não *causante*.
Dador, e não *dante*, &c.

Por outra parte tambem diz:

Temente, que teme.
Tocante, cousa tocante á politica, &c.
Interessante, que interessa, &c.

Esta materia requer exame e analyse, e cuido que a isto se referia huma nota de Peixoto. Eu não me julguei em estado de declarar o meu voto em alguns artigos do *Glossario*, em que elle viria a proposito, por não ter ainda hum sufficiente numero de frases portuguezas analysadas em que me firmasse. Entretanto não adoptarei semelhantes adjectivos sem muito tento e reflexão, e sem estar bem certo de que não temos outros que os possão supprir.

Effeitos—Tomei esta palavra geralmente por *bens moveis, generos*, &c., seguindo o *Diccionario* de Sá, e outro anonymo, em 4.º No *inglez-portuguez*, de Vieira, acho tambem *effects, bens moveis, effeitos*. Alem destas auctoridades, tenho visto e ouvido muitas vezes empregal-o com a significação ampla de quaesquer *moveis, mercadorias, trastes, fazendas*, &c., e sem ser em lin-

guagem mercantil. Que nesta linguagem esteja adoptado pelo uso do commercio, não duvido; que todos os diccionarios o tragam, duvido: e contra a palavra *todos*, aponto Moraes, que o não traz, e he o unico que tenho á mão.

Egoismo — He derivado do latim *ego*, mas trazido immediatamente do francez *égoïsme*. Taes vocabulos são gallicismos, não por terem terminação afrancezada, mas por serem de composição franceza, aindaque latinos na origem. *Alarmar* he gallicismo, e a sua raiz he *armar* ou *arma*, que vem do latim. *Empallecer* he gallicismo, e a sua origem he *palleo* latino. *Engajar* he gallicismo, e temos em portuguez a raiz *gages*. *Impérissable* ou *impericivel*, he gallicismo, e a sua raiz he o latim *perire*, em portuguez *perecer*, &c.

Emittir — Digo no *Glossario* que tem origem latina. Digo que he conforme com a analogia, por isso mesmo que he formado á maneira dos verbos *omittir*, *demittir*, &c. E acrescento que he tomado do francez porque delle o houvemos, e não he de composição nossa. No francez moderno (e em linguagem de finanças principalmente) he frequente *émettre* e *émission*, no sentido que nós lhe damos.

Estudado — No *Diccionario* de Sá o termo francez *étudié* significa tambem *fingido*, *affectado*, *simulado*. Se me enganei, a elle o devo, e estou prompto a corrigir-me.

Extraviar, &c. — He de origem latina, porque se compõe de *extra* e *via*, mas a composição he franceza, e dos Francezes o tomámos nós.

Felicitar — Não o reprovo, antes digo com Bluteau

que já no tempo deste escriptor começava a ser usado. Comtudo não o reputo necessario, visto termos *congratular a alguem*, que diz o mesmo; e não o julgo muito bom por causa da homonymia, vistoque dizemos em portuguez *felicitar a alguem*, isto he, *fazel-o feliz*.

Formalisar-se — Só o acho bom e adoptavel na significação de *pôr-se em fórma*, quando se fala de homem publico, que toma o ar serio da sua auctoridade; ou quando se fala de pessoa familiar que, por picada, deixa as fórmas familiares para tomar tambem outras mais sérias. Nesta maneira se reformará o artigo.

Fuzil, &c. — Duvido que nos nossos regimentos *houvesse sempre* companhias de *fuzileiros*. Eu só tenho achado *espingardeiros*, *mosqueteiros*, *arcabuzeiros*, &c. *Granadeiros* tambem me parece novo. Moraes não o traz, assim como não traz *fuzileiros*. Lobo, *Côrte na aldeia*, faz menção de *mosqueteiros*, *arcabuzeiros*, *alabardeiros*, *archeiros*, *bésteiros*, *escopeteiros*, *piqueiros*, &c., e comtudo escreveo já em tempos não mui antigos. Peço novo exame.

Volteador e **Voltijador** — Tem sido na verdade traduzidos servilmente do francez *voltigeur*, assim como *voltijar* de *voltiger*. São gallicismos intoleraveis, e alem disso escusados.

Sobre as reflexões

I

Chamo *arrastado* qualquer termo, frase, ou expressão, quando he trazido no discurso *forçadamente* e *sem naturalidade*.

O adverbio, ou antes, expressão adverbial *por ventura* significou sempre nos nossos classicos o mesmo que o latim *forsitan, forsan, fortasse,* isto he, *por acaso, por acerto, acaso,* e como hoje dizemos *talvez.*

Bastará para exemplo este periodo de Barros na sua *Apologia,* que vem no principio da quarta Decada:

«Mas porque *per ventura* os calumniadores não ficaráõ satisfeitos com esta pintura, &c.... ao contrario, neste papel pintaremos a figura de hum animal, que tem os affectos e condição delles, e *per ventura* pela conformidade que tem, lhe será mais acceita que a de Apelles», &c.

Logo, quando eu digo que o vocabulo *virulento* no sentido figurado parece ser novo no nosso idioma, e *por ventura* trazido do francez; he o mesmo que dizer, que o dito vocabulo he *talvez, acaso (forsitan),* derivado do francez. E nisto não vejo que haja cousa alguma forçada, ou *arrastada.*

Acrescento, que mais *forçada* seria a palavra *talvez,* posta em lugar de *por ventura.*

Talvez nos nossos classicos significou sempre o mesmo que *alguma vez,* e nunca o mesmo que o latim *forsitan.* Neste sentido diremos ainda hoje sem erro: *Eu leio* talvez *Camões,* talvez *Ferreira. A historia me deleita* talvez *pela variedade dos acontecimentos,* e talvez *pela instrucção que delles tiro,* &c.

Pelo contrario quando dizemos, v. gr.: *Esta tarde* talvez *irei passear ao campo,* não seguimos o estilo antigo da nossa lingua, conforme ao qual nos explicariamos melhor assim: *Esta tarde irei* por ventura *passear,* ou acaso *irei passear,* ou póde ser *que vá passear,* &c.

Comtudo não reprovo absolutamente o uso moderno da expressão adverbial *talvez,* visto que se acha geralmente adoptada no uso vulgar da lingua, e ainda nos bons escriptores modernos.

II

Persuado-me que os poetas mais geralmente citados no *Glossario,* tem sobeja auctoridade para legalisar qualquer vocabulo: por serem classicos de reconhecido merecimento, e por haverem escripto na melhor idade da nossa lingua, ou nos tempos proximos a ella. Taes são Camões, Sá de Miranda, Ferreira, Côrte Real, Gabriel Pereira e João Franco Barreto.

Com elles, e com outros da mesma ordem, e ainda de muito inferior merecimento, se auctorisão os vocabulos em todos os diccionarios das linguas vivas e mortas, antigas e modernas.

Os que não são do mesmo toque, apenas vem citados alguma vez, e então mesmo, ou acompanhados de outras auctoridades, ou designados por algum caracter, que faça conhecer o grau de força, que se deve attribuir aos seus exemplos. Taes são Diniz, Francisco Manuel, Antonio Ribeiro dos Santos, &c.

Em geral não me parece que a liberdade dos poetas se estenda a usarem de palavras que não sejão puras, ou que, quando novas, não mereção ser adoptadas. Se algum poeta usa de outras, nunca terá a graduação de classico. Se porém as inventa, deriva, ou compõe conforme as regras, dá-lhes por isso mesmo auctoridade, e merece ser citado.

Que os poetas falem *huma linguagem ás vezes inintelligivel,* he para mim novo. Só se na conta de poetas se mettem tambem os maus versejadores. Por certo, nos que eu tenho lido, e cito no *Glossario,* nunca achei cousa, que me parecesse *inintelligivel.*

O programma pede que se notem os vocabulos contrarios *ao antigo* e *bom uso* da lingua. Este bom uso acha-se igualmente nos escriptores de prosa e nos poetas. A dif-

ferença que ha de huns a outros em materia de linguagem, consiste em que certos vocabulos *pura* e *propriamente poeticos*, de ordinario não tem lugar, nem podem ser usados na prosa. Mas esta differença pertence ás *regras do estilo*, e não ás da linguagem. As palavras (por exemplo) *salso argento*, são puras e mui portuguezas, e como taes se auctorisarião bem, em qualquer diccionario, com Camões. Todavia quem as empregasse em prosa, erraria ao *estilo prosaico*, aindaque falasse portuguez puro. Notar esta differença não pertencia ao *Glossario*, nem o programma o exigia.

III

O artigo do *Glossario*, em que tracto dos *abusos na collocação dos vocabulos*, he dirigido particularmente a mostrar a differença que neste ponto tem a nossa lingua da lingua franceza.

Os exemplos, que ahi trago, não são postos como modelos de boa traducção, mas só como provas da maior liberdade, que tem o nosso idioma, a respeito do francez, na collocação dos termos e frases, e da variedade com que podemos em bom portuguez arranjar hum periodo, que na lingua franceza sómente admittiria huma certa collocação de vocabulos, e huma determinada ordem de construcção.

Esta liberdade e variedade, bem que seja, entre nós, muito mais limitada do que o era entre os Gregos e Romanos, pela manifesta differença que ha do genio destas duas linguas ao da nossa, comtudo dá ao idioma portuguez mui preciosas e singulares vantagens que os Francezes não gozão, e faz que elle seja muito mais proprio para produzir os encantos da harmonia e da expressão, que he no que consiste huma das principaes qualidades e perfeições de qualquer lingua.

Seja-me permittido trazer algum exemplo, e será o que mais obvio se offerecer á minha memoria.

Boileau traduzindo o primeiro hemistichio, com que Virgilio começa a *Eneida*, diz assim:

Je chante les combats, et cet homme pieux.

Os Francezes não podem traduzil-o por outro modo, emquanto á ordem da frase, nem podem fazer inversão alguma nos vocabulos que a compõe. Em portuguez porém podemos traduzir:

Eu canto as armas, e o varão piedoso.

Ou:

As armas, e o varão canto piedoso.

E eis-aqui o poeta portuguez constituido na liberdade de escolher entre as duas frases a que mais harmonica e expressiva lhe parecer: quando o poeta francez he coarctado pela natureza da sua linguagem dentro de certos limites, e obrigado a seguir inalteravelmente huma só fórma e ordem de construcção.

Voltaire se vio obrigado pelo mesmo motivo a começar a *Henriade* por este verso:

Je chante ce héros, qui regna sur la France.

ao mesmo tempo que Camões começa pelo objecto:

As armas e os varões assignalados,

reservando para o fim da segunda oitava o nominativo e o verbo:

Cantando espalharei, &c.

Com o que não só faz o seu quadro mais expressivo, pondo á frente delle a figura principal, de que se tracta, e accommodando depois em lugares e distancias convenientes os ornamentos e figuras accessorias, mas tambem faz o periodo mais harmonico, reservando para o fim delle huma palavra (digamos assim) decisiva, e completando o sentido, que artificiosamente tivera suspenso desde o principio da proposição.

E eis-aqui tambem como a faculdade das inversões, que deixa ao escriptor a escolha do lugar em que ha de pôr a palavra *que he imagem*, e a palavra *que he pensamento*, vem a ser hum dos grandes recursos do orador e do poeta, assim como já foi o meio mais frequente de que lançarão mão os Gregos e Romanos para produzirem o effeito pittoresco que a cada passo se observa nas immortaes obras dos seus oradores e poetas.

Quem tiver a alma e o ouvido sensivel ás bellezas da harmonia e da expressão, e for mediocremente versado no estudo do mecanismo das linguas, não póde deixar de notar o effeito, que muitas vezes faz a simples mudança de huma palavra posta neste, ou naquelle lugar.

Nesta frase, por exemplo, *e retirando daquelle coração malvado o mortifero ferro, deixa sahir envolta em negro sangue a alma palpitante*. Se mudarmos a collocação e dissermos: *e retirando o ferro mortifero, deixa sahir a alma palpitante envolta em sangue negro*, cessa toda a belleza da expressão, diminue-se a graça da harmonia, e a imagem fica consequentemente menos viva, e menos animada.

A cada passo se poderáõ achar e notar exemplos semelhantes. Mas o que temos dito basta para se entender, que nem sempre convem rejeitar e desprezar as transposições, que a nossa lingua sofre e admitte; e que muito pelo contrario ellas concorrem grandemente para a belleza e elegancia da mesma lingua.

Empregar estas transposições sem juizo, e sem discrição, e só com o fim de fazer o estilo vãamente *retumbante*, he hum defeito intoleravel, que todo o escriptor polido e judicioso deve evitar: mas fugir dellas de proposito, quando naturalmente se offerecem; não as empregar em circumstancia alguma, e estabelecer como regra de estilo *que a eloquencia portugueza consiste, em grande parte, na collocação e arranjamento directo do nominativo, verbo e caso*, he outro defeito igualmente intoleravel.

In vitium ducit culpae fuga, si caret arte: he roubar á nossa lingua huma das suas mais preciosas vantagens e liberdades; he desejar para ella a fastidiosa monotonia que os Francezes tanto lamentão no seu idioma; e he finalmente privar a lingua portugueza de hum dos meios mais poderosos, que ella tem para pintar vivamente os objectos, e para excitar nos leitores ou nos ouvintes os affectos e paixões, que muitas vezes queremos inspirar-lhes.

Estou certissimo, que a correcção Araujana feita á Memoria, que se lhe apresentou, havia de ser judiciosa e sabia; mas estou igualmente certo, que ella não podia estribar sobre o systema da *construcção rigorosamente directa*, nem della se poderia deduzir a regra geral e absoluta, que aqui se inculca.

As composições, que tenho visto deste illustre portuguez, não desmentem o conceito que faço da sua litteratura, nem tão pouco encontrão os principios que tenho estabelecido.

O defeito (que tambem se attribue ás inversões) *de acabarem muitas vezes os periodos com hum verso heroico*, primeiramente nem sempre he defeito na nossa lingua; em segundo lugar não resulta privativamente das inversões.

1.º Não he defeito: A prosodia dos Latinos era diffe-

rente da nossa; a sua lingua, ao menos na declamação oratoria e poetica, era mais cantada. Os seus versos constavão de certo e determinado *numero de pés,* e estes de *syllabas breves e longas,* isto he, de syllabas que se pronunciavão em *hum* e *dous tempos.* Esta pronunciação he hoje desconhecida aos modernos, e aindaque saibamos, por exemplo, que no hemistichio:

Arma, virumque cano

a syllaba *ar* de *arma* he longa, e a syllaba *ca* de *cano* he breve; não sabemos comtudo a differença de pronunciação que lhe davão os Latinos, &c.

Esta differença porém que elles conhecião, exprimião e sentião, fazia que os seus ouvidos reconhecessem promptamente o verso heroico, quando apparecia no meio da prosa, e que então o rejeitassem como huma affectação indiscreta e pouco conveniente. E daqui nasceo o preceito dos rhetoricos, que manda evitar esta affectação.

Os versos das linguas modernas da Europa não se compõem de *syllabas breves e longas.* O seu metro depende do *numero das syllabas,* e da *combinação dos accentos.* D'aqui vem que o nosso verso não he tão facil de discernir-se na prosa, e quando acontece entrar nella por acaso, não faz no ouvido a sensação viva e estranha, que experimentavão os Romanos e Gregos em iguaes circumstancias.

Abra-se qualquer livro portuguez de boa prosa. A cada passo encontraremos versos heroicos e lyricos, que nenhuma impressão desagradavel excitão no ouvido mais delicado, e mais affeito á leitura dos poetas.

Quem reprehenderá (por exemplo) este periodo?

«Ao avistar-se o Cabo tormentoso, apparece o Gigante aos Portuguezes, e com huma voz formidavel

ameaça os argonautas, e lhes prognostica longas desventuras?»

Quem dirá que ha nelle transposições affectadas e collocação viciosa de vocabulos? Comtudo elle principia por dous versos heroicos:

> Ao avistar-se o Cabo tormentoso
> Apparece o Gigante aos Portuguezes.

Continua com outros dous lyricos:

> E com huma voz formidavel
> Ameaça os argonautas

E acaba com outro verso heroico:

> Lhes prognostica longas desventuras.

No mesmo periodo que já acima apontei, *e retirando o mortifero ferro, deixa sahir envolta em negro sangue a alma palpitante;* neste periodo, digo, que he bello, e tambem nada tem de affectado, se acha hum verso heroico e outro lyrico:

> Deixa sahir envolta em negro sangue
> A alma palpitante.

Os quaes comtudo de nenhum modo alterão a belleza e elegancia da expressão.

Ultimamente o mesmo douto e judicioso censor do meu *Glossario*, a quem estou respondendo, e que escreve com tanta polidez e nobre singeleza, elle mesmo no *Prologo*, e no fim de hum paragrafo, acaba com este verso heroico:

> Não abusando desta liberdade

E depois na palavra *Calcular:*

Se toma no sentido figurado
Cahisse no lugar assignalado.

E na palavra *Reussir:*

Condemnado a eterno esquecimento, &c.

Logo a regra dos rhetoricos Latinos a respeito dos versos heroicos na prosa não he applicavel á nossa lingua, nem deve ter nella uso algum. E se se quizer que ella valha para alguma cousa, deverá ser sómente para se recommendar que não haja affectação e nimia curiosidade em buscar os ditos versos para com elles enfeitar o discurso, ou terminar a frase. Mas isto apenas será necessario advertil-o aos principiantes.

2.º Este defeito (caso o fosse) não resulta privativamente das inversões.

O periodo Araujano, que já analysei, he boa prova desta verdade. Elle he singelo e desaffectado, mas ponhamol-o em huma ordem ainda mais directa: sempre apparecerāõ os mesmos versos:

Ao avistar-se o Cabo tormentoso
O Gigante apparece aos Portuguezes.

E

Lhes prognostica desventuras longas, &c.

Não me alargarei mais neste ponto. Sómente acrescento (para satisfazer a tudo) que não vejo absolutamente motivo algum por que haja de ser-nos prohibido *começar a oração pelo adverbio,* ou *não a começar pelo nominativo.* A cada pagina de qualquer classico, dos me-

lhores, de prosa e verso acharemos exemplos em contrario, que julgo aqui escusado apontar.

Peço só hum pouco mais de reflexão, e espero que fiquemos exactamente concordes.

Sobre os vocabulos que se apontão como gallicismos e não vem no Glossario

Adarme — No *Diccionario francez-portuguez*, de Sá, he termo de commercio, e significa *a oitava parte de huma onça.*

No *Diccionario portuguez-inglez*, de Vieira, significa igualmente *the eighth part of an ounce*, isto he, *a oitava parte de huma onça.*

No *Diccionario portuguez*, de Moraes, significa *peso igual a meia oitava*, aonde cuido que houve equivocação, devendo dizer *peso igual a huma oitava.* Desta idéa fundamental e principal de *peso*, se derivou talvez a segunda significação de *calibre da bala de espingarda*, com a qual o usou o auctor do *Espingardeiro perfeito*, citado por Moraes. He vocabulo da arte de espingardeiro, e adoptado.

Addito, ou antes **Addicto** — Não sei que haja em portuguez o verbo *additar*, nem seria bem derivado. *Addicto* deriva-se do latim *addictus, ligado a alguem*, ou *a alguma cousa, apegado, dedicado, affeiçoado*, &c., exprimindo quasi a significação do francez *attaché.* (Veja-se Moraes.) Por consequencia este vocabulo tomado na accepção Araujana, alem de ter por si a auctoridade do inventor, que he mais que bastante para *dar o fóro* a qualquer nova palavra, conforma tambem com a analogia, e tem bom fundamento no latim.

Alviçareiro — Agradeço a explicação, que para mim foi nova, assim como o era o vocabulo.

Ao contrario — He expressão adverbial usada dos classicos portuguezes, e frequente em João de Barros: e tem analogia com as outras tambem classicas *ao revés, ás avessas, &c.* Pelo que dizemos em bom portuguez: *tudo succedeo ao revés, tudo se fez ás avessas, tudo sahio ao contrario, &c.*

Ao través — Temos em portuguez classico as seguintes frases:

1.ª *Vos fazem andar de torto em través,* isto he, *de erro em erro.*

2.ª *Alienão o que não he seu, e dão a través com os thesouros alheios,* isto he, *deitão-nos a perder.*

3.ª *Deo com huma nau da India a través,* isto he, *fel-a naufragar.*

4.ª *Tudo lhes deo a través,* isto he, *tudo se lhes perdeo, tudo lhes sahio contra o que esperavão,* &c.

5.ª *Ir a través da virtude ou da verdade,* isto he, *á parte contraria destas qualidades, deixar a virtude e a verdade, para seguir o vicio e o erro,* &c.

O vocabulo *través* excita a idéa de *obliquidade, tortura, falta de direitura, cousa atravessada,* &c. E daqui vem o seu uso e significação nas frases referidas.

Cabotagem — He bem advertido, e já está notado para as addições. Sou de parecer que carecemos delle por não termos outro equivalente. *Cabotar* exprime-se bem por *costear,* e he escusado.

Coragem — Entrou indevidamente no *Glossario,* porque não he termo moderno, mas mui antigo na nossa lingua. (Veja-se Moraes.)

Corveia—Parece-me que significa propriamente *todo o serviço pessoal gratuito,* que os povos são obrigados a satisfazer aos senhores de feudos. *Dar dias de geira* he idéa mais restricta: he só huma parte daquelle serviço, e portanto não me parecem exactamente synonymos. Nós dizemos em geral *serviços pessoaes,* e comprehendemos neste vocabulo *dias de geira, carretos gratuitos, trabalhos nos bens do senhorio,* &c. Os antigos foraes e prazos fazem a cada passo menção desta especie de *servidão,* que foi commum, assim como o systema feudal em toda a Europa.

De bom grado, De mau grado, De proprio grado, Apesar de seu grado, &c.—São tudo expressões classicas, e mui portuguezas, aindaque derivadas, talvez em outro tempo, da lingua franceza. (Veja-se Moraes, Bluteau, e os classicos a cada passo.)

Explosão—Não he o mesmo que *expulsão,* nem tem a mesma origem. *Expulsão,* em latim *expulsio,* vem de *expello, lançar para fóra á força,* donde nos veio *expellir, expellido, expulso, expulsivo,* &c. *Explosão,* em latim *explosio,* vem do verbo *explodo, expellir rapidamente e com estrondo.* Diz-se da *nuvem que lança o raio,* da *mina que rebenta,* da *peça que se descarrega, e lança com estrondo a bala,* &c. Não sei se nos veio *immediatamente* do francez, ou do latim: mas por certo he expressivo e digno de adoptar-se.

Fazer legoas—Não me agrada esta expressão, nem usarei della jámais. Porém não me atrevo a condemnal-a com tanta severidade á vista das expressões analogas do elegantissimo Frei Luiz de Sousa:

Assim *fez brevemente o caminho,* liv. 1.°, cap. 10.°
Foi forçado *fazer noute* em hum lugar, liv. 1.°, cap. 16.°

Fazia o Arcebispo muitas vezes *este caminho*, liv. 4.º cap. 28.º

Trabalhavão os Officiaes de Justiça por *fazer lugar*, liv. 5.º, cap. 9.º, &c.

Fazer o importante — Vai notado no *Glossario*, e he francez por todos os quatro costados.

Galimatiás — Os nossos Portuguezes dizião *Algaravia, linguagem confusa, que se não entende, inintelligivel*, &c. Tambem dizião *geringonça*, alludindo á *linguagem inintelligivel*, inventada pelos ciganos para falarem huns com outros, sem serem entendidos dos que não erão da mesma relé. Esta linguagem chamava-se *gira*, ou *giria*, expressão a que hoje temos dado huma significação mais ampla, mas analoga á primitiva. Finalmente dizemos tambem por modo de proverbio *falar vasconso*, isto he, falar de *hum modo que se não entende*.

Manobra — He certamente trazido do francez para a nossa lingua. Parece que a sua primeira significação em francez era *o trabalho que se faz para dar movimento ao navio*, em portuguez corrente *marcação*. Daqui o derivárão para significar os diversos *movimentos* e *operações de hum exercito*. E ultimamente o ampliárão ao sentido moral figurado, para significar *todos os meios, recursos* e *maneios*, que se buscão e empregão para obter ou concluir qualquer negocio ou empreza. Em todos estes sentidos he hoje usado em francez e em portuguez. Nos primeiros dous julgo que he adoptavel pela propriedade da expressão, por ser já de uso frequente, e por ter a seu favor boas auctoridades modernas. No terceiro sentido, não duvidaria eu empregal-o no estilo familiar, mas não faria o mesmo no estilo culto.

Orgulho — He portuguez antigo e de bom cunho, e como tal está fóra da minha jurisdicção. A sua significação corresponde (como optimamente se adverte) a *soberba, altivez, arrogancia, ufania, brio,* &c. Mas deve notar-se *na pratica,* que *orgulho, soberba, ufania,* se tomão ora em bom, ora em mau sentido, v. gr., em Camões, cant. 9.º, est. 54.ª:

> Tres formosos outeiros se mostravão
> Erguidos com *soberba* graciosa, &c.

Brio rarissima vez se toma em mau sentido, e a sua primeira e mais natural significação parece ser *esforço, valor,* &c. Se eu governasse a lingua com absoluto imperio, não havia de haver esta *confusão* e indeterminação nos vocabulos das *idéas moraes,* que são as que mais necessitão de ser bem determinadas.

Recherché, Bem julgado foi — Em lugar delle poderemos dizer, v. gr., *figure bien recherché,* figura bem acabada; *ornaments trop recherchés,* ornamentos muito exquisitos; *expression recherchée,* expressão affectada; *meubles recherchés,* moveis curiosos, exquisitos, &c.

Retreta — He termo militar inglez *retreat,* e francez *retraite.* Deste ultimo, julgo eu, que o derivâmos nós, e os Castelhanos: 1.º, porque a terminação e soído he propriamente francez; 2.º, porque o luxo da arte militar primeiramente se aperfeiçoou em França do que em Castella e Portugal. No meu conceito he vocabulo escusado. Sujeito porém o meu voto á douta e avisada censura.

Reussir — Confirmo a sentença, se necessario he.

Revelim ou **Rebelim**—Já he antigo, e vem em Lobo, *Côrte na aldeia*, Dial. 15.º

Sabre—Não he mui facil determinar hoje em dia a differença caracteristica dos varios generos de armas cortantes, de que os nossos antigos usárão, e fazem menção. Não temos antiquarios que hajão espreitado estes objectos na historia, para fazer delles hum particular tractado, como aliás temos das *armas gregas*, ou *romanas*, de *vestidos*, *vasos*, &c.

Segundo os diccionarios:

ESPADA—Consta de lamina recta, ponta aguda, e dous gumes.

CATANA—No *Diccionario inglez-portuguez*, de Vieira, he *huma grande espada larga*. Em Moraes porém significa *alfange*, *terçado*. (He vocabulo de origem japoneza.)

ALFANGE—*Arma curva, como cutello, com cota e gume;* no *Diccionario* de Vieira he o mesmo que *cimitarra*, ou *semitarra*.

CIMITARRA ou SEMITARRA—*Alfange* turquesco ou persiano.

SABRE—No *Diccionario* de Sá he *terçado curto de hum só gume, alfange, catana, e toda a casta de espada larga*. Em outro diccionario he *alfange, espada larga*. Eu traduziria *sabre* pelo portuguez *alfange*, ou *cimitarra*. Permitta-se a hum pobre monge fraco e pacifico não ter mais larga idéa de instrumentos mortiferos.

Sarcasmo—He vocabulo originariamente latino, e não o acho indigno de adoptar-se. A sua significação diz hum pouco mais que *injurias* ou *vituperios;* ou para melhor dizer significa huma especie de *injuria*, ou *vituperio qualificado*. *Sarcasmo* he propriamente *injuria com ironia amara e picante*. Quando os Judeos dizião a

Christo *daemonium habes,* dizião-lhe hum vituperio e afronta: mas quando elle estava pendente da Cruz, e lhe dizião *vah! qui destruis templum Dei, et in triduo illud reaedificas, salva temetipsum, descenda nunc de cruce,* &c., dizião-lhe hum sarcasmo, zombando *ironicamente* do poder que elle se attribuia de destruir o Templo, e reedifical-o em tres dias, e querendo mostrar-lhe que agora nem podia salvar-se a si, e tirar-se da Cruz, &c.

Seguridade — He classico, e tão antigo como Barros, Arraes, Heitor Pinto, &c. (Veja-se Moraes.)

Tartufo — Estou inteiramente pelo juizo que delle se faz, e assim mesmo irá copiado nas addições ao *Glossario.*

Telegrafo — He palavra de composição grega, mas composta pelos Francezes, e delles tomada por nós. Não se lhe póde negar licença para correr.

Tornar-se ridiculo, e outras semelhantes variações deste verbo, não são alheias da nossa linguagem, aonde dizemos sem erro: *tornou-se a mina em carvões, tornou-se amarello com o medo, tornou-se em huma linda flor,* &c.

Vicissitude — Tem origem latina, he mui geralmente usado, e a terminação não desmente de outras que temos em portuguez, como *magnitude, plenitude,* &c.

Ipse ego librorum video delicta meorum ;
Nec quidquid genui, protinus illud amo.
OVID., *De Pont.*, eleg. 9.ª, liv. 3.º

GLOSSARIO

DE

VOCABULOS PORTUGUEZES DERIVADOS DAS LINGUAS ORIENTAES
E AFRICANAS, EXCEPTO A ARABE

PREFAÇÃO

Os Portuguezes eruditos, que forem versados no estudo das antiguidades da Hespanha, não podem ignorar, que entre os povos, que nos mais remotos tempos vierão ao nosso continente, e nelle se estabelecêrão, são numerados os Iberos e os Persas, segundo o testemunho do illustre romano M. Varrão, citado por Plinio, e seguido por muitos outros escriptores antigos e modernos.

Os Fenicios he tambem indubitavel, que vierão ás Hespanhas, ou em consequencia das conquistas de Josué, e fugindo ao exterminio e devastação decretada por este famoso general, ou mais depois no tempo dos Reis de Tyro, quando esta cidade florecia no commercio, e havia estendido largamente as suas navegações, o que, segundo a Historia Santa, vem a referir-se aos tempos que decorrêrão desde David e Salomão, Reis de Jerusalem, até á destruição de Tyro pelo monarcha de Babylonia. Estes povos commerciárão, habitárão, fundárão colonias, e tiverão dilatado dominio nas Hespanhas por alguns seculos, deixando em muitos lugares vestigios de suas instituições, usos e costumes, e acaso os caracteres da escriptura, de que usárão os antigos habitantes da Hespanha meridional, e que ainda hoje se vêem nas medalhas que se conservão daquelles tempos.

Aos Fenicios succedêrão os Carthaginezes, povos da mesma origem, e antiga colonia de Tyro, os quaes ampliando muito mais o seu dominio, se fizerão senhores de grande parte da Hespanha, e nella se conservárão por quasi tres seculos, até que forão totalmente expulsos pelos Romanos, duzentos annos antes da era vulgar christãa.

Os Hebreos, ou viessem ás nossas regiões logo depois das conquistas de Nabucodonosor na Fenicia e Palestina, como parece verosimil; ou começassem a frequentar a Hespanha, depois que firmárão paz e alliança com os Romanos em tempo de Judas Macchabeo, e maiormente depois que Pompeo os subjugou e reduzio a provincia do imperio; ou emfim se acolhessem á Peninsula nas duas grandes dispersões de Tito e Hadriano, ou em outras que padecêrão; he certo, que habitárão, e se propagárão em grande numero por toda a Hespanha, como attestão os mais antigos monumentos, e escriptos sagrados e profanos, e se collige do recenseamento que delles se fez para a sua ultima expulsão da Hespanha no fim do seculo xv.

As cidades e povos da Hespanha meridional tiverão nesses antigos tempos, e ainda debaixo do dominio dos Romanos, grande e frequente communicação com a fronteira costa aquilonar de Africa, e especialmente com os lugares da Mauritania Tingitana, como nos consta de Estrabão, e de outros escriptores e geografos antigos.

Nos principios do seculo VIII os Arabes, depois de terem concluido a conquista de toda a Africa septemtrional, e já estreitamente unidos com os Berbers, invadirão a Hespanha, e se assenhoreárão de grande parte della. A necessidade de conservar e defender esta importante conquista, e de povoar e cultivar as terras, desamparadas de muitos de seus donos e habitantes, fez que os

Arabes convidassem para isso, e trouxessem numerosas colonias, tanto de Africa, como de diversos outros paizes orientaes. Então se estabelecêrão na Peninsula mais de cincoenta mil judeus com mulheres e filhos. Então vierão da Syria muitas e mui distinctas familias. Os conquistadores, para tambem evitarem discordias e brigas entre os soldados, distribuírão e derramárão por differentes cidades as suas numerosas legiões: a Cordova tocárão os Damascenos; a Sevilha e Niebla os Emessenos; a Medina Sidonia e Algezira os Palestinos; a Murcia, Lisboa e Beja os Egypcios, &c.

Nos tempos mais modernos bem sabidas são as nossas frequentes expedições a Africa, e os descobrimentos, conquistas e estabelecimentos que fizemos em toda a costa occidental e oriental desta parte do mundo; a communicação, tracto e commercio que tivemos com os seus povos; e como logo depois estendemos a nossa navegação ás costas da Arabia, da Persia e da India, e passando muito além do Ganges, chegámos até ás extremidades da China e do Japão, e ao immenso archipelago das Moluccas, fundando cidades, levantando fortalezas, estabelecendo feitorias, e dominando em muitas partes daquelle vasto e remoto Oriente.

De todo este tracto e communicação com tantos povos africanos e orientaes, antigos e modernos, continuado por largos seculos, dentro e fóra da Peninsula, necessariamente havião de vir, e effectivamente vierão, aos idiomas das Hespanhas, e em particular ao portuguez, muitos vocabulos, frases, fórmas e idiotismos das linguas daquelles povos, assim como nos vierão usos, costumes e praticas, que ainda entre nós se conservão.

Estes vestigios são os que nós intentámos recolher neste *Glossario,* tamsómente com respeito ao idioma portuguez, exceptuando comtudo deste nosso trabalho os vocabulos que nos ficárão dos Arabes, visto achar-se

já tractada esta parte das origens portuguezas por penna mais habil que a nossa.

Não se deve esperar de nós hum glossario completo dos vocabulos portuguezes derivados das linguas africanas e orientaes. A empreza he nova na nossa litteratura; o objecto he difficil, e a nossa instrucção e meios mui limitados. Nós mesmo confessâmos ingenuamente, que reflectindo ás vezes na organisação (digamos assim) material e mecanica de muitos vocabulos da nossa lingua, e conjecturando com algum fundamento que serião trazidos de alguma daquellas origens, não podemos comtudo chegar a verificar a nossa conjectura para os darmos por taes.

Contém-se pois tamsómente neste *Glossario* aquelles vocabulos, que no decurso de nossas assiduas leituras se nos offerecêrão, e com bom fundamento julgâmos derivados de origem oriental, ou africana. Este trabalho, postoque diminuto e imperfeito, servirá de estimulo a outros, que com mais capacidade e mais copia de meios o possão corregir, augmentar e aperfeiçoar. Com isso ficaremos satisfeito, e daremos por bem empregada a nossa diligencia.

GLOSSARIO

DE

VOCABULOS PORTUGUEZES DERIVADOS DAS LINGUAS ORIENTAES E AFRICANAS, EXCEPTO A ARABE

A

Aba — Regaço; gremio; fraldas do vestido tomadas na cintura, formando regaço. He o hebraico *hhabah* (חבה), acolher, proteger, dar abrigo, ou refugio, receber no regaço: donde *hhobah* (חובה), no dialecto chaldaico, seio, gremio, guarida, acolheita.

Abafar — Veja-se *Bafo*.

Abbade — Titulo que damos a alguns parochos, e a alguns prelados, donde derivâmos *abbadia, abbacial, abbadessa*, e outros. Vem do hebraico *ab* (אב), *pai*. He vocabulo da linguagem ecclesiastica, conhecido e usado nas Hespanhas, seculos antes da invasão dos Sarracenos.

Acabar — Dar fim, chegar ao cabo, fazer fim, aperfeiçoar, levar ao cabo, &c. Póde derivar-se do hebraico *hhakab* (עקב), o que he ultimo, o que he final, o que he extremo, o que põe fim. Os Arabes tambem dizem *el-aqabe*, o fim.

Açamar — Ligar a bôca, ou o focinho de alguns ani-

maes; pôr-lhes huma especie de freio, ou cabrestilho, com que se lhes prende o focinho ou a bôca. Vem da voz hebraica *hhasam* (חסם), enfrear, pôr cabresto, ligar a bôca, &c. Deste vocabulo se sêrve o sagrado texto hebraico no *Deuteronomio,* cap. 25.°, v. 4.°, que a Vulgata verteo: *non ligabis os bovis terentis in area fruges tuas,* e que em portuguez se diria com propriedade: *não açamarás o boi, que anda debulhando os teus pães na eira.*

Acoifa — Veja-se *Ceifa.*

Acha — Facho, archote, teia; lasca de lenha, que se corta do madeiro para o lume, e depois de acceso serve de facho. Vem do hebraico *asch,* ou *esch* (אש), fogo, lume, donde *ascha* (אשה), o que ha de ser queimado, abrazado, e secundariamente sacrificio, holocausto.

Achacar, ou, como hoje talvez se diz, **Asacar** — Accusar a alguem dolosamente de crimes e maldades, ou de graves defeitos; imputar maliciosamente, e com mentira; levantar falsos testemunhos, calumniar. (Veja-se Moraes, v. *Achacar.)* He o proprio vocabulo hebraico *hhaschak* (עשק), que tambem significa impor falsos crimes, injuriar com calumnia (latim *dolo, fraude, malis artibus aliquem defraudare, circumvenire, opprimere).* Daqui vem *achaque,* defeito, vicio, sêstro fisico ou moral.

Açoute — Instrumento feito de varas, correias ou cordas delgadas para açoutar; flagello; azorrague. Do hebraico *shot* (שׁוט), que significa propriamente *circumagitare,* donde *shotet* (שׁוטט), *flagellum, scutica.*

Adonai — He hum dos nomes, que se dão a Deos nas Escripturas santas do Antigo Testamento. Em portu-

guez disse hum poeta: *Já do grande Adonai o nome cantas, &c.* He o proprio vocabulo hebraico *adonai* (אדוני), *dominus meus,* de *adon,* ou *addon* (אדון), *senhor,* que a cada passo se acha traduzido nas versões gregas por κύριος e nas latinas por *dominus.*

Afilar — Examinar as balanças, pesos e medidas; cotejal-as com os padrões publicos; *aferil-as,* como hoje mais vulgarmente se diz. Vem do hebraico *p'hilass* (פלס), que significa o mesmo (latim *trutinare, pensitare, librare, examinare).*

Alaquéca — Veja-se *Laquéca.*

Alar, ou antes **Halar** — Puxar acima; fazer subir; hir ao alto: assim dizemos, v. gr., *alar* o barco contra a corrente; *alar* a bandeira ao alto do masto; o incendio, ou a labareda tomou *ala, &c.* Vem do hebraico *hhalah* (עלה), que nas suas differentes conjugações significa subir, ser levado ao alto, fazer subir, puxar acima. No rio Douro chamão *alares* aquella porção de terreno em ambas as margens, por onde fazem caminho, e vão puxando, os que *alão,* ou dão *ala* aos barcos.

Albino — Encontrão-se na costa de Guiné, nos rios de Cuama, na nova Guiné ou terra dos Papuas, e em outras partes, alguns homens de côr esbranquiçada, cabello louro, ou quasi branco, olhos avermelhados como os dos coelhos, e que não supportão bem a claridade, &c. A estes homens, que tem differentes nomes em differentes terras, e a que alguns chamão *negros-brancos,* damos nós a denominação de *albinos.* (Veja-se Bluteau no *Supplemento,* v. *Alvinhos,* aonde pensa que *alvinho* he a verdadeira orthographia e pronunciação do vocabulo,

e que por erro se diz *albino*. Mas o douto escriptor foi o que padeceo equivocação neste ponto. *Albino* he o verdadeiro nome que damos a estes homens, trazido do hebraico, ou oriental *helbin* (הלבין), fazer-se esbranquiçado, empallidecer, amarellecer, de *laban* (לבן), o que he esbranquiçado, pallido, tirante a livido, da côr da lua, &c. (em francez *blême, blanchâtre, pâle*, &c.)

Aloacér — Vocabulo usado no Alemtejo, aonde significa o mesmo, que outros chamão *farrejo*, isto he, o centeio, cevada ou outras hervas, que se semeião, e segão em verde para os gados. He vocabulo que nos ficou dos Arabes, como mostra o artigo: mas tambem o achâmos no hebraico em *Katzar* (קצר), segar, vindimar, ceifar; e *Katzir* (קציר), colheita, ceifa, e tempo della. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, v. *Ceifar.)*

Alcofa — Veja-se *Coifa;* e *Vestigios da lingua arabica*, v. *Alcofa*.

Aldeia — Pequena povoação, de poucos visinhos, no campo, fóra das villas e cidades: voz arabe, mas de origem persiana. (Veja-se Sousa nos *Vestigios da lingua arabica*, e Vieira [1].)

Alfarás — Cavallo ligeiro dos Mouros, segundo Moraes. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, v. *Alfarás.)* Este vocabulo, e alguns outros, de que havemos de fazer menção neste *Glossario*, vierão immediatamente do arabe, como se vê pelo artigo *al*, de que são compostos. Comtudo pareceo-nos apontal-os aqui, tanto para mostrar a grande affinidade dos dous idiomas hebraico e

[1] Sempre que neste *Glossario* citâmos Vieira, deve entender-se do Vieira Transtagano e da sua obra etymologica, edição de 1789.

arabico, como tambem para melhor intelligencia de suas respectivas significações. *Al-faras* he o hebraico *p'harash* (פרש), que significa *cavallo* e *cavalleiro*. Vieira diz que he arabe e persiano.

Alfim, que outros dizem **Alfil** e **Alfir** — Nome que se dá a huma das peças do jogo do xadrez, que representa o elefante. He vocabulo originario da Persia, como o proprio jogo. Em arabe se diz *al-fil*, o elefante, do artigo *al* e do oriental *p'hil* (פיל), elefante. O nosso idioma mudou o *l* final em *m*, assim como de *marfil* fez *marfim*, de *carmil*, *carmim*, &c.

Alforge — Voz arabe, de origem persiana. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, e Vieira.)

Algarve ou **Algarbe** — Este nome, que nos veio immediatamente dos Arabes, como indica o artigo, he originariamente o oriental *hharb* (ערב), que em differentes dialectos se escreve *hharb*, *warb*, *garb*, *hherb*, *hhereb* e *heurop*, em latim *nox*, *vespera*, *occasus*, *occidens*, *occidentalis*. Por onde os Orientaes derão este nome: 1.°, á Arabia *(hharabh)*, que era o paiz mais occidental que conhecião; 2.°, em geral á Europa, depois que começárão a frequental-a; 3.°, mais em particular ás regiões occidentaes da Europa e da Africa. E daqui veio tomarem os nossos Reis o titulo de *Reis do Algarve*, quando senhoreárão o paiz occidental, a que os Arabes davão aquelle nome; e *dos Algarves*, quando estendêrão o seu dominio ás partes tambem occidentaes de Africa; titulo que os Reis de Castella igualmente, e pela mesma razão, adoptárão. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, vv. *Algarve* e *Almograbi;* e Vieira, v. *Algarve.)* E aqui de passagem advertimos, que a significação de *terra plana*, *chãa*, *campestre*, que alguns dos nossos escriptores de-

rão ao vocabulo *Algarve,* e que o douto Sousa diz que não podéra encontrar, se acha na lingua hebraica, segundo algumas versões, como se póde ver no *Lexicon hebraico,* de Guarini, v. ערב.

Algazára — Clamor, vozeria, gritaria de muita gente junta. Em hebraico *hhatzarah* (עצרה), que mudada a aspiração forte em *g,* e acrescentando o artigo arabe, diz *al-gatzara,* grande ajuntamento solemne de povo, rumor e vozeria que elle faz.

Algeróz — Cano principal do telhado, aonde se vão ajuntar as agoas da chuva. Em hebraico *hharotz* (ערוץ), mudada a gutural em *g,* acrescentando o artigo arabe, *al-garotz,* cano, córrego formado pelas agoas correntes da alluvião, &c.

Algibe — Cisterna, poço; cano por onde correm as agoas, que nelle se ajuntão; córrego formado pela torrente: em castelhano *algibes.* He o hebraico *ghibim* (גבים), no numero plural, canos, que conduzem as agoas dos telhados ás cisternas; e em geral canos, caleiros, córregos, poços; no singular *ghibeh* (גבא), cova, concavidade, poça, lagoa.

Aljofar — Vocabulo persiano ou arabe. Sousa, *Vestigios da lingua arabica.*

Alleluia — He o proprio hebraico *halleluiah* (הללויה), usado na linguagem ecclesiastica, que diz o mesmo que o latim *laudate Dominum,* louvai ao Senhor; ou *laudate cum jubilo Dominum,* ou, como diz S. Jeronymo, *cantate laudem Domino,* cantai louvores ao Senhor: do verbo *hallel* (הלל), *laudare cum jubilo et laetitia.* Era entre os Hebreos cantico de alegria e lou-

vor, que elles entoavão em suas festas e solemnidades. O vocabulo se ficou conservando em todas as linguas sem alteração alguma, e nós o usâmos na linguagem vulgar, dizendo, v. gr., sabbado de *alleluia;* appareceo a *alleluia;* tempo das *alleluias;* e até a huma planta damos o nome de *alleluia.*

Almiscar — He de origem persiana. *(Vestigios da lingua arabica.)*

Alverca ou **Alberca** — Poça, cova, tanque, lagoa, em que se ajuntão as agoas que para ahi correm. Em hebraico *berqah* (בְּרֵכָה), que significa o mesmo (latim *piscina, stagnum, receptaculum aquarum). (Vestigios da lingua arabica,* v. *Alverca.)*

Alviceras ou **Alviçaras** — Premio que se dá a quem nos traz, ou annuncia boas novas. Vem do hebraico *bisar* (בשר), donde *bisherah* (בשורה), bom annuncio; premio que se dá a quem o traz. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica,* v. *Alviçaras,* e neste *Glossario* os vv. *Avisar* e *Embaixador.)*

Ama — Mulher que cria huma criança e lhe dá de mamar; aia; criada que talvez governa a casa, &c. He vocabulo do diccionario da infancia, que se acha em muitas linguas, e em todas com significação identica, ou analoga. Em hebraico achâmos *am* (אם), mãi, dona; *amah* (אמה), nutriz, aia, criada; *amam* (אמם), cidade mãi, metropole; *aman* e *oman* (אמן e אומן), aio; amo, &c. *(Vestigios da lingua arabica,* v. *Ama.)*

Amás (antiquado) — Pôr em *amás,* isto he, pôr em montão, pôr humas cousas sobre outras. He o proprio vocabulo hebraico *hhamas* (עמס), impor peso, carregar

(latim *onerare, gestandum imponere, colligare,* &c.) (Veja-se *Elucidario.)*

Ameixa — Fructa vulgar e bem conhecida; voz persiana, segundo Sousa, nos *Vestigios da lingua arabica,* v. *Ameixas.*

Amen — Formula puramente hebraica, com que terminâmos as orações que fazemos a Deos, e alguns outros actos religiosos. Della usâmos talvez na linguagem vulgar, em sinal de approvação, ou confirmação do que se faz ou se diz, e do adulador que tudo approva, tudo gaba quando quer adular, dizemos que a tudo dá os *amẽis.* He o hebraico *amen* (אמן), do v. *Aman* (אמן), (latim *credere, confidere, certum habere,* &c.) Algumas vezes he voz de *affirmar,* e significa o que he *verdadeiro, firme, fiel, constante,* &c. Outras vezes se toma em sentido desiderativo, exprimindo o desejo de que a cousa *assim seja, assim se faça, assim aconteça* (latim *fiat, fiat).* Tambem não parecerá improprio notar aqui, que o vocabulo *Amen* se applica algumas vezes na Escriptura Sagrada a Jesu-Christo, como epitheto caracteristico e antonomastico, chamando-lhe *o Amen,* isto he, *o Fiel, o Verdadeiro.* Assim, por exemplo, no *Apocalypse,* cap. 3.º, v. 14.º: «*Haec dicit Amen* (grego ὁ Ἀμήν) *Testis fidelis, et verus*», que litteralmente se deverá traduzir: *Isto diz o Amen, Testemunha fiel e verdadeira,* &c.

Andor — Especie de andas, liteira ou leito de madeira, que he levado aos hombros de homens. He o vocabulo persiano *Andol* ou *Andul.* (Veja-se *Vestigios da lingua arabica,* e Vieira.)

Angaria — Termo mui usado nos documentos da media idade para significar certos serviços que os vas-

sallos erão obrigados a prestar aos senhores. Traz a sua origem da antiga lingua dos Persas, segundo Herodoto, Suidas e outros. Depois que os Persas se assenhoreárão do Oriente, passou este vocabulo (diz Grocio) aos Hebreos, e delles aos Gregos. Entre os antigos Gregos *ἀγγαρεία* significava quasi o mesmo que *δουλεία*, trabalho ou serviço forçado, que se exigia de alguem, especie de *servidão*, &c. Parece que ao verbo *angariar* corresponde hoje entre nós o vocabulo *apenar*, obrigar, forçar alguem a hum serviço publico, a prestar para elle bestas, carros, &c., e poderemos entender por *angaria* todo o serviço publico, para o qual se apenava, ou apena gente a isso obrigada. Aquella frase do Evangelho *angariaverunt hominem, nomine Simonem*, que Pereira traduzio *constrangêrão, obrigárão*, se diria acaso com a mesma propriedade *apenárão hum homem*, &c.

Anil — Especie de massa bem conhecida dos tintureiros, composta do succo secco e preparado de huma planta da India. He vocabulo persiano e arabico. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, e Vieira, v. *Anil.*)

A pique — Dizemos, v. gr., que hum navio vai *a pique*, quando vencido, e sossobrado do peso ou da violencia das agoas, se vai ao fundo, e he comido pelo mar. Bluteau suppõe que neste sentido *pique* significa *fundo*, e que o vocabulo he composto do *a* inicial, e de *pique*, que com differentes significações (diz) se usa em portuguez. Nós conjecturâmos que esta voz he tomada do hebraico *apik* ou *ap'hik* (אפיק), que exprime propriamente grande força de agoas, profundeza de agoas; o fundo do mar; torrente impetuosa e arrebatada, que tudo arrasta diante de si, &c. Neste sentido se toma no liv. 2.º dos *Reis*, cap. 22.º, v. 16.º, e no livro de *Job*, cap. 6.º, v. 15.º

Araka — Aguardente da Persia. (Veja-se *Rak.)*

Argãa — Assim escreve Moraes este vocabulo, e parece que não póde dar-lhe huma significação bem determinada, postoque aponta o lugar das *Ordenações Affonsinas,* liv. 1.º, tit. 65.º, § 5.º, aonde se lê: «Levavam (os Adaís) suas viandas entrouxadas em *argaans,* e em *taleigas»,* &c. Este vocabulo he o proprio hebraico *arghaz* (ארגז), que significa pequena caixa, arca, cesta (latim *capsella, capsula, cista, arca),* ou outro semelhante traste, talvez tecido de vimes ou de canas: por onde se vê qual he a sua significação no lugar citado, e que se deveria escrever *argaz* e *argazes,* e não argãa e argãas. (Veja-se o *Elucidario* no *Supplemento,* v. *Argaans.)*

Armezim — Tafetá ligeiro, que vinha de Bengala, e de lá trouxe o nome. (Bluteau, *Supplemento.)*

Aroeira — Certa arvore ou arbusto. Os nossos escriptores mais antigos não forão bem concordes em designar a sua especie: comtudo segundo a opinião mais commum, e mais bem fundada, se julgava ser o *lentisco.* (Veja-se o *Itinerario,* de Frei Pantaleão, cap. 49.º, Bluteau, v. *Lentisco,* e Moraes, vv. *Aroeira* e *Lentisco.)* Hoje está fóra de duvida que a *aroeira* he o *lentisco.* (Brotero, *Flora Lusitana.)* O vocabulo veio sem duvida do hebraico *hharohhar* (ערוער), cuja significação tambem não he concordemente determinada pelos hebraistas, julgando huns que he a urze, outros o medronheiro, outros a tamargueira, outros o junipero, &c. O *lentisco* dá huma especie de resina, que se chama *masticha,* e mais vulgarmente entre nós, com fórma arabica, *al-mecega* (em Dioscorides μαςτίχη: em castelhano, *al-mastica).* Tambem geralmente entre nós se crê, que os palitos do páo

de aroeira tem a virtude de firmar as gengives: e isto confirma de algum modo a opinião de que a *aroeira* he o proprio *lentisco;* porque aos palitos do lentisco attribuião os Gregos e Romanos a mesma virtude, e até dos que affectadamente trazião sempre o palito na bôca, dizião que andavão *roendo lentisco (lentiscum arrodere),* e lhe chamavão *comedores de lentisco,* σχινοτρῶγες.

Arrabi ou **Arabi**—Era huma especie de magistrado, que administrava justiça aos Judeos em suas communas, quando erão tolerados em Portugal, e se região por suas leis com as restricções postas pelos nossos Principes. Havia tambem hum *Arrabi-mór,* superior aos outros, e todos tinhão sêllo proprio, com que authenticavão os seus diplomas. (Veja-se *Rabbi,* e no *Elucidario* o v. *Arabi.)*

Aréca—Vocabulo indiano, frequentissimo nos nossos escriptores da Asia. He o nome de huma fructa, tamanha como nozes ou ameixas, que os Indianos misturão com o *betle,* e assim o andão mascando. Os nossos derão o nome de *arequeira* á especie de palmeira, que produz este fructo, e chamárão *arecaes* os bosques, ou plantações destas arvores. (Veja-se *Betle.)*

Arrefens, que em antigos documentos se escreve talvez **Arrafenes**—Pessoa, ou pessoas, que se dão em penhor, caução, ou fiança do cumprimento de alguma promessa, ajuste ou tratado. Os Gregos tambem dizem ἀῤῥαϐων, e os Latinos *arrhabo,* com a mesma significação. A sua origem he o hebraico ou oriental *hharrabon* (ערבון) ou *hharabah,* penhor, caução, arrhas, &c.

Arrobe—O vinho mosto apurado ao fogo: he o persiano *robb. (Vestigios da lingua arabica,* e Vieira.)

Arroz — Grão farinaceo bem conhecido entre nós. Os Gregos lhe chamavão ἐρύζα, e os Latinos *orysa*. Parece ser o mesmo que em hebraico se chama *kharisha* (עריסה). Theofrasto diz que era *semente estrangeira*, vinda em seu tempo, ou pouco antes, da India: «*semen peregrinum, et non ita pridem ex India allatum*».

Asanhar e **Asanhado** — Veja-se *Sanha*.

Asir — Lançar mão de alguem, ou de alguma cousa, prendendo-a, empolgando-a, agarrando-a fortemente, e segurando-a com firmeza: donde o adjectivo *asido*, preso, agarrado, &c. He o hebraico *asir*, na fórma *pahul* do verbo *asar* (אסר), prender, captivar, atar, ligar, e d'ahi *asir* e *asur* (אסור), preso, atado, ligado; e tambem vinculo, ligadura, nó, prisão.

Assassino — Voz persiana, segundo Sousa, *Vestigios da lingua arabica;* e arabe, segundo Vieira, *Specimen secundum.*

Assucar ou antes **açucar** — Sal vegetal, que se extrahe de varias plantas; mas dá-se este nome especialmente ao *assucar de canna*, por ter sido o unico, que entre nós foi por muito tempo conhecido e empregado nos usos domesticos. Não ha razão alguma para hirmos buscar a origem deste vocabulo ao francez *sucre*, ou ao italiano *zuchero*, ou ao latim *sacharum*, como lembrou a Moraes na palavra *Assucar*. Os Europeos, que forão ás primeiras Cruzadas no fim do seculo XI, e principios do seculo XII, achárão em Tripoli esta canna, e a substancia, que della se extrahia, a que os habitantes chamavão *zucra*, e muitos crêem que até então era o *assucar* de canna desconhecido no occidente. Nós conjecturâmos que os Arabes o terião já introduzido na Hespanha antes daquella época.

Escolano, na *Historia de Valencia*, diz «que não havendo em Hespanha no tempo dos Godos *seda*, nem *assucar*, nem *arroz*, os Mouros, depois que nella entrárão, trouxerão cá estas sementes, as quaes (diz) se cultivão hoje em Valencia com tanta utilidade, que affirmão importar cada huma destas cousas hum milhão cada anno». Como quer que seja, *assucar* he manifestamente derivado do vocabulo *Zucra*, usado na Syria, cuja origem he oriental, e segundo alguns, persiana ou arabe. (Sousa, v. *Açucar*, e Vieira, v. *Assucar*.) Ainda muitos entre nós pronuncião *açucre*, e talvez *açucra*, que mais se approximão da origem. O escriptor allemão, que em 1451 escreveo a viagem da Infanta D. Leonor, quando foi casar com o Imperador Frederico III, falando da cidade de Coimbra, diz: «Ibi crescunt optima vina, et *zuccarum* in cannis»; e em outro lugar, enumerando as excellentes producções de Portugal, diz: «Mel *zuccarum* in pluribus locis in cannis crescit», &c.

Asusena ou **Açucena** — Especie de lirio frequente nos nossos jardins. He derivado do hebraico, ou oriental *susan* (שושן), lirio, que a cada passo se encontra nas sagradas letras. O douto Malvenda diz: «Lilia, hispanice, voce arabica ab hebraea deflexa, *açucenas* vocamus». (Veja-se *Ceoém*.)

Ataca — Pequena tira de couro, panno, &c., ou cordão de linho, lãa, seda, &c., com que se ata e prende alguma cousa, ou algum mólho de cousas. Parece derivado do hebraico *takahh* (טקע), pregar, ajuntar, unir, prender, ou tambem de *taqah* (תכה), ajuntar, associar. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, v. *Ataca*.)

Atacar, Ataque — Acommetter e acommettimen-

to. Vieira, *Specimen quartum*, o deriva do persiano *tachtan, impetum facere, irruere, persequi*, &c.

Atafal, Atafaes—Cinta larga, talvez franjada, que rodeia a anca da besta por baixo da cauda; especie de retranca. Do hebraico *hhataph* (עתף), pôr em volta; volver em roda; cobrir envolvendo (latim *circumvolvere, operire, circumplecti)*, donde *mahhataphah*, cobertura, vestido que cobre em redondo, &c. (Veja-se Sousa, *Vestigios da lingua arabica.)*

Atafona—Especie de moinho de mão; engenho de moer, movido por homens, ou por animaes. Vem do hebraico *tahhan* (טחן), moer, donde *tahhona* (טחנה), moedura, mudada a aspiração forte em *f*, segundo o idiotismo portuguez. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica.)*

Atar—Ligar, prender, ajuntar alguma ou algumas cousas, cingindo-as com fita, corda, guita, ou outro genero de atilho, ou atadura. Parece ser o proprio vocabulo hebraico *atar* (אטר), que significa o mesmo que o latim *obstringere, continere, claudere, praecludere, ligare.* Malvenda, sobre o livro dos *Juizes*, cap. 3.º, v. 15.º, nota a semelhança dos dous vocabulos, e não desapprova a derivação. Vieira deriva *atar* do arabe *hata, cingere, circumdare.*

Atilado—Veja-se *Til.*

Atondo—Este vocabulo, hoje antiquado, acha-se em alguns documentos antigos, e não tem sido uniformemente entendido pelos nossos doutos antiquarios. (Veja-se o *Elucidario*, vv. *Atondo* e *Atareça*, e o sabio academico auctor das *Dissertações chronologicas e criticas*,

no tom. 4.°, part. 2.ª, pag. 112, aonde diz que *atondo* significa *arreios* e *armas.)* Nós fizemos tambem a nossa conjectura sobre a verdadeira significação deste vocabulo, e julgavamos ter achado a sua origem no hebraico *athon* e *athonoth* (אתון e אתונות), que vem no livro do *Exodo,* cap. 13.°, v. 20.°, e no livro dos *Juizes,* cap. 5.°, v. 10.°, com a significação de *asina* e *asinae.* Advertidos porém pelo judicioso reparo, que fez a este nosso artigo o sr. secretario perpetuo da Academia, temos ao presente por certo e indubitavel, que *atondo* significa não só *arreios* e *armas,* mas em geral quaesquer utensilios, accessorios ou pertenças de alguma cousa principal, como por exemplo *as armas,* do soldado, *as armas* e *arreios,* do cavalleiro, *os instrumentos,* de hum officio, *os trastes* e *moveis miudos,* de huma caza, &c. Neste sentido se acha muitas vezes empregado o vocabulo *Atondo* na versão hespanhola da Biblia, impressa em Ferrara.

Atum — Peixe frequente nas nossas costas meridionaes, o qual em antigas medalhas de Cadiz se vê representado com inscripção em letras desconhecidas: pelo que temos por mui provavel que este nome nos veio da lingua fenicia ou carthagineza. (Veja-se *Toninha.)* Mayans e Vieira o julgão derivado do arabe *tun.*

Auge — O ponto mais elevado, a mór altura, &c. Sousa e Vieira dizem que nos veio do arabe, mas que he de origem persiana.

Avania — Dá-se este nome a qualquer genero de vexação e oppressão que as auctoridades turcas fazem aos Christãos, ou a outros de diversa religião que lhes estão sujeitos, com o fim de lhes extorquir dinheiro. O vocabulo vem do turquesco *avan,* e este do arabe *havan,* segundo Vieira.

Avéla, Avelar, Avelado — Vocabulo asiatico. «Chamão *avéla* (diz Lucena) aos grãos do arroz, não cozidos, mas mal torrados ao fogo». De *avéla* formâmos nós provavelmente *avelar* e *avelado*, com os quaes exprimimos o estado de alguns fructos, que tendo perdido a maior parte da sua humidade natural, ficão engelhados, e assim se conservão sãos. Analogamente dizemos do homem e da mulher, que *avelou*, que está *avelado*, quando se conserva em adiantada idade, com as rugas da velhice, mas com saude; e tambem da roupa molhada ou humida, que esteve algum tempo ao lume, ou ao sol, ou ao ar, mas que não se enxugou de todo, dizemos que ficou ou está *avelada*. Todas estas significações tem analogia com a do vocabulo asiatico, e por isso nos parece que delle nos vierão os nossos.

Avil — Vocabulo antiquado, que, segundo Moraes, quer dizer *máo*. Elle mesmo o julga derivado do saxonio *evil*, que tem a mesma significação, e com ella se acha no inglez *evill*, máo, malvado, malfeitor. Nós julgâmos, que a sua verdadeira origem he o oriental ou hebraico *evil* ou *avil* (אויל), tolo, estulto, inepto, poltrão, covarde, homem sem animo, sem coração, emfim *homem vil:* da raiz desusada *aval* (אול), *deficere, descire.*

Aviso, Avisar — Fazer *aviso*, isto he, annunciar, noticiar, fazer saber alguma cousa, *avisar* della a alguem. Vem do hebraico *bisar* ou *bissar* (בשר), annunciar, denunciar, dar aviso, &c.

Axa — «Palavra (diz Moraes) de que usâmos para designar huma mulher indeterminadamente, como de fuão, ou fulano, para designar hum homem». He o mesmissimo vocabulo hebraico *ascha* ou *aischa* (אשה ou אישה), nome generico da *femea* do homem, imposto

ao tempo em que ella foi formada por Deos (*Genesis*, cap. 2.º, v. 23.º), como fórma feminina de *ix*, ou *aix* (איש), *varão*, donde foi derivado, com o só acrescentamento da terminação propria do genero. Os Latinos quizerão imitar a expressão, graça e energia do sagrado texto, traduzindo de *vir*, *virago*. Alguns nossos Portuguezes disserão: «esta será chamada *varóa*, por quanto he tomada de *varão*». Os Castelhanos dizem *hombre*, homem, e *hembra*, femea. O vocabulo *aixa*, pronunciado *ixa*, deo origem ao portuguez antiquado *iça*, com que se nomeava a moça mal procedida, amigada, concubina, ou *femea* de algum homem. Ainda se hoje se diz (ao menos na provincia do Minho) do homem ou mulher amancebada *fulano tem femea*, *fulana he femea de fulano*, aonde *femea* he a traducção de *iça*, ou do hebraico *aixa*. No idioma germanico achâmos o vocabulo *hax*, significando a mulher *saga*, *feiticeira*. (Veja-se Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, v. *Ayxa*.)

Azagaia — Lança curta, arrojadiça, ferrada com puas de ferro ou de osso, de que usão os Cafres e outros barbaros. He vocabulo africano.

Azeite, Azeitona — Oleo e fructo da oliveira. Nos *Vestigios da lingua arabica* vem estes vocabulos como de origem arabe. Os Hebreos tambem dão o nome de *zait* (זית) á oliveira e ao seu fructo.

Azoinar — Vocabulo mui usado na provincia do Minho (e não sei se nas outras) para exprimir o enfadamento de quem ouve hum falador importuno, que por muito tempo lhe tem estrugido e fatigado os ouvidos com cousas impertinentes e desagradaveis, talvez com mexericos, &c. *Azoinou-me* (dizem) *os ouvidos*, *azoinou-*

me a cabeça, &c. Parece derivado do hebraico *hozen* (אוזן), *orelha, ouvido,* donde *hhazinu* (האזינו), *ouvir, escutar, dar orelhas.* Deste vocabulo deriva Vieira o latim *asinus.* (Veja-se *Specimen primum.)*

Azul — Voz de origem persiana. *(Vestigios da lingua arabica,* e Vieira.)

B

Bachá ou **Baxá** — Diz Volney, na *Viagem da Syria,* que he vocabulo turquesco, composto dos dous persianos *pa* e *schah,* que significão litteralmente *vice-Rei.* Outros o derivão de *basch* ou *bax,* cabeça, por serem os *bachás* cabeças de provincia, isto he, governadores de provincia, prefeitos, &c.

Bacorinhos — Figos *bacorinhos* chama o povo da provincia do Minho aos que vem primeiro, aos que são mais temporãos e pequenos. Parece ser o vocabulo a que se refere Malvenda (ao cap. 24.º de *Jeremias,* v. 2.º) dizendo que nas linguas valenciana e arabe se chamão *bácoras,* ou com o artigo arabe *al-bacoras,* os figos temporãos, e que esta palavra tem analogia com o hebraico *baqoroth* (בכורות). «Vox *baqoroth* (diz o escriptor) convenit cum nostra valentina, seu arabica *bacoras,* vel, praeposito articulo arabico, *al-bacoras,* qua ficus praecoces, seu grossos appellamus, Castellani, *brevas*». A voz hebraica he *baqor* (בכור), o que nasceo primeiro, o primogenito, donde *baqorim* (בכורים), *primicias,* &c.

Bácoro — Porco pequeno, mas já apartado da mãi. Póde derivar-se do hebraico *baqor,* de que acabámos de falar, ou de *bachhur* (בחור), o que he novo, de pouca idade, e tambem selecto, escolhido, &c., do v. *bacchar* (בחר), escolher.

Bafo, abafar—Bluteau deriva estes vocabulos do hebraico *bahar*, arder, querendo provavelmente entender o v. *bahhar* (בער), accender, queimar, arder, inflammar-se, ou *bahhah* (בעה), ferver, trocada a aspiração forte do *hhain* hebraico pelo nosso *f*, como em muitos outros vocabulos acontece.

Bagadas—Este vocabulo, que não vem em Bluteau, nem no *Diccionario* de Moraes, he frequente na linguagem popular da provincia do Minho, aonde se diz, v. gr., cahião-lhe as lagrimas *ás bagadas*, corrião-lhe as *bagadas* pela cara abaixo, &c., entendendo por *bagadas* grossas e grandes lagrimas, lagrimas copiosas. Parece derivado do hebraico *baqah* (בכה), lagrimas, choro que corre em fio; do v. *baqah* (בכה), chorar, derramar lagrimas (latim *flere*, *deplorare, lugere, illacrimari)*.

Bagaxa—Mulher ou rapaz que se prostitue. He vocabulo que tomámos (ao que parece) immediatamente do italiano, mas originario da Persia, aonde *bagha* significa meretriz, segundo Vieira.

Bahar—Certo peso usado na India, donde nos veio o vocabulo. Barros diz que equivale a 4 quintaes; Goes, a 3 quintaes, 3 arrobas e 18 arrateis; Duarte Barbosa, a 4 quintaes do *peso velho de Portugal, pelo qual se vendia então em Lisboa toda a especiaria*. E como este escriptor diz tambem que 8 quintaes velhos fazião 7 novos de 128 arrateis de 16 onças, bem se vê que o *bahar* equivalia a 3 ½ quintaes do *peso novo* de Portugal.

Bajú—Camisa da India; vestido de mulher, que não desce abaixo da cintura; «ás vezes (diz Castanheda) se vestem de humas roupas curtas, que chamão *bajús*, de seda ou brocado, e de grãa com muita pedraria», &c.

Goes tambem diz que *bajú* he como *roupeta curta*. Na provincia do Minho era mui usado o *bajú*, roupa curta que vestião as mulheres, e lhe chegava até á cintura com pequenas abas. Hoje lhe chamão *roupinhas*. O vocabulo he indiano.

Balão — Embarcação como bargantim, subtil e comprida, muito obediente ao remo. Termo da India.

Baldroca — Vocabulo usado com frequencia entre nós nesta frase popular *fazer trocas e baldrocas*, pela qual exprimimos trocas ou contractos fraudulentos, em que ha engano, dolo, trapaça, &c. D. Francisco Manoel nas suas *Obras metricas*, diz:

> Tal mudança vai, tal troca,
> Se o tempo tange o pandeiro
> O mundo todo he *baldroca*.

Isto he, todo he fraude, mentira, trapaça, embuste, &c. Na lingua persiana *drog* quer dizer *mentira*, e nós idiomas germanico e belgico achâmos *betrug*, *bedrog*, *bedrok* e *bedroogen*, significando *engano fraudulento;* pelo que póde presumir-se que dos povos do norte nos viria este vocabulo, o qual originariamente he persiano.

Bambu — Canna da India, que se cria nos matos, a que os nossos chamão *bambuaes*. Vocabulo indiano.

Banda — Especie de fita, liga ou faxa, que pende de hum hombro para o lado opposto, formando huma como diagonal, que divide o tronco do corpo em duas partes. He o persiano *band*, fita, faxa, liga, &c. D'aqui vem *venda*, fita que cobre os olhos, atada em roda da cabeça; e *banda*, na linguagem heraldica, linha ou fita, que di-

vide diagonalmente o escudo, descendo da parte superior da direita para a inferior da esquerda. Em germanico *band* e *binde* tem a mesma significação.

Bandel — Termo da Asia: bairro ou arruamento, em que habitão as pessoas de huma nação estrangeira, tolerada, talvez com magistrado e governo seu proprio; á maneira dos bairros ou arruamentos que nós chamavamos *judiarias* e *mourarias,* aonde habitavão Judeos e Mouros com separação dos naturaes.

Banza — Instrumento musico de cordas, que se encosta ao peito para se tocar, como a viola, a cythara, &c. Vocabulo africano da lingua anbunda.

Banzar — He outro termo da lingua anbunda, e diz o mesmo que *pasmar de pena e magoa* pela consideração de algum mal mui grave que se teme.

Barregana — Tecido de lãa bem conhecido entre nós. He vocabulo persiano. (*Vestigios da lingua arabica.*)

Barzabù ou **Brazabù** — Vocabulo de que usa a plebe nas suas imprecações ou pragas. *Vai-te* (dizem) *com barzabú, que te leve barzabú,* &c. He voz corrompida do hebraico *baalzebub* (בעל־זבוב), nome de huma falsa e abominavel divindade, adorada pelos Accaronitas, de que se faz frequente menção na Escriptura Sagrada, e a que Jesu-Christo deo a denominação de *principe dos demonios.* (Mattheus, cap. 12.°, vv. 24.° e 26.°)

Batuque — Dança ou baile de que usão as duas nações congueza e bunda, e a que ambas dão o mesmo nome.

Bazar—Vocabulo da Persia, que significa praça, lugar da feira ou mercado. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica,* e Vieira.)

Bazar—Pedra contra veneno, que se acha no ventre de alguns animaes, e a que muitos dos nossos escriptores derão o nome de *bezoar* e *bazoar,* formando d'ahi *bezoartico,* &c. O seu verdadeiro nome he *pazar,* como já advertio Frei Gaspar de S. Bernardino no seu *Itinerario.* He voz persiana, composta de *pa* contra, e *zaar* veneno, porque nas gazellas da Persia he que se acha o melhor *bezoar* ou *bazar.* (Veja-se Bluteau, v. *Pedra-bazar,* e Moraes, v. *Bazar.)* Alguns naturalistas dão á gazella, em cujo ventre se acha esta pedra, o nome de *gazella do bezoar (gazelle du bezoard);* e tambem notão que os Orientaes lhe chamão *pazan.* (Veja-se Sousa, *Vestigios da lingua arabica,* v. *Bezuar.)*

Bechano—Em Moraes *Bexano* e *Bichano:* termo plebeo e familiar, com que nomeâmos e chamâmos o gato pequeno e novo. Bluteau diz que he nome que se dá a hum homem muito pequeno, a hum rapazinho e ao gato de hum anno. Este singular vocabulo he o proprio hebraico *ben-schaneh* (בן־שנה), que significa litteralmente *filius anni,* filho de hum anno, ou deste anno; o que he *de hum anno,* latim *annotinus.*

Bengala—Vocabulo que usâmos appellativamente para significar hum *bastão,* ou especie de *bordão,* que se traz na mão, ou por modo de ornato, ou para servir de arrimo, ou como symbolo de auctoridade. E como muitos destes *bastões* são feitos de canna do reino de Bengala, lhe fomos dando o nome de *bengalas,* passando o nome proprio á significação de appellativo, como tambem fizemos com *damasco, cambraia, segovia,* &c., que

sendo nomes de cidades, passárão a denominar tecidos, fazendas ou fructos, que lá se fabricavão, ou de lá nos vinhão.

Bergamota — Certa especie de pera conhecida, de agradavel gosto. Diz Bluteau, que veio da Turquia, e que se lhe dá o nome de *berg'-armuth*, pera de senhor. Vieira o deriva das vozes persianas *bek*, nobre, magnate, senhor, e *armod*, pera, das quaes duas vozes (diz) consta o vocabulo turco *beg-armoudi*.

Betle, que tambem achâmos escripto **Bethel, Betele** e **Betere** — He termo do Malabar, frequentissimo nos nossos escriptores da Asia: nome de huma planta de gosto agradavel e aromatico, cujas folhas os Indianos trazem na bôca e andão mascando, preparadas de hum certo modo, talvez misturadas com canella, areca ou outras plantas, que lhe dão ainda melhor sabor, e são, como elles crêem, de utilidade para o estomago. «Ao betle dos Malavares (diz Barros) chamão os Guzarates e Decantiis *pam*, os Malaios *ciri*, e os Arabios *tàmbul*».

Bezante — Peça de moeda de ouro, que corria em outro tempo no imperio bysantino, de cuja capital Bysancio dizem que tomou o nome. Applicou-se depois, na linguagem heraldica, para significar a peça de ouro, ou de prata, redonda, que se põe nos quarteis do escudo, e he semelhante ás *arruelas*, senão que estas são de cores, e os *bezantes* de metal.

Bizarro — Vieira diz que vem, acaso, do persiano *bizarah*, magnanimo. A significação do nosso vocabulo não desdiz; porque tambem chamâmos *bizarro* o homem magnifico, garboso, ostentoso, &c. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, v. *Bizarria*.)

Bôda, que tambem se escreve e pronuncia **Vôda**— Significa entre nós o banquete nupcial, que faz parte da festa domestica dos casamentos. O *Elucidario*, v. *Bodivo*, o suppõe derivado do hebraico *boddah*, que significa (diz) alegrar-se. Vieira o deriva do arabe *bodoo*, *connubium*; mas veja-se tambem nas *Addições*, pag. 516.

Bofetá—Lençaria de algodão, fina e tapada, que nos vinha da Asia. De lá veio tambem o nome.

Bogia ou **Bugia**—Pequena véla de cera fina, com que nos alumiâmos. Diz Denina *(Clef des langues)*, que he universalmente derivado de *Bugia*, lugar de Africa, aonde se fabricavão as ditas vélas, e donde passárão á Europa com o seu nome.

Bonzo—Nome com que os Japonezes denominão os sacerdotes e ministros do seu culto religioso.

Bramane ou **Bramene**, que outros escrevem **Braomane** ou **Braomene**, e talvez **Bragmane**— Nome que se dá na India aos sacerdotes dos idolatras.

Bufar—Soprar, inchando as bochechas. Vem do persiano *puff*, *spiritus emissio*, *flatus*, segundo Vieira, *Specimen quartum*, pag. 329.

Bugio—Nome que se julga derivado de *Bugia*, lugar de Africa septemtrional (o mesmo de que falámos ha pouco no artigo *Bogia)*, aonde se achavão muitos dos animaes, a que os Latinos davão o nome de *simia;* pelo que veio a ser entre nós como denominação generica dos mesmos animaes, que chamâmos *bugios*.

Buzio—Concha de certo marisco miudo, como os

cauris da India, que serve de dinheiro em alguns reinos da costa de Africa, aonde os naturaes lhe chamão *bujiis*. Diz Barros, que no seu tempo valia hum quintal delles de 3. a 10 cruzados, segundo a maior ou menor abundancia que delles havia.

C

Cabaia — Roupa turquesca, decotada, fechada por diante, descendo até meia perna. Vocabulo da Asia. Hoje dá-se este nome a hum certo tecido de seda, alludindo, sem duvida, á materia de que erão feitas as cabaias que se trazião vestidas.

Cabala — Especie de interpretação mystica e allegorica da Escriptura Sagrada usada pelos Judeos *cabalistas*; fundada em tradição oral, e apoiada talvez na combinação de letras e numeros. Veio-lhe o nome do hebraico *Kabalah*, e *Kablah* (קבלה), que quer dizer doutrina recebida de ouvida; doutrina que passa de mão em mão, sem escriptura; do v. *Kabal*, ou *Kabl*, receber. Deste verbo, que tambem se acha em arabe com a mesma significação de *receber*, conjectura Vieira que virião *gabela* e *al-cabala*. (Veja-se tambem *Vestigios da lingua arabica* nestes vocabulos.)

Cabala — Conspiração de pessoas para algum máo fim, ou mais propriamente *pratica secreta* de pessoas, que conspirão para fazer algum mal. He o vocabulo chaldaico *chhabalah* (חבלה), que diz o mesmo.

Cabre — Corda grossa que serve de amarreta de navio. He o hebraico *chhable*, ou *chhebl* (חבלי ou חבל), que tambem significa *corda grossa nautica*. Em linguagem belgica *Kabel* tem a mesma significação.

Caçar — Termo nautico: *caçar as vélas* he recolhel-as, tomal-as, apanhal-as. He o hebraico *Kasar* (קשר), ligar, atar, prender, apertar (latim *stringere, arctare, coarctare).* A esta mesma origem se deve referir a outra significação mais vulgar, e de igual valor, que damos ao v. *Caçar,* por apanhar, tomar, prender aves, feras e outros animaes na *caça.*

Cacha — Ficção, dissimulação, ardil, engano, com que pretendemos encobrir o que temos no pensamento ou na intenção. *Fazer cacha* he usar de dissimulação para enganar. *Fazer cacha* no jogo he fazer envide falso. Parece vir do hebraico *Kashah* (קשה), o que he intrincado, implexo, difficil de entender-se, de explicar-se, ou tambem de *chhasha* (חשה), calar, guardar silencio, que he outro modo de fazer *cacha;* ou finalmente de *qachhasch* (כחש), negação, mentira, fallacia.

Cacimba — Diz-se na lingua anbunda de certo tempo, em que cahem orvalhos continuados, de *quixibo,* orvalho. Nos nossos diccionarios vem *cacimba,* cova que se faz nas praias e lenteiros para recolher a agoa que reçuma: do anbundo *quichima,* poço.

Cado — Medida hebraica, usada tambem na Attica: em geral vaso grande de barro para guardar vinho. He o hebraico *qad* (כד), o grego κάδος, e o latim *cadus.*

Cadilhos, que talvez se acha escripto **Guedilhos** — São os flocos, fios ou tranças pendentes, que formão as franjas. (Veja-se *Guedelha.)*

Cadimo — Veja-se *Vestigios da lingua arabica,* aonde vem este vocabulo, como de origem arabica. Póde tambem derivar-se do hebraico *Kedem* (קדם), o que he an-

tes; o que he primeiro; o que he do tempo passado; do v. *Kadam* (קדם), antecipar-se, preceder, antevir, &c.

Cafarro, que Tenreiro escreve **Gafar**—Tributo que se paga entre os Arabes e os Turcos da Terra Santa. (Veja-se *Itinerario* de Frei Pantaleão, cap. 60.°) He o hebraico *qap'har* (כפר), remir, pagar o preço da redempção; e na verdade com aquelle tributo se paga a liberdade da passagem, e talvez da pessoa e das fazendas.

Cairo—Nome que se dá na India ás filassas, ou filamentos, que tem o côco entre a tez e a casca dura interior, dos quaes se fazem cordas, amarras, &c. Parece que da India nos veio o vocabulo, que a cada passo se acha em Barros, Couto e outros escriptores.

Calaça ou **Calaza**—Termo que se acha em documentos antigos, pelos quaes parece que significava huma certa porção de carne de porco, estabelecida como fôro em escripturas de emphyteuse. Moraes o explica por *costella de porco,* ou *banda:* outros por *caluga,* ou *pescoço* de porco. Nós o temos por derivado do hebraico *chhalatza* (desusado no singular), cujo plural dual *chhalatzaim* (חלצים), significa *lombos;* pelo que nos parece que *calaza,* ou huma porção della, quererá dizer hum *lombo,* ou parte delle. No *Genesis,* cap. 35.°, v. 11.°, vem *chhalatzaim* significando *lombos,* «*reges de lumbis tuis egredientur*», e em *Isaias,* cap. 32.°, v. 11.°: «*Accingite lumbos vestros*», &c. (Veja-se *Elucidario,* v. *Calaça.*)

Calaim—Vocabulo da India: nome de hum estanho mais fino que o usual, de que se fazem colhéres, salvas e outras obras.

Calar—Não falar, ou cessar de falar; e tambem di-

zemos, v. gr., *caldrão* os ventos, isto he, cessárão de soprar. Parece ter analogia com o hebraico *qallah* (כלה), *acabar, cessar, fazer cessar, desistir.*

Callo (Pão de)—Moraes não traz este vocabulo. Bluteau, no *Supplemento,* diz que he pão mui amassado, e que cortado não mostra olhos. Nós o temos visto na provincia do Minho e em alguns lugares proximos da Galliza com o nome de *pão de callo,* feito de farinha fina, abiscoutado, e fabricado com perfeição e com excellente gosto. O nome parece tomado do hebraico *chhallah* (חלה), especie de pão, bolo, torta, ou pastel, feito da flor da farinha.

Can, que tambem se acha escripto **Cam,** e ainda mais corruptamente **Cão,** e que melhor se escreveria e pronunciaria **Kan**—He vocabulo oriental, e significa, segundo Diogo do Couto, o mesmo que *senhor.* Acha-se acrescentado a muitos nomes proprios nas nossas historias da Asia. O mesmo Couto, liv. 5.º, cap. 10.º, se explica a respeito delle deste modo: «E porque não recresça (diz) alguma duvida aos leitores, quando lerem *Hale-han, Abaga-han, Magu-han,* achando-os nomeados nos auctores *Abaga-can, Magu-can,* e todos com este sobrenome de *can;* saberão, que este *han* he titulo entre os Tartaros, que quer dizer *senhor...,* e como a pronunciação, com que elles o nomeião, não cabe na nossa, porque o fazem na garganta, e com huma aspiração que não se lhes entende mais que aquelle *an* (hhan), vierão a lhe chamar *can,* e ainda se corrompeo mais, porque vulgarmente lhe chamão *cão*». Veja-se tambem Barros, Dec. 4.ª, liv. 4.º, cap. 16.º, aonde diz «que he vocabulo tomado dos Tartaros; que entre os Guzarates e outros povos orientaes se dá como titulo pelos merecimentos da pessoa, e que

denota entre elles huma dignidade, *como em Hespanha a de Duque.*

Candil — Termo da Asia, que significa hum certo peso, e tambem huma moeda corrente em Ormuz. (Veja-se Moraes.) Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, v. *Candiz*, entende por este vocabulo *ceirões feitos de folhas de palmeira, cada hum dos quaes leva vinte alqueires*, e diz que he voz persiana.

Canja — Termo da Asia: arroz cozido até fazer caldo grosso ou papas. (Moraes.)

Capa — He o persiano *capa*, que significa o mesmo que em portuguez. (Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, v. *Capa.)*

Cara — O rosto do homem e de alguns animaes. Vieira o deriva do persiano *char*, que he (diz elle) o mesmo que o arabe *ghar*, e significa *vultus, facies, forma, colör vultus.*

Caravana — Voz persiana. *(Vestigios da lingua arabica.)*

Caravançara — Voz tambem persiana. *(Vestigios da lingua arabica.)*

Caréca — Vocabulo que não vem em Bluteau, nem em Moraes, mas que se usa na linguagem plebléa e chula para escarnecer e zombar de hum calvo, dizendo que tem *caréca*, que he hum *caréca*, &c. He o hebraico *karechhah* (קרחה), que significa propriamente a *calvice* na parte posterior da cabeça. Já os rapazes hebreos insultavão com este mesmo vocabulo ao Profeta Elizeo, cha-

mando-lhe *caréca (ascende, calve)*. Liv. 4.º dos *Reis*, cap. 2.º, v. 23.º: A plébe diz ás vezes *créca* por *caréca*.

Carimba, Carimbar — São vocabulos muito modernamente introduzidos na nossa lingua, em papeis do governo, para significar a *marca publica*, que se punha ou põe na moeda-papel, ou na metallica. He o vocabulo anbundo, ou angolense *quirimbu*, isto he, *marca*, donde formão as vozes verbaes *cuta-quirimbu* e *cubaca-quirimbu*, marcar. (Veja-se o *Diccionario da lingua bunda, ou angolense*, &c. Lisboa, 1804. 4.º)

Carmim — Côr vermelha, viva, como a da grãa, ou *carmezim*. He o hebraico *qarmil* (כרמיל), que alguns julgão ser vocabulo tyrio, e quasi todos o interpretão por *coccinum*, ou *carmezinum*, purpura côr de carmezim. Em portuguez mudâmos o *l* final em *m*, como fizemos em *alfil*, *marfil*, &c.

Carneiro — Nome de hum animal mui vulgar, que achâmos já em documento do seculo xi, «*sex carneros, et sex tocinos de carne porcina*». Alguns etymologistas o quizerão derivar de *carne*, fundados na semelhança material dos vocabulos. Nós dissemos em outra parte, que poderia acaso vir do grego κάρνος, a que Hesyquio dá a significação de *ovis* e *pecus*. A origem porém, que nos parece mais bem fundada, he do hebraico *korn*, ou *karn* (קרן), *corno*, *tuba cornea*, caracterisando o animal pela armadura que tem na fronte.

Casca, Cascas — Damos este nome não só á cobertura externa dos troncos e ramos das arvores, arbustos e outras plantas, mas tambem á cobertura externa de muitos fructos e outras producções. Assim dizemos a *casca* das arvores, a *casca* da maçãa, da melancia, da

laranja, &c., as *cascas* dos ovos, das nozes, das avelãas, dos alhos, das cebolas, &c. Parece-nos ser o proprio vocabulo hebraico *chhaschasch* (ששח), palha, retraço de palha, palhiço, folhelho, grança, &c. (latim *palea, stramen, stipula)*, ou outras semelhantes materias seccas, em geral, *casculho* (latim *quisquiliae.)*

Casta — Parece vocabulo da India, aonde com elle se exprimem as differentes tribus, ou raças, em que estão distribuidos os povos, as quaes vivem como separadas, sem se misturarem por cazamentos, nem seguirem humas as profissões, ou officios das outras, &c. Couto, Dec. 4.ª, liv. 7.º, cap. 14.º, nomeia entre as *castas* do Malabar os *nayres*, que são (diz) os principaes, destros nas armas: os *tibas*, que são lavradores, pescadores e mecanicos; e os *polcás*, que chama *a mais baixa relé*, e diz que comprehende os magarefes, lavandeiros, &c. Entre nós se applica mais vezes aos animaes, cavallo de boa *casta*, cão de boa *casta*, isto he, de boa *raça*, &c.

Catana — Especie de espada, alfange, ou terçado. He de origem japoneza.

Catel — Veja-se *Catle*.

Catinga — Vocabulo de Angola; máo cheiro da transpiração dos negros.

Catle, Catel, Catele e **Catre** — Significa o leito, em que se faz a cama. He vocabulo que nos veio da India, cuja origem he o persiano *catel*, segundo Sousa, nos *Vestigios da lingua arabica*.

Catur — Embarcação pequena; voz persiana. (Sousa, *Vestigios da lingua arabica.)*

Cecem (cebola) — Lirio branco. Tem a mesma origem que *asusena*. (Veja-se *Asusena.)*

Cegar — Tapar, fechar entupindo; obstruir, v. gr., hum poço, huma valla, huma cova, a barra de hum rio, &c., lançando-lhe terra, pedras, areia, ou outra semelhante materia. He o vocabulo hebraico *sagar* (סגר), que significa exactamente o mesmo. Bluteau lembrou-se de o derivar do latim *caecare,* perder a vista dos olhos, ou tiral-a a alguem; e julgou descobrir a analogia dos dous vocabulos, ou de suas significações no *entupimento,* ou *obstrucção* dos orgãos visuaes, que talvez he causa da cegueira. Nós temos esta derivação por affectada, e até não muito conforme á noção que o nosso vocabulo exprime.

Ceifa, Ceifar — Séga e colheita dos pães, e outros fructos. Vem do hebraico *asaiph* (אסיף), colheita, em geral, *collectio, comportatio frugum in horrea* (Guarin, *Lexicon hebraico);* do v. *Asaph* (אסף), colher, recolher, ajuntar, congregar, &c. Era este o nome que os Hebreos davão á festa dos tabernaculos, que annualmente se celebrava depois da colheita, na lunação de Setembro.

Chá — Arbusto proprio da China e Japão, mui conhecido na Europa pelo nome e pelas suas folhas, e infusão que dellas se faz, e toma. Em japonez *tsdjaa.*

Chação — Moraes auctorisa este vocabulo citando hum lugar dos *Sermões*, de Feo, que diz: «Caim tirou logo para a *má chação,* donde nascia»; e póde apontar-se outro do *Itinerario* de Frei Pantaleão, aonde se lê: «Porém o queijo pela maior parte he malissimo, secco, e de *má chação*»; aonde parece que *chação* se toma por *casta, qualidade,* &c. O mesmo Moraes se lembra que

poderá este vocabulo vir do hebraico *chisonah* (e cita Oleastro sobre o cap. 8.º do *Genesis)*, ou do arabe *chazana*, esconder, exprimindo, ou significando o que esconde máos pensamentos a respeito de outrem. Nós não achâmos no lugar citado de Oleastro o que Moraes lhe attribue: achâmos porém na lingua hebraica o vocabulo *chhazon* (חזון), com a significação de *visão, observação, aspecto;* e se daqui quizermos derivar *chação*, entenderemos, v. gr., por homem, ou cousa de *má chação*, homem ou cousa de má apparencia, de máo aspecto, de má vista, &c. Tambem achâmos em hebraico *chhezaion* (חזיון), visão, monstro, apparição; &c.

Chacota — Dizer *chacotas* a alguem he dizer-lhe palavras de escarneo, de zombaria: fazer *chacota* de alguem, he escarnecer, zombar delle. He o hebraico *schichhoth* (שחות), dicterios, dichotes, palavras mentirosas, vãas, ineptas. Tambem entre nós se diz *cantar chacotas*, isto he, cantigas de escarneo e zombaria; e houve antigamente huma *dança* com este nome.

Chale — Nome que damos a huns lenços grandes com que as mulheres cobrem os hombros e os peitos, &c., e servem de commodo e ornato. Parece vocabulo da Asia. (Veja-se Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, v. *Xales.)*

Chamar — Nomear, pôr nome, ou dar nome a alguma pessoa ou cousa: v. gr., *chama-se* João; *chamavão-lhe* o pai dos pobres; esta arvore *chama-se* oliveira; aquella pedra *chama-se* diamante, &c. Vem do hebraico *sham* (שם), nome, ou do syriaco *shamah* (שמה), nomear, impor nome. *(Vestigios da lingua arabica*, v. *Chamar.)*

Chamiça, Chamiço — He, segundo Moraes, espe-

cie de junco, com que talvez se cobrem palhoças; colmo, ramos, ou pontas delles. Na provincia do Minho toma-se hum e outro vocabulo por tudo o que serve de *acendalhas*, como carqueja, tojo, frança, mato miudo e secco, sarmentos, &c. Vem do hebraico *chhamitz* (חמיץ), farragem, mistura de hervas; palha miuda como sahe da eira depois de ventilado o grão, &c.

Charão—Verniz da China. (Veja-se *Xarão.*)

Charco—Lugar em que se ajunta agoa *suja, lodosa, lameirenta, immunda*. Vieira deriva este vocabulo do persiano *ciark, spurcitia, caenum, sordes; est enim* (diz) charco *aqua caenosa, seu stagnum*, &c.

Charneira—Certa peça das fivellas, que consta de duas chapazinhas de metal, que se unem por hum eixo, e se movem em roda delle. (Veja-se Bluteau, v. *Fivella*, e Moraes, v. *Charneira.*) Parece-nos que este vocabulo foi tomado do hebraico *sharnei* ou *sharnim*. (סרני ou סרנים), que se lê no liv. 3.º dos *Reis*, cap. 7.º, v. 30.º, falando da fabrica e ornamentos da grande concha, bacia ou vaso de bronze, que os Hebreos chamavão *mar*, e estava á entrada do templo. Os interpretes não concordão bem na intelligencia dos vocabulos do texto; mas o douto Malvenda diz que significão *taboas de bronze, armadas de eixos*, aptas para sustentarem as bases das peças, que sobre ellas descançavão; e acrescenta que o vocabulo mais propriamente significa *eixos*. Não será este talvez o unico lugar do texto hebraico, cujas palavras possão receber alguma luz das linguas vulgares, para a sua verdadeira intelligencia.

Charrua—Instrumento de lavoura bem conhecido: especie de arado, com que se corta a terra. Parece deri-

vado do hebraico *charrutz* (חרוץ), instrumento ou machina de *desenterroar* a terra, de desfazer os terrões, do v. *Chharratz* (חרץ), *cortar, talhar, romper,* e ás vezes *trilhar.*

Chatim, Chatinar — Mercador, traficante; mercadejar, traficar. Vocabulos que nos vierão da Asia. Segundo Duarte Barbosa, os *Chatins* era huma casta de gente estrangeira, natural de Charamandel, que vivia no Malabar, pela maior parte mercadores, tratantes, corretores, &c.

Chávena ou **Chavana** — Termo asiatico: pequena taça, da capacidade (diz Bluteau) *de meia chicara.* Hoje usâmos, quasi indifferentemente, dos nomes *chicara* e *chávena* para significar as pequenas taças de louça fina, por onde se toma o chá, o café, o chocolate, &c.

Cherubim, que se pronuncia **Qerubim** — Anjo de huma jerarchia das mais elevadas entre as differentes ordens dos espiritos celestes. Podem ver-se as suas significações nos diccionarios da lingua hebraica e no da Biblia de Calmet. He o hebraico *qerub* (כרוב), no plural *qerubim.*

Chibata — Pequena vara, de que usão os cabos militares, e com que talvez castigão os soldados, donde formâmos o v. *Chibatar,* dar *chibatadas.* Vem do hebraico *shebet* (שבט), vara, ás vezes açoute; vara que he insignia, ou emblema de auctoridade, sceptro, &c. Deste vocabulo se serve o sagrado texto na famosa profecia de Jacob: «*non auferetur* shebet *de Juda*», &c., isto he, não será tirado da tribu de Juda o sceptro, a vara de jurisdicção, auctoridade e poder, &c., até que venha o Messias.

Chicara — Pequena taça, de uso bem conhecido e bem vulgar. (Veja-se *Chávena.*) Parece derivado do hebraico *shiqar* (שכר), que significa em geral qualquer bebida espirituosa, donde *shiqor* (שכור), vinolento; *schiqaron*, vinolencia, &c.

Chicha — Diz Moraes que he vocabulo plebeo, e que significa *carne de vaca.* Na provincia do Minho usa-se este vocabulo falando com as crianças, e se lhes pergunta se querem *chicha*, isto he, *mama*, ou tambem algum bocadinho de comida, quer seja de carne guisada, quer de pastel ou bolo, ou de outra cousa que lhes seja agradavel. He o hebraico *aschischah* (אשישה), que a Vulgata traduz ás vezes por *similam frixam oleo*, e os interpretes, variamente, *pultem, assulam; edulium ex simila oleo macerata, condita, et frixa; laganum de sartagine;* talvez *vini lagenam*, &c., em geral, certa porção de comida ou bebida agradavel, frituras, bolos, pasteis, doces, vinhos, &c. Deste vocabulo he composto, ao que parece, *sal-chicha* e *sal-chichão.*

Chócas — Quando queremos dizer, que as extremidades inferiores das roupas talares, que trazemos vestidas se enlameárão, arrastando pelo chão molhado e enlameado, dizemos que tem, ou trazem *chócas.* Parece-nos derivado do hebraico *shokah* (שקה), ensopar em agoa, fazer escorrer agoa, regar, de *shok* (שוק), rua, bêco, praça.

Chorina — Termo plebeo: nome que se dá em frase chula á cabelleira, ou cabello postiço, com que se cobre a calva. Póde derivar-se do hebraico *schhor* (שער), pello, cabello, coma.

Chorro — Veja-se *Jorro.*

Chorume — Quer dizer substancia das carnes; çumo substancioso, gordura, &c. Tambem dizemos que he ou está *chorudo* o animal gordo, cevado, bem medrado, cheio de carnes. Parece derivado do hebraico *schor* (שור), boi gordo, bem nutrido, fornido de carnes, de grande corpo: ou tambem de *shur* (שור), estender, alargar, donde formárão *ieschurun*, com que nomeião o boi maior que os outros, o que he mais corpolento. Na lingua fenicia diz Volney que *he-schur* significa *o touro*.

Churdo ou **Churro** — Nome que se dá á lãa ruim, suja, de inferior qualidade e baixo preço. Póde vir do oriental ou hebraico *shhor* (שער), pello, cabello, &c. (Veja-se *Chorina.)* Do mesmo vocabulo fizemos *enxurdar-se*, revolver-se na lama; e *enxurdeiro*, lamaçal, charco. (Veja-se Moraes.)

Cifa — Azeite de peixe, assim denominado em Xael, Ormuz e outros lugares da Asia.

Cifra ou antes **Sifra** — Nota conhecida entre os caracteres da escriptura numerica. Vem do hebraico *sep'her* (ספר), do v. *Sap'har*, numerar, contar.

Cimitarra ou **Semitarra** — Especie de espada, ou terçado, de que usavão os antigos Persas. Vieira o deriva do persiano *schemser*. Outro escriptor diz que em persiano e turquesco se pronuncia *chimchir*.

Cinnamomo — Canna aromatica. (Veja-se *Mumia.)*

Cofre — Pequena caixa em que de ordinario se guardão cousas preciosas de pouco volume, como joias, dinheiro, &c. Mayans diz que vem do hebraico, mas não indica o vocabulo. Póde ser o v. *Qafer* (כפר), guardar,

cobrir, esconder, ou *qofer* (כופר), cobertura (latim *opertorium, tectorium).*

Coifa—Veo, ou cobertura da cabeça, que se ata em volta della, recolhendo dentro os cabellos, e serve de ornato, ou talvez de encobrir algum defeito. He o hebraico *qop'ha* (כפא), que significa o mesmo. Ás vezes se lhe dá o nome de *rede,* mórmente quando he feita e tecida com pequenas aberturas ou malhas em fórma de *rede.* (Veja-se *Rede,* e *Vestigios da lingua arabica,* v. *Coifa.)*

Combalido—Dizemos que está *combalido,* v. gr., hum fructo, ou hum pomo, que mostrando boa apparencia, está no interior tocado de corrupção, ou já corrompido. Do hebraico *bali* (בלי), do v. *Balah* (בלה), que significa o mesmo (latim *contabescere, marcescere,* &c.).

Como—Adverbio de comparação e semelhança, que corresponde aos latinos *ceu, tanquam, quasi, adinstar; como, assim como, á maneira de,* &c. He o proprio vocabulo hebraico *qemo* ou *qomo* (כמו), que tem a mesma significação. A plebe do Minho tambem ás vezes diz, v. gr., *he rico como que, he valente como que,* formula igualmente hebraica *qomoquen* ou *qemoqen* (כמוכן), ajuntando a *qomo* a particula *qen.*

Condam (varinha de)—Isto he, varinha magica, divinatoria: varinha de que usão os prestigiadores e embusteiros para seus usos e fins, e tambem os chamados védores, que adivinhão os lugares em que se ha de achar agoa. He o persiano *conda,* que significa primariamente o que he douto, sabio, filosofo; e secundariamente o ariolo, adivinhador, magico: por onde *varinha de condam* he o mesmo que varinha de adivinhador, ariolo, magico, &c.

Corchete—São duas pequenas peças feitas de arame, que prendem huma na outra, e servem de apanhar, tomar, ligar, v. gr., as abas das roupas, as aberturas dos vestidos, ou outras cousas em que estão pregadas de huma e de outra banda. O douto Marianna o deriva do hebraico *korsé* (קרסי), circulo, anel, fivella. Hoje se pronuncia mui vulgarmente *colchete*, mudando o *r* em *l*.

Corcova—Dizemos que tem *corcova*, ou que anda *corcovado*, aquelle que ou por má conformação do corpo, ou por effeito de doença, inclina para a terra, fazendo arco com as costas. Vem do hebraico *qarqob* (כרכב), ambito, rodeio, circuito. O vulgo diz ás vezes *carcóva*, *carcovado*, e *carcunda* ou *corcunda*; e os antigos dizião *cárcova* certos lugares em que havia algum circuito, caminho em volta, em redondo, &c. Ainda hoje em huma cidade do reino conhecemos a *fonte da cárcova*, e em algumas aldeias o lugar da *cárcova*. Rabbi Selomoh diz: «*Omne quod circuit quidpiam in girum, in rotundum, vocatur qarqob*».

Corja—Vocabulo collectivo-numerico, como duzia, centenar, milheiro, groza e outros. Significa o numero de vinte peças da mesma sorte: v. gr., huma *corja* de lençaria são *vinte peças*, &c. Duarte Barbosa, no artigo *Chael* diz: «Estas sortes de pannos prendem elles por *corjas*, que entre elles he hum conto de vinte, como cá dizemos duzia». He vocabulo que nos veio da India, e talvez se applica hoje em sentido mais indeterminado, e como por desprezo, *huma corja de ladrões*, *huma corja de malvados*, *huma corja de velhacos*, &c.

Cós—Das calças, bragas ou calções: he no collar das calças e calções huma *dobradura* pela qual se enfia a fita ou cordão para os apertar. Diz Vieira, que vem do arabe

hoz, ou do persiano *chozi*, que significa *duplicatura femoralium, per quam vinculum trajiciunt, quo adstringunt corpori femorale.*

Cris — Arma da feição de adaga, usada dos Malaios, dos quaes tomámos o nome.

Cuminhos ou **Cominhos** — Este vocabulo, que em grego se diz *κύμινον*, e em latim *cuminum*, he originariamente oriental, em hebraico *qommun* (כמון), planta vulgar, com cujas sementes se temperão algumas comidas.

D

Damasco — He, como todos sabem, o nome de huma cidade da Fenicia, mui mimosa de hortas e jardins, e de tão excellentes fructos de varias sortes, que Benjamin de Tudela, no seu *Itinerario*, não duvidou preferil-a n'isto a outra qualquer cidade do mundo. «*Urbs ipsa* (diz) *maxima atque pulcherrima, et muris cincta: regio vero tota hortis et paradisis instructissima, ex singulis lateribus quindena continens milliaria. Nusquam alias in tota terra fructifera urbs similis visitur*». (Veja-se o *Itinerario* de Frei Pantaleão de Aveiro, cap. 86.º e 87.º) O nome desta cidade he o hebraico ou fenicio *dammashk* (דמשק). Nós damos o nome de *damasco* a huma especie de seda de lavores; chamâmos *damasquilho* outra seda mais leve que o damasco; e dizemos *adamascadas* as roupas, que são lavradas como o damasco. Tambem chamâmos *damasco* huma fructa de agradavel sabor, e *damasqueiro* a arvore que a produz; finalmente appellidâmos *damasquinos* certos alfanges, ou antes as suas folhas, que se trabalhavão com perfeição nas officinas de Damasco. Todos estes vocabulos se referem, segundo

parece, áquella cidade, e indicão que de lá tivemos os primeiros, ou os melhores objectos assim denominados. Sousa, nos *Vestigios da lingua arabica*, pensa que *damàsco*, especie de seda, que se tece em varios paizes, he a voz persiana *damesque*.

Dançar e **Dança** —Vieira julga que estes vocabulos são derivados do arabe e persiano *tanz*, que he (diz) o armenio *dnâs*, *ludibrium*, *contumelia*, *irrisio;* e acrescenta, que delles se formou o germanico *tanz*, «*ludrica saltatio, quae cum apud orientales ab hominibus infamibus ac ridiculis tantum exerceatur; propterea hujusmodi saltationem voce, ludibrium, ac contumeliam significante, appellarunt*». Voltaire e Denina derivão estes mesmos vocabulos do celtico, e Oláo Magno do gothico. Em germanico *tanz* e *tantzer* significão *dança* e *dançarino*, do v. *Tantzen*, saltar, dançar.

Deceinar —Este vocabulo, mui usado na provincia do Minho, significa o trabalho que se dá ás meiadas de fiado de linho, quando depois da encenrada se mandão *deceinar*, isto he, lavar e bater para se lhes tirar a cinza, e começarem a córar e branquear. Parece vir do hebraico *deshenn* (דשן), tirar a cinza, lavar depois da encenrada (latim *excinerare*).

Dique —Reparo que se põe á corrente das agoas para suspender ou retardar a sua velocidade. Malvenda, ao liv. 4.° dos *Reis*, cap. 25.°, v. 1.°, o deriva do hebraico *daick* ou *dik* (דיק), vallo, antemural, obra para defeza, &c. Outros o suppõem vindo do grego τεῖχος, que tem a mesma significação: outros do arabe *daique:* outros emfim do teutonico. Em flamengo tambem he *dïic;* em inglez *dike*, &c. A qualidade de monosyllabo, e a genera-

lidade do seu uso em differentes idiomas parece indicar vocabulo primitivo.

Dolanquim — Diz Bluteau que he palavra chineza, nome de huma tinta negra que vem da China.

Dragomano ou **Drogman** — Veja-se *Turcimão.*

Droga — Tem este vocabulo em portuguez huma significação particular, e digna de notar-se. Quando, v. gr., temos feito hum discurso, ou certificado hum facto, concluimos ás vezes (no estilo familiar) dizendo: *esta he a verdade, e tudo o mais he droga.* Se falâmos de huma pessoa, que tinha bons costumes, e depois prevaricou, dizemos: que *deo em droga.* Em ambos os casos se póde entender *droga* por mentira, falsidade, embuste, &c., e por isso nos parece que *droga,* neste sentido, he o persiano *drog,* de que já falámos, v. *Baldroca.*

E

Ebano ou **Evano** — Diz Sousa, *Vestigios da lingua arabica,* que he a voz hebraica *hebnim,* e que significa a madeira de certas arvores, que se crião na India e Ethiopia, negra, e muito dura e pesada. O vocabulo hebraico he *hebenim* (הבנים), que S. Jeronymo traduzio *hebenina ligna,* e Bochart *ebenum.* (Veja-se Guarin, *Lexicon hebraico.)*

Embaixador — Vocabulo de significação bem sabida, que nos parece derivado do idioma hebraico, da raiz *bishar* ou *bashar* (בשר), annunciar, dar boas novas, ser mensageiro dellas. (Veja-se *Avisar.)* Donde vem o participio *mbashar* (מבשר), mensageiro, nuncio, evange-

lista, talvez profetá, isto he, annunciador de cousas futuras; e daqui *mbashera,* e no plural *mbasherot,* vozes femininas, que significão mensageiras, portadoras, annunciadoras de boas novas, e que na Vulgata se traduzem muitas vezes por *evangelizantes.*

Empatar, Empatė—Na Africa oriental, nos rios de Cuama, Sena e Tete, chamavão *empata* a tomadia das fazendas dos mercadores portuguezes, mandada fazer pelo Monomotapa, quando o capitão de Moçambique demorava o pagamento de certa contribuição a que o estado se tinha obrigado. A esta tomadia (diz Frei João dos Santos, *Ethiopia oriental),* chamavão dar *empata.* Era, segundo parece, o mesmo que sequestro, ou embargo que se punha naquellas fazendas, ou para pagamento do que se devia, ou como penhor delle. Os nossos vocabulos *empatar,* isto he, embargar, embaraçar, suspender; fazendas *empatadas,* isto he, demoradas na loja ou no armazem por não terem venda; negocio *empatado,* isto he, demorado, parado, suspenso, indeciso, tem analogia com a significação do vocabulo africano, por onde conjecturâmos que delle vierão os nossos, maiormente attendendo ao mais frequente uso que delles se faz na linguagem do commercio, e a não lhe acharmos outra origem nos idiomas analogos.

Empofia, que hoje se diz **Embofia, Embofiar**—Engano astucioso; enganar com dolo e fraude, &c. He outro vocabulo, que nos veio da Africa oriental, aonde entre os Cafres exprimia o mesmo que *trapaça, demanda,* ou *querella dolosa.* (Veja-se Santos, *Ethiopia oriental),* e he o nome que davão áquella especie de avania, que os nossos praticavão com os Mouros, quando os tinhão subjugados: v. gr., se o christão dava huma topada á porta do mouro, e acaso se feria, o mouro era forçado

a pagar-lhe a cura á vontade do offendido. Se huma gallinha de algum mouro entrava na casa do christão, dava-se por christianisada, e o christão se apossava della. Tal era a moral e a jurisprudencia de alguns máos Portuguezes naquellas partes! (Veja-se *Avania.)*

Encalido, Encalir — Estes vocabulos usados na provincia do Minho, se dizem das carnes meio assadas, ou tostadas, que assim se preservão da corrupção por algum, ou alguns dias, e se conservão para depois se acabarem de assar e se comerem. Vem do vocabulo hebraico *kali* (קלי), assado, tostado, torrado, secco no forno; do v. *Kalah* (קלה), assar, tostar.

Enxada — Instrumento de agricultura bem conhecido, com o qual se cava a terra, e se fazem outros trabalhos. Póde derivar-se do hebraico *shadad* (שדד), *occare terram; effringere glebas aratro; terram sarculare, proscindere, conterere.* Parece ter affinidade com o outro *shadah* (שדה), agro, campo de lavoura.

Enxadrez — Veja-se *Xadrês.*

Enxorrada ou **Enxurrada** — Veja-se *Jorro.*

Escaques — Dá-se este nome na arte do brazão a huns quadradinhos pintados sobre o campo do escudo, á maneira dos do taboleiro do jogo do xadrês, donde tirou a significação e a origem. He vocabulo persiano.

Escarlata — Côr vermelha conhecida. Do persiano *scarlat.* (Veja-se *Vestigios da lingua arabica,* e Vieira, *Specimen quartum,* v. *Scarlet.)*

Esganar — Afogar, impedindo a respiração; suffo-

car, apertando as fauces; estrangular. Vem do hebraico *chhanak* (חנק), que significa o mesmo. Desta origem veio tambem o castelhano *escannar*, e o italiano *scannare*, com a mesma significação.

Esmalte—Dissemos em outro logar que este vocabulo se podia derivar do germanico *schmeltzen*, fundir, derreter a fogo. Occorreo-nos porém depois em dous ou tres lugares da profecia de Ezechiel, o vocabulo hebraico *hheschmal* (חשמל), que os Setenta e a Vulgata traduzírão por *electrum*, metal precioso, segundo Plinio, composto de ouro e prata, e de huma côr accesa, mui bella e brilhante, quasi como a do bronze polido e candente. Outros o traduzírão por *succinum*, e outros por *carbunculus*, *pruna*, *iris*, *gemma ignita*, &c. A semelhança do vocabulo hebraico com o germanico *schmeltzen*, e com o portuguez *esmalte*; e a analogia das suas significações, fazem verosimil que o hebraico seja a origem de ambos os outros.

Espinafre — Hortaliça conhecida. Do persiano *asfanagh*, segundo Vieira, *Specimen primum* (Veja-se *Vestigios da lingua arabica.)*

F

Farizeo—Homem que he da seita dos Farizeos. Veio-nos immediatamente do grego do Novo Testamento φαρισαῖος; mas tem origem no hebraico *pharas* (פרס), divisão, separação; porque as pessoas desta seita judaica affectavão separar-se dos outros Judeos, e professavão huma austeridade mui pontual nas cousas menos importantes da lei, desprezando as maiores e mais essenciaes, como a caridade com o proximo, a beneficencia e misericordia, a compaixão do mal alheio, a justiça, a boa

fé, &c., pelo que merecêrão a severissima invectiva, que Jesu-Christo fez contra os seus vicios e hypocrisia no admiravel cap. 23.º do Evangelho de S. Matheus.

Farragoulo—Roupão largo, talar, ou quasi talar, com mangas e capello, que talvez se ata pela cintura e cobre o homem e os seus vestidos. Parece derivado do chaldaico *p'harraqoth* (פרכות), que alguns traduzem pelo latim *paragaudes*, especie de sobrevestido, talar, listrado de varias côres, de origem parthica. Os Rabbinos modernos usão do vocabulo chaldaico *p'harraqoth* na significação de véos, cortinas, tapetes, &c. Vieira, no *Specimen secundum*, dèriva o italiano *farraiuolo* do arabe *farai*, ou do persiano *farajat*. (Veja-se Bluteau e Moraes, v. *Ferragoulo*, e Calepino, *Octolinguarum*, v. *Paragaudes*.)

Farsanga—Medida itineraria dos Persas, que no Oriente se diz *fars-sank*, isto he, *pedra dos Persas*, porque com pedras se marcavão estas medidas, como tambem fazião os Romanos. Os Gregos lhe derão corruptamente o nome de *parasanga* (παρασάγγας), e assim o escrevem tambem os nossos diccionarios. Entre os eruditos tem parecido difficultoso determinar o valor da *farsanga*; mas o nosso João de Barros, Dec. 2.ª, liv. 8.º, cap. 1.º, os poderia ter illustrado a este respeito. «Os Mouros (diz elle), que navegão o mar roxo, repartem a largura delle em 12 *jomos*, em que haverá pouco mais de 36 legoas, no mais largo delle: a qual medida *jomo*, ácerca delles, qùer dizer oitava parte de 24, dando por singradura entre dia e noute outras tantas partes de caminho, á rasão de *farsanga* por hora, tres das quaes *farsangas* fazem hum *jomo*», &c. Por onde se vê que *farsanga* corresponde a huma legoa nossa ordinaria, isto he, a *huma hora de caminho:* e nisto parece que concordão

os que fazem a *farsanga* persiana igual a 30 estadios, ou a quasi 4:000 passos geometricos.

Fatia—Pedaço de pão, carne, queijo, &c., cortado á faca, estreito, longo, chato, quasi á feição de huma sopa de pão. Parece vir do hebraico *p'hath* (פת), latim *frustum, offella, buccella.* Outros o derivão do arabe. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica.)*

Fiel da balança—Fio de metal, posto a prumo no centro da gravidade da balança, pelo qual se conhece a igualdade, ou desigualdade dos pesos. He o hebraico *p'hils* (פלס), que significa o mesmo (latim *lingua bilancis, libramentum, trutina).* Deste vocabulo diz Malvenda, *Proverbios,* cap. 16.º, v. 11.º: «*Hispanice, consona voce,* fiel *appellamus*».

Fios—Da espada, faca, navalha e outros instrumentos, ou armas de cortar e talhar: gume, corte, &c. Parece derivado da voz hebraica do plural *p'hiioth* (פיות), que significa o mesmo (latim *acies, acumina,* &c.).

Firman—Veja-se *Formão.*

Fogaça—Bolo de soborralho, do qual diz Santo Izidoro, *Orig.,* 20.º, cap. 11.º: «*Panis subcinericius, cinere coctus, et reversatus, ipse est focatius*». Vem do hebraico *hhogah* (עוגה), mudada a aspiração forte em *f (fogah),* que tambem significa *pão de soborralho* (latim *torta subcinericia; placenta carbonibus tosta,* &c.)

Folano ou **Fulano**—He o termo de que usâmos, quando queremos encobrir o verdadeiro nome da pessoa, ou quando o não sabemos. Corresponde quasi ao latim *quidam,* hum certo, hum *folano,* e ao grego ὁ δεῖνα, co-

mo, por exemplo, no Evangelho de S. Matheus, cap. 26.°, v. 18.°: «*Ite in civitatem* (πρὸς τον δεῖνα), *ad quemdam*», &c., que Pereira traduz: «Ide á cidade a caza de hum tal (de hum folano) e dizei-lhe», &c. Vem do hebraico *p'helani* ou *p'heloni* (פלוני), que significa *hum certo; hum não sei quem;* hum *folano,* cujo nome ignorâmos, ou queremos encobrir: do v. *P'halah* (פלה), encobrir, occultar.

Formão, que hoje se diz **Firman** — Ordenação, decreto, ordem real do Gran-Senhor. Voz turquesca, de origem persiana.

Fota — Vocabulo oriental: veo listrado, com cadilhos, que se traz em roda da cabeça, á maneira de *turbante.* (Veja-se *Turbante.*)

Fuco — Arrebique, postura, côr artificial, com que algumas mulheres pintão o rosto para parecerem mais córadas, e (segundo ellas julgão) mais formosas. He do hebraico *p'huq* (פוך), que significa o mesmo, e delle veio o grego φῦκος, e o latim *fucus.*

G

Gabar — Louvar, exaltar as qualidades, merecimentos, prendas e perfeições de alguma pessoa ou cousa: *gabar-se,* jactar-se alguem, pavonear-se de seus merecimentos, prendas, &c. Póde derivar-se do hebraico *gabbar* (גבר), que significa ter superioridade; dominar, prevalecer em forças, auctoridade e poder: ou melhor, de *gaavah* e *gaavon* (גאוה e גאון), arrogancia, jactancia, ostentação vaidosa, fasto; o mesmo que o grego τῦφος, ou ἀλαζονεία.

Gado—Nome collectivo com que significâmos o ajuntamento, ou copia de animaes, principalmente domesticos. Assim dizemos, v. gr., lavrador rico em *gados;* pastor de *gado,* ou de muitos *gados;* manadas, rebanhos de *gado* vaccum, ovelhum, &c. He o hebraico *gad* (גד), turma, tropa; do v. *Ghadad* (גדד), congregar, ajuntar.

Gabela—Veja-se *Cabala.*

Gafa—Especie de doença, lepra, sarna, ou outra tal, que vai corroendo o corpo, encolhe os nervos, &c. Bluteau, no *Supplemento,* o suppõe derivado do hebraico *qaphaph* (כפף), curvar, torcer, tolher.

Gaiola—Veja-se *Jaula.*

Gala—Garbo, graça, lustre, louçania no vestido e ornato. *Dia de gala,* isto he, de festa publica, em que se deve apparecer com vestido e apparato rico, esplendido, lustroso. Póde derivar-se do hebraico *galah* (גלה), alacridade, grande alegria, estar prestes alegremente, prompto com alacridade: do monosyllabo *gal* (גל), festivo, urbano, festivalmente alegre, &c.

Galga—Tem este vocabulo differentes significações em portuguez, mas todas fundadas em huma principal e formal. Chamâmos *galga* huma das pedras *redondas* dos moinhos de grão, e tambem a pedra *redonda,* que nos moinhos de azeitona anda com o eixo e esmaga a azeitona. Damos o mesmo nome a qualquer pedra grande *redonda,* que se volve do alto, v. gr., do monte, e vem rodando até o plano, e della dizemos que toma *galga,* isto he, que ganha impeto na rotação, e corre accelerada. Usâmos tambem o verbo *desgalgar* por soltar ladeira

abaixo hum corpo pesado, que ganhando *galga*, se precipita com violencia e com força accelerada. Dizemos que *galga* o muro quem de hum salto o salva, e passa além, &c. A origem deste vocabulo he o hebraico *galgal* (גלגל), roda, circulo, revolução, redondeza; do v. *Galal* (גלל), volver, revolver, &c. Pela mesma razão o salto que o cavallo dá ennovelando-se, a que chamâmos *galão*, se deve derivar do hebraico *ghalam* (גלם), envolver, volver em roda, que vem da mesma raiz.

Ganga — Tecido de algodão mui conhecido, que vem da Asia, e de lá trouxe o nome.

Garbo — Bizarria, graça, gentileza, boa e agradavel postura, &c. Do hebraico *ghharb* (ערב), o que he nobre, grato, jucundo, aceito; o que he dotado de boas qualidades, bem aposto.

Garção — Rapaz; moço de pouca idade. Vieira o deriva da voz persiana *karz*, moço que se prostitue (latim *scortum*), significação que ainda se conserva no francez, na palavra *garce*, meretriz. O mesmo Vieira conjectura que a voz persiana veio do arabe *korraz*, o que he impuro, deshonesto.

Garrafa — Vaso de vidro com bojo e gargalo. Vem, segundo Vieira, do persiano *carabah*, que significa o mesmo (latim *hydria, lagena vitrea)*.

Gazela — Nome generico de hum animal, cujas varias especies se achão em muitas provincias do Levante, na Berberia, e terras septemtrionaes de Africa, &c. Póde derivar-se do hebraico *hhazazel* (עזאזל), que se interpreta por *cabrão errante*, mudada a guttural forte em *g*, segundo o idiotismo portuguez.

Gehenna—Vocabulo que nos veio da linguagem da Escriptura Sagrada, e significa *lugar de tormentos; inferno*. He o hebraico *ge-hennom* (גי־הנם) *valle de Hennom*, ou *vallis lacrimarum;* valle celebre pelos horriveis sacrificios de victimas humanas, que ahi se fazião ao idolo Moloch.

Gibo—Giboso; corcovado; que tem geba. Póde derivar-se do hebraico *gibben* (גבן), que diz o mesmo.

Gimbo—Fulano tem *gimbo*, diz o vulgo, falando de algum que tem muito dinheiro. He vocabulo de Angola e Congo, nome de hum marisco, que lá serve de moeda. Moraes escreve *zimbo*, mas diz que os negros pronuncião *gimbo*. Nós temos ouvido dizer *gimbo* a muita gente branca.

Gorar—Dizemos que *gorou*, ou *se gorou* o ovo, quando apodreceo na incubação, e não produzio o animalzinho: e no sentido figurado que *gorou*, ou *se gorou* o projecto, a empreza, o negocio, quando se frustrou e se malogrou logo no nascedouro. Este vocabulo nos parece ter grande analogia com o hebraico *ghhorer* (עורר), do v. *Ghharah* (ערה), em latim *orbari*, ficar orfão, o que os latinos dizião tambem do pai que perdia o filho, ou a esperança delle. Tambem póde derivar-se de *ghholel* (עולל), aborto, do v. *Ghhol* (עול), corromper, perder o trabalho, trabalhar em vão, reduzir a nada. Ou finalmente de *ghharhhar* (ערער), esteril, infecundo (latim *sterilis, infoecundus, orbus, destitutus*, &c.)

Guedelha—Flocco ou madeixa de cabello da cabeça, ou barba. Oleastro e Malvenda (ao *Deuteronomio*, cap. 22.°, v. 12.°) o derivão do hebraico *ghedilim* (גדילים), flocco de fios, franja, trança, cadilhos, bor-

las, torçal, ornamentos de vestidos, de capiteis de columnas entre os Hebreos, &c. Da mesma origem vem *guedilhos* ou *cadilhos*. Do v. *Ghadal* (גדל), que em chaldaico e na fórma *pael* significa o mesmo que o latim *intorquere, implicare,* torcer, entrançar.

Guéte—Acha-se em documentos antigos, significando a carta ou titulo de liberdade, que os Hebreos davão a suas mulheres quando as repudiavão. (Veja-se Bluteau, Moraes, e o *Elucidario,* v. *Guéte.)*

Guisso (pronuncia-se **Ghisso,** como em **Guiza, Guerra,** &c.)—Vocabulo que falta em Moraes, e he frequentissimo na plebe do Minho para significar os pequenos páosinhos delgados, pontas de ramos, e outros residuos miudos, que talvez ficão da lenha, no lugar em que ella esteve. He o proprio hebraico *ghisch* (גיש), que significa o mesmo (latim *frustum, strigmentum, ramentum, quisquiliae).*

H

Hissopo—Planta conhecida: do hebraico *azub* (אזוב). (Veja-se Sousa, *Vestigios da lingua arabica.)*

Hoi! ou, como sôa na vulgar pronunciação, **Ooi!** ou **Huoi!**—Interjeição de admiração, frequentissima na gente da provincia do Minho, e de que ás vezes zombão alguns ignorantes de outras provincias, por não a terem ouvido nas suas terras. He o hebraico *hoi!* (הוי), que exprime o mesmo.

Hosanna—Formula solemne, com que os Hebreos, nas festas e solemnidades publicas, auguravão, desejavão e pedião a Deos saude, prosperidade e felicidade

para alguma pessoa mui notavel. Assim no Evangelho de S. Matheus, cap. 21.°, v. 9.°, as palavras *hhosahhna* (חושענא), *filio David*, dizem o mesmo que *saude, prosperidade, felicidade, boaventura ao filho de David;* quasi no mesmo sentido que nós dizemos *viva o Rei, Deos salve o Rei*, &c. Segundo Moraes, temos tambem na linguagem vulgar *hosannas*, nome que se dá aos ramos que se levão na procissão do domingo de Ramos: e Josepho dá o mesmo nome aos ramos de palma e de outras arvores, que os Hebreos levavão nas mãos em algumas das suas solemnidades.

I

Iça—Veja-se *Axa*.

Inhame—Vocabulo africano. O piloto portuguez, que escreveo a *Navegação de Lisboa á ilha de S. Thomé*, pelos annos de 1551, diz no cap. 15.° «que a raiz que os Indianos da ilha Hespanhola chamão batata, chamão os negros de S. Thomé *inhame*, e que a cultivão como fazendo della o seu principal sustento».

J

Jaez, Jaezes, Ajaezar—Peças com que se apparelha, orna e arma a pessoa, ou o animal. Hoje se diz mais ordinariamente dos apparelhos do cavallo, ou das bestas de sella. Póde derivar-se do hebraico *jezzen* (יזן), armar, apparelhar com armas.

Jagra ou **Jágara**—Assucar de côco, ou de palmeira. Vocabulo indiano. Deste assucar extrahem huma especie de vinho mui forte, ou aguardente, a que lá chamão *orraca*.

Jasmim — Flor mui odorifera e bem conhecida. Vem do oriental *shemen* (שמן), perfume, cheiro, oleo de suavissimo cheiro.

Jaspe — Especie de pedra fina. Do hebraico *iaspeh* (ישפה).

Jaula — Prisão, gaiola, carcere de feras. Parece derivado do hebraico *sheoll* (שאול), inferno, carcere tenebroso, lugar em que são punidos os scelerados. Da mesma origem veio, sem duvida, o inglez *gaol*, e o portuguez *gaiola*, alterada hum pouco a pronunciação. Os Castelhanos tambem chamão *jaula* a gaiola para passaros, aves, ou feras.

Jesus — He o nome puramente hebraico *ieschuahh* (ישוע), salvador, da raiz *iaschhah* (ישע), *salvare*. Assim chamâmos Jesu-Christo ao Filho de Deos feito homem. «Jesus (diz o padre Vieira), que quer dizer salvador, he o nome da pessoa: Christo, que quer dizer o Ungido, he o titulo da dignidade». (*Sermões*, tom. 10.º, pag. 69.) Veja-se *Messias*.

Jogue — Nome que se dá no Oriente aos Gentios, que andão peregrinando por motivos religiosos.

Jorro, que outros dizem **Chorro** — Bluteau não pôde bem determinar o significado deste vocabulo, que diz ser pouco usado; mas elle mesmo cita a frase de Barros «pelo arco que faz o jorro da agoa no ar», da qual poderia inferir-se que *jorro da agoa* he agoa copiosa, impellida com força por algum canal estreito, que cahindo talvez de alto não desce perpendicularmente, mas em arco, obedecendo ás duas forças do impulso e da gravidade. Em outro escriptor se lê: «os reçolhos da baleia, com que

ella jorra para o ar»; e nós temos ouvido muitas vezes empregar a mesma palavra, significando *nascente*, ou corrente copiosa de agoa, que sahe, ou corre com impeto por abertura ou canal estreito. Vem do hebraico *jorreh* (יורה), chuva copiosa, fecundante, util ás terras, como as chuvas do outono, que são abundantes, mas não tempestuosas: do v. *Jorreh* (ירה), lançar agoa, regar chovendo, e em geral lançar com força, atirar, arremessar; donde *jorred* (יורד), torrente formada de chuva copiosa. (Veja-se Vieira nos vv. *Chorro* e *Enxurro*, que elle julga derivados do arabe; e *Vestigios da lingua arabica*, v. *Chorro.)*

Jubileo—Do hebraico *jobel* ou *jubal* (יובל), que significa propria e primariamente o *anno quinquagesimo*, anno celebrado entre os Hebreos como de *jubileo;* porque nelle ficavão as terras de pousio; os escravos erão postos em liberdade; os devedores ficavão quites; os bens vendidos restituião-se aos vendedores, &c. Era (digamos assim) o anno do descanço, e *jubilação* geral; o anno (como elles lhe chamavão) *da remissão*. E daqui veio o *jubileo* christão, quando a auctoridade ecclesiastica concede de certo em certo numero de annos graças, e indulgencias copiosas aos que devidamente se dispõem para as alcançar. O latim *jubilum, jubilare*, o portuguez *jubilar, jubilação*, etc., são derivados da mesma origem.

L

Lacre ou **Lacar**—Especie de resina preparada, com que se fechão cartas. He o chinez *laac*, que os Mouros orientaes dizem *lac;* gomma de certas arvores, avermelhada, transparente, agradavel ao olfacto quando arde, que se chama *gomma laca*, e da qual na India, no

Pegú, em Sião e outras partes se compunha a resina, ou cera, de que falâmos. Hum escriptor francez moderno diz que alguns attribuem a invenção do *lacre* a outro francez, por nome Rousseau, pelos annos 1640; mas logo acrescenta que muitos documentos ultimamente descobertos fazem remontar esta invenção aos annos 1550 até 1560. Os Francezes chamão ao lacre *cera de Hespanha*, nome que não indica *invenção franceza:* e nós possuimos muitas cartas originaes, escriptas na India antes de 1550, que forão fechadas com *lacre.*

Late—He o nome que damos a huma maquina de tirar agoa dos poços. Consta de huma forquilha entre cujas pernas anda huma vara com o balde n'huma extremidade, e hum peso na outra. O vocabulo veio da Asia.

Laquéca ou **Alaquéca**—He, segundo Duarte Barbosa, huma *pedra branca, leitenta* e *vermelha,* que sahia em grandes pedaços no sertão de Cambaia, e se lavrava de muitas feições para anneis, adagas ou seus cabos, cabos de terçados, brincos, &c. A *Ordenação do reino,* liv. 5.º, tit. 106.º, § 5.º, prohibe levar ás ilhas de Cabo Verde e do Fogo *manilhas de latão e de estanho,* e *laquéças de toda a sorte,* &c. Da India nos veio o nome. (Veja-se Bluteau.)

Lascarim—Soldado da India: he vocabulo persiano. (Veja-se Sousa, *Vestigios da lingua arabica.)*

Leque—Pequeno abano que se traz na mão em tempos calmosos para com o seu movimento agitar e refrigerar o ar. He vocabulo da Asia chineza, e nós conjecturâmos que nos veio das ilhas Lequias, aonde se fabricavão excellentes abanos. Em Ormuz e outras partes da Persia corria huma moeda com o nome de *leque.*

Limão—Fructo bem conhecido. He o persiano *limon,* ou o arabe *laimûn.* (Veja-se *Vestigios da lingua arabica,* e Vieira.)

Lió—Feixe ou mólho de cousas atadas humas com outras, e o envoltorio dellas. Do hebraico *liioth* (ליות), loros, correias, ataduras, peças com que se ata hum mólho de cousas; e tambem feixe e mólho de cousas.

Lundú—Dança usada entre os povos negros das nações congueza e bunda, das quaes nos veio o nome.

M

Macaco—He vocabulo do reino do Congo, com o qual se denomina huma especie de bugio que ha naquellas regiões e em outras da Africa meridional, e parece ser o *simia cynomolgus* dos naturalistas. Delle formâmos *macaquice,* dando este nome aos trejeitos, momices, ademães e gestos affectados de algumas pessoas.

Maçada—Certa armação de pescar, que Moraes, por não conhecer a origem do vocabulo, presumio dever dizer-se *naçada.* (Veja-se o *Diccionario,* vv. *Maçada* e *Naçada.)* Vem do hebraico *matzad* (מצד), donde *matzodah* (מצודה), rede, laço, armação de caçar e pescar; no plural *matzadim,* redes venatorias, da raiz *tzud* (צוד), venabulo, ou de *tzadh* (צד), caçar.

Machacás—Diz Bluteau, que he termo chulo, e que significa *grandalhão com desmancho.* Nós o temos ouvido muitas vezes na provincia do Minho, significando simplesmente *rapaz adolescente, mancebo já crescido,* sem idéa alguma accessoria, que confirme a explicação

de Bluteau, antes empregado como termo de familiaridade e affeição domestica. Vem do hebraico *maschkah* (משקה), mancebo que administra a bebida na meza (latim *pincerna),* ou mais em geral, mancebo que serve na administração da caza, que nella foi criado, e que pertence á familia (latim *verna),* donde dizem *ben-maschak* (בן־משק), o despenseiro, mordomo, &c.

Machocar ou **Machucar** — Trilhar, triturar, esmagar amassando. Do hebraico *machhukah* (מחקה), quebrar esmigalhando (latim *conquassare).*

Machucho — Diz-se a cada passo em frase chula, e ás vezes ironica, que alguem he *machucho* em alguma arte, sciencia, ou genero de industria, isto he, versadissimo nella, eminente, grande mestre, v. gr., filosofo *machucho,* theologo *machucho,* &c. Parece vir do hebraico *maschesch* (משש), manejar, manusear, trazer frequentemente na mão, tratar a miude, e tambem investigar, perscrutar: donde *memaschusch* (ממשש), tractado, manejado, manuseado, &c.

Mago — Voz persiana: significava originariamente filosofo, sabio, cultor da sciencia dos astros: donde veio o grego μάγος, sabio, obrador de prestigios; e o nosso mago, maga, magico e magica.

Mala — Especie de saco de couro, lona, panno, &c., em que se levão roupas de jornada, ou outras cousas. Póde vir do hebraico *mala* (מלא), encher, ensacar, encher calcando, donde o adjectivo *mala* (מלא), o que está cheio, muito cheio.

Malsim — Homem que por officio e por paga accusa contrabandos, fazendas sonegadas, ou furtadas aos di-

reitos: tambem se diz, em geral, do accusador, delator e outros desta relé. He o hebraico *malshin* (מלשין), accusador, do v. *Halschin* (הלשין), accusar.

Mammona—Vocabulo da linguagem ecclesiastica e ascetica, usado na traducção, ou explicação daquelle lugar do Evangelho de S. Matheus, cap. 6.°, v. 24.°: «Não podeis servir a Deos e á *mammona»; «non potestis Deo servire, et mammonae»;* que o padre Pereira traduzio: «Não podeis servir a Deos e ás riquezas». Vem do syriaco *mammon* (ממון), ou do hebraico *matmon* (מטמון), thesouro, lugar de guardar dinheiros, joias, riquezas, preciosidades. Santo Agostinho em hum de seus sermões diz: «*Mammona apud Hebraeos divitiae appellari dicuntur: congruit et punicum nomen, nam lucrum punice mammon dicitur»;* por onde se vê que o vocabulo *mammona* era tambem da lingua punica, usada naquella região de Africa, ainda no tempo do santo doutor.

Maná—He o hebraico ou chaldaico *manah* (מנה), nome que se dá no livro do *Exodo* ao milagroso alimento que os Hebreos tiverão nos desertos da Arabia, quando depois da sahida do Egypto se dirigião á Palestina: do hebraico *man* (מן). Os Arabes tambem dizem *maná.* (Veja-se *Vestigios da lingua arabica,* v. *Maná.)*

Mandarim—He vocabulo que nos veio da Asia, mui usado em diversas partes, e especialmente na China, aonde se chamão *mandarins* os letrados, magistrados, ministros do imperio, officiaes de guerra, &c., pelo que he errado o conceito de alguns escriptores estrangeiros, que conjecturárão ser *mandarim* palavra inventada pelos Portuguezes, e formada do seu verbo *mandar.*

Mandinga—Nome de hum reino de Guiné, cujos

negros passavão por insignes feiticeiros. Bluteau diz que o mesmo nome se dava a humas bolsas com que alguns negros se fazião impenetraveis ás estocadas, *como se tem experimentado* (diz elle) *nesta côrte e neste reino de Portugal em varias occasiões.* Desta crença, ou credulidade popular, veio o uso que o vulgo faz do vocabulo africano, dizendo, v. gr., que alguem tem *mandinga,* quando sabe tirar-se airosamente de lances perigosos; quando tudo lhe corre favoravel; quando talvez gasta largamente sem se saber donde lhe vem o dinheiro, &c., como se fizesse ou conseguisse isto por algum genero de feitiçaria.

Marabuto—He outro vocabulo africano; nome que se dá no Senegal, e em outras partes, aos sacerdotes do paiz. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica.)*

Marão—Nome de huma serra de Portugal bem conhecida. Parece tomado do hebraico *marom* (מרום), grande elevação; o que he muito elevado; o que he altissimo; ou de *maron* (מרון), altura; da raiz *ram* (רם), excelso, elevado, sublime.

Margarida—Perola; pedra preciosa. He voz persiana. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica.)*

Maroto—Nome de desprezo, que se dá aos rapazes malcriados, mal ensinados, descortezes, ociosos, vadios, talvez pedintes. Bluteau, no *Supplemento,* diz que tanto este, como os outros semelhantes nomes *marucha, marrufo, marão,* &c., usados da plebe, e no mesmo sentido, se podem derivar do hebraico *marod* e *marodim* (מרוד e מרודים), que tambem significão homem pobre, pedinte, vagabundo, miseravel; e cita alguns lugares dos Livros Santos, aonde os vocabulos hebraicos tem aquella significação, como por exemplo em Isaias, cap. 58.°,

v. 7.°; nas *Lamentações* de Jeremias, cap. 1.°, v. 7.°, e cap. 3.°, v. 19.°, &c.

Marroquim — Pelle de cabra, preparada e tingida de amarello, azul, verde, ou outra côr. O nome he tomado da cidade e reino africano de Marrocos, donde provavelmente nos vierão os primeiros *marroquins* e a arte de os preparar, assim como de Cordova os *cordovões*, de Segovia as *segovias*, de Cambray as *cambraias*, &c.

Marruás — Certa embarcação da Asia, mais pequena que náo, segundo Barros. No uso da plebe chama-se *marruás* o rustico teimoso, capitoso, amarrado á sua opinião, incivil, que não cede urbanamente ao que se lhe propõe.

Marufo — Nome que em linguagem chula se dá ao vinho. He vocabulo que nos veio de Africa, aonde os conguezes dizem *maluffu*, e os bundos *maluvu*.

Mascara — Caraça de papelão pintado que se usa por brinco, ou jogo. Vem do persiano *mascarah*, que, segundo Vieira, significa: 1.°, *ludicrum, lusio*; 2.°, *homo larvatus*. (Veja-se tambem *Vestigios da lingua arabica*.)

Masmorra — Veja-se Sousa, *Vestigios da lingua arabica*. Póde derivar-se do hebraico *maschmar* (משמר), *carcere, custodia*.

Mastim — Cão de gado. He frequente na Escriptura Sagrada designar o cão por huma perifrase, que diz o mesmo que o latim *mingens ad parietem*. Do hebraico pois *maschtin* (משתין), *mingens*, diz Marianna e Malvenda (ao livro 1.° dos *Reis*, cap. 25.°, v. 22.°), que veio

ás linguas vulgares o vocabulo *mastim*. Menochio faz a mesma observação sobre o italiano *mastino*, que tem significação identica; e dá-lhe a mesma origem.

Matar — Dar a morte: parece vocabulo derivado das linguas orientaes. (Veja-se *Mate.*)

Mate — He propriamente voz do jogo do xadrês, no qual dar *xa-mate*, he *dar mate no rei*, isto he, reduzir o adversario á ultima extremidade e ganhar-lhe o jogo. *Mate*, na arte de fazer meias de agulha, he reduzir duas malhas a huma só, fazendo desapparecer a outra, dando-lhe *mate*, para estreitar a meia. Estes usos vem da significação geral dos vocabulos persianos, hebraicos ou orientaes *muth* (מות), *mori; math* (מת), *moriens; mathim, mortales*, &c. Da mesma origem julgâmos derivados os verbos *matar*, *rematar*, *remate*, &c.

Medida — Vem do hebraico *middah* (מדה), que tem precisamente a mesma significação, do v. hebraico e chaldaico *maddah* (מדה), medir. (Veja-se *Mesura.*)

Menigrepo — Nome de certos religiosos, ou eremitães do Oriente, donde nos veio o vocabulo, com outros muitos de significação semelhante, como *grepo*, *talagrepo*, *quimão*, *roolin*, &c.

Merino — Carneiro *merino:* ovelha *merina:* Moraes escreve *meirinho* (que he a pronunciação vulgar do nosso povo), e diz: «Ovelha meirinha, isto he, que muda de pasto nas estações do inverno e verão, e anda ora nos pastos dos montes, ora nos valles, e dá lãa mui fina». Os Castelhanos dizem *merino*. Este vocabulo nos parece derivado do hebraico *merih* (מריא), carneiro escolhido, gordo, pingue, cevado, do chaldaico *marah* (מרא), *im-*

pinguare, sagïnare, pinguefacere. «*In Hispania* (diz Malvenda) *genus quoddam arietum merinos vocant, inter alios praestantiores, et pinguiores: quocircà vocem ipsam hebraicam et hispanicam visum est in nostra translatione retinere*». (Ao livro 2.º dos *Reis*, cap. 6.º, v. 13.º)

Mesquinho—Pobre, indigente, necessitado. Vem do hebraico *misqen* (מסכן), que significa o mesmo. Em lingua persiana se diz *mesquine*, e em arabe *masquino:* pobre, necessitoso, miseravel. (Veja-se Sousa, *Vestigios da lingua arabica.)*

Messias—Em hebraico *maschiahh* ou *maschiachh* (משיח), latim *unctus*, ungido, do v. משח, *maschahh*, ungir. He o nome que os Hebreos dão ao Redemptor, que os Profetas tantas vezes lhes annunciárão, e que elles ainda hoje, em vão, e infelizmente, esperão. O verdadeiro *Messias* foi Jesu-Christo, nosso Redemptor, e por tal o reconhecem todas as nações christãas. Nelle se verificárão as eminentes qualidades annexas ao seu nome, e a divina uncção, que o mesmo nome exprime, á qual corresponde o grego χριστὸς, ungido, que nós dizemos *Christo*. (Veja-se *Jesus.)*

Mesura—Significa em geral *medida;* mas o nosso idioma o applica mais ordinariamente ao sentido translato, e dizemos, v. gr., acção *mesurada*, isto he, *compassada*, feita ao justo e com medida, bem considerada, &c., homem *mesurado*, isto he, que em tudo mede bem as circumstancias, as conveniencias, as relações dos objectos: e tambem dizemos *mesura* certa demonstração externa de cortezia. He o hebraico *mesurah* (משורה), *medida*. Malvenda (ao *Levitico*, cap. 19.º, v. 35.º), he de parecer que o hebraico *middah* (v. *Medida)* significava

genericamente a *medida* das quantidades continuas, e tambem as *medidas* maiores; e que *mesurah* se entendia das medidas menores, e das quantidades discretas.

Missa—He o nome que damos ao acto, em que se offerece a Deos o augusto Sacrificio da Nova Alliança; á liturgia sagrada da Igreja catholica. Foi em outro tempo objécto de renhida controversia a origem etymologica deste vocabulo: muitos, porém, graves e doutos escriptores são de parecer que elle nem he latino, nem grego, mas sim derivado do hebraico *missah* (מסה), que significa em geral *oblação*, e em especial *oblação espontanea*.

Mocadam—Termo asiatico: quer dizer *capitão*, ás vezes *patrão de navio*; entre os Cafres de Ethiopia *mestre da embarcação*. «Em Bengala (diz Barros) *mocadam-olam* significa *capitão do mundo*».

Mogil—Suppõem alguns que esta especie de roupa fôra tomada do uso dos monges, e por isso lhe dão talvez o nome de *mongil*. A sua verdadeira pronunciação he *mogil*, e a sua origem o hebraico *megghil* (מעיל), especie de roupa de sobre o vestido, usada pelos sacerdotes e profetas, e ainda por algumas pessoas leigas, a qual cobria todo o corpo, era aberta por diante, e não tinha mangas: quasi semelhante á toga dos Romanos, ou ao pallio, ou chlamyde dos Gregos. He exactamente a mesma roupa, a que chamâmos *mogil*, e que ainda na nossa idade vimos usada entre monges, com o proprio feitio e nome. Esta roupa foi usada dos primeiros christãos, que talvez erão motejados de impostores por trajarem á maneira dos filosofos. (Veja-se Bluteau, v. *Mugil*, e no *Supplemento*, v. *Mogi)*. No Psalmo 108.º, v. 29.º, se traduz o vocabulo hebraico *megghil* por *diploide;* e muitos es-

criptores e interpretes são de parecer, que pelo mesmo *megghil* se diz no Novo Testamento ἱμάτιον, isto he, *suprema et extima vestis, quae super alias induitur*, como em S. Matheus, cap. 5.º, v. 40.º, aonde referindo o Evangelista, que Jesu-Christo, dispondo-se para lavar os pés a seus discipulos, *depozera suas vestiduras*, usa do vocabulo ἱμάτια, isto he, *summas vestes*, as vestiduras externas. Póde ver-se ácerca deste vocabulo Lansselio, *Commentarios a Baruch*, cap. 5.º, v. 2.º, aonde mostra que bem lhe correspondem os vocabulos *toga, pallio, chlamyde, diploide*, &c.

Moleque ou **Muleque**—Nome que damos aos negros ainda pequenos, e talvez a qualquer rapaz de serviço de pequena idade. He o conguês e anbundo *moleque*, menino, moço, rapaz, e *molécoa*, rapariga, moça, menina. (No diccionario destas linguas *adolescens niger.)*

Mono—Vocabulo africano, com que se designa huma especie de bugio, de longa cauda, originario do paiz dos negros *(simia mona)*.

Mota—Muro, comaro, ou tapigo de terra, elevado á margem de hum rio, para evitar a inundação e trasbordo das agoas sobre as terras cultivadas: vallo de terra á roda do pé das arvores para as calçar, e para proteger e defender as suas raizes; ou á roda do pomar, campo, quinta ou fazenda, para as defender e munir contra as entradas da gente, ou dos animaes damninhos. He o hebraico *mot* (מוט), *arrimo, apoio, defeza*, e propriamente cousa que se põe ao pé de outra para a sustentar, defender e proteger.

Mousão, ou como hoje vulgarmente se diz **Monção** ou Monsão—Tempo proprio para navegar; ventos que

soprão constantes na mesma estação, e em certas paragens, e se aguardão para fazer viagem por mar. Vem do oriental *mousim, estação propria, tempo opportuno.* Lucena, no liv. 6.º, cap. 5.º, diz: «Estas são na India as que tantas vezes chamâmos *monções,* termo proprio da terra, e que igualmente anda já na bôca dos nossos Portuguezes, pelo qual entendemos o *vento geral,* com que em certos tempos se navega a certas partes, e não a outras, como he de Goa para o cabo de Comorii, depois de entrado Setembro», &c. Em Moraes, v. *Moução,* se póde ver a ridicula etymologia que Duarte Nunes inventou, e quiz dar a este vocabulo. Os nossos escriptores antigos dizem a cada passo *moução,* e assim se lê muitas vezes nas primeiras edições. Os Francezes tambem dizem *mousson.* A verdadeira orthographia em portuguez devêra ser *mousão.*

Moxinga ou **Muxinga** — Çurra, açoutes. He o proprio vocabulo conguês e anbundo *muchinga,* ou *michinga,* ou *mussinga,* que significa o mesmo.

Mumia — Corpo embalsamado, de homem, ou de animal, que assim se conserva, talvez por muitos seculos. He vocabulo oriental, formado de *mum,* aroma, porque com aromas se embalsamão e conservão as *mumias.* Do mesmo vocabulo *mum* se compõe *cinna-momo,* do qual diz Couto, que he *páo aromatico,* ou *cheiroso,* da China. Mas este escriptor equivocou-se, suppondo que a palavra componente *cinna* queria dizer *China.* No hebraico *kinnamon* (קנמן), que he a origem do grego κιννάμωμον, e do latim *cinnamomum,* o componente *kinna* he o vocabulo *kanneh* (קנה), que significa *canna,* e *kinna-mom* diz precisamente o mesmo que *canna aromatica* (latim *calamus aromaticus).*

N

Nacibo, que outras vezes se acha escripto **Nacivo** ou **Nassivo** — He vocabulo turquesco, segundo Bluteau. Significa o *fado*, ou *destino*, que aquelles povos julgão escripto nos astros para governar as acções dos homens. Os nossos escriptores o usão no mesmo sentido, e ás vezes dizem *andar ao nacivo*, por andar *ao acaso, á toa*, sem destino certo, quasi como conduzido pelo *fado*.

Naco — Vocabulo plebeo: pedaço tirado, ou cortado de alguma peça maior, ou inteira, v. gr., pedaço ou *naco* de pão, *naco* de presunto, &c. Vem do hebraico *nakah* (נקה), cortar, donde *nake* (נקי), tirado, cortado, separado.

Nardo — Aroma que se extrahe de huma planta indiana do mesmo nome, do genero da lavandula. Em hebraico *nard* (נרד).

Nava — Significa campinas extensas, continuadas, pela maior parte planas, ou com pequenos outeiros, em que ha relvas, pastos, charnecas, algumas povoações, &c. Nós o usâmos, falando da celebre batalha das Navas de Tolosa. Commummente se diz que he vocabulo vasconso. Comtudo em hebraico achâmos *navah* (נוה) com a mesma significação.

Nazareno — Epitheto que se dá a Jesu-Christo no Novo Testamento, e que se escreveo no titulo da Cruz, não só por elle habitar com seus pais em Nazareth, cidade de Galiléa, e por se cumprirem as antigas profecias «*que se chamaria Nazareno*» (Evangelho de S. Matheus,

cap. 2.º, v. 23.º), mas tambem (como diz S. Jeronymo) por allusão á particular consagração dos Nazarenos, e ao voto e profissão, que fazião de huma vida mais santa, e separada do commum *(Numeros,* cap. 6.º). Vem do hebraico *nazireh* (נזירה), do v. *Nazar* (נזר), separar, segregar. No principio do estabelecimento da Igreja christãa tambem se dava o nome de *nazarenos*, isto he, discipulos de JESUS Nazareno, aos Christãos: e os que havia em Columbo, na ilha de Ceilão, no seculo XIV, e os que os nossos Portuguezes achárão no Malabar em 1503, tambem se appellidavão *natzari*, isto he, *nazarenos*.

Negaça — Pôr, ou armar *negaça*, he pôr, v. gr., huma ave da mesma especie da que queremos caçar, para que com o seu canto a chame, a allicie, e a obrigue a acudir ao reclamo. Analogamente dizemos pôr, armar ou fazer negaça a alguem, quando obrigâmos essa pessoa a vir ao nosso intento, usando para isso de alguma especie de attractivo, engano, ou *chamariz*, que o allicie e o traga ao que pretendemos. He o hebraico *nagasch* (נגש), que significa vir, chegar-se, apropinquar-se, e na fórma *niphal, nigasch* (נגש), fazer vir, trazer a si, &c.

Norte — A parte da terra correspondente á estrella polar. He o hebraico ou fenicio *n'hor* (נאור), participio da fórma *niphal* do v. *Hor* (אור), que significa *luminoso*, claro, illuminado, conspicuo; nome que os Fenicios, primeiros navegadores dos mares da Europa, provavelmente derão áquelle astro, ou *luzeiro,* que os guiava em suas navegações.

O

Odiá — Vocabulo asiatico: significa o presente, que se offerece aos Reis e grandes senhores, quando se lhes

vai falar. Em Bengala se diz *adiá*. Os Barbaros do interior de Sofala lhe chamão *curves* ou *curvas*. Os Persas lhe dão o nome de *mocararios*, e os Mouros orientaes lhe chamão *xaguates* ou *çaguates* (Veja-se Couto, Santos, *Ethiopia oriental*, &c., e *Vestigios da lingua arabica.)*

Ola, ou antes **Hola**—Significa propriamente *folha*, e no Oriente se dá este nome á *folha* da palmeira, de que se cobrem as casas na India, e se fazem differentes obras. Serve tambem de nella se escrever, e por isso dizem, v. gr., *ola de repudio*, como nós dizemos *carta* de repudio, ou *papel* de divida, e chamão *ola* o decreto do Principe, &c. Deste vocabulo oriental veio sem duvida o *folium* dos Latinos. Em hebraico *hholeh* (עלה), *folha*, do v. *Hhalah* (עלה), *subir ao alto*. (Veja-se *Alar.)*

Orla—Borda que circumda o objecto: especie de guarnição que se põe, ou está em roda delle. V. gr., as armas de Portugal tem em volta do escudo a *orla* dos castellos; a *orla* da moeda he a borda que a cerca; os falcões tem a cabeça pintada, e a pinta he *orlada* de amarello; &c. He o proprio hebraico *hhorlah* (ערלה), que significa o mesmo, e que era por isso o nome que os Hebreos davão ao prepucio.

Orraca—Veja-se *Jagra.*

Osannas—Veja-se *Hosanna*. (Moraes.)

Oxalá—Interjeição: *queira Deos! praza a Deos!* &c. O douto Sousa, nos *Vestigios da lingua arabica*, a deriva do arabe. Em hebraico porém achâmos *ochhalai* (אחלי), interjeição de quem deseja e supplica, que os Setenta traduzem por ὄφελον *(utinam, vellem, vellim)*, e a Vulgata

e outros pelo latim *utinam*, que he a significação exacta do portuguez *oxalá*. Vem da raiz desusada *achhal* (אחל), ou, segundo outros, de *chhalah* (חלה), na fórma *piel*, *deprecari*, &c.

P

Pagode — Vocabulo indiano, com que se nomeião os idolos do gentio da India, ás vezes os templos desses idolos, e tambem huma moeda de ouro que lá corre. (Couto, Dec. 4.ª, liv. 6.º, cap. 6.º) Court de Gebelin diz que he o indiano *poutgheda*.

Pangaio — Embarcação asiatica, que parece ser a que Damião de Goes chama *pangueiahoa*. Na linguagem da nossa plebe, e na provincia do Minho, dá-se talvez o nome de *pangaio* a hum rapaz de serviço, que presta para pouco, preguiçoso, negligente, mal amanhado, &c.

Papel — Vocabulo de significação bem conhecida, que em grego se diz πάπυρος, e em latim *papyrus*. Parece ser originario do Egypto, donde he natural a planta assim chamada, em cuja casca preparada se escrevia.

Paraizo — Vocabulo persiano. Os Persas dizem *pardês*, ou antes *p'hardês*, lugar delicioso de arvores, flores, agoas, &c.; em hebraico *p'hardês* (פרדס), com a mesma significação. Do persiano, ou hebraico o tomárão os Gregos, accommodando-o ao genio da sua lingua, e formando παράδεισος, a que corresponde em latim *paradisus*, *hortus*, *pomarium*, *viridarium;* e em portuguez *pomar*, *vergel*, *jardim*, &c.

Paraó — Embarcação usada na India, donde nos veio o nome.

Parasanga — Veja-se *Farsanga*. (*Vestigios da lingua arabica*, v. *Parasanga*.)

Pardáo — Moeda da Asia. Bluteau diz que valia 360 réis, e que se cunhava em Goa com a effigie de el-Rei D. Sebastião, e com o valor de 300 réis. Segundo Duarte Barbosa os *pardáos* de Narsinga valião 300 réis, pouco mais ou menos. Oleastro (ao livro dos *Numeros*, cap. 18.º) parece indicar que os *pardáos* ou se fabricavão, ou corrião em Portugal; porque falando da liga de metaes que entrava nas moedas de alguns reinos da Europa, acrescenta «*apud nos* (Lusitanos) *nullus nummus mixtus est ex diversis metallis, nisi forte pardalli, quos nostri vocant* pardáos». E da *Historia da India*, ms. de Gaspar Correia, consta que esta moeda foi lavrada no reino em tempo de el-Rei D. João III, e mandada para a India nas náos em que foi o Governador D. João de Castro.

Pascoa ou **Paschoa** — Significa entre nós a solemnidade annual da Resurreição do Senhor, e o tempo em que ella se celebra. He vocabulo de origem hebraica derivado de *p'hesachh* (פסח), *transito, passagem, salto*. Exprimia entre os Hebreos a festa instituida por occasião da sahida do Egypto, e em recordação da *passagem* ou *transito* do anjo exterminador, que dando a morte aos primogenitos dos Egypcios, deixava em salvo (*passando* ou *saltando* a diante) as cazas dos Hebreos, marcadas para esse fim com o sangue do cordeiro, que previamente tinha sido immolado: figura prenunciadora da *pascoa* christãa.

Patáo — Homem fatuo, simples, tolo, insensato, que tudo crê, e quem quer o engana. Póde vir do hebraico *p'hatah* (פתה), o que foi enganado, o que foi seduzido; donde *p'heteh*, simples, parvo; *p'heti*, estulticia, fatui-

dade, &c. Daqui julgâmos poder-se tambem derivar o vocabulo *pêta*, isto he, mentira com que se enganão os parvos, dizendo-lhe cousas incriveis, inverosimeis, &c.

Pazar — Veja-se *Bazar*.

Pecha — Tacha, defeito, vicio. Do hebraico *p'heschahh* (פשע), prevaricação, transgressão, injustiça, maldade.

Peitar — Em outra parte dizemos que este vocabulo se póde derivar do grego πείθω, seduzir com palavras brandas; trazer alguem com geito ao nosso partido. Alguns porém são de opinião que o proprio vocabulo grego veio do hebraico *p'hetah* (פתה), *alliciar* com palavras lisongeiras, persuadir, seduzir (latim *blandis verbis allicere; blande adducere, inclinare, seducere, suadere)*, que são as significações do verbo grego, e tem grande analogia com as do portuguez *peitar*.

Peruca — Cabelleira postiça, que se usa para supprir a falta de cabello, ou para ornato da cabeça. Vem do hebraico *p'herochh* (פרע), coma, cabelleira penteada e aceada (latim *coma, caesaries compta et curiosius culta)* da raiz *p'herachh*, na fórma *paul, p'heruchh* (פרוע), *cabeça nua, cabeça descoberta.*

Pesego — Fructo bem conhecido: he o *malum persicum* dos Latinos, que tambem ao pesegueiro chamavão *persica* (arbor), por ter vindo originariamente da Persia. Nós de *persicum* fizemos *pêsego*, que muitos ainda dizem *pêsigo*, com melhor, aindaque menos usada, pronunciação. A sua origem he a mesma do nome *Persia*, que em hebraico se diz *p'hars* (פרס).

Peta — Veja-se *Patáo*.

Pichel — Vaso, ordinariamente de metal. Póde vir do hebraico *p'hishel* (פסל), vaso lavrado, jarra, concha, qualquer obra de esculptura.

Pizar — Esmigalhar; fazer em miudos bocados. Póde derivar-se do hebraico *p'hizzar* (פזר), romper, quebrar, espalhar, dispersar, &c.

Pombe — Vocabulo usado no reino de Angola, que significa a pessoa que vai ao sertão negociar a compra dos escravos. He proprio do idioma anbundo, e quer dizer mensageiro, internuncio, o que fala por outrem, ou em lugar de outrem, &c.

Q

Queimar — Reduzir a cinzas pelo fogo. Malvenda (ao *Genesis*, cap. 43.°, v. 30.°) diz que o hebraico *qamar* (כמר), he o mesmissimo hespanhol *quemar*, e o latino *cremare (est ipsissimum hispanicum* quemar, *et latinum* cremare). O portuguez não differe do castelhano, senão em adoçar mais a primeira syllaba com o diptongo, dizendo *quei-mar*, em lugar de *quemar*. Tambem se póde derivar de *chhemah* (חמה), queima, incendio, abrasamento, que os Setenta traduzem por θέρμη, e a Vulgata e outros por *calor*, e talvez por *sol, sic dictus quod omnia calefaciat,* diz Guarin, *Lexicon hebraicum.*

Quezilia, ou como escreve Moraes, **Quegila** — Vocabulo da lingua anbunda, que significa a antipathia que os negros tem com algumas cousas.

Quintal — Mayans o põe entre os derivados do hebraico.

Quitanda—Praça de comprar e vender; lugar em que se compra e vende; lugar do mercado. He o bundo e angolense *quitanda*, que significa o mesmo, e dellê formão a voz verbal *cuta-quitanda*, feirar, regatear. (Vejão-se os diccionarios destas linguas.)

R

Rãa—Pequeno animal amphibio bem conhecido, e frequente nos lagos, nas agoas encharcadas, á borda dos rios, &c. O seu nome he huma onomatopeia, e por isso commum a muitas linguas. Nós o trazemos aqui como de origem hebraica, por acharmos neste idioma a sua significação fundamental e primitiva no v. *Ranah* (רנה), *sonare*, ou no outro *ranan* (רנן), *cantare*, *exclamare*, *cantillare*, &c.

Rabbi, Rabbino—Era entre os Hebreos o nome que davão aos mestres da lei. O vulgo chama *rabbinos* a todos os Hebreos. He o hebraico *rabbi* (רבי), *mestre; rabboni, meu mestre;* de *rabb* (רב), mestre, doutor, magnate, em geral, pessoa principal e notavel.

Raca—He o proprio vocabulo que se lê no Evangelho de S. Matheus, cap. 5.°, v. 22.°, e que nós conservâmos na traducção sem mudança «*qui dixerit fratri suo raca reus erit concilio*»; «quem disser a seu irmão *raca* será réo no conselho». Voz chaldaica *raka* (רקא), ou hebraica *rak* (רק), que ambas significão tolo, insensato, desmiolado, cabeça ôca *(capite vacuo)*, &c.

Raça—Quer dizer propriamente o tronco, cepo, cabeça de familia, donde alguem descende, e tambem se applica aos animaes: homem de boa *raça*, isto he, de

boa familia; de boa geração; de boa gente: cavallo de boa *raça*, isto he, de *boa casta*. Vem do oriental e hebraico *rosh*, ou *rash* (ראש), *cabeça*; o que he *principal*; o que he *anterior* e *superior* a todos; donde o hebraico *raschit* (ראשית), principio, origem. Em outras linguas orientaes achâmos *rash*, principe, cabeça dos grandes; *raez*, capitão; *raiaz*, governador de provincia; *raja*, principe, &c. (Veja-se Barros, Dec. 4.ª, liv. 4.º, cap. 16.º, Couto, Dec. 4.ª, liv. 1.º, cap. 7.º, &c.) Veja-se tambem Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, v. *Rez*, e Vieira na palavra franceza *race*.

Rafa — Vocabulo plebêo. Diz-se que padece *rafa* quem padece fome, quem carece do necessario para viver: que anda *rafado*, que traz a bolsa *rafada*, ou que tem *rafa* na bolsa, quem não tem dinheiro: diz-se vestido *rafado* o que he pobre, velho, tozado do muito uso, que indica indigencia, &c. Vem do hebraico *raphah* (רפה), andar abatido, decahido de animo e de forças, frouxo, debilitado, languento, com mostras de penuria. Bluteau, no *Supplemento*, lhe dá a significação de *fome*, e diz que he palavra da giria.

Rak — Especie de agoardente extrahida do côco, ou do arroz, na India. Os Inglezes o trazião de Malaca, e com elle fazião o *punch*. Em francez e outras linguas se diz *arrak*, e os nossos antigos chamavão *arraka* huma agoardente da Persia, extrahida (diz Bluteau) do excellente vinho de Schiraz. He vocabulo de origem oriental.

Rasgar — Romper, dilacerar, fazer pedaços hum tecido, hum vestido, hum papel, &c. Em outra parte o derivâmos do grego ῥαγέω, que tem a mesma significação. Malvenda porém (a *Jeremias*, cap. 50.º, v. 34.º) notou a

analogia do hespanhol *razgar* com o hebraico *raghkatz* (רעץ), rasgar, romper, dilacerar. Póde ser que do hebraico passasse o vocabulo aos Gregos, como sem duvida passárão muitos outros.

Recamar—*(Vestigios da lingua arabica.)* He vocabulo hebraico, e mui frequente nas Escripturas Santas, de *rekam* (רקם), pintar á agulha, fazer differentes feitios, talvez de differentes cores, na teia, com agulha, a que tambem chamâmos bordar, ou broslar.

Récua—Numero de bestas de carga, que caminhão humas após outras, conduzidas por hum almocreve. Malvenda (ao livro 3.° dos *Reis,* cap. 4.°, v. 28.°), explicando a significação do hebraico *reqash* (רכש), diz assim: «*Si meum utcumque judicium est audiendum, arbitror, consentiente voce, esse id, quod hispanice dicitur* requa, *vel* reqas, *nempe longum agmen, seu seriem mulorum, qui merces et commeatus in varia loca transvectare solent*». (Veja-se Bluteau, v. *Récua.)*

Rede—No artigo *Coifa* dissemos que quando a coifa he feita e tecida com aberturas, como malhas de *rede,* se lhe dá este mesmo nome. Neste sentido o vocabulo *rede* póde vir do hebraico *rededi* (רדידי), véo, cobertura tenue, ligeira e rara (latim *velamen, velum, theristrum, peplum subtile),* com que as mulheres cobrem a cabeça; fita, ou faxa de seda, com que se ajuntão, recolhem, e prendem os cabellos. Vem este vocabulo no *Cantico dos Canticos,* cap. 5.°, v. 7.°, e dizem os hebraistas que he formado do v. *Rhadad* (רדד), *dominari, potestatem habere;* por ser a cobertura da cabeça nas mulheres hum sinal da sua sujeição e dependencia.

Regalo—Damos este nome: 1.°, ao manguito for-

rado de pelles, ou de seda acolchoada, em que as mulheres mimosas mettem as mãos e os braços no inverno, por causa do frio, ou por delicia; 2.º, ao prazer e satisfação, que sentimos quando no vestido, na comida, e em todo o tracto da nossa pessoa gosâmos de alguma cousa mimosa, delicada, deliciosa, e de exquisita curiosidade e gosto; 3.º, ás cousas que nos causão esse prazer. Assim, por exemplo, huma fructa excellente e mui saborosa he hum *regalo:* e nós nos sentimos *regalados,* quando a vemos, cheirâmos, ou comemos, &c. Este vocabulo nos parece derivado do hebraico *reghhaloth* (רעלות), que se lê em *Isaias,* cap. 3.º, aonde desde o v. 18.º até 23.º se nomeião não menos que vinte e huma especies de ornamentos daquelles que compõem o que se chama *mundo das mulheres (mundus muliebris),* em que se comprehendem roupas finas e delicadas, vestidos custosos, galantes e louçãos; brincos, braceletes, pulseiras, anneis, joias, leques, cintos, e outros semelhantes atavios, galas e louçainhas. Entre ellas se lê *reghhaloth,* plural feminino, que a Vulgata parece haver traduzido por *armillas.* Como porém este vocabulo se não acha em outro algum lugar da Biblia, os interpretes e hebraistas desvairão muito sobre a sua verdadeira significação; porque huns o entendem em geral por *veos subtis* e ligeiros, com que se adornão as mulheres; outros por certo ornamento com que cobrião as faces, para evitar os incommodos do frio, do ar, ou do pó; outros por huma especie de toucado enfeitado com fitas pendentes, fios, estrellas, ou lentejoulas de ouro; outros por braceletes, &c. Nós conjecturâmos que d'aqui veio o nosso vocabulo *regalo,* cuja significação se applica a tudo o que he mimoso, delicado, delicioso, gostoso, &c., e ao sentimento de prazer que com isso experimentâmos.

Remate, Rematar — Veja-se *Mate.*

Retama—Voz castelhana, que talvez se acha em algum escriptor portuguez. (Veja-se Bluteau.) Significa a planta, que vulgarmente chamâmos *giesta*. Do hebraico *rotham* (רתם), que significa o mesmo. Tambem he vocabulo arabico.

Retezia, Reteziar—São vocabulos frequentes na linguagem da plebe do Minho, e exprimem a especie de contenda que ha entre duas pessoas, que a cada passo estão disputando, com frequente contradicção, encontrando-se em tudo, tendo a miudo reciproca collisão, &c. Póde derivar-se do hebraico *retzetz* (רוצץ), dar de encontro huma cousa com outra; pugnar, bater-se, quebrar-se reciprocamente, &c.

Riqueza—Superabundancia de bens da fortuna, de terras, dinheiros, joias, baixellas. He o abstracto de *rico;* vocabulo que alguns etymologistas julgão derivado das linguas dos povos barbaros, que invadirão as Hespanhas no principio do seculo v: e com effeito o achâmos, tanto na composição dos nomes proprios ostrogodos, wisigodos, wandalos, &c. *Theodo-rico, Amala-rico, Ala-rico, Rode-rico, Hunne-rico;* como na denominação de *rico-homem,* que entre aquelles povos exprimia hum alto gráo de nobreza. Comtudo tambem no hebraico encontrâmos, e he frequente nos Livros Santos, o vocabulo *reqush* (רכוש), que significa substancia, bens, possessões, alfaias, emfim *riquezas;* e delle formárão *raqash* (רכש), ter, possuir, adquirir, &c. Malvenda já notou a analogia do hespanhol *riquezas* com o hebraico *requsch.* Em germanico *reich* significa poder, imperio, principado, &c.

Romãa—Fructo bem conhecido, que em arabe e persiano se diz *romman;* em antigo egypcio ou coptico

he-rrman; em hebraico *rimmon,* ou *rommon.* Oleastro (ao cap. 22.º do *Deuteronomio),* prefere a origem hebraica. Nós o julgâmos derivado do hebraico ou punico; porque o nome de *malum punicum,* que lhe derão os Latinos, parece indicar que esta planta tinha sido introduzida na Europa pelos Carthaginezes.

Roque — Palavra usada nesta especie de proloquio popular «*não tem rei, nem roque*», he o nome de huma peça do jogo do xadrez, e por consequencia de origem oriental.

Rufião ou **Refião** — Alcoviteiro; homem dado a mulheres, &c. Parece vir do hebraico *rep'hion* (רפיון), molleza, dissolução, delicias, delicadeza e afeminação mulheril.

Ruibarbo, ou **Reubarbo,** ou **Rheubarbaro,** ou **Rhabarbaro** — Raiz medicinal bem conhecida. Vem do persiano *rhabarbar,* que significa o mesmo. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica.)*

Ruim ou **Roim** — O que he máo no seu genero, v. gr., ruim caza, ruim genio, ruim homem, ruim gente, &c. He o hebraico *rohhim* (רעים), do v. *Rohhahh* (רעע), ser máo, ser improbo, &c.

S

Sabaoth — He hum dos appellidos (se nos he permittida esta expressão), que damos a Deos, dizendo *senhor Deos de sabaoth,* segundo a frase ecclesiastica «*dominus Deus sabaoth*», que commummente se interpreta «senhor Deos *dos exercitos*». Vem do hebraico *tzabah*

(צבה), milicia exercito. Applicando porém a Deos este epitheto, póde entender-se por *exercitos* a milicia celeste dos anjos; a milicia dos astros; a universalidade ordenada de todas as creaturas do ceo e da terra, &c.; pelo que com grande prudencia advertio S. Jeronymo, que este vocabulo se não devia traduzir em outra alguma lingua, por não alterar a sua significação e energia original.

Sabbado—He entre nós o dia da semana anterior ao domingo: do hebraico *sabbat* (שבת), *cessar, descançar, repousar*, e tambem *repouso, descanço, cessação de trabalho*, porque os Hebreos guardavão este dia, segundo a lei, cessando de toda a especie de trabalho. O domingo começou entre os Christãos a substituir o *sabbado*, como dia de cessação dos trabalhos servis, e especialmente dedicado ao culto de Deos, logo desde o tempo dos Apostolos, e Constantino Magno o mandou guardar em todo o imperio por edicto geral do anno 321 da era christãa.

Sabugo—A medulla do corno do boi, do cabo das bestas; a parte da espiga do milho em que o grão está embebido, &c. (Veja-se Moraes.) Parece vir do hebraico *sabuq* (סבוך), o que he ou está envolvido, implicado, intrincado: do v. *Sabaq* (סבך), envolver.

Sacar—Este vocabulo, tão usado na linguagem mercantil, em que se diz *sacar* fazendas, *sacar* mercadorias, *sacar* lètras, &c., parece sêr o proprio hebraico *sachhar* (סחר), negociar, traficar, feirar, fazer giro de negocio, girar por differentes partes, feirando, traficando, negociando. A significação mais restricta, que Moraes lhe dá, de tirar, *exportar fazendas para fóra do reino*, parece secundaria, e certamente não he applicavel, v. gr., ás letras de cambio, que nem sempre se *sacão para fóra*

do reino; mas sim se negoceão, girão, &c. A expressão figurada do padre Vieira, que *as mentiras tem muita saca nas grandes cidades,* quer dizer que girão muito, e por muitas mãos; que tem grande gasto e sahida; que muitos as vendem, e com ellas negoceão, &c. (Veja-se Moraes, v. *Saca;* e *Vestigios da lingua arabica,* nas palavras *Saca* e *Açougue.)*

Sacco — Tem-se notado a generalidade com que esta voz foi adoptada em muitos idiomas, e em todos com a mesma significação. Os Hebreos dizem *sak* (שק); os Gregos *σάκκος*; os Latinos *saccus;* os Bretões *sach;* os Allemães *sak;* os Francezes *sac,* &c. Esta generalidade e uniformidade parece indicar voz original e primitiva.

Safira — Pedra preciosa mui conhecida. Do hebraico *sap'hir* (ספיר), cousa bella, formosa, donde veio o grego *σάπφειρος*, e o latim *sapphirus.*

Saguão — Veja-se *Xaguão.*

Sala — Ha nas nossas cazas, principalmente nas maiores, e nos palacios, varias divisões, algumas das quaes, mais espaçosas, e ordinariamente mais bem adereçadas, se chamão *salas: sala* de espera, aonde estão os hospedes até que sejão conduzidos ao interior; *sala* de visitas; *sala* de lavor; *sala* de banquete; *sala* de orchestra, &c. Bluteau deriva este vocabulo do hebraico *sala,* que significa (diz elle) *descançar.* Acaso teve em vista o hebraico *salah* (סלה), que muitos interpretão *pausa, intervallo, descanço.* Esta voz acha-se em alguns psalmos, como fóra do texto, e julga-se ser sinal de descançar a voz; de fazer pausa na musica, quasi como na nossa musica as chamadas *pausas,* ou certos caracteres, que as designão. Outros derivão *sala* da lingua celtica, e outros

do germanico *saal*. (Veja-se tambem Vieira na palavra italiana *sala*.)

Salchicha — Veja-se *Chicha*.

Sanefa, ou antes **Çanefa** — Faxa, ou peça atravessada no alto do cortinado. He o hebraico *tzanip'h* (צנף), ornamento da cabeça; especie de fita, faxa, ou diadema, com que alguns antigos Reis adornavam a cabeça: e tambem faxa, com que cingião a cabeça os Summos Pontifices do povo hebreo.

Sanha — Ira violenta; ira com grande indignação, &c. Vem do hebraico *sanah* (שנאה), ira inveterada, odio, rancor; do v. *Sana* (שנא), ter odio, perseguir afincadamente com raiva, donde *sanu* (סנאו), o que está com odio contra alguem, sanhudo, &c. De sanha formâmos *sanhudo, asanhado, asanhar-se,* &c.

Sapo — Reptil muito conhecido. Vem do hebraico *tzab* (צב), que significa *bufo, rubeta,* em portuguez *sapo*. Já Malvenda notou a consonancia dos dous vocabulos, e parece ter-se inclinado a adoptar a nossa derivação.

Sarrafaçal — Damos este nome a hum ruim official de cortar, sarjar, serrar, &c. Tambem usâmos dos verbos *sarrafar* e *sarrafaçar*, e chamâmos *sarrafo* a hum pedaço de taboa, cortado, ou serrado della. Vem do hebraico *sarrap'h* (שרף), que propriamente significa *queimar*, e se toma por tudo o que causa ardor e inflammação, pelo que se entende algumas vezes da febre, do carbunculo, da peste, do ferro da seta, do carvão acceso, &c.

Satanaz — O anjo reprobo, principe dos anjos máos,

e inimigo dos homens. He o hebraico *satan* (שטן), adversario, accusador, insidiador; do v. *Satan*, adversari, donde o grego formou *σατᾶν*, o principe dos anjos máos. Em outras linguas orientaes se acha com significações analogas. Diogo do Couto, Dec. 5.ª, liv. 6.º, cap. 3.º, diz que *diagal* e *saitan* erão nomes que o gentio da India dava aos anjos da terceira ordem, *executores dos castigos de Deos*. Plutarcho refere que os Egypcios davão a Typhon o appellido de *seth*, isto he, *inimigo*. Volney, na *Viagem da Syria*, diz que ainda hoje alguns povos daquellas regiões honrão o *chaitan*, ou *satan*, isto he, o *genio inimigo e adversario*, &c.

Satrapa — Vocabulo persiano: quer dizer *grande senhor, governador de provincia*, &c.

Semana — Periodo de sete dias, em que dividimos o tempo. Vem do hebraico *zeman* (זמן), tempo certo; tempo determinado; tempo prefixo. Malvenda (ao liv. 1.º de *Esdras*, cap. 10.º, v. 14.º), falando do verbo hebraico *zaman*, e do seu derivado *zeman*, diz que d'ahi vem o castelhano *semana*. «*Nos* (são as suas palavras) *voce consona, septimanam, et vocabulo hispanico, ab hebraeis ducto,* semana *significare arbitramur*». Alguns quizerão trazer *semana* do latim *septem mane*: mas nem esta frase he latina, nem com ella se explica o que he *semana*: nem os Romanos ou Gregos usárão a divisão do tempo em semanas senão depois que abraçárão o Christianismo. Assim o nome *semana* he indubitavelmente hebraico, bem como o periodo por elle significado.

Senzala — Lugar, ou caza, em que habitão os negros: em conguez e angolense *senzala*, morada.

Serafim — Anjo da primeira ordem, da primeira je-

rarquia. He o hebraico *sherap'him* (שרפים), que litteralmente significa *igniti, candentes,* isto he, *abrazados,* do v. *Sherap'h* (שרף), *accender, abrazar.*

Siclo—Moeda e peso hebraico: em hebraico *schikl* (שקל). Delle diz S. Jeronymo: «*Siclus autem, id est, stater, habet drachmas quatuor; drachmae autem octo latinam unciam faciunt*»; por onde se vê que o *siclo* equivale a meia onça latina.

Soffete—Lê-se este vocabulo na nossa historia antiga, quando se fala da republica de Carthago, e dos magistrados, que com aquelle nome a governavão. He o fenicio e hebraico *shop'hetim* (שופטים), plural de *schop'hete,* nome que se dava aos Juizes de Israel, especie de magistrados supremos, que tinhão alguma semelhança com os *Archontas* da Grecia, ou com os *Dictadores* dos Romanos: *shop'het* (שופט), prefeito, governador, curador dos negocios publicos, juiz; de *shap'hat,* julgar. Póde conjecturar-se que aos *Soffetes* Carthaginezes serião semelhantes em auctoridade e poder alguns celebres capitães Lusitanos, que antes dos Romanos, e no tempo delles governárão a nossa gente, como, por exemplo, o primeiro Viriato, a quem Silio Italico chama *regnator Iberae magnanimus terrae;* o segundo Viriato, caracterisado por Lucio Floro como o Romulo da Hespanha, e outros.

Somitigo, ou Somitico, ou Somitego—Veja-se Moraes. Este vocabulo parece ter hoje quasi perdido a sua primeira significação, para tomar outra menos torpe e infame, entendendo-se do homem sordidamente avarento, misero, cainho, &c. A voz *somitigo* he corrupção de *sodomitico,* e este he tomado do hebraico *sedhom* ou *sedhomah* (סדום ou סדמה), nome da cidade de So-

doma, bem conhecida na historia do Antigo Testamento, *Genesis*, cap. 19.º

Sophá ou **Sofá**—Leito de repouso; especie de estrado, algum tanto elevado, e coberto de hum tapete. He vocabulo turquesco, do oriental *sophah, estrado, banco*, &c.

Sophi—Titulo de dignidade dos Reis da Persia, quasi como o Faraó dos Egypcios; o Sultão dos Turcos; o Cesar dos Romanos, &c.

Sova—Vocabulo frequente na historia do Congo, Angola, &c.: quer dizer *governador de provincia*, nome que se dá aos senhores ou governadores de hum certo territorio, quasi como os nossos antigos senhores de terras. O vocabulo quer dizer nas linguas daquelles povos *senhor, cabeça do povo*, &c.

Sultão—Nome que os Turcos dão aos seus Soberanos. Dizem alguns que he voz chaldaica, mas de origem hebraica, e o derivão de *shalet* (שליט), o que tem poder; o magistrado; presidente, regedor, donde vem *shaltan*, ou *shalton* (שלטן ou שלטון), o que he primeiro entre todos; o que a todos prefere em auctoridade e poder; o que tem dominio e senhorio.

T

Tacanho—Illiberal, misero, acanhado em dar e gastar. Duarte Nunes e Mayans o julgão derivado do hebraico.

Taça—Pequeno vaso por onde se bebe vinho, chá,

caldo, &c. O douto Sousa, nos *Vestigios da lingua arabica,* o deriva do arabe. Vieira diz que he o arabe, persiano e turquesco *tas, poculum, scyphus.*

Talabarte — Veja-se *Talim.*

Talim — Especie de banda, que pende do hombro direito para o lado esquerdo, e ahi sustenta a espada, o bacamarte, &c. He o proprio hebraico *thali* (תלי), que os interpretes da Escriptura Sagrada, seguindo a versão dos Setenta, e a de S. Jeronymo, traduzem por *pharetra;* do v. *Thalah* (תלה), suspender, estar pendente. Malvenda (ao *Genesis,* cap. 27.º, v. 3.º), diz: «*Suspicio mihi est, ne, consentiente voce, sit illud, quod hispanice dicimus* taheli, *nempe cingulum seu balteus, aureis aut argenteis bullis ornatus, quem transversum ab humero in latus milites, vel venatores, aut qui se fortes jactant, deferre solent. Sic dicitur a* talah, *suspendere, quia ex eo gladii, enses, et alia arma suspensa, et nunc sclopetos minores, seu pistolas deferunt*». Em outro tempo se chamava *talabarte;* depois se fez alguma differença entre *talabarte* e *talim,* ambos derivados da mesma origem. (Veja-se Bluteau.) Ainda ha hum seculo, entre os povos do Malabar, costumavão as noivas trazer ao pescoço huma medalha de ouro, pendente de hum cordão de cento e oito fios, tingidos de côr de açafrão, com a imagem do idolo, que presidia ás nupcias, e a esta medalha davão o nome de *taly,* que he o mesmo que *pendente.* Era este hum dos ritos gentilicos, que alguns missionarios julgavão indifferentes, e que a Sé Apostolica muitas vezes severamente prohibio aos Christãos neofitos.

Talingar — Prender de modo que fique pendente, v. gr., a amarra no argolão da ancora, o harpeo no élo, ou fuzil da cadeia de ferro, &c. Fernão Mendes, *Peregri-*

nações, cap. 36.°: «Dous harpeos talingados em duas cadeias de ferro», isto he, presos a ellas, *pendentes* dellas. Em francez *étalinguer* he termo de marinha; *étalinguer les cables* he *amarrar os cabos ao argolão da ancora,* &c. He vocabulo da mesma origem do antecedente. (Veja-se *Talim.)*

Talisman — Caracter, figura, ou imagem gravada, ou formada de metal, com certa correspondencia aos signos celestes, á qual supersticiosamente se attribue alguma virtude. Della usão os magos, feiticeiros, benzedeiros, e outros semelhantes impostores. He a voz persiana, ou antes arabe *talsman* (טלסמן), que em grego se diz τέλεσμα; em latim *astralis imago;* em francez *image constellée,* &c. (Guarin, *Lexicon hebraicum.)*

Talmud — Hebraico *talmud* (תלמוד), especie de pandecta judaica, em que se contém as doutrinas, ceremonias e tradições dos Judeos, e especialmente as suas leis e direitos sagrados, moraes e civis. D'aqui vem *talmudista,* o que segue estas doutrinas e leis, e as aprende ou nellas he instruido. Raiz *lamad* (למד), aprender, e na conjugação *piel,* ensinar, instruir.

Tamara — Fructo da palmeira. Do hebraico *thamar* (תמר), palmeira e palma. «*Thamar* (diz Malvenda, *Genesis,* cap. 14.°, v. 7.°), *palmam significare notum est, Lusitani dactylos* tamaras *vocant*». A grande cidade fundada por Salomão, chamada pelos antigos *Thadmor,* ou *Thamor,* e que alguns suppõem ser a que os Gregos chamárão *Palmyra,* tomou o nome das palmeiras, que havia em grande copia no seu territorio. Por huma razão semelhante conjecturâmos nós que os Fenicios, ou Hebreos, ou Arabes das Hespanhas, derão ao territorio de Murcia o nome de *Thadmir,* querendo por elle indicar

a copia de palmas, de que tambem he fertil aquella região. «*Urbs Murcia* (diz o geografo nubiense), *est metropolis terrae Tadmir, sitaque est in planicie, secus flumen Alabiadh, quod et eam interfluit, ponte cimbis fabrefacto aditum in illam praebente*», &c.

Tambaque—Metal como cobre mui fino, que vem da China, e de lá trouxe o nome. (Veja-se Bluteau, v. *Tambaca.*)

Tanga—Panno com que os negros cobrem o corpo, ou parte delle; especie de capa, ou manteo. Nas linguas do Congo e Angola *ntanga.*

Tanga—Moeda que corria na India: voz persiana. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica.*)

Tapeçaria—Voz persiana. *(Vestigios da lingua arabica.)*

Tapete—Voz persiana. *(Vestigios da lingua arabica.)*

Targum (em Bluteau **Targo** ou **Targho**)—He a propria voz chaldaica *tharghum* (תרגום), *exposição, interpretação.* Dá-se este nome ás paraphrases chaldaicas da Escriptura Sagrada, bem conhecidas das pessoas dadas aos estudos biblicos.

Tarrafa—Especie de rede de pescar, que parece ser a que vulgarmente chamâmos *chumbeira.* Do hebraico *tarap'h* (טרף), apprehender puxando; trazer a si por força; tirar a si com gancho, &c.; donde *terep'h* (טרף), presa tomada na caça (latim *captura ferarum, venatio).*

Teliz — Voz persiana. *(Vestigios da lingua arabica.)*

Tercena ou **Terecena** — D. Francisco Manoel, na *Epanafora Amorosa*, falando deste vocabulo e sua significação, diz assim: «*Darsena* e *arsenal* chamão os Venezianos o seu famoso *almazem de galés*, donde se fabricão e guardão, a que nós dizemos *tercena; taraçana* e *ataraçana* os Hespanhoes. He nome celebre, a quem muitos tem por voz persiana, e dos Persas diffundida aos Arabes; porque *ters* em idioma persico significa navio, e *kane* caza, como se dissessemos *caza de navio*. Outros querem que seja nome arabico, quasi *obrador*, ou *caza de trabalho*, deduzindo-se da raiz *darsenáa;* e alguns dizem que hebreo, dizendo *darasindá*, que tudo differe pouco: cujas memorias trazemos porque se veja com quanta erudição aquelle sabio principe (o Infante D. Henrique) poz o nome á sua villa *Terçana naval*, ou *Terça naval*». Até aqui D. Francisco Manoel; por onde se vê que o vocabulo *tercena* tem origem nas linguas orientaes. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, v. *Tarecena;* e Vieira, v. *Terecena.)*

Tesoura — Instrumento de cortar, bem conhecido. He o hebraico *tzor* (צור), que significa pedra com fio mui agudo, de que os antigos Hebreos e outros povos se servião para cortar; e tambem fio, ou gume talhante da espada, faca, ou cutello, &c. (Veja-se *Exodo*, cap. 4.º, v. 25.º) Parece que os Hebreos usavão especialmente da pedra afiada *(tzor)* na operação da circumcisão, e ainda hoje os Falassas (Judeos) da Abyssinia usão de huma lasca de pedra, ou de huma pederneira muito afiada para fazerem a mesma operação.

Texugo — Animal conhecido. Oleastro *(Exodo*, cap. 25.º), explicando a voz hebraica *thechhassim* (תחשים),

parece conjecturar que della veio o portuguez *texugo*, latim *taxus*.

Tiara—Especie de mitra, ornamento da cabeça, insignia hoje propria do Papa, e antigamente usada dos Reis. He vocabulo persiano.

Til—Nota ortografica mui conhecida e frequente no nosso abecedario e escriptura. A sua pequenez faz que se tome algumas vezes em sentido figurado por cousa tenue, minima, miudissima, &c. He o proprio vocabulo hebraico *til* (טיל), ponto, pequena linha, cousa tenue, miuda, subtil. D'aqui formâmos *atil-ar*, apurar, aperfeiçoar com miudeza; *atilado*, pontual, exacto até nas cousas miudas; aprimorado; que não falta nem a hum *til* de seus deveres, &c.

Tina—Vasilha, como dorna, feita de leivas e arcos, com fundo, aberta por cima, que serve de guardar fructos; ou tambem vasilha de madeira, ou de metal, do mesmo feitio, talvez mais comprida que larga, de tomar banho. Póde derivar-se do hebraico *tena* (תנא), *canastro*, *cesta*, *seira*, *talha*, &c.

Tóa—Dizemos andar *á tóa*, fazer algum negocio *á tóa*, isto he, sem plano, sem regra, sem designio certo, sem governo, ao acaso: levar o navio *á tóa*, ou dar *tóa* ao navio, he conduzil-o, quando elle por si não tem governo. He o hebraico *thohhah* (תעה), andar vagando *ao acaso*, andar *sem governo*.

Tocar—Mover, tocar na alma, excitar affectos. Vem do hebraico *thaken* (תקן), que significa o mesmo. Alguns o trazem do gothico *teken*, que tem identica significação, e que provavelmente veio do hebraico ou oriental.

Toninha, Toninho ou **Tonnina**—Peixe frequente nas nossas costas. Malvenda *(Genesis,* cap. 1.º, v. 21.º), diz que do hebraico *thanninim* (טנינים), ou *tannim* (תנים) (cetus), peixe grande, monstro marinho, vierão os vocabulos *atum* e *tonnina,* que se conservão no castelhano e portuguez. Parece provavel que nos viessem dos Fenicios ou Carthaginezes. (Veja-se *Atum.)*

Tóro—O tronco da arvore, direito, limpo dos ramos e da rama: analogamente o corpo humano, destroncados ou decepados os membros, e tambem huma porção do tronco da arvore, quando esta se parte em dous, tres ou mais *tóros.* Parece vir do hebraico *thoron* (תרן), que significa a *arvore da náo.*

Toronja—Arvore e fructa de especie media entre o limão e a laranja, maior e mais carnuda. Póde derivar-se do hebraico *athrogh* (אתרוג), que no *Talmud Jerosolomit.* se diz *theronghia* (תרונגיא), segundo a observação de Perez Bayer, *de Num. hebreo Samaritanis.* Vieira diz: «Toronja, *ab arab. turunj, malum medicum*».

Toura—He o hebraico *thorah* (תורה), instrucção, doutrina, estatuto, lei; nome que os Judeos davão ao *Pentatheuco,* isto he, aos cinco livros da lei: e como, quando erão tolerados em Portugal, davão juramentos em juizo *sobre a sua lei,* dizião, que juravão sobre a *thorah,* donde veio dizerem os nossos corruptamente *toura,* perdendo talvez de vista a origem e significação do vocabulo. (Veja-se Moraes, vv. *Toura, Tourinhas, Guinolas.)*

Tozar—Cortar o vello aos animaes lanigeros. Vem, ao que parece, do hebraico *tzon* (צואון), *ovelha, cabra,* em geral qualquer animal dos que os Latinos exprimião

pelo nome commum *pecus*. Da mesma origem vem *tozão*, o vello desses animaes.

Tufão—Diogo do Couto, Dec. 5.ª, liv. 8.º, cap. 12.º, descreve o *tufão*, e indica a origem do nome, dizendo: «Este junco, indo demandar o porto do Chincheo, deo-he hum tempo muito grosso, a que os naturaes chamão *tufão*, que he tão soberbo e feroz, e faz tantas bravuras e terremotos, que parece que todos os espiritos infernaes andão revolvendo as ondas e os mares». E Fernão Mendes Pinto, *Peregrinações*, cap. 50.º, tendo descripto huma destas tormentas, conclue: «a qual tormenta os Chins chamão *tufão*». Veja-se tambem o *Tractado das cousas da China*, de Frei Gaspar da Cruz, cap. 29.º Por onde parece que este vocabulo veio do Oriente. Os Arabes dizem *tufan*. *(Vestigios da lingua arabica)*; os Gregos τυφών; os Latinos *typhon*, &c., todos com a mesma significação, e todos do oriental *typhon*, vento impetuoso e ardente, &c.

Tulipa—Flor formosa, vulgar nos jardins. Diz Bluteau que veio da Turquia, e que tem o nome de *tulipa* por se parecer na figura com os bonetes esclavonios, que os Turcos chamão *tulipant*, ou *tulipen*. Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, diz que he a voz persiana *tolipan*.

Turbante—Vocabulo persiano e turquesco: faxa de linho, lãa, ou seda, que os Turcos trazem á roda da cabeça, e que talvez com suas differentes cores indica a seita musulmãa de quem a traz. Segundo Vieira he o persiano *toruan* ou *dolband*.

Turcimão—Assim se lê no *Itinerario* de Frei Pantaleão o mesmo vocabulo, que Moraes traz em seis differentes artigos, segundo as variedades com que se acha

escripto. Sousa, nos *Vestigios da lingua arabica*, escreve *turgeman*. Hoje se diz *drogman* ou *dragoman*, do veneziano *dragomano*. Os Arabes dizem *terdjeman;* os Egypcios *tergoman;* os Francezes *truchement*, &c. Significa *interprete* ou *lingua*. A sua origem he o chaldaico *targum*, interpretação. (Veja-se esta voz acima.) Parece que deveriamos escrever e pronunciar *targumão*.

V

Varanda — Dizem alguns que he vocabulo asiatico.

Vóda — Veja-se *Bóda*.

X

Xacóco — Dizemos que fala *xacóco* o que fala huma linguagem corrupta, quasi inintelligivel, misturando palavras barbaras, ou de differentes linguas, mal pronunciadas, &c. He vocabulo que tomámos do conguez e bundo *xacôco*, que entre elles quer dizer *linguareiro, palrador*.

Xadrez — Jogo, em outro tempo mui usado, cuja origem he oriental, e segundo opinião de alguns, propria da Persia, donde passou aos Arabes. Deriva o seu nome do vocabulo *Shah*, ou *Xa*, que na lingua persiana significa *Rei*, pelo que se póde chamar jogo real, ou jogo dos Reis. O nosso grande Rei D. João II era apaixonado delle, e com elle frequentemente se entretinha, como refere Garcia de Rezende, seu criado. Os nossos antigos dizião *enxadrez*. (Veja-se Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, e Vieira, v. *Xadrez*.)

Xaguão — Pateo descoberto no meio das cazas, aonde cahem com grande soído e estrepito as agôas dos telhados. He o hebraico *schahon*, ou antes *schawon* (שאון), cisterna, ou lugar, aonde vão ajuntar-se muitas agoas, cahindo com estrepito. Alguns interpretes o explicão litteralmente por *cisterna sonitus;* outros por *lacus tumultuosus,* e o antigo auctor da versão hespanhola da Biblia por *algibe sonoro.* (Veja-se *Algibe.)*

Xale — Veja-se *Chale.*

Xa-Mate — Voz do jogo do xadrez. (Veja-se *Mate.)*

Xaque — Voz do jogo do xadrez, para avisar quando o Rei está ferido de alguma peça, e evitar que se lhe dê o *mate,* ou *xa-mate,* com que se perde o jogo. (Veja-se Moraes, v. *Xaque.)*

Xarão — Verniz usado na China e Japão, donde trouxemos o nome.

Xerafim — Moeda da Asia, ainda hoje usada. Em Ormuz era de ouro, e valia 300 réis, pouco mais ou menos, segundo Duarte Barbosa.

Z

Zagaia — Veja-se *Azagaia.*

Zaino — Moraes define este vocabulo «*cavallo zaino, castanho escuro, sem mescla*». Na provincia do Minho he frequente dar o nome de *zaino* ao homem infiel ao seu amigo, que o lisonjeia em presença, e o atraiçoa na ausencia; ao homem doloso, que não tracta o negocio com

lizura, &c. Diz Bluteau com Covarrubias que he vocabulo trazido da lingua hebraica, alludindo acaso ao hebraico *zannahh* (זנח), repellir, lançar de si com força, rejeitar com aversão, &c.

Zanaga — Damos este nome aos que mettem hum olho por outro; aos que voltão hum dos olhos para a parte contraria ao natural. Moraes diz que he o vesgo, torto, zarolho. Vem do hebraico *zannahh* (זנח), que significa, como acabâmos de dizer no precedente artigo, *repellir, lançar de si, rejeitar para a parte opposta, apartar-se com violencia*, &c.

Zanga — Aversão, antipathia, grima. Em outro lugar dissemos que se podia derivar do germanico *zanchen*, contender, rixar, debater. Em hebraico porém achâmos *zaghham* (זעם), ter aversão, ter em desprezo, tractar com raiva, mostrar indignação e ira, e tambem, como nome, detestação, indignação, &c. Hum erudito portuguez o põe entre os vocabulos de origem africana.

Zarguncho — Pequena lança de arremesso, usada dos Cafres africanos.

Zeimão — Vocabulo, com que a plebe da provincia do Minho denomina, como por desprezo, hum homem sem prestimo, desamanhado, indigno, incapaz de cousa boa, do qual dizem que he hum *zeimão*. Póde vir do hebraico *zamam* (זמם), homem máo, facinoroso, scelerado, de *zimah* (זמה), maldade, velhacaria, &c.

Ziguezague — Commummente se dá este nome a hum caminho, que não vai de hum ponto a outro *via recta*, mas fazendo voltas, em differentes, e talvez oppostas direcções, a fim de chegar ao termo com menos

fadiga ou risco. Assim, v. gr., para subirmos ao alto de huma montanha aspera e ingreme, não tomâmos o caminho direito, mas fazemos giros, voltas tortuosas, torcicollos, *ziguezagues,* de maneira que gastando talvez mais algum tempo, ganhâmos pouco a pouco a altura com menos trabalho e cansaço. De hum rio, que faz caminho retorcido em differentes voltas, parecendo ás vezes que vai em direcção opposta ao seu curso natural, e tornando depois a tomal-o, dizemos que vai fazendo *ziguezagues,* &c. He o proprio hebraico *siqhsaqh* (סכסך), que exprime mistura confusa de differentes cousas implicadas entre si, talvez contrarias humas a outras, vindas de differentes partes, e com direcções differentes, mas que por fim vão terminar, ajuntar-se, e parar no mesmo ponto. Duas vezes sómente se acha este vocabulo nos Livros Santos, em *Isaias,* cap. 9.°, v. 11.°, e cap. 19.°, v. 2.°

Zimbo—Veja-se *Gimbo.*

Zinas—Este vocabulo, que não vem em Moraes, he frequentissimo na provincia do Minho, aonde se diz *estamos nas zinas do inverno,* estamos *nas zinas do verão,* isto he, nos mais penetrantes frios do inverno, ou nos mais ardentes calores do verão. Parece vir do hebraico *tzinnah* (צִנָּה), grande frio; frio de gelar; rigor do frio, e em geral tudo o que punge e penetra; tudo o que he agudo, pungente, penetrante. Em germanico *zinne* exprime a parte mais elevada de hum edificio.

Zoina—Nome vil, que as mulheres da mais baixa relé dão frequentemente, na provincia do Minho, a outras taes, quando contendem entre si, querendo chamar-lhes *más mulheres, mal procedidas,* &c. He o hebraico *zonnah* (זוֹנָה), taberneira; e tambem mulher mal procedida, meretriz *(scortum, et vile prostibulum; Levitico,*

cap. 21.º, v. 7.º), nome que no livro de *Josué*, cap. 2.º, v. 1.º, se dá a Raab, em cuja caza pousarão os exploradores mandados por Josué, e que os commentadores interpretão *meretrix, scortum:* do v. *Zun*, ou *Zannah* (זון ou זנה), que significa prostituir-se por dinheiro (latim *prostare lasciviendi gratia; prostituere se mercedis causa; mereri corpore*, &c.).

APPENDIX

NOTÃO-SE ALGUNS HEBRAISMOS QUE SE CONSERVÃO NO IDIOMA PORTUGUEZ

São hebraismos as seguintes frases:

Andar com todos os ventos.

Ter o coração ao pé da bôca.

Doce como o favo de mel.

Lançar mão do alheio, por *furtar.*

Lançar para trás das costas, isto he, desprezar, ter em pouco, ter por cousa vil.

Metter mão á empreza, ao negocio, isto he, começal-o.

Metter a mão em algum negocio, isto he, entrar nelle.

Roubar o coração a alguem, isto he, ganhar-lhe a vontade, os affectos.

Falar ao coração a alguem, isto he, dizer-lhe cousas agradaveis, conformes á sua vontade; demover-lhe os affectos maviosos.

Tem máo olho, isto he, tem máo caracter; tem mostras de máo homem.

Viver á sombra de alguem, isto he, debaixo da sua protecção.

Homem de nome, isto he, de fama, de grande reputação.

Andar com Deos, isto he, succeder-lhe tudo bem.

Cahir-lhe em sorte, isto he, acontecer-lhe.

Não lhe perdôo *nem nesta vida, nem na outra.*

Não se desviou *nem para a direita, nem para a esquerda.*

O homem põe, e Deos dispõe.

Pôr os olhos em alguem, isto he, favorecel-o, protegel-o.

Estimar huma cousa *como as meninas dos olhos.*

Olho de agoa, por nascente, ou golpe de agoa, que rebenta por alguma abertura da terra.

Alma por *pessoa:* v. gr., esta provincia tem tantas mil *almas.*

Fulano fala com fulana, isto he, tem tracto illicito com ella; andão de amores.

Andou *dias e dias* nesta porfia.

Tormenta do diabo, isto he, muito grande.

He *muito muito* rico; *muito muito* sabio, &c. Estes superlativos são de genio hebraico.

Mijar de medo, ou *mijar-se de medo.*

Olha: faze o que te digo. O verbo *olhar,* que nesta e n'outras semelhantes frases parece ocioso, he hebraismo.

He tambem hebraismo a repetição de hum nome ou verbo para significar multidão, demasia, ou excesso: v. gr., veio *gente, gente, gente; comeo, comeo, comeo,* até que rebentou; os avarentos tudo he *adquirir, adquirir,* sem attentarem aos meios, &c.

Huma preposição antes de outra, que rege hum nome, v. gr., a porta *de sobre o muro;* andou *em derredor* da caza; sahio *de debaixo* das ruinas, he uso hebraico.

Esta frase *que estaes a olhar?* falando a homens ociosos, ou preguiçosos no trabalho, he hebraismo.

Levantar a mão contra alguem, he frase hebraica.

O optativo supprido por huma interrogação parece do uso hebraico: v. gr., *quem me dera ver-te, quem me dera poder-me explicar?* por oxalá que eu podesse ver-te, que eu podesse explicar-me!

Quando alguem nos pergunta, v. gr., *para onde vamos,* e lhe não queremos responder a verdade, dizemos *vou para onde vou,* ou *vou para onde devo hir,* ou *vou não sei para onde.* Estes modos de falar são hebraicos.

A lingua hebraica ajunta ás vezes á frase hum dativo emfatico, que parece superfluo. Assim, por exemplo, no Psalmo 118.°, v. 79.°: «*Convertantur mihi timentes te*», aonde o *mihi* parece redundante. Nós dizemos analogamente *não* sei *que* te *faça neste caso, elle* se estava *no seu palacio muito descançado, os peixes lá* se vivem *nos seus mares,* &c. (Veja-se Moraes, v. *Intransitivo.*) Malvenda diz que são *hebraismos* e *hispanismos;* e Marianna, refutando os que pretendem achar na frase hebraica algum mysterio, ou subtileza, chama-lhe *mudos loquendi, hebraeis usitatus, sine alio mysterio.*

Quando os Hebreos querem gabar a nobreza de alguem, dizem que he *ben-isch* (בני־איש), *filho de barão,* como nós dizemos *filho de algo,* e hoje *fidalgo:* aos homens de baixa sorte chamão-lhe *bene-adam* (בני־אדם), *filho de adam, filho de homem.* Jesu-Christo se denomina a si mesmo, neste sentido, *filho do homem. Filius Adam* (dizem os interpretes), *id est, filius hominis plebei, vilis, et abjecti: filius Isch, id est, filius Viri nobilis, fortis, strenui.*

A lingua hebraica não tem a fórma neutra, e usa da feminina em lugar della: v. gr., no Psalmo 26.°, v. 4.°: «*Unam petii a Domino, hanc requiram*». E no Psalmo 118.°, v. 56.°: «*Haec facta est mihi*». Nós tambem dizemos *esta me aconteceo, para esta não estava eu preparado, por esta não podia eu esperar,* &c.

Estas frases tão usadas entre nós, fulano he *filho de Lisboa,* he *filho de Portugal,* he *filho do Brazil,* são proprias do idioma hebraico, que tambem diz *filhos de Canaan, filhos de Memphis, filhas de Sion,* &c.

O elegante uso, que fazemos, do verbo *amargar* nestas frases, *bem* amargou *as honras que goza, ainda ha de* amargar *esses favores da fortuna,* &c., he idiotismo hebraico.

Outro uso temos, elegante e mui expressivo, na lin-

guagem vulgar, quando de alguem, ou a alguem, que fez o mal, e teme, ou experimenta as suas consequencias, dizemos *assim o quiz,* lá se avenha, ou lá te avêm *já que assim o quizeste.* Esta frase parece tomada do hebraico, aonde, v. gr., no *Genesis,* cap. 38.º, v. 23.º, lhe corresponde na Vulgata «*habeat sibi*», *lá o tenha para si, que lhe preste, lá se avenha.* E este mesmo parece ser o genuino sentido das palavras, que os principes dos sacerdotes disserão a Judas, quando levando-lhes elle o preço da sua deslealdade e traição, e confessando que tinha peccado entregando *o sangue innocente,* lhe respondêrão: «*Quid ad nos? tu videris*», isto he, *que nos importa isso a nós? lá te avêm.* (Matheus, cap. 27.º, v. 4.º)

Cerrar com o inimigo, isto he, romper a batalha carregando o inimigo no primeiro conflicto; cahir sobre elle com força; accommetter com violencia, he frase hebraica.

Tambem he hebraismo pôr, em lugar do adjectivo, o substantivo abstracto em estado de regencia, v. gr., *homem de honra, de brio, de verdade,* por homem *honrado, brioso, verdadeiro;* homem de *trapaças,* de *mentiras,* por homem *mentiroso, trapaceiro;* mulher de *mexericos,* de *beatices,* por mulher *mexeriqueira, beata:* no mesmo sentido dizem os Hebreos *vir misericordiae, mulier stultitiae, lingua mendacii,* por varão *misericordioso,* mulher *estulta,* lingua *mentirosa,* &c.

He frequente nos nossos antigos documentos usar de certas frases, que podemos chamar distributivas, nas quaes se repete o nome do objecto que se quer distribuir, indicando com isso que elle compete *por igual* a cada huma das partes da distribuição. V. gr., tres bois, *de treze treze moios,* isto he, *cada hum* do valor de treze moios; duas cubas *de vinte vinte moios,* isto he, de vinte moios *cada huma,* lhes darão *dez dez açoutes,* isto he,

dez açoutes a *cada hum*, &c. Este uso parece hebraico. No livro dos *Numeros*, cap. 28.º, vv. 13.º e 29.º, «*decimam, decimam*», quer dizer, *cada hum a decima*. Em Ezechiel, cap. 10.º, v. 21.º: «*Quatuor, quatuor facies uni*», quer dizer *quatro faces cada hum*, &c.

Tambem he frequente no hebraico repetir no plural, em estado de regencia, o nome do singular, para encarecer a sua grandeza e excellencia: assim, por exemplo, *vanitas vanitatum; canticum canticorum;* a *maior de todas as vaidades;* cantico *optimo, excellentissimo*. Nós temos este hebraismo, e dizemos, v. gr., esta he a *miseria das miserias;* a *desgraça das desgraças;* a *maldade das maldades*, isto he, a *maior das miserias, das desgraças, das maldades*.

Encontrão-se a cada passo no hebraico frases, em que redunda hum pronome relativo, v. gr., *habitantibus in regione umbrae mortis, lux orta est eis;* aonde o relativo *eis* parece superfluo depois de *habitantibus*. Tambem este hebraismo he frequente em portuguez: v. gr., *aos homens* probos roubão-*lhes* o credito; *aos bons*, perseguem-*nos; aos máos*, espera-*os* o castigo, &c.

Outras vezes põem os Hebreos hum nome em estado absoluto, e empregão depois no estado de regencia, que lhe competia, o seu relativo. V. gr., *Dominus in coelo sedes ejus*, por *Domini sedes in coelo*. Nós tambem dizemos a cada passo *o dinheiro*, que me déste, já dispuz *delle*, já *o* gastei, isto he, já dispuz do dinheiro, já gastei o dinheiro, &c.; *o segredo*, já todos *o* sabem, *o homem*, já não ha rasto *delle*.

Estas frases *vai-te lá*, não sabes o que dizes; *vamos*, examinemos o ponto; *vinde cá*, contai-me isso pelo miudo; são hebraismos.

Era costume nas nossas primeiras escolas fazer aprender aos meninos, e repetir o *abc* ajuntando a primeira letra com a ultima, a segunda com a penultima, a ter-

ceira com a antepenultima, &c., e dizendo *a-x, b-u, c-t,* &c. Os Hebreos praticavão o mesmo, e tambem dizião *aleph-tau, beth-schin, ghimel-resch,* &c., e talvez se servião desta permutação de letras para escrever em cifra certos nomes, que não querião declarar expressamente. Ha hum exemplo d'isto em Jeremias, cap. 25.°, v. 26.°, aonde com este artificio se nomeia o Rei de Babylonia.

Na linguagem portugueza usâmos a cada passo do adverbio *assim* com a significação do latim *ideo, idcirco, propterea, quapropter, ob id, ob hanc causam.* V. gr.: Sabido he que Deos não póde enganar-se, nem querer enganar-nos: *assim,* falando elle, não ha que hesitar em dar inteira fé ás suas palavras. — Poucas vezes julgão os homens ácerca do merecimento das cousas, segundo os principios da recta razão, e sem respeito a seus affectos e interesses; *assim,* errão a cada passo, e muitas vezes com detrimento seu proprio. — Os antigos Rabbinos confessão que as profecias sómente havião de durar até os dias do Messias; *assim,* tendo cessado ha muitos seculos o ministerio dos Profetas, deve-se reconhecer que já veio o Messias, &c. Este uso parece tomado do idioma hebraico, que diz no mesmo sentido *el-qen* (אל־כן), como se dissessemos em latim *adsic,* se o latim o consentisse, &c.

RESPOSTA A VARIAS CENSURAS

FEITAS AO

GLOSSARIO DE VOCABULOS PORTUGUEZES DERIVADOS DAS LINGUAS ORIENTAES E AFRICANAS, EXCEPTO A ARABE

Lisboa, 25 de Julho de 1835.

RESPOSTA A VARIAS CENSURAS

FEITAS AO

GLOSSARIO DE VOCABULOS PORTUGUEZES
DERIVADOS DAS LINGUAS ORIENTAES E AFRICANAS
EXCEPTO A ARABE

Estou em divida para com a Academia, e peço desculpa de tão tarde a satisfazer.

Tendo eu tido a honra de offerecer-lhe hum *Glossario de vocabulos portuguezes, derivados das linguas orientaes e africanas, excepto a arabe,* recebi do Sr. Secretario da Academia o officio de 7 de Março deste anno, com as *Reflexões,* que elle mesmo, como censor, havia feito sobre alguns lugares do *Glossario, para que, se eu quizesse adoptal-as, se podessem imprimir com elle.*

Muita honra fez o doutissimo censor ao meu trabalho, dignando-se de querer concorrer para a sua correcção e aperfeiçoamento; e muita me faz a Academia em deixar ao meu arbitrio a liberdade de adoptar as suas eruditas notas e reparos, para se poderem imprimir juntamente com o *Glossario.*

Parecendo-me porém conveniente e necessario dizer alguma cousa sobre as mesmas notas, satisfarei brevemente a este dever, e a Academia, por ultimo, resolverá o que melhor e mais rasoavel lhe parecer.

Logo na minha *Prefação* repara o sabio censor em eu dizer, que os Fenicios deixárão em muitos lugares das

Hespanhas vestigios de suas instituições, usos e costumes, *e acaso os caracteres da Escriptura, de que usárão os habitantes da Hespanha meridional, e que ainda hoje se vêem nas medalhas, que nos restão daquelles antigos tempos*. E pretende provar com muita erudição, e com a auctoridade de varios escriptores, que *os caracteres da escriptura dos antigos habitantes da Hespanha meridional são mui differentes dos caracteres fenicios.*

Não he aqui lugar proprio para fazer longos discursos sobre tal objecto, nem tambem me parece muito necessario defender huma frase, que muito incidentemente entrou na minha breve *Prefação*. Mostrarei comtudo por auctoridades respeitaveis, que a idéa, que ali exprimo *em duvida,* e quasi *conjecturando,* nem he nova, nem singular, nem inverosimil; e que a contraria está mui longe de achar-se decidida entre os homens versados nestes estudos.

O douto Florez, nas *Medalhas de Hespanha,* tom. 1.°, pag. 163, falando das medalhas de *Asido* e de seus caracteres desconhecidos, diz expressamente que *as linguas dos Fenicios e Penos são aquellas, a que mais se podem reduzir aquellas letras.* E continuando a provar que estes caracteres se devem ler da direita para a esquerda, á maneira da escriptura oriental, e apontando a differença que a este respeito ha entre as legendas das medalhas tarraconenses e beticas, conclue, que *a Betica, especialmente nos lugares vizinhos ao Estreito, como mais frequentada de Fenicios e Penos, seguio o methodo dos Hebreos.*

O mesmo Florez, no tom. 2.°, pag. 422, descrevendo huma medalha de Emporias (estampa 25.ª, n.os 3 e 4) diz: «... as letras são pontualmente celtibericas, quaes se achão em moedas bilingues de Setabi, de Sagunto e de Valencia, que em nenhuma parte se encontrão como

cá: e os caracteres são diversos dos das moedas africanas, e de outros que estão reputados por fenicios».

No tom. 3.°, pag. 4, notando as letras desconhecidas nas medalhas de Abdera (estampa 59.ª, n.° 4), diz: «Não falta quem diga, que são letras punicas ou fenicias. Eu não entendo o punico nem o fenicio, porém hum douto em linguas orientaes me assegura, que aquellas figuras são letras que significão *Abdera*».

Este douto a que aqui allude Florez he o eruditissimo Perez Bayer, que tanto nas suas obras sobre as moedas hebreo-samaritanas, como especialmente na *Dissertação sobre o alfabeto e lingua dos Fenicios*, diz, e repete muitas vezes que os Fenicios introduzírão as suas letras de escriptura em differentes terras, e especialmente na Hespanha; que as letras fenicias passárão á Hespanha dentro e fóra do Estreito, e são as mesmas que se observão nas medalhas de bronze e prata da Betica, Turditania e de outros lugares, a que dá o nome de *punico-beticas*, &c.

E no mesmo tomo, pag. 72, falando das moedas de Cadiz, diz assim: «O maior numero de moedas applicadas a Cadiz tem alfabeto desconhecido, e pela cabeça de Hercules, pelos peixes, templos, e figura do sol, as attribuem a Cadiz os daquelle territorio: porém outros das vizinhanças querem applical-as ás suas povoações... Esta duvida pede que algum douto em linguas orientaes (principalmente na fenicia e punica) tome a seu cuidado as medalhas de Cadiz, decifrando o sentido das letras, em que consiste a difficuldade. Eu não entendo nem a lingua, nem os caracteres, pelo que cedo o campo aos mais doutos, prevenindo, que de Africa passárão ás nossas costas varias moedas com caracteres punicos, os quaes, como tambem erão usados cá, especialmente nas colonias carthaginezas, fazem confusão entre as duas nações emquanto não consta o que as letras significão».

O sabio benedictino Sarmento, *Obras posthumas*, Madrid, 1775, tom. 1.°, *Memoria para la historia de la Poesia*, pag. 38, n.° 95, explica-se nos seguintes termos: «Sem sahir de Hespanha temos dous famosos exemplos (fala da difficuldade de interpretar ou decifrar os antiquissimos caracteres, ainda quando se sabe a que povos pertencem), e são as moedas e inscripções antigas de Cadiz, e as inscripções e moedas que chamão hespanholas-antigas. Em Antonio Agostinho, nas antiguidades de Madrid, e no Museo de Lastanosa, se achão desenhados muitos destes monumentos. Entre os de Cadiz, sómente se tem lido a palavra *Gadir* nas moedas, e aindaque isto basta para se conhecer que as outras inscripções semelhantes são *fenicias*, ou *punicas*, e que se devem ler ao revés, como orientaes, não se tem podido dar hum passo avante, ainda tendo presente o copioso alfabeto de letras samaritanas e fenicias, que estampou o padre Guarin, benedictino».

Mr. Depping, na *Historia geral de Hespanha desde os mais antigos tempos atê ao dominio dos Mouros*, liv. 2.°, cap. 3.°, aonde tracta dos estabelecimentos dos Fenicios, tendo dito que a potente colonia de Cadiz adquirio hum territorio mui extenso, e dominou sobre muitos outros pequenos estabelecimentos maritimos, acrescenta: «Todas estas novas cidades adoptárão e derramárão no paiz o culto, os costumes, a lingua, e a escriptura dos Fenicios. Os monumentos, que nos restão desta epocha, são os nomes de muitas cidades, algumas medalhas, ruinas de templos», &c.

Finalmente o erudito Champollion Figeac, que nesta materia vale por muitos, no *Resumo completo de Archeologia*, tom. 2.°, Paris, 1826, tractando das medalhas antigas de Hespanha e Portugal, divide-as em duas classes, caracterisadas pela *differença dos alfabetos de suas legendas*. «A primeira comprehende (diz elle) as medalhas

da Hespanha oriental e septemtrional, aonde se reconhecem letras, que tem a maior analogia com o alfabeto grego antigo... A segunda comprehende *as medalhas da Hespanha meridional,* cujas legendas são formadas *de letras muito analogas aos alfabetos punico e fenicio,* o qual parece ter vindo de Africa», &c.

Parece-me que isto he bastante e de sobejo para isentar de todo o reparo e censura academica huma frase breve, tocada incidentemente na Prefação, e na qual eu me explico *em duvida* e *conjecturalmente* sobre hum objecto, em que escriptores mui doutos tem sido mais decisivos.

Açamar—A este vocabulo do *Glossario* adverte o douto censor, «que vulgarmente se diz *açaimo* e *açaimar,* e que já assim vem na decima edição da *Prosodia* do padre Bento Pereira, Evora, 1750».

Não duvido que em algumas partes se diga vulgarmente *açaimo* e *açaimar.* Duvido porém que esta seja a original e mais acertada pronunciação do vocabulo, e a mais conforme á etymologia hebraica que aponto, e que tenho por indubitavel.

O *Diccionario* de Moraes diz *açamo* e *açamar,* e no artigo *Açaimo* refere-se a *açamo* como pronunciação mais principal e mais legitima.

O *Diccionario francez-portuguez,* do Capitão Manuel de Sousa, escreve *açamar* e *açamado.*

O *Thesouro de vocabulos das linguas portugueza e belgica,* Amsterdão, 1714, traz *açamado* e *açamar.*

O *Novo diccionario francez-portuguez,* em 4.°, diz *açamar* e *açamado.*

O Vieira Transtagano, na sua *Obra etymologica,* pag. 507, escreve *açamar,* e deriva este vocabulo do arabe.

Nos *Vestigios da lingua arabica,* do Sr. Frei João de

Sousa, vem *açamo* e *açamar*. Fernão Mendes Pinto, *Peregrinações*, cap. 124.°, duas vezes diz *açamos*.

Na provincia do Minho he està a pronunciação mais vulgar.

Os Judeos Portuguezes de Londres no seu *Asçamot*, impresso naquella capital no anno 5545 (da era christãa 1785), denominão a cada passo pelo vocabulo *asçama* as ordens prohibitivas, que ahi dão aos seus correligionarios, &c.

Mas que necessidade ha de tantos argumentos? Eu não reprovo *açaimar* e *açaimado*, aindaque nunca assim o pronunciarei, nem a auctoridade do padre Bento Pereira a isso me persuadirá. O doutissimo censor tambem não reprova (creio eu) *açamar* e *açamo*. Este he inquestionavelmente o mais conforme á etymologia, e desta he que eu tracto no *Glossario*, sem me obrigar a explicar ou a indicar nelle todos os usos, ou todas as modificações dos vocabulos portuguezes.

Mais adiante, no *Supplemento ao Glossario*, disse eu, que o lugar do *Deuteronomio*, cap. 25.°, v. 4.°, em que o texto sagrado se serve deste vocabulo, e que a Vulgata verte «*non alligabis os bovi trituranti in area fruges tuas*», se traduziria em portuguez com propriedade «não açamarás o boi, que anda debulhando os teus pães na eira».

O douto censor desapprova esta traducção, e diz que lhe parece, que se não poderia dizer com propriedade *açamar o boi*, porque *açamo* e *açamar* he só proprio *para os animaes, que fazem mal com os dentes mordendo*.

Eu peço licença para insistir na minha traducção, e para dizer que *açamar o boi* seria, naquelle lugar, não só proprio, mas propriissimo, bastando para isso, que o traductor portuguez achasse na sua lingua o mesmo vocabulo do original hebraico, para o empregar com a mesma formal e expressiva significação.

Açamar em portuguez, bem como em hebraico, não

significa encabrestar os animaes, *que fazem mal com a bôca mordendo:* esta ultima clausula ou circumstancia he acrescentada á significação sem fundamento algum solido: nem *açamar* he só proprio dos *cães*, ou de outros animaes que *mordem:* quanto mais que os bois tambem *mordem*.

Açamar quer dizer precisamente *ligar a bôca, ligar o focinho dos animaes, encabrestal-os, vedar que abrão a bôca, tapar-lha atando-a,* &c.

Esta he a significação que os traductores gregos exprimírão por *fraenare, capistrum imponere,* e os latinos por *ligare, obturare, claudere, obstruere, coercere*. (Veja-se Guarin, *Lexicon hebraicum.)*

Esta he a significação que mui asizadamente deo ao vocabulo o douto Leonel da Costa.

Esta he finalmente a significação que lhe dão os diccionarios de outras linguas, fazendo-lhe corresponder o francez *musiler*, o inglez *to muzzle*, o belgico *de mond sluiten, stoppen*, &c., isto he, *fechar, tapar, atar, ligar a bôca, ligar o focinho, pôr o freio ou cabrestinho, pôr focinheira,* &c.

O uso que mais vulgarmente se faz do vocabulo applicando-o aos *cães*, não he prova da particular significação que se lhe quer dar: porque o *açamo* não sómente se põe aos *cães* para não *morderem*, mas tambem para não *comerem*. Na provincia do Minho he frequente esta precaução no tempo das uvas.

Alar — Digo que significa *puxar acima, fazer subir,* &c., e trago como exemplo esta frase *alar a bandeira ao alto do masto.*

O douto censor acha impropria esta frase, e quer que em lugar della se deva sómente dizer *içar a bandeira*, e pede que eu auctorise com algum escriptor classico o *alar a bandeira.*

Devo aqui confessar, que neste e em outros artigos do *Glossario* consultei, sempre que me foi possivel, os usos populares, sem muito me embaraçar com os classicos; porque não era meu intento fazer hum diccionario da lingua portugueza, mas sim hum *glossario etymologico*, para o qual me servirão muitas vezes melhor os usos do vulgo do que os auctores classicos: e não poucas vezes encontrei nelles algumas palavras ou significações, que debalde se buscarião nos diccionarios da lingua, e muito menos nos escriptores classicos.

O povo da provincia do Minho usa do vocabulo *alar* no proprio sentido que aqui lhe dou, e na mesma frase que aponto: e póde dizer-se que usa *suo jure*, porque aquella significação he conforme á etymologia, e á original expressão do vocabulo, embora se diga tambem, e com muita, ou com mais propriedade, *içar a bandeira*, e embora *alar* venha ou não venha com aquella significação nos diccionarios.

A outra interpretação, que o douto censor, no fim deste artigo dá ao verbo *alar*, dizendo que tambem significa *mover de hum lugar para outro por meio de cordas*, não me parece bem exacta. Dizemos na verdade que se *alão* os barcos movendo-os de hum lugar para outro por cordas, mas neste caso não he simplesmente o *movimento*, nem o instrumento das *cordas*, o que se quer expressar, mas sim o movimento *rio acima*, o movimento *contra a corrente da agoa*, e por isso se diz *alar*, isto he, *puxar acima, fazer subir*.

Alcacer—Neste artigo, explicando o uso da palavra na provincia do Alemtejo, digo que significa o mesmo que outros chamão *farrejo*, isto he, *o senteio ou cevada segada em verde para os gados.*

O doutissimo censor nota aqui, que farrejo não he só senteio ou cevada segada em verde, mas tambem *qual-*

quer outro gramineo, que se semeia para ser cortado em verde para pasto.

A explicação que incidentemente dei de *farrejo* foi precisamente a mesma que me derão no Alemtejo. Comtudo não duvido que por *farrejo* se entendão, alem do senteio e cevada, algumas outras hervas. Esta individuação porém não era necessaria ao meu proposito, e he em si mesma de mui pouca importancia.

Alleluia — Neste artigo dou ao vocabulo *alleluia* a significação propria e formal, reconhecida por todos os diccionarios e escriptores, e deduzida da analyse grammatical de cada hum dos elementos que entrão na sua composição.

O douto censor não impugna a minha explicação, mas adverte eruditamente, com a auctoridade de Saverio Matthei, que o mesmo vocabulo, no livro dos Psalmos, indicava talvez o andamento da musica, quasi do mesmo modo que hoje no principio de huma cantata, por exemplo, se nota *alegro, andantino, adagio,* &c.

Esta advertencia não era necessaria no *Glossario,* aonde se tractava e tracta tamsómente da significação natural do vocabulo, e não da especial accepção, em que elle póde ter sido tomado nos Psalmos. Mas além d'isso eu a não aproveitaria, por não ser da opinião de Matthei, nem me parecer adoptavel a significação que elle dá no lugar citado á palavra *alleluia.*

A razão mais obvia que se me offerece para rejeitar a singular opinião deste escriptor he que o *andamento* da musica costuma notar-se no principio della para servir de guia aos cantores ou tocadores. Nos Psalmos porém de David achão-se alguns que tem a nota *alleluia* no principio e *no fim,* e outros que a tem *sômente no fim.*

Na Biblia de Ferrara vem *alleluia no principio e no fim* dos Psalmos 106.º, 113.º, 135.º, 146.º, 148.º, 149.º

e 150.º, e vem *só no fim* dos Psalmos 104.º, 105.º, 115.º, 116.º, 117.º, &c.

Na Vulgata tambem se lê *alleluia no principio e no fim* dos Psalmos 147.º, 148.º, 149.º e 150.º

Esta razão (entre outras que poderia dar) me parece bastante para rejeitar a explicação de Matthei, ou pelo menos para a não adoptar no *Glossario* como opinião minha.

Aroeira—Quando escrevi este artigo não consultei, nem podia consultar a *Flora* do Sr. Brotero. Limitei-me portanto a dizer que os nossos escriptores não erão bem concordes em determinar a sua significação; mas que segundo a mais commum e a mais bem fundada opinião se julgava ser o *lentisco.*

O douto censor diz que he o *lentisco verdadeiro,* e cita a *Flora Lusitana.*

Riscarei a palavra *opinião,* e ficará emendada a frase.

Atondo—Este vocabulo tem sido interpretado de differentes maneiras por alguns eruditos Portuguezes. Eu, que me não contentei dessas interpretações, ou não vi provas dellas, fiz tambem a minha conjectura, e a escrevi no *Glossario.*

As reflexões do douto censor a este respeito são exactas e bem fundadas, e conforme a ellas fica corregido e emendado este artigo do *Glossario,* com a declaração do auctor da correcção.

Balão—Digo com Bluteau que *balão* he embarcação como bargantim, subtil, comprida, *de muito remo.*

O doutissimo censor nota esta ultima clausula, e diz que se por embarcação de *muito remo* se entende *muito ligeira de remo,* bem está; porque *balão* (acrescenta elle) *he huma das embarcações mais pequenas da India, &c.*

Certamente que quando digo com Bluteau que balão he embarcação *de muito remo,* não quero dizer de *muitos remos,* nem essa he a intelligencia regular e ordinaria da frase. Embarcação *de muito remo* quer dizer que *dá bem pelo remo;* que *obedece bem ao remo;* que *se deixa bem governar pelo remo,* &c. Assim dizemos homem *de muito negocio,* não o que tracta *de muitos negocios,* mas sim o que he habil *em tractar qualquer negocio,* o que *sabe tractar bem os negocios,* o que *lhes dá bom e prompto expediente,* &c.

Bazar—Não acho neste artigo cousa que faça necessaria correcção alguma ao que digo no *Glossario.*

Cacha—Aqui diz o censor que além das significações que dou a esta palavra, tem tambem a de *certa especie de fazenda da India.*

Já disse que me não obriguei a trazer todas as significações dos vocabulos, nem todos os vocabulos, que vem nos nossos escriptores da India.

Além d'isso ignoro se o nome de *cacha,* dado a essa fazenda da India, vem da mesma origem hebraica; e por isso não seria acertado apontal-o neste artigo.

Cacimba—No artigo *Cacimbo* digo que este vocabulo significa na lingua nbunda certo tempo em que cahem orvalhos continuados; e que vem de *quixibo,* orvalho. Acrescento mais que nos nossos diccionarios acho *cacimba,* significando cova nas praias ou lenteiros para recolher a agoa que reçuma..

O censor diz que *cacimba,* termo portuguez, he huma nevoa acompanhada de orvalho mui miudo.

A minha explicação e derivação foi-me inculcada por sujeito instruido, natural de Angola, a quem consultei sobre este e alguns outros vocabulos africanos. No dic-

cionario da lingua bunda vem *quichima*, o poço: por onde tenho para mim que *cacimba* e *cacimbo* não são termos brazileiros, nem portuguezes, mas sim africanos, trazidos a Portugal e levados ao Brazil pelos negros, ou pelos Portuguezes que com elles tinhão communicação e tracto.

Callo — Neste artigo diz a censura que em Hespanha, e em algumas partes do Alemtejo, chamão *pão de callo ao pão tendido de certa maneira,* &c.

Não tenho outra noticia de *pão de callo* senão a que dou no artigo. No Alemtejo perguntei a algumas pessoas por *pão de callo*, mas não achei que delle tivessem noticia. O diccionario castelhano da Academia faz hum largo artigo na palavra *pan*, mas não fala de *pão de callo*.

O objecto he insignificante, e não merece mais exame.

Caréca — Digo que he termo frequente na linguagem da plebe da provincia do Minho. O censor adverte que tambem he usado nas outras provincias.

Quando eu digo, que este ou algum outro vocabulo he usado em huma provincia, não nego que o seja nas outras. Alguns vocabulos, que eu sabia de certo que erão usados, mas que não vinhão nos diccionarios, procurava auctorisal-os com o uso de alguma provincia; e não admira que eu cite mais vezes a do Minho, por ser aquella em que nasci, e cuja linguagem me he mais conhecida. O mais que d'aqui se póde inferir he que me não era igualmente familiar a linguagem plebéa de todas as provincias do reino.

Catinga — Digo que parece ser termo de Angola, e que significa máo cheiro, transpiração fetida.

A censura nota que *catinga he cheiro máo sui generis, que pela transpiração se desenvolve nos negros.*

Não vejo que esta explicação seja differente da minha, nem que por ella se possa fazer alguma correcção importante no artigo do *Glossario.*

Cecêm—Attribuo este nome a huma *cebola* assim chamada, de que nasce hum lirio, e digo que a etymologia de *cecêm* he a mesma que a de *asucena.*

O doutissimo censor reflecte que *cecêm* he a *asucena branca,* ou *lilium album,* de Linneo, e cita sobre isto a *Flora Lusitana,* do nosso illustre botanico o Sr. Brotero, &c.

Que *cecêm* se toma, tanto por huma especie de lirio, como pela *cebola,* que o produz, he cousa indubitavel, usadissima, ao menos na minha provincia, pelo povo e pelos boticarios. Isto bastava para o meu fim, que era mostrar a identidade de origem de *cecêm* e *asucena.*

A *Prosodia* do padre Bento Pereira, da nona edição, dá á palavra latina *lilium* a significação de *asucena* e *cebola cecêm:* e traduz *cebola cecêm* por *lilium.*

A *Flora pharmaceutica,* do Sr. Jeronymo Joaquim de Figueiredo, diz *lilium candidum:* em portuguez *asucena branca, ordinaria,* ou *cebola cecêm,* &c.

A reflexão que faz o censor dizendo que *lhe parece que a auctoridade de Brotero terá mais peso que a de Bluteau,* parece-me escusada neste lugar: 1.º, nem falei em Bluteau, nem em Brotero, nem sobre isto os consultei; 2.º, porque não poucas vezes se achão differenças entre a linguagem vulgar e a linguagem botanico-scientifica; 3.º, porque cada hum daquelles dous escriptores tem seu merecimento proprio, e não parece justo deprimir hum (que certamente não era ignorante) para exaltar o outro. Mas este assumpto não pertence ao *Glossario.*

Ceifa—Digo que *ceifa* he a *colheita dos pães e outros fructos,* sobre o que nota o douto censor que *ceifa*

não he propriamente a colheita dos pães e outros fructos, mas sim o córte dos cereaes e hervas de pastagem: que *ceifa he hum dos actos necessarios para a colheita, porém não a colheita, nem se applica senão aos cereaes e hervas de pastagem, e não ás uvas, legumes, &c.*

Falando com a franqueza, que costumo, parece-me que estas reflexões são nimiamente escrupulosas.

Primeiramente: *ceifa,* ou *aceifa,* sendo, como eu penso e sigo, derivado de hebraico *asiph,* ou *asaiph,* deve significar, como elle, *collectio, comportatio frugum in horrea,* que são as significações que lhe dá Guarin no seu *Lexicon hebraicum,* do v. *Asaph, colligere, congregare, apponere, adjicere,* &c. (Ibid.)

Em segundo lugar os diccionarios, que consultei de differentes linguas, todos attribuem a este vocabulo a significação tanto de *cortar* e *segar,* como de *colher* e *recolher* os fructos, quasi confundindo huma com outra pela intima relação que entre ellas ha. E não me pareceo necessario, em hum glossario meramente etymologico, ser mais miudo e escrupuloso do que o são os diccionaristas.

O latim *meto* significa *segar, cortar, colher, vindimar. (Prosodia* de Bento Pereira.)

O latim *messis, ceifa, colheita de pão.*

O grego ἀμάω, *segar* e *colher.*

O grego ἄμυτος, *messis, collectio frugum,* &c.

Ultimamente no nosso uso vulgar he indifferente dizer *tempo da ceifa,* ou *tempo das colheitas,* e entre os Hebreos dava-se o nome de *asipha* (como digo no *Glossario)* á festa dos tabernaculos, que annualmente se celebravá depois da colheita na lunação de Setembro.

Chacota—Diz a censura que além do que digo no artigo, *chacota* tambem significa huma dança.

A significação que dou a este vocabulo he a que ainda

hoje vulgarmente se lhe dá, e a que servia ao meu intento. Não duvido porém que tambem signifique huma dança, postoque esta significação não vem a proposito no glossario etymologico, por não ser a da origem.

Chibata—Dou a *chibata* a significação de *pequena vara de que usão os cabos militares, e com que talvez castigão os soldados.*

O censor diz que esta he a definição de Moraes; mas que chibata he huma *pequena vara que se traz na mão, e não he só privativa dos militares.*

Tambem eu não digo que *chibata* seja só privativa dos militares. Defino o vocabulo pela significação mais usual, mais conforme á etymologia, e mais analoga ao uso original. Se eu definisse *chibata* por pequena *vara que se traz na mão,* daria (a meu ver) huma definição imperfeita, derivada de uso moderno e abusivo, e de que seria difficil achar exemplo em escriptor algum de boa nota.

A verdadeira, primitiva e original significação de *chibata* he vara que indica auctoridade, que he emblema de jurisdicção e poder.

Churdo ou **Churro**—Nome (digo eu) que damos á lãa mais ruim, suja e de baixo preço.

Reflecte o douto censor que esta definição he tirada, em parte, de Moraes; mas que Bluteau diz melhor, que lãa churda he a das ovelhas corredia e comprida, que he a de menos preço. E acrescenta que *o gado ovelhum churro de Hespanha,* que já temos no Alemtejo, he huma especie de ovelhas que tem a lãa corredia, e bastantemente comprida, &c.

No diccionario castelhano da Academia leio eu este artigo: «*Churro*, adjectivo, applica-se ao gado lanigero, que não he transhumante, e ao qual, por esta razão, cha-

mão *riberiego*. Diz-se tambem da sua lãa, que he de inferior qualidade á do gado merino».

Bem se vê que este diccionario nem applica o vocabulo particularmente ás ovelhas, nem á lãa corredia e comprida, mas sim á lãa de inferior qualidade, á lãa ruim, que he o mesmo que eu digo no *Glossario*.

Damasco — Falando eu deste vocabulo, digo que significa huma fructa de sabor agradavel, e muito por incidente noto que os Francezes lhe chamão *prune de Damas*, abrunho de Damasco.

A censura adverte que o nome vulgar de *damasco* em francez he *abricot*.

Eu, sem negar isto, insisto em que os Francezes dão a huma fructa o nome de *prune de Damas*, e não sei que seja outra senão o *damasco*, que he huma especie do genero *prune*.

Deceinar — Diz a censura que ha tambem em frase ordinaria *deceina*, que significa inquietação impertinente, teima obstinada e importuna.

Ha dous vocabulos, quasi identicos em pronunciação e orthografia, mas de mui differente significação, e que eu supponho de differente origem. Hum he *deceinar*, isto he, tirar a cinza ás meadas, e he o de que tracta o *Glossario*. Outro he *deseinar* com a significação que lhe dá o douto censor. O primeiro julgo eu que he derivado do hebraico, e por isso o trago no *Glossario*. O segundo me parece derivado do grego, e assim o digo em outro lugar. Se nestes meus juizos me não engano, bem se vê que nenhum lugar havia a falar aqui do segundo verbo.

Embofia — Digo eu que este vocabulo significa engano astucioso e fraudulento, engano com dolo. O douto

censor porém diz que lhe parece qùe *embofia* he ostentação vãa e orgulhosa.

A minha significação he tomada da *Ethiopia oriental*, de Frei João dos Santos, que foi o primeiro (segundo creio) que nos deo a noticia e a significação deste vocabulo africano.

Guisso — Digo que he vocabulo frequente na plebe do Minho. O censor diz que tambem se usa em Traz os Montes.

Inhame — A este artigo diz o douto censor que *inhame* não he *batata.*

Respondo que eu não digo que o seja. E comtudo Moraes diz que *inhame* he *raiz farinacea, especie de batata.*

A auctoridade que cito no artigo vem ahi unicamente para mostrar que *inhame* parece termo africano, e he esta a consequencia que della tiro.

Jaula — Reflecte o censor que este vocabulo em castelhano não significa sómente gaiola para pequenos passaros, ou áves, mas tambem para feras.

No *Glossario* acrescentei esta palavra.

Marabuto — Digo que he vocabulo africano, e que he nome que *no Senegal se dá aos Sacerdotes.*

O douto censor diz que *não he só no Senegal que se dá este nome aos Sacerdotes.* Mas eu não digo isso, e portanto julgo escusada a correcção.

Menigrepo — A este artigo acrescenta a censura, que Fernão Mendes Pinto traz (além de *menigrepos)* grepos, talagrepos, guimões, roolins, diversas ordens de Sacerdotes do Pegu.

Não dei lugar no *Glossario* a estes vocabulos, e a muitos outros semelhantes, por não ser meu intento fazer menção de quantas palavras asiaticas ou africanas vem nos nossos escriptores, para o que seria necessario escrever hum grande volume. Fiz sómente menção das que são ou mais conhecidas, ou mais usadas, e especialmente daquellas que passárão a ser, em certo modo, da linguagem vulgar portugueza. *Menigrepo* he desta ultima classe, e tão usado até entre o vulgo, que muitas vezes ouvi denominar com elle os Padres da Congregação de S. Filippe Neri, sem animo de os ridiculisar, antes como nome muito proprio e caracteristico.

Mesquinho — A este artigo nota o douto censor, que *mesquinho* em arabe he *mesquin*, e que *se a lingua arabe he a mãi das linguas semiticas, como geralmente se crê, então mesquin arabe e misquen hebraico são a mesma palavra.*

Respondo, que ou a lingua arabe seja a lingua mãi das linguas semiticas, ou não seja, he sem questão que o arabe *mesquin*, o persiano *mesquino*, e o hebraico *misquen*, são a mesma palavra, e significão á mesma cousa. Era pois desnecessario, para o meu intento, tocar a celebre questão de qual das linguas orientaes he a mãi ou matriz dos varios dialectos dos povos que as falão.

Paraó — Digo que, segundo Andrade, he embarcação de guerra.

A censura adverte que assim o diz Moraes, mas que *paraó* he embarcação não só de guerra, porém de commercio, e até de pesca: e traz em prova aquellas palavras de Lucena «que andavão pescando em hum *paraó*».

Quando digo que *paraó*, segundo Andrade, he *embarcação de guerra*, nem digo que he *só de guerra*, nem dou a esse respeito opinião minha, nem isso era neces-

sario ao meu intento. Reflectirei comtudo de passagem, que a frase de Lucena me não parece decisiva para o que se pretende; porque embarcações ha de guerra, nas quaes se póde andar commerciando e pescando, assim como ha outras, que tendo o mesmo nome, tem comtudo diversa construcção, segundo são applicadas para a guerra, para o commercio, ou para a pesca, &c. Todas estas individuações erão estranhas ao meu assumpto.

Rafa—Reflecte aqui o censor que esta palavra he usada não só na provincia do Minho, mas tambem nas outras. Mas quando eu digo que este vocabulo he usado entre a plebe do Minho, não nego que tambem haja *rafa* nas outras provincias.

Rico—Parece-me que o que digo neste artigo não tem differença notavel do que com mais erudição se nota na censura.

Romãa—Nota o censor dizer eu, que em antigo egypcio se dizia e pronunciava *erman*, e que lhe parece que o copto, ou egypcio he *reman*, ou *roman*.

O que eu disse a este respeito he tirado de Mr. Quatremère, *Memoria geografica sobre o Egypto*, aonde expressa e positivamente diz que o arabe *roman*, e o copto *erman*, significão a *granada*, ou *romãa*. A differença dos dous vocabulos he quasi insignificante.

Xa-mate—A este artigo do *Glossario* nota o doutissimo censor, que no jogo do xadrez se diz *xaque*, e mais vulgarmente *xeque-mate*, que he (diz) hum aviso, que se faz ao parceiro contrario para o prevenir de que se tracta de atacar e tomar o rei.

Respondo que no jogo do xadrez não entra, nem póde entrar a palavra *xeque*, senão por erro, ou por abuso,

porque *xeque* he vocabulo arabe, e não significa *rei*, e porque a linguagem deste jogo he toda persiana, aonde o nome de *rei* he *xa*, ou *shah*, ou *schak*.

Xa-mate, que he a voz propria do jogo, quer dizer *mate no rei*, ou o *rei leva mate*, isto he, está vencido, não tem para onde se escapar, não lhe resta recurso algum.

Na historia de algumas plantas da India, que vem no *Epitome* de Garcia de Horta, por Clusio, liv. 2.°, se lê no fim o cap. 28.°: «*De quibusdam Indiae Regibus*»; e depois de se dizer ahi que *Xa* em lingua persiana significa *rei*, acrescenta o escriptor: «*Sunt qui* Xeque, *non* Xa, *dicendum putent; sed errant; nam tamets;* Xeque *dignitatis sit nomen... tamen* Xa-Ismael *dicendum, id est*, Rex Ismael». Daqui toma o mesmo escriptor occasião para falar do jogo do xadrez, e diz: «*Regem* Xa *nuncupant: quoties vero eum impetunt, minime* Xaque *dicunt, sed* Xa, *quasi dicerent: moneo te Rex, ut loco te moveas*», &c.

Não ignoro comtudo que no jogo se diz *Xaque*, acaso porque o persiano *Xa* se escreve algumas vezes com *h*, e outras com *k* no fim *(Shah*, ou *Shak)*; mas nem por isso he erro, antes seria mais acerto dizer *Scha*, ou *Xa*.

Vejão-se os *Vestigios da lingua arabica*, v. *Mate*. Veja-se tambem Vieira Transtagano, no *Etymologicon tertium*, na palavra *Mato*, aonde depois de explicar a verdadeira significação da voz persiana *mat*, conclue: «*Sic enim intelligenda vox haec, addita voci* Shah, *in ludo latrunculorum, hoc modo*, Shah-mat».

Xaguão — Diz a censura que tambem significa *sala baixa* á entrada da caza, &c., e que ainda hoje, nas ilhas, se chama *xaguão*, ou *saguão* a loja da entrada.

A verdadeira significação deste vocabulo he a que lhe dou no artigo, vulgarissimamente usada, e conforme á

origem etymologica. Não me parece que huma *caza coberta*, e ainda menos huma *sala* possa com propriedade chamar-se *xaguão*. Comtudo não impugno esse uso, se o ha, porque o *uso* he despotico nas linguas.

Ultimamente aponta o doutissimo censor alguns vocabulos, que não vem no *Glossario*, e que diz que se poderião acaso derivar da origem hebraica.

Ficão em minha agradecida lembrança; mas seria muito melhor que o censor indicasse com mais alguma individuação as raizes hebraicas donde os julga derivados, porque com isso faria serviço á litteratura, e a mim me pouparia trabalho.

INDICE

OBRAS COMPLETAS

DO

CARDEAL SARAIVA

(D. FRANCISCO DE S. LUIZ)

PATRIARCHA DE LISBOA

PRECEDIDAS DE

UMA INTRODUCÇÃO PELO MARQUEZ DE REZENDE

PUBLICADAS POR

ANTONIO CORREIA CALDEIRA

TOMO VIII

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1878